



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia – PPGB
Mestrado Profissional em Biblioteconomia – MPB

VÂNIA GARCIA DE FREITAS

**OS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:
A PRODUÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 1 – TRIÊNIO 2010-2012**

RIO DE JANEIRO

2016

F866 Freitas, Vânia Garcia de.
Os livros digitais e eletrônicos na comunicação científica: a produção das ciências sociais aplicadas 1 – triênio 2010-2012 / Vânia Garcia de Freitas, 2016
157 f. ; 30 cm.

Orientadora: Nanci Elizabeth Oddone.
Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) –
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,
2016.

1. Livros eletrônicos. 2. Comunicação na ciência. 3. Editoras universitárias - Publicações. 4. Editores e edição. I. Oddone, Nanci Elizabeth. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Mestrado Profissional em Biblioteconomia. III. Título.

CDD – 070.573

VÂNIA GARCIA DE FREITAS

**OS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:
A PRODUÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 1 – TRIÊNIO 2010-2012**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como parte do pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Orientadora: Dr^a Nanci Elizabeth Oddone

RIO DE JANEIRO

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

Vânia Garcia de Freitas

OS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:
A PRODUÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 1 – TRIÊNIO 2010-2012

Aprovada em 29 de março de 2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª Leilah Santiago Bufrem, Dra. em Ciências da Comunicação (USP)
Membro Titular externo

Prof^ª Eloísa da Conceição Príncipe de Oliveira, Dra. em Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)
Membro Titular Interno

Prof^ª Nanci Elizabeth Oddone, Dra. em Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)
Orientadora

Rio de Janeiro, março de 2016

À Micaela Parente e Alexandre Evsukoff,
pelo apoio, amor e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia, primeiramente, que me aceitaram como única aluna fora da área. Com eles aprendi muito e pude conhecer os vários temas que a área abrange e sua interdisciplinaridade.

Aos amigos bibliotecários, que me acolheram com muito carinho e generosidade. Conhecê-los de perto, o seu universo profissional, sua preocupação com a integridade da informação, com a preservação do documento e, principalmente, com o leitor, só aumentou nosso sentimento em comum: a paixão pelo livro.

À minha orientadora, que acreditou no meu trabalho e que, com sua sabedoria, profissionalismo e objetividade, me mostrou o quanto somos capazes de ir além.

À Editora UFRJ, especialmente a equipe de edição de textos, pelo incentivo e consideração durante minha ausência do setor para finalizar a pesquisa.

Aos amigos e familiares que torceram por mim.

À minha filha e ao meu marido, pelo amor, carinho e companheirismo.

FREITAS, Vânia Garcia de. *Os livros digitais e eletrônicos na comunicação científica: a produção das Ciências Sociais Aplicadas 1 – Triênio 2010-2012*. 157 f. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, Rio de Janeiro.

Resumo

A presente pesquisa examina o papel do Livro Digital e Eletrônico (LDE) na Comunicação Científica da grande área das Ciências Sociais Aplicadas 1, tendo como base a produção científica dos programas de pós-graduação avaliada na Trienal 2013 da Capes. O estudo mapeia os autores, os programas de pós-graduação, as editoras que publicam LDEs, as temáticas mais contempladas, os canais de venda e o livre acesso; e identifica as características editoriais das obras, seus formatos e funcionalidades. O objetivo é obter um panorama da utilização do LDE como veículo de registro e disseminação da informação científica entre os pesquisadores das Ciências Sociais Aplicadas 1 entre 2010 e 2012. A metodologia mostra-se promissora como forma de mapear os LDEs e seu impacto na comunicação científica. Os resultados indicam que os livros digitais e eletrônicos ainda não são prevalentes como canais de divulgação da produção entre os pesquisadores brasileiros da área. Os pesquisadores/autores de CSA1 ainda conservam na publicação do livro sua principal forma de divulgação para a pesquisa acadêmica. O levantamento da característica das editoras permite constatar que os autores priorizam o apoio de instituições sem fins lucrativos e setores universitários para publicar seus livros. Observa-se também que a produção científica dos pesquisadores brasileiros da Ciência da Informação em livros no formato digital está crescendo, bem como uma tendência à convivência harmoniosa entre a versão impressa e a digital.

Palavras-chave: Livros digitais e eletrônicos. Comunicação científica. Produção editorial brasileira. Editoras universitárias.

FREITAS, Vânia Garcia de. *E-book and scholarly communication: the production of researchers of the Applied Social Sciences 1 – Triennium 2010-2012*. 157 f. 2016. Thesis (Master) – Postgraduate Library Program, State Federal University of Rio de Janeiro/UNIRIO, Rio de Janeiro, 2015.

Abstract

The present research examines the role of the e-book in the scholarly communication within the great area of Applied Social Sciences 1, using as a basis the scientific production of the postgraduate programs in the Capes 2013 Triennial. The study maps the authors, postgraduate programs, e-book publishers, themes of highest interest, distribution channels and free access, and it identifies the editorial characteristics of the books, their formats and functionalities. The aim is to establish an overview of the use of LDE as a vehicle registration and dissemination of scientific information among researchers of Applied Social Sciences 1 between 2010 and 2012. The methodology shows promise as a way to map the e-books and their impact on scientific communication. The results indicate that the digital and electronic books are not yet predominant as channels for the dissemination of production among Brazilian researchers. The researchers/authors great area still retain the book publishing its main form of outreach to academic research. The survey feature publishers reveals that the authors prioritize the support of non-profit institutions and university sectors to publish his books. A growth trend of scientific production in e-books by Brazilian researchers of Information Science is observed, as well as a harmonious coexistence between the digital and the print versions.

Keywords: E-books. Scholarly communication. Brazilian publishing production. University publishers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1: ANTIGO CICLO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	50
FIGURA 2: NOVO CICLO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	51
FIGURA 3: FLUXO DO ORIGINAL NUMA EDITORA UNIVERSITÁRIA.	60

GRÁFICOS

GRÁFICO 1: PRODUÇÃO E VENDAS DO SETOR EDITORIAL BRASILEIRO – 2012-2014.	36
GRÁFICO 2: TOTAL DE TÍTULOS RECUPERADOS – DADOS SEM FILTRO.....	80
GRÁFICO 3: TOTAL DE TÍTULOS RECUPERADOS POR ÁREA – DADOS SEM FILTRO.	80
GRÁFICO 4: TOTAL DE TÍTULOS DIGITAIS E ELETRÔNICOS RECUPERADOS POR ÁREA.	81
GRÁFICO 5: TÍTULOS RECUPERADOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.	82
GRÁFICO 6: FORMATOS DE LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	83
GRÁFICO 7: TÍTULOS RECUPERADOS EM MUSEOLOGIA.....	83
GRÁFICO 8: TÍTULOS RECUPERADOS EM COMUNICAÇÃO.....	84
GRÁFICO 9: FORMATOS DE LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS EM COMUNICAÇÃO.....	84
GRÁFICO 10: DISPONIBILIZAÇÃO DE CONTEÚDO DIGITAL POR ÁREA.....	85
GRÁFICO 11: PRODUÇÃO DOS SETORES EDITORIAIS.....	86
GRÁFICO 12: TOTAL DE SETORES QUE MAIS PUBLICARAM LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS.....	89

QUADROS

QUADRO 1: CRITÉRIOS DE PADRONIZAÇÃO ADOTADOS.	66
QUADRO 2: PADRONIZAÇÃO PARA O PREENCHIMENTO DOS DADOS EDITORIAIS.....	66
QUADRO 3: FALTA DE PADRONIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES RECUPERADAS.	67
QUADRO 4: EMENTAS DA TAXONOMIA APLICADA AOS CONTEÚDOS TEMÁTICOS DOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS PUBLICADOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA.	75
QUADRO 5: EMENTAS DA TAXONOMIA APLICADA AOS CONTEÚDOS TEMÁTICOS DOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS PUBLICADOS EM COMUNICAÇÃO.....	76
QUADRO 6: EDITORAS QUE MAIS PUBLICARAM LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS POR SETOR.	89
QUADRO 7: TEMAS MAIS ABORDADOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA. ...	90
QUADRO 8: TEMAS MAIS ABORDADOS EM COMUNICAÇÃO.	91

TABELAS

TABELA 1: PRODUÇÃO E VENDAS DE CONTEÚDO DIGITAL – 2013.....	37
TABELA 2: ISBNs EXPEDIDOS PELA BIBLIOTECA NACIONAL – 2007-2014.....	38
TABELA 3: PANORAMA DOS TÍTULOS RECUPERADOS EM CSA1.....	82

LISTA DE SIGLAS

BN – Biblioteca Nacional

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBL – Câmara Brasileira do Livro

CGI.br – Comitê Gestor da Internet no Brasil

CNE – Conselho Nacional de Educação

CSA1 – Ciências Sociais e Aplicadas 1

CTC-ES – Conselho Técnico Científico da Educação Superior

FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IES – Instituições de Ensino Superior

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo

ISBN – International Standard Book Number

LDE – Livro digital e eletrônico

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PPG – Programa de pós-graduação

RI – Repositórios institucionais digitais

Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Sesc – Serviço Social do Comércio

Sibi – Sistema de Bibliotecas

SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros

TICs – Tecnologias de informação e comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO,	14
2 CULTURA IMPRESSA E CULTURA DIGITAL.....	20
2.1 ORIGEM DOS SUPORTES.....	20
2.2 COMPORTAMENTO DO LEITOR.....	21
2.3 O OBJETO DE ESTUDO: O LIVRO DIGITAL E ELETRÔNICO	26
2.4 O MERCADO DO LIVRO NO BRASIL	33
2.4.1 <i>Dados do setor</i>	35
3 A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA INFORMAÇÃO.....	39
3.1 A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	42
3.2 A PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	44
3.3 POLÍTICAS DE LIVRE ACESSO PARA A PRODUÇÃO ACADÊMICA	46
3.3.1 <i>Rede SciELO Livros</i>	48
3.3.2 <i>Repositórios institucionais digitais (RI)</i>	49
3.4 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	53
3.5 EDITORAS UNIVERSITÁRIAS	58
4 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	63
4.1 A CLASSIFICAÇÃO DE LIVROS DA CAPES	63
4.2 CRITÉRIOS DE PADRONIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS ADOTADOS.....	66
4.3 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DIGITAL	72
4.4 CARACTERÍSTICA DOS SETORES EDITORIAIS.....	73
4.5 DEFINIÇÃO DAS TAXONOMIAS APLICADAS AOS CONTEÚDOS TEMÁTICOS	74
5 RESULTADOS	80
5.1 DADOS SEM FILTRO DOS TÍTULOS RECUPERADOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO/CSA-1	80
5.2 DEFINIÇÃO DO CORPUS FINAL DA PESQUISA	81
5.3 SETORES ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO DO LDE.....	85
5.4 RETORNO DO QUESTIONÁRIO	87
5.5 TEMAS MAIS ABORDADOS POR ÁREAS DE ESTUDO.....	90
6 DISCUSSÃO E ANÁLISE.....	92
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
APÊNDICES	107
APÊNDICE 1: Planilha dos livros digitais e eletrônicos de Ciências Sociais e Aplicadas 1 classificados pela Capes – triênio 2010-2012.....	108
APÊNDICE 2: A trajetória do livro digital e eletrônico.....	119
APÊNDICE 3: Alguns tipos de leitor digital.....	123
APÊNDICE 4: Alguns formatos de arquivos digitais que podem conter um texto e compor um livro digital e eletrônico.....	135
APÊNDICE 5: Editoras que publicaram livros digitais e eletrônicos em CSA1 no triênio 2013.....	139
APÊNDICE 6: Cinquenta sites que disponibilizam livros digitais e eletrônicos. ...	143
APÊNDICE 7: Taxonomia aplicada aos conteúdos temáticos dos livros digitais e eletrônicos de Ciência da Informação e Museologia publicados no triênio 2010-2012.....	147
APÊNDICE 8: Taxonomia aplicada aos conteúdos temáticos dos livros digitais e eletrônicos de Comunicação publicados no triênio 2010-2012.....	149
APÊNDICE 9: Questionário digital enviado às editoras.....	152
APÊNDICE 10: Respostas do questionário enviado às editoras.....	155

1 INTRODUÇÃO

As atividades na área de Biblioteconomia ampliaram-se com as novas tecnologias, de forma que seus profissionais e outros que têm a informação como objeto de trabalho passaram a se interessar também pelas ferramentas de edição e produção editorial. Hoje vivemos o paradigma da revolução tecnológica da informação, cuja matéria-prima é o conhecimento, seu produto mais valorizado. Com o surgimento da internet, o fenômeno da explosão de informações ganha proporções, ocasionando a preocupação com a sistematização e o acesso ao conhecimento. A publicação eletrônica tornou-se um canal mais ágil, e o seu livre acesso gerou um impacto nas universidades, nas editoras, nas bibliotecas e nas agências governamentais de fomento à pesquisa. Apesar de recente na história do livro, o tema tem sido amplamente debatido e vem despertando o interesse de estudiosos da Ciência da Informação.

Nos modelos formais de publicação, a mudança do suporte impresso para o digital e eletrônico alterou os formatos, os padrões e os protocolos¹ de comunicação de forma definitiva, estimulando sua produção. Em função dessas mudanças tecnológicas, o registro do conhecimento passou a adquirir configurações características para atender à especificidade da produção científica nas diferentes áreas de conhecimento. Por sua vez, os pesquisadores vêm se adaptando aos modernos padrões de produção e uso dos meios digitais ao longo dos últimos anos e, graças à tecnologia, têm tido o privilégio de dispor das facilidades que a internet possibilita e dos meios diferenciados para divulgar sua produção. Além dos formatos já conhecidos de publicações digitais (periódicos eletrônicos, principalmente), o livro digital e eletrônico (LDE) surge como opção para atender à demanda por disseminação dessa produção intelectual, que tem crescido a cada dia nas universidades.

A partir da hipótese de que o uso do LDE já se encontra disseminado na produção científica brasileira, alterando o ciclo da comunicação, o presente estudo investigou de que forma o novo veículo se insere nesse ambiente editorial e em que condições tem contribuído para disseminar o conhecimento. O objetivo é avaliar o seu impacto na produção científica brasileira.

¹ Protocolos geralmente são marcas, pistas e elementos já presentes no texto, um conjunto de dispositivos denominados *protocolos de leitura*, que tentam definir as interpretações corretas que o leitor deve dar ao texto. Apresentam-se como dispositivos tipográficos (itálico, maiúsculas, títulos, ilustrações, fontes, divisão do texto); ou explicações editoriais que podem delimitar a interpretação do leitor (notas de rodapé, comentários de orelhas e capas, instruções, observações e chamadas ou remissões editoriais). Na psicolinguística, o protocolo é um instrumento elaborado pelo interlocutor, na perspectiva dos Estudos Culturais, representada por Chartier e outros autores (Cf.: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/protocolos-de-leitura>>).

A ideia inicial era investigar de que forma o LDE poderia contribuir para a democratização da leitura, tendo em vista que o novo suporte possui conceitualmente características democráticas e multiculturais, por sua versatilidade, portabilidade, capacidade de armazenamento e funcionalidades. O LDE, no entanto, assim como alguns meios de comunicação essenciais à cultura do homem, só atinge a um público restrito e seleto, devido em parte à precariedade de políticas públicas que ampliem e democratizem o acesso ao livro e à internet. Diante da constatação de que não se pode considerar o novo suporte de leitura um hábito da população brasileira – seja por problemas socioeconômicos ou de formação cultural –, foi necessário o desvio do foco da pesquisa: de democratização da leitura, o estudo foi redirecionado para o impacto do uso do LDE na produção científica, onde o suporte tem condições e ambiente propício para evoluir. A partir daí tornou-se viável a tarefa de identificar as características que o novo registro do conhecimento vem adquirindo para disseminar o seu conteúdo e as implicações que ele tem encontrado para a sua adoção.

Para entender a participação do LDE na comunicação científica e descobrir se os pesquisadores estão utilizando o novo veículo, haveria duas formas de investigar: se eles estão publicando LDE ou se eles o estão citando. Decidiu-se priorizar a produção editorial do conteúdo digital e eletrônico na comunicação científica como objeto de estudo, levando-se em consideração o registro digital do conhecimento veiculado e compartilhado. Devido à importância da avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para a pesquisa e para a economia do país, foi utilizada como base de estudo a produção científica avaliada pelos pares na Trienal 2013, a última até então. O recorte adotado utilizou como universo empírico os livros publicados pelos PPG em Ciência da Informação, Museologia e Comunicação, que compõem a grande área de Ciências Sociais e Aplicadas 1. A área foi escolhida por ser aquela em que está inserido o Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, que tem nos livros sua principal modalidade de veiculação e difusão da produção intelectual, e por tradicionalmente ter a comunicação científica como objeto de reflexão e estudo. Tomou-se como ponto de partida a questão “Em que condições o livro digital e eletrônico se insere entre os veículos da comunicação científica para os pesquisadores credenciados nos programas de pós-graduação da grande área das Ciências Sociais Aplicadas 1 no período entre 2010 e 2012?”.

A investigação envolveu variáveis operacionais como o mapeamento de autores, programas de pós-graduação, editoras que publicam LDEs, temáticas mais contempla-

das e canais de venda. Após o mapeamento, foram identificadas as características editoriais das obras, seus formatos e funcionalidades e sua disponibilidade em livre acesso. Como pré-teste foi elaborado um questionário digital (Apêndice 9) e enviado aos editores, para complementar as informações acerca do uso do LDE na comunidade científica. As próprias editoras recuperadas da planilha da Capes que publicaram LDE em CSA1, entre 2010 e 2012, foram utilizadas como instrumento de coleta de dados. O objetivo do questionário foi identificar os motivos que as levaram à decisão de utilizar o LDE como veículo de divulgação para a sua publicação. A investigação envolveu também variáveis teóricas, como classificação Capes, editoras universitárias, bibliotecas universitárias, cultura digital e impressa, produção editorial científica, mercado do livro no Brasil e políticas de democratização do acesso ao conhecimento.

Para tratar o livro digital e eletrônico, foi necessária a apropriação de conceitos e teorias vinculadas à Ciência da Informação e à Comunicação. O tema principal, no entanto, sugere outras variáveis que propõem um embasamento teórico a respeito da história do livro e de tecnologias da informação, para explicar e contextualizar as mudanças que o suporte físico do livro tem adquirido na atualidade.

Roger Chartier contribuiu com sua visão histórica e social sobre as transformações que ocorreram no comportamento do leitor, ocasionadas pela evolução técnica do formato do suporte livro em diferentes lugares e momentos da história. Essas mudanças causaram três grandes revoluções: do texto manuscrito em rolo de pergaminho para o códice, semelhante ao livro impresso de hoje; do códice ao livro impresso; e do livro impresso ao eletrônico. Tanto na revolução do texto eletrônico quanto na de Gutenberg, houve mudanças significativas no comportamento do leitor, nas técnicas de leitura e no seu entendimento. A atual revolução é ainda maior, porque a leitura digital mudou a estrutura do próprio suporte, suas partes e interação com o leitor, levando à desmaterialização da obra, e a apreensão do sentido do texto pelo leitor é diferente do sentido dado pelo seu autor. A representação do texto eletrônico modificou a relação com o escrito ao permitir interpretações antes inaceitáveis.

Peter Burke serviu como embasamento porque ele estuda a mercantilização e a vulgarização da informação, baseada em uma nova estrutura político-econômico-social – uma “crise do conhecimento” –, proveniente da explosão informacional agravada pelo surgimento da internet. Ao traçar a trajetória da construção do conhecimento na sociedade, engloba importantes revoluções intelectuais, das quais faz um paralelo entre as revoluções ocidentais e os países do Oriente. Sua abordagem comparativa examina a

história da ciência em contraste com a modernidade, mencionando o período conhecido como “excesso de informação”, ocasionado pela revolução da prensa e dos tipos móveis.

Robert Darnton, também historiador, contribuiu com suas ideias acerca das práticas culturais ligadas à recepção de leitura, produção, circulação e organização do conhecimento do homem. Seu trabalho concentra-se na história das memórias coletivas, no processo de produção editorial da obra e na apropriação das ideias pelos leitores durante a leitura, ideias que se aproximam das de Chartier e de Burke. Seu interesse pela história da publicação tem como base as reflexões metodológicas sobre bibliografia e a história do livro como produto cultural do século XX. O autor sugere que a história do livro deva ser estudada como tema único numa perspectiva comparativa, cultural e social para se compreender de forma simultânea a produção, circulação e o uso do texto e sua inserção no sistema de construção da informação.

Garvey colaborou com seu estudo sobre a comunicação científica, pois além de conceituá-la, aborda seus produtos, fluxo de informação, elementos, categorias e todo o processo que abrange o sistema de avaliação dos órgãos de fomento à pesquisa, que foi muito válido para o tema em questão. O autor considera a comunicação científica um “sistema de interação social entre os cientistas” (GARVEY, 1979, p. 151), cujas fronteiras se expandiram geograficamente em função das comunicações eletrônicas; e também concorda que a mudança do suporte impresso para o eletrônico a tornou mais interativa, gerando um modelo híbrido de publicação, em que ambos os suportes se complementam pacificamente.

Para entender os efeitos da informação sobre a economia, a cultura e a sociedade em geral, foi importante a leitura de Manuel Castells, cujo estudo revela uma sociedade contemporânea globalizada – centrada no uso de informação e conhecimento, movida por um mercado informacional de caráter competitivo, produtivo e tecnológico. Para o autor, sua base material está sendo alterada e acelerada por uma revolução tecnológica da informação em rede e em meio a profundas mudanças nas relações sociais, nos sistemas políticos e de valores.

Pierre Levy também contribuiu com sua compreensão acerca da mutação dos meios de comunicação e dos fenômenos de produção de informação e conhecimento. Para o filósofo francês, a invenção da escrita foi uma forma de manter viva a linguagem de forma externa sem estar ligada apenas à memória biológica do homem. A partir da escrita foi possível acumular o conhecimento – antes apenas narrativo –, de forma mais

sistemática e organizada, mas hoje as pessoas se comunicam pela rede de computadores, que contém a memória da humanidade por meio de bibliotecas, museus, livros e toda forma virtual de registro da cultura escrita.

Mueller defende a legitimação e legitimidade das publicações eletrônicas de acesso aberto como elemento essencial para sua plena aceitação pela comunidade científica. A autora avalia o fortalecimento da avaliação prévia e do amadurecimento das ideias pioneiras de democratização na publicação do conhecimento científico e reconhece o papel das editoras e das elites de cada área como poderes com maior influência na direção e velocidade do percurso das publicações eletrônicas de acesso livre e sua incorporação ao sistema de comunicação científica como canais legítimos. Uma das tarefas desta pesquisa foi estabelecer, entre esses autores, um diálogo que pudesse ampliar a visão social da história do livro, da escrita, do conhecimento e da cultura do homem, para complementar a sua contribuição para a Ciência da informação.

O segundo capítulo faz um breve histórico sobre a transição da cultura impressa para a digital, desde a origem dos suportes até a chegada do texto eletrônico. Apresenta de que forma essa transição afetou especificamente o artefato livro, provocando mudanças no comportamento social do leitor. Aborda os possíveis conceitos e especificações do livro digital e eletrônico e suas potencialidades como ferramenta de leitura na pesquisa científica. Traça um panorama do mercado do livro no Brasil e da produção e venda do LDE entre 2010 e 2014, utilizando como fonte os dados levantados pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros, pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe/USP) e pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). Aponta alguns fatores que contribuíram para impulsionar a expansão da indústria editorial no Brasil e as dificuldades das pequenas editoras de se adaptarem ao novo mercado.

O terceiro capítulo trata da importância da comunicação científica para a disseminação da produção intelectual digital e das políticas de acesso aberto que buscam democratizá-la. As bibliotecas e as editoras universitárias estão inseridas nesse processo, apesar de suas limitações tecnológicas e da falta de políticas públicas consistentes que contemplem a formação de coleções de livros digitais e eletrônicos. Aborda o paradigma da convergência digital, que vem transformando a cultura de massa em cultura participativa, interativa e conectada, dando lugar a um tipo de sociedade cuja forma de organização social está baseada no desenvolvimento científico e tecnológico do século XX.

O quarto capítulo explica a estratégia metodológica utilizada para recuperar os títulos – o método documental –, mapear e examinar a publicação em LDE dos programas de pós-graduação (PPG) avaliados pela Capes no triênio 2010-2012. O quinto capítulo apresenta os resultados dos dados levantados na pesquisa, como os títulos recuperados, a definição do corpus para a investigação, as respostas do questionário e os temas mais abordados nas publicações dos PPGs. O sexto capítulo apresenta a discussão e a análise desses dados, baseadas na importância do tema para a Ciência da Informação, que se justifica por tratar dos livros da grande área de CSA1 e sua forma física como documento, registro e representação do conhecimento.

A análise aqui proposta da produção científica brasileira em formato digital dos docentes, avaliada pelos pares, possui caráter documental para a Ciência da Informação e certamente contribuirá para ampliar o debate sobre o tema nos estudos da área. É um tema atual porque aborda as formas e implicações que o novo suporte encontrou para se afirmar como veículo digital entre os meios de comunicação científica. Com a revolução tecnológica da informação, a representação do conhecimento ganhou novas características, e o livro ganhou novo conceito, reinventando-se e reassumindo a sua condição e importância nos canais de informação científica.

2 CULTURA IMPRESSA E CULTURA DIGITAL

Podemos estudar o conhecimento do homem através da história do livro, da mudança dos seus suportes e da influência que a tecnologia ocasionou nos comportamentos de leitura, escrita e intercâmbio cultural. O livro como suporte evoluiu através dos tempos, e cada período teve suas características de acordo com as tecnologias disponíveis, mas ele nunca deixou de representar a herança do conhecimento do homem transmitido a cada geração – a história da cultura e da ciência, portanto, se confunde com a história do livro.

Segundo Pierre Levy (2015), a invenção da escrita foi uma forma de manter viva a linguagem de forma externa sem estar ligada apenas à memória biológica do homem. A partir da escrita foi possível acumular o conhecimento – antes apenas narrativo –, de forma mais sistemática e organizada. A tecnologia ocasionou mudanças significativas na cultura impressa e, por este motivo, torna-se necessário traçar um breve, mas necessário, panorama da trajetória dos suportes de informação para entendermos a sua importância para a cultura social.

2.1 Origem dos suportes

Desenvolvido antes da Antiguidade Clássica, o papiro, como base para os registros escritos manuscritos, foi um suporte rústico para que os egípcios, os gregos e os romanos registrassem as primeiras obras literárias e difundissem a cultura de várias civilizações. Como sua produção era limitada e seu custo, elevado, foi desenvolvido um novo suporte para atender às necessidades da época: o pergaminho. Não sujeito às alianças comerciais com o povo egípcio, esse suporte pôde ser utilizado por cerca de mil anos por todo o território europeu.

O surgimento do pergaminho, por volta do século III a.C., modificou definitivamente a forma dos livros. Cem anos antes de começar a Idade Média, ele já substituíra o papiro quase que inteiramente, dando origem ao códex. (BENÍCIO, 2003, p. 27)

A tiragem limitada elevou seu preço, impossibilitando sua produção, e o seu uso passou a ser privilégio dos ricos e dos mosteiros. No final da Idade Média, os árabes trouxeram da Ásia para a Europa um papel fabricado de pasta de madeira, mais barato,

para substituí-lo. Com esse novo material foi possível produzir em grande escala cópias de textos manuscritos para toda a Europa, socializando o uso da escrita e disseminando a cultura. A partir do século XV foi possível imprimir livros através da xilogravura – uma técnica de gravação de desenhos ou textos em relevo sobre madeira –, mas sua produção só se difundiu em larga escala com a utilização da prensa de tipos móveis de Gutenberg. Utilizando tipos metálicos, letras, números e sinais de pontuação, o texto era gravado e podia ser reutilizado inúmeras vezes, porque durava mais que os tipos de madeira, otimizando sua reprodução. A qualidade da impressão era melhor, e a produção, mais barata, porque utilizava os dois lados da folha.

A cultura impressa provocou na sociedade dos séculos XV e final dos XVIII o medo da perda e o do excesso (CHARTIER, 2002). Esse sentimento de perda, que na época gerou mecanismos de impressão em larga escala que pudesse garantir o patrimônio da humanidade, afetou editores, bibliotecários, escritores, jornalistas e livreiros, apoiados pela prensa de Gutenberg. Em consequência, o excesso de informação se tornou “insuportável” pela mera “ordem dos livros”, obrigando a invenção e a implementação de sistemas de metainformação informatizados (CHARTIER, 2002).

No texto eletrônico, essa ordem, baseando-se na materialidade de cada suporte, deixa de acontecer, porque todos os textos são lidos na tela e em formas que, apesar de aparentemente iguais, se diferem no conteúdo – hoje a informação digital tornou-se independente do seu suporte. As tecnologias da imprensa e do papel foram determinantes para que o livro se tornasse um produto revolucionário, um veículo que facilitou o acesso à informação e à cultura.

No ato da leitura, deve ser considerada, principalmente, a importância do sujeito e sua cultura, e não do objeto; os formatos e dispositivos eletrônicos são condições tecnológicas para que o registro do conhecimento ganhe forma, no caso, digital. Com todas suas nuances e fetiches, o impresso será sempre a base e referência cultural que gerou o LDE, de modo que ambos se complementam em suas funcionalidades.

2.2 Comportamento do leitor

A terceira e última edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2012) revelou o perfil do leitor brasileiro: em entrevista feita com um universo de 9,5 milhões de usuários de livros digitais, 52% são do sexo feminino e 49%, do masculino; 43% possuem nível superior e 49% estão estudando; 29% têm entre 18 a 24 anos de idade, 13%

têm entre 25 a 29, 21% têm entre 30 a 39, 10% têm entre 40 a 49; e, na faixa de 50 a 59 anos, só 6% leem livros digitais e eletrônicos. O brasileiro lê poucos livros: a média é de quatro livros por habitante, mas há variação entre as regiões. A região brasileira que mais lê é a Sudeste (47%); seguida do Nordeste (22%); Norte e Centro-oeste (19% cada); e Sul (12%). Quanto ao nível social, 53% pertencem às classes A e B; 42% à C; e 5% às D e E. Pode-se concluir que, quanto mais escolarizado ou mais poder aquisitivo tem o entrevistado, maior é a penetração da leitura e a média de livros lidos. Segundo Galeno Amorim, responsável pela pesquisa, “o comportamento do leitor reflete as mudanças no cenário social, cultural e da educação na sociedade brasileira” (AMORIM, 2011, Prefácio).

Na história da evolução do livro, cada vez que há mudança no seu suporte, ocasionado por uma nova técnica, é provocada inevitavelmente uma mudança no comportamento social do leitor. Durante essa transição, os suportes coexistem por um tempo, e o leitor precisa aprender a se adaptar e a lidar com a nova ferramenta de leitura, antes de abandonar os velhos hábitos.

[...] dentro da longa história da cultura escrita, toda mudança (o aparecimento do códice, a invenção da prensa, revoluções em prática de leitura) produziu uma coexistência original de ações do passado com as técnicas novas. Toda vez que tal mudança ocorreu, a cultura escrita conferiu novos papéis a velhos objetos e práticas: o rolo na era do códice, publicação manuscrita na era da impressão. (CHARTIER, 2014, p. 126)

Para Roger Chartier (2002), historiador francês, ao estudarmos a história do livro como suporte físico, devemos levar em consideração o seu contexto histórico-social e entender as transformações provocadas no homem durante a mudança para o novo. No final do século XVIII, os livros eram poucos, caros, de difícil acesso – alguns eram até trancados com cadeado –, e poucas pessoas sabiam ler. Os mesmos textos – como a *Bíblia*, os livros de devoção, o das *Horas* – eram lidos em voz alta como prática socializadora da leitura religiosa para as pessoas sem instrução. Chartier (1998a, p. 23) explica que esse tipo de leitura – intensiva – era feita por um leitor que lia intensamente poucos livros, os possíveis, por serem de difícil acesso. Já a leitura extensiva, em que se lia um livro do começo ao fim e em silêncio, depois da invenção da imprensa, era feita pelo leitor que lia muitos textos em diversos formatos disponíveis – como jornais, folhetos, revistas, almanaques –, com narrativas mais longas.

A passagem da modalidade de leitura intensiva para a extensiva estimulou o uso de um novo vocabulário, modificando os estilos de leitura e escrita, a organização das informações e as características dos textos. Para Darnton, professor de História, “Essa passagem da leitura intensiva para a extensiva coincidia com uma dessacralização da palavra impressa” (DARNTON, 2010, p. 216), e o homem passou a ter mais liberdade com a palavra escrita, mudando os seus hábitos de leitura. Peter Burke (2002), historiador inglês, compara essa mudança com uma metáfora de Francis Bacon, referindo-se à diferença do hábito de “engolir” para o de “provar”; ou seja, em vez de devorar a leitura, o homem passou a degustá-la. Para Burke, atualmente, a internet facilita a consulta e estimula a leitura extensiva, tornando a intensiva mais longe da realidade dos jovens leitores. Ele ressalta que essa mudança, durante o séc. XVIII, não ocorreu só na liberdade do leitor, mas também no comportamento gráfico e nas edições dos livros:

Ocorreram mudanças, como a divisão do texto em capítulos, o acréscimo de sumários, índices (incluindo-se alguns índices de máximas, assim como de assuntos ou de nomes de pessoas e lugares) e notas marginais indicando mudanças de tópicos. Os títulos das páginas com frequência referiam-se ao número e à precisão dos índices, glossários e assim por diante para motivar a compra de uma edição específica e de um texto clássico. (BURKE, 2002, p. 180)

Para Chartier, podemos comparar as revoluções que ocorreram na história da leitura, “no século XIX, com [...] o aparecimento do texto eletrônico” (CHARTIER, 2009, p. 101-102), que também ocasionou mudanças no comportamento gráfico do texto e no hábito social do leitor. Podemos também identificar determinados comportamentos no leitor, deixados como herança, que refletem a resistência a uma nova tecnologia como forma de preservação. Muitos objetos impressos eram utilizados, no século XVI, como forma de encorajar a manutenção e preservação do manuscrito, como edições de autores latinos clássicos; no séc. XVII, contratos de casamento no sul da França eram mantidos; e, na Itália do séc. XVIII, eram criadas agendas dividindo o dia em seções (CHARTIER, 2014, p. 106).

Na Idade Média, a reprodução do manuscrito era feita por monges copistas, que eram os guardiões dos livros e os mantinham trancados à distância do público. E os mosteiros eram uma espécie de biblioteca “sagrada”, a guardiã do acervo que ninguém, além dos monges e dos escribas, poderia aproximar-se, porque os livros não eram para ser lidos (CHARTIER, 1994b). Como eram copiados à mão, os livros levavam anos

para ficar prontos – um bom copista só conseguia produzir apenas cinco livros de duzentas folhas em um ano (VERGER, 1999). Era uma profissão rara, que não desapareceu com a chegada da tipografia; ela sobreviveu e resistiu até o início do século XVI.

A imprensa gráfica representou a mais importante revolução relacionada à disseminação do conhecimento científico, tanto que, segundo Burke (2003), os estudiosos desse século queixavam-se da enorme quantidade de livros impressos, que para eles causaram um transtorno social. A resistência ao impresso sobreviveu por séculos, também, devido à desconfiança da legitimidade dos textos.

[...] a publicação manuscrita constituía uma alternativa para certas formas de corrupção produzidas pela impressão: [...] protegia textos de alterações introduzidas por compositores canhestros e revisores ignorantes. (CHARTIER, 2014, p. 112)

No séc. XV o manuscrito era preparado por um revisor depois que entrava em gráfica: sua cópia era corrigida, composta e impressa. O texto recebia intervenções do copista, do censor, do editor e dos compositores, e o original perdia a sua importância. Criticava-se o papel do editor ao manipular os originais manuscritos antes da impressão, pois se acreditava que o texto era “corrompido” ao ser editado. Com o passar dos séculos, a prática de edição dos textos tornou-se comum e até necessária ao ofício da profissão editorial.

Para Chartier (2009), o texto também é “corrompido” cada vez que é lido por um leitor, porque ganha um novo sentido. E cada vez que este mesmo texto é lido pelo mesmo leitor, ou para diversos públicos específicos em momentos diferentes, novamente ganha novos sentidos. Chartier (2002) questiona a ação da comunicação eletrônica sobre as publicações tradicionais, porque a revolução do texto eletrônico leva à desmaterialização da obra. O autor acredita que a representação do texto eletrônico modifica a relação com o escrito e permite interpretações antes inaceitáveis.

Da mesma forma que o livro impresso propôs inovações que alteraram definitivamente a relação do leitor com o novo suporte, impondo-lhe atitudes que antes não eram necessárias para manipular o manuscrito, a leitura digital trouxe mudanças irreversíveis para a edição dos livros e para o comportamento social do homem. A compreensão dessa transformação tecnológica, aos olhos de Chartier (1994a), faz-nos refletir sobre a trajetória do homem até o que ele chama de “revolução da leitura”, com a chegada dos textos eletrônicos na sociedade da informação. O texto digital alterou a relação de

toda a cadeia produtiva do livro, desde sua criação autoral, passando por sua produção, distribuição, até chegar ao seu destino: o leitor.

A transição da cultura impressa para a digital afetou especificamente o artefato livro, que passou a ser (re)produzido também em ambiente digital, caracterizando assim uma provável transição do livro impresso para o digital. (DOURADO, 2012, p. 32)

O LDE, ao oferecer funcionalidades que o livro impresso jamais poderá propor, exige do seu leitor o desenvolvimento de certa habilidade informacional para sua utilização. Se antes ele estava habituado com os textos distribuídos em suportes distintos, agora passou a ter de aprender a ler de forma descontínua e a lidar com todos os textos num mesmo suporte, numa mesma “continuidade textual” (CHARTIER, 2014, p. 124). O texto aberto e maleável, ao inventar novas formas de escrever em movimentos hipertextuais, passou a “incomodar” os protocolos de leitura que a cultura impressa impôs por tantos séculos. A “revolução digital” de que Chartier fala exigirá uma reorganização da cultura escrita, em que “escritos serão redistribuídos entre os velhos e novos suportes que permitam sua inscrição, sua publicação e sua transmissão” (p. 126); requer a mudança de novos papéis a velhos objetos e práticas do suporte na cultura escrita.

Para o autor, a presente "revolução" também acarreta profundas consequências na produção do escrito, na sua organização e na sua apropriação (leitura), que "perturbam" globalmente a "ordem dos livros" (CHARTIER, 1994b). Essa revolução acarretou uma inquietação entre os leitores: com a nova textualidade eletrônica, a ordem do discurso se transforma. E é justamente essa quebra de padrão, essa extinção de antigos critérios que permitiam distinguir, classificar e hierarquizar, que causa a “inquietação” no leitor atual.

A técnica digital entra em choque com esse modo de identificação do livro, pois torna os textos móveis, maleáveis, abertos, e confere formas quase idênticas a todas as produções escritas: correio eletrônico, bases de dados, sites da internet, livros, etc. (CHARTIER, 2002, p. 110)

Chartier (2009) considera que as mudanças no formato do livro, que ocorreram em diferentes épocas de sua história, causaram três grandes revoluções: do texto manuscrito em rolo de pergaminho para o códice, semelhante ao livro impresso de hoje; do códice ao livro impresso; e do livro impresso ao eletrônico. Ao comparar a revolução do texto eletrônico com a de Gutenberg – nos dois momentos da história houve mudanças

significativas no comportamento do leitor, nas técnicas de leitura e no seu entendimento –, considera a atual revolução maior, porque a leitura digital muda a estrutura do próprio suporte, suas partes e interação com o leitor. Chartier (2009) diz que o leitor de hoje tem à sua disposição uma infinita quantidade de informações disponíveis para seu próprio uso e desenvolvimento e pelas inferências exigidas numa leitura coerente de hipertextos. O leitor de hoje, dos hipertextos digitais, desfruta de “um mundo de leituras extensivas”, com muito mais possibilidades (CHARTIER, 2014, p. 126).

Para Darnton (2010), hoje temos a capacidade técnica de realizar o sonho do Iluminismo através da internet: os séculos XVIII e XXI se complementam quanto ao sonho de disponibilizar o conhecimento para as pessoas e nos comunicarmos abertamente por todo o mundo. O autor sugere que a história do livro seja estudada como tema único numa perspectiva comparativa, cultural e social para compreender de forma simultânea a produção, circulação e o uso do texto e sua inserção no sistema de construção da informação (apud CRIPPA, 2012, p. 52).

Assim como foram muitas as razões que levaram a cópia manuscrita a coexistir com a reprodução mecânica, devemos esperar que a “transição” do suporte impresso para o digital, sem contrariar a história, também ocorra de forma gradativa e simultânea. Como a inovação nunca é absoluta, a aceitação e adoção do leitor ao LDE também exigirá da indústria a adaptação do suporte à sua realidade e necessidades. Com isso, ambos suportes deverão ser utilizados concomitantemente por muito tempo, até mesmo porque a tecnologia atual não permite a possibilidade de que um elimine o outro. Os LDEs possivelmente crescerão mais em alguns segmentos do que em outros, pela própria característica da leitura. E é importante que o leitor possa ter à sua disposição opções e funcionalidades para todas as formas de registro do conhecimento.

2.3 O objeto de estudo: o livro digital e eletrônico

A leitura digital está inserida na linguagem em rede, possibilitada pelos meios tecnológicos e, principalmente, pela internet. Seu formato permite mais liberdade nas formas de acesso, abrindo espaço para outros dispositivos eletrônicos e, principalmente, para o LDE, que, por sua vez, foi criado especificamente para este fim. Os LDEs e seus aplicativos surgiram no mercado como consequência dos avanços tecnológicos, e não como uma demanda, uma necessidade do mercado por novidades e novas soluções, como geralmente acontece no segmento editorial de livros. A tecnologia permitiu a utili-

zação da internet como plataforma de oferta de serviços de apoio suplementar a professores e alunos (MELLO, 2012, p. 445).

[...] surge um novo paradigma quanto à forma de registrar e disseminar a informação: o livro eletrônico ou *Electronic Book (e-book)*. Este termo está sendo utilizado para nomear o livro em formato eletrônico, podendo ser baixado via internet para o computador por meio de *download* e para o aparelho que permite a sua leitura fora do computador, possibilitando uma maneira mais simples de compor e disponibilizar um livro para o leitor. (BENÍCIO e SILVA, 2005, p. 4)

Essa versão sofisticada do livro só foi possível graças às novas tecnologias, que acabou proporcionando o seu renascimento, facilitando e agilizando os processos de comunicação e transmissão do conhecimento. Guilherme Dias propõe que, para a Ciência da Informação, um LDE possa ser definido como:

[...] denominação da espécie, da classe (ou gênero) de leitores eletrônicos (*e-readers*), que tenham o *animus* de mimetizar e expandir as funcionalidades de um livro tradicional e, portanto, com pelo menos um conteúdo informacional (obra) contido em seus dispositivos de memória; dessa forma, nesta espécie de leitor eletrônico, é indissociável o conteúdo informacional (*corpus misticum*), em formato digital, com o dispositivo tecnológico (*corpus mechanicum*), que processa, exhibe e permite a interação com o conteúdo informacional. (DIAS; VIEIRA; SILVA, 2013, p. 12)

Para o autor, o LDE é o dispositivo leitor indissociável de seu conteúdo em formato digital, pois vazio ele não transmite informação alguma. Ainda segundo Dias (2013), um livro digitalizado não é um LDE, é um texto digital; da mesma forma que dispositivos eletrônicos como computadores, celulares, smartphones, que leem conteúdos digitais, não são LDEs, pois não foram projetados para essa finalidade. Numa biblioteca digital, por exemplo, ele será um entre os diversos suportes de registro de informação que irão compor o catálogo.

O termo *e-book*, o mais utilizado para o LDE, tem se apresentado de três formas pelo menos: um livro codificado em formato eletrônico; o formato eletrônico em que o texto é convertido ou criado (PDF, e-pub, html); e o dispositivo de leitura (*device* ou leitor digital) dos textos digitais ou digitalizados. Enquanto o termo não se consolida, é comum, também, se utilizarem os termos *digital book*, publicação digital ou eletrônica,

texto digital e texto de rede (FURTADO, 2010). Segundo Bufrem, para se compreender o “e-book”, é necessário

[...] definir suas três acepções atuais: o livro como conteúdo ou texto, representado pelo título que o determina; o processo e aplicativos editoriais que auxiliam sua leitura na tela; e o recipiente ou suporte para sua leitura (BUFREM 2009, p. 303),

Nesse tipo de livro, podem ser lidos os formatos de arquivo digital DOC (documento do Word), PDF (Portable Digital Format), TXT, LIT, ODT e OPF (ver Apêndice 4). Eles podem ser baixados para leitura em computadores, smartphones, tablets ou em dispositivos de leitura ou e-readers (ver Apêndice 3). Carlos Pinheiro, em seu *Dicionário do e-book*, define o termo como

Acrônimo de electronic book, ou livro eletrônico; designa uma publicação em formato digital que, para além de texto, pode incluir também imagens, vídeo e áudio. Outras designações são livro digital ou livro digitalizado. Muitas vezes utiliza-se erradamente o termo e-book para designar um e-reader. (PINHEIRO, 2011, p. 14)

Devido à grande variedade de extensões de seus formatos de arquivo digital, foram desenvolvidos programas específicos para a sua leitura, com softwares capazes de reconhecê-los e transformá-los em arquivo de texto (AMARAL, 2009). Conforme a descrição da autora, os *e-readers* (ver Apêndice 3) são aparelhos que possibilitam a leitura dos *e-books* por meio de um dispositivo que exibe o seu conteúdo e outros tipos de mídia digital numa tela – seu principal desenvolvimento tecnológico. Seu *hardware* é dotado de um *software* de leitura de alta qualidade e difere, portanto, de seu conteúdo e da forma como este se apresenta para a leitura. Na base tecnológica, seus principais componentes são tela LCD, bateria, sistema operacional de leitura e memória. Há dois tipos de *e-readers*: os que podem ser exclusivos para este tipo de leitura (*Kindle, Nook, Kobo, Alfa, Sony*); e os que podem ter outras funções também, com procedimentos, programação e programas compatíveis com suas especificações técnicas (*iPad, smartphones, tablets*, entre outros). Uma vez que o dispositivo é para leitura, a tela de um leitor digital deve oferecer conteúdo nítido e claro, mesmo sob forte luz solar. Um LDE também pode ser lido com baixa ou até mesmo nenhuma luz.

Tablets como o iPad (Apple), o Nook Color (Barnes & Noble) e vários outros, embora sejam utilizados como *e-readers*, têm uma qualidade de imagem semelhante à

dos computadores e, portanto, menos agradável à leitura (MELLO, 2012, p. 448). Computadores como PCs, Macs e notebooks permitem a leitura dos LDEs, mas não dispõem de mobilidade como os *e-readers*, algo essencial para o consumidor de livros.

O e-pub é um formato de texto para *e-book* baseado em XML, uma evolução do html, que permite que qualquer pessoa possa colaborar para o seu aperfeiçoamento (ver Apêndice 4). A sua criação objetivou a padronização e a democratização de acesso aos LDEs, e muitos fabricantes de aparelhos com essa funcionalidade o adotam como formato padrão (DAQUINO, 2010). Sua tecnologia possui múltiplas funções que permitem ao leitor desfrutar de funcionalidades como, por exemplo: marcadores de página; bloco de anotações; controle ajustável de luminosidade e de brilho, para facilitar a leitura de acordo com o ambiente e não danificar a visão; dicionário em várias línguas e fáceis de acessar; sistema de busca por palavras ou frases; ajuste de tamanho ou tipos de fontes, de acordo com a necessidade do leitor; base giratória de leitura, que é a orientação retrato ou paisagem, para ajustar ao formato do texto; acesso às livrarias ou bibliotecas digitais; criação de biblioteca pessoal; importação de documentos; indexação de informações; capacidade de armazenamento de arquivos de textos grandes, porque possui memória expansível; segurança; baterias duradouras; compatibilidade com linguagens diferentes – como PC, Linux e Mac; e é leve – pesa em média 300 gramas –, o que facilita sua portabilidade (DAQUINO, 2010).

Sua convergência digital abrange o hardware (o dispositivo de leitura), o software (o leitor ou reader) e o conteúdo (que é o livro, o documento digital que carrega a informação). No entanto, mesmo que as vantagens do e-pub sejam reconhecidas e muitos leitores digitais (*e-readers*) e dispositivos eletrônicos o adotem como padrão para LDEs, nem todos os editores investem nessa tecnologia. O formato de texto mais utilizado para a transmissão de documentos diagramados ainda é o PDF, e não é por acaso.

O PDF é um formato de arquivo aberto, em que qualquer desenvolvedor tem acesso às suas especificações e pode escrever aplicativos que leiam o seu padrão. O programa Acrobat Reader é considerado básico e obrigatório para a transferência de arquivos, pois permite a leitura de todos os documentos nesse formato (BUFREM; SORRIBAS, 2009, p. 313). Sua visualização garante a diagramação fiel dos documentos originais, tanto na tela como na impressão, preservando o trabalho do designer sem torná-lo só mais um texto corrido.

Um documento convertido para o formato PDF pode ser visualizado em qualquer dispositivo eletrônico e digital – computador, celular, tablet, e-reader –, porque se

adapta a qualquer mídia, além de ser um arquivo leve, que não ocupa muito espaço de memória. É o que melhor valoriza os aspectos visuais, porque incorpora todas as características da publicação, inclusive as fontes de texto, sem haver a necessidade de instalá-las para se abrir um arquivo. E é por isso mesmo que não causa estranhamento ao leitor do livro impresso. É uma solução para o mercado editorial, porque dispensa o gasto com o profissional especializado em LDEs ou empresas terceirizadas, como ocorre com a produção do e-pub.

Mas não são só os aspectos editoriais e mercadológicos que devem ser levados em consideração; o conhecimento gerado como conteúdo digital pode ser veiculado em qualquer formato de texto para ser lido. E se o PDF é mais barato e prático, também viabiliza a “democratização” da leitura, contribuindo para a divulgação do conhecimento. O registro digital do conhecimento veiculado e compartilhado é o objeto principal desta pesquisa, pois a disponibilidade sem burocracia do conteúdo amplia o acervo bibliográfico e o acesso à leitura, considerando, é claro, questões como direitos autorais e aspectos culturais que envolvem a sua aceitação.

Mesmo o autor que não é adepto do LDE e que opta pela publicação de seu livro em papel desfruta dos benefícios da tecnologia tanto quanto aquele que decidiu pela versão eletrônica. O seu arquivo original é gerado, editado e revisado em um editor de textos (Word); se houver fórmulas ou equações, será editado no programa Linux ou no próprio Equation do Word; se houver gráficos estatísticos, tabelas e planilhas elaboradas, será utilizado o programa Excel; se tiver imagens e fotografias, estas serão editadas e manipuladas no Photoshop. A diagramação do livro é feita por um editor gráfico – o mais comum atualmente é o InDesign –, que incorpora o resultado de todos os programas que foi utilizado, gerando ao final o arquivo em formato fechado para impressão na gráfica: o PDF. O autor desfruta, inclusive, para a divulgação e comercialização do seu livro, do PDF e de todos os arquivos que foram gerados eletronicamente.

O editor pode até optar em não querer publicar o livro em formato eletrônico, mas tem à sua disposição já te antemão um formato digital que lhe possibilita disponibilizá-lo pela internet para ser baixado em qualquer dispositivo: desde um celular, um smartphone, até um leitor exclusivamente digital ou um computador. A opção do suporte papel ou eletrônico para a publicação é, então, uma decisão de política editorial, pois o negócio do editor é o conteúdo veiculado, que pode ou não ser publicado em gráficas, que trabalham com impressão em larga escala, ou ser comercializado em documento

eletrônico. E tanto um suporte quanto outro podem ser comercializados on-line e atingir a um público maior.

Sem nenhuma inovação em termos de conceito, num primeiro momento, o LDE se apropria de todas as características editoriais do livro impresso, com os mesmos recursos e funcionalidades, só que de uma forma mais tecnicamente evoluída e interativa. Essa estratégia de aproveitamento é muito comum entre os fabricantes toda vez que se tenta implantar uma tecnologia: criar a partir de um modelo já estabilizado. Isso aconteceu com vários produtos que foram lançados no mercado (TV digital, celular, automóvel, máquinas fotográficas, filmadoras, impressoras). Segundo Velasco (2008), as tecnologias – papel eletrônico (e-paper), tinta eletrônica (e-ink) e dispositivos de leitura (e-readers) – buscam aproximar o LDE da qualidade do impresso, mas com os benefícios do digital e com qualidade de imagem muito mais adequada para a leitura do que a oferecida pelas telas dos computadores (MELLO, 2012). Dessa forma, o seu valor cultural é mantido e reproduzido para que não haja nenhum estranhamento, não só do leitor em ter dificuldade de adaptação com o novo ambiente, mas também do mercado e de toda a cadeia produtiva do livro. Os consumidores, por sua vez, acompanham esse desenvolvimento aprendendo a utilizar os modelos que a indústria oferece e adequando-se aos modernos padrões de comportamento social. E à medida que as pessoas vão se acostumando com o produto mais moderno, a indústria vai adaptando o modelo de acordo com as necessidades do usuário e, ao mesmo tempo, inculcando-lhe valores e necessidades.

Enquanto sua cultura ainda não está consolidada, o LDE tem ganho a cada dia uma configuração tecnológica diferente: um dispositivo de leitura compatível, um modelo inovador, uma linguagem ou interface mais interativa. Em consequência, o LDE ainda não encontrou um conceito adequado – apesar da tentativa de autores –, tornando-se difícil uma única definição diante de tantas transformações e funcionalidades.

A consolidação de um corpo conceitual enfrenta diversos obstáculos: a tecnologia em rápida evolução, a ligação com o livro impresso, a diferenciação/fusão entre conteúdo e forma, a diversidade de modos como os LDEs são entendidos e utilizados. (GRAU; ODDONE; DOURADO, 2013, p. 4)

Como o termo “digital” e “eletrônico” também têm sido utilizados em vários textos, nesta pesquisa se resolveu adotar a terminologia “livro digital e eletrônico” ou “LDE”, que se refere aos dois tipos. O termo LDE ganhou forma na pesquisa *E-books*,

livros digitais ou livros eletrônicos? Um estudo terminológico (GRAU; ODDONE; DOURADO, 2013), em que as autoras sugerem que se utilizem

[...] conceitos que esclarecem e apoiam o estudo de tipologias, de características, da produção, circulação, acesso e uso dos LDEs e sua avaliação como meio de comunicação. (GRAU; ODDONE; DOURADO, 2013, p. 5)

Para Roger Chartier (1996), o que chamamos de livro, ou leitura, tem conceitos diferentes em épocas diferentes, por isso devemos contextualizar o suporte para entendermos sua importância cultural. O próprio conceito de livro está mudando com a “revolução tecnológica” possibilitada pela comunicação via internet e pela leitura na tela do computador. O *Dicionário do livro* (2008), da Unesp, já atualizou sua definição de livro para:

[...] documento impresso ou não impresso; transcrição do pensamento por meio de uma técnica de escrita em qualquer suporte com quaisquer processos de inscrição. O livro supõe um suporte, signos, um processo de inscrição, um significado. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 458)

O LDE, no conceito de livro que conhecemos, não poderia ser denominado propriamente um livro, e teríamos que dar outro nome a esse novo suporte. Dizer que o LDE é um livro, nos padrões já estabelecidos, seria uma estratégia mercadológica para que a transição seja mais aceitável pela sociedade. Por exemplo, o hiperlink, na verdade, sempre existiu; são parênteses que se abrem para falar de outros assuntos interligados. Um professor, quando leciona, abre vários hiperlinks durante sua aula para explicar determinado assunto. Quando lemos um texto, mesmo no livro impresso, paramos várias vezes para refletir, pulamos trechos e ligamos a outros, nos aprofundamos mais em determinados assuntos, lemos outros textos, pesquisamos em outros livros ao mesmo tempo, fazemos anotações nas páginas e dialogamos com outros autores. A leitura leva-nos a vários lugares num movimento não linear entre o leitor e o seu mundo: o conceito do hiperlink baseia-se nesse fluxo interativo de ir e vir através de um único documento.

Se comparada com a leitura no impresso, o LDE não proporciona o mesmo prazer, mas é uma ferramenta valiosa para os pesquisadores, principalmente porque possui recursos tecnológicos que devem ser explorados para auxiliar na busca, além de sua portabilidade e capacidade de armazenamento.

O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. (CHARTIER, 2009, p. 88)

Para Chartier, o novo suporte nos possibilita muito mais liberdade para explorar outros caminhos, mesmo que já traçados pela computação. E ainda, ele pode influenciar a forma que cada um faz a sua leitura, do mesmo modo que o texto eletrônico influencia a forma de escrever o texto. Peter Burke (2012) vê a leitura no LDE como desvantagem para os jovens, que ainda não amadureceram seu hábito de leitura, porque pode tornar-se mais “superficial”. Por outro lado, considera importante a digitalização de conteúdos como enciclopédias e dicionários e vê como vantagem a rapidez da busca e da atualização sempre que um novo verbete ou conteúdo é incorporado *on-line*. Ele também acredita na coexistência dos dois suportes e que acontecerá o mesmo que aconteceu quando a imprensa foi inventada: ambos conviveram por um longo tempo.

O LDE encontra-se no centro dos conflitos de interesses entre a indústria editorial e os da sociedade no acesso à informação. A tecnologia do LDE baseia-se no conceito de leitura já experimentado no livro impresso, que por sua vez herdou do manuscrito, guardando as suas estruturas básicas – como a distribuição do texto em junções e folhas do códice. Sem provocar o desaparecimento do manuscrito, a impressão permitiu a produção em maior escala da escrita e da produção de livros. Da mesma forma como a impressão preservou o manuscrito ao multiplicar registros que antes eram desconhecidos, o texto eletrônico passou a constituir em um de seus objetivos a preservação do texto impresso, tornando sua existência disponível em novas versões. Com todas suas nuances e fetiches, o impresso será sempre a base e referência cultural que gerou o LDE, de modo que ambos se complementam em suas funcionalidades. Ao possibilitar a reprodução do livro impresso, o LDE também contribui para a preservação da memória e perpetuação da cultura impressa.

2.4 O mercado do livro no Brasil

Alguns fatores contribuíram para impulsionar a expansão da indústria editorial no Brasil: o aumento real da renda do consumidor, o interesse dos grupos internacionais pelo mercado interno, a visibilidade dos autores brasileiros no exterior, a criação de cursos específicos para os profissionais da área editorial, o avanço da tecnologia, programas de compra de livros didáticos pelo governo, o e-commerce e o incentivo fiscal –

o projeto de lei 4534/2012 atualizou a definição de “livro” para enquadrar também os LDEs e os dispositivos de leitura eletrônicos nessa categoria, isentando-os de impostos. No entanto, segundo Fonseca (2013), o mercado não está conseguindo responder a todos os desafios de diversidade e complexidade ocasionados pelo seu crescimento, tais como:

[...] institucionalizar processos sistemáticos de registro, coleta e análise de informações para subsidiar a gestão dos relacionamentos entre agentes transformadores, a gestão das estratégias adotadas e a gestão dos compradores e clientes. (FONSECA, 2013, p. 115).

Bastos e Fleck (2012) também concordam que a indústria do livro não tem conseguido organizar rotinas e processos sistemáticos em velocidade compatível com o aumento da complexidade, porque as editoras não possuem mecanismos para controle dos livros lançados e de sua trajetória desde a produção até o final da cadeia produtiva – o leitor. As empresas Amazon, Google e Apple é que teriam condições para mudar o panorama de crescimento da indústria, pois têm tamanho, tecnologia e *know-how* em distribuição digital e nível de capitalização para investir; operam baseadas em gestão e troca de informação com seus fornecedores; e conhecem os compradores e leitores que frequentam seus sites, pois coletam dados dos usuários. Segundo Mello (2012), como as atenções são voltadas para os leitores, conhecer de antemão suas preferências e seu comportamento na hora da compra são vantagens competitivas para essas empresas.

Segundo Carrenho (2012), as editoras menores ou independentes se sentem pressionadas por essas gigantes e receiam que, ao baixarem muito os preços dos LDEs, haja uma procura muito grande por parte dos leitores e que o novo preço de capa digital vire referência também para os impressos, colocando em risco sua existência. No entanto, nem todas as editoras pequenas querem crescer ou concorrer com as grandes, e há espaço para todas. Sua vantagem em relação às grandes é a menor complexidade devido ao tamanho. Diferentemente das grandes, que têm dificuldade para manter o foco – porque diversificam seus produtos, crescem geograficamente e têm compradores e leitores diferentes –, as editoras menores não precisam criar estratégias diferentes das que já conhecem para se manterem homogêneas. Aproveitando sua estrutura e profissionais, elas têm condições para diversificar e oferecer outros serviços que não sejam só de produção – como consultoria para autopublicação –, agregando valor à sua atividade editorial. Sua participação em eventos literários e feiras de livro em busca de parcerias também é uma alternativa para oportunidades de negócio. As feiras internacionais ajudam a expor os

autores brasileiros e a encontrar os de outros países para publicar sua tradução, além de garantirem a pluralidade de públicos e incentivarem a literatura e a escrita.

Em 2014, as editoras brasileiras passaram a fazer lançamentos simultâneos do livro físico e do digital e eletrônico para atrair os consumidores, o que pode significar que a leitura no digital tende a se estabilizar. Esse dado pode ser constatado nesta pesquisa, nos resultados do levantamento dos livros classificados pela Capes (ver Apêndice 1), em que grande parte dos livros impressos tinha, em 2012 e 2013, sua primeira versão digital em PDF e disponibilizada em acesso aberto; e só uma pequena parte tinha sua versão *e-pub* para venda.

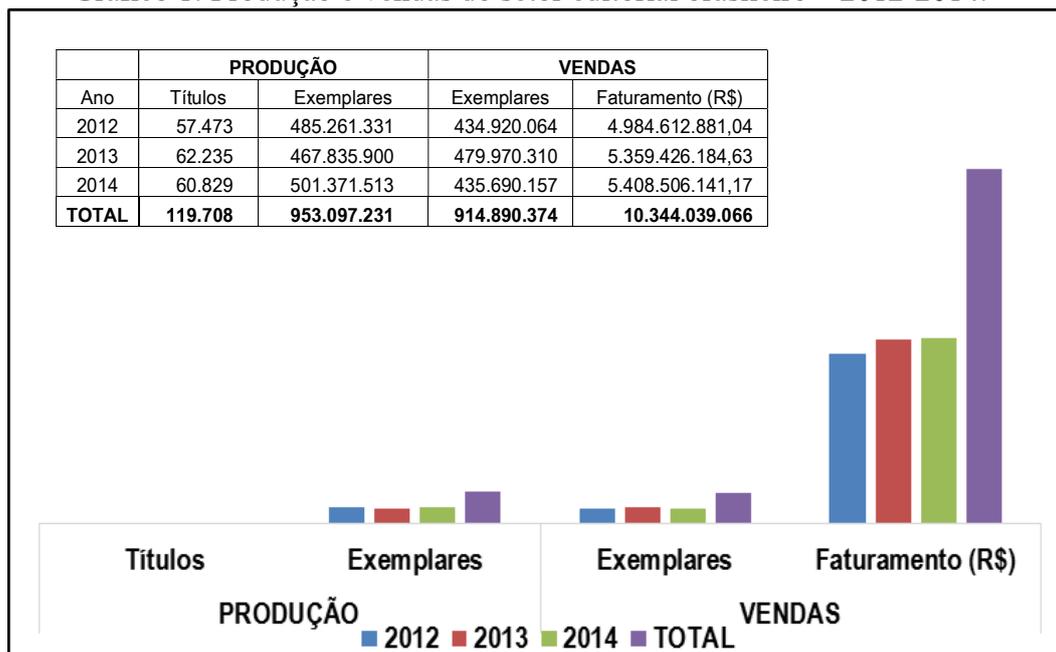
As editoras passaram a aderir ao LDE porque viram nele um aliado para aumentar suas vendas, baixar os custos de livros esgotados, publicar reedições, economizar espaço físico, alcançar um público maior via internet, diminuir custo de *marketing* e transação de vendas, entre outras soluções. O investimento em LDE possibilita a criação de valor no mercado através da criação do formato de autopublicação digital e do lançamento de autores que não encontram espaço no modelo tradicional de livros para divulgar seus trabalhos. A distribuição on-line em qualquer lugar com acesso à internet também amplia as possibilidades de cópia e circulação de livros, sem autorização prévia de editoras e autores.

2.4.1 Dados do setor

De acordo com os resultados da pesquisa “Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro” (SNEL apud FONSECA, 2013), o faturamento total do setor de livros no Brasil, em 2013, ultrapassou 5 bilhões de reais, que representa um crescimento nominal de 7,52% em relação ao mercado de 2012, ano em que foi vendido mais de 4 milhões de exemplares (Gráfico 1).

Houve também aumento no número de títulos: segundo pesquisa da Fipe, em 2013, foram produzidos mais de sessenta mil títulos pelas editoras, registrando um crescimento de 8,29% da produção em relação a 2012, com mais de 57 mil títulos.

Gráfico 1: Produção e vendas do setor editorial brasileiro – 2012-2014.



Fonte: SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros (2014a). A pesquisa divulgada em 2014 afere o resultado de 2013; a de 2013 afere o de 2012; e a de 2012 afere o de 2011.

Em 2013 foram impressos mais de 467 milhões de livros e, em 2012, mais de 485 milhões. Em 2014, foram produzidos quase sessenta mil títulos e vendidos mais de quatrocentos mil exemplares, cujo faturamento passou de 5 milhões de reais. Os dados fornecidos baseiam-se no resultado de uma amostra de 217 editoras, que representam 72% do mercado.

As livrarias ainda são o principal canal de comercialização, responsável por 50% de exemplares vendidos em 2013 contra 47% em 2012. As principais livrarias de LDEs em português são Amazon, Gato Sabido e Saraiva. Em 2013, as livrarias comercializaram mais de 140 milhões de obras literárias diante de 127 milhões em 2012, gerando uma participação de 61% no faturamento. O crescimento das vendas em livrarias foi interrompido pela primeira vez em agosto de 2015, quando houve uma variação negativa, tanto em volume (- 5%) quanto em faturamento (- 3%), em comparação ao mesmo período de 2014, alcançando um montante de 100 milhões de reais. Já o faturamento das editoras, no mesmo intervalo de tempo, teve uma variação negativa de 0,13% (SNEL, 2015).

O preço médio corrente do livro cresceu 1,7% em 2013, considerando apenas as vendas ao mercado, mas se for considerada a variação do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) de 5,9%, o preço médio constante do livro apresentou uma queda de -4%.

Segundo o levantamento da Fipe, no mercado de LDE, a venda aumentou mais de 220%, de 2012 para 2013, apesar de representar uma parcela muito pequena do faturamento do setor: mais de 12 milhões de reais, mais de 26 mil títulos e quase 874 mil unidades vendidas, entre edições e reedições. Quando engloba o setor de conteúdo digital (Tabela 1), incluindo os aplicativos, o total de títulos passa de trinta mil, com mais de 800 mil unidades vendidas e quase 13 milhões de reais de faturamento. Ainda segundo dados do SNEL e do Instituto de Pesquisa Nielsen (CAMPOS, 2015), o segmento dos LDEs tem participação mínima no mercado editorial: em 2013, dos mais de trinta mil títulos digitais produzidos, 26 mil foram LDEs e mais de 4 mil, aplicativos. Em 2012, esses números foram, respectivamente, 7.470 e 194. Em unidades vendidas, o número passou de 235 mil para 889 mil. O segmento de livros científicos, técnicos e profissionais totalizaram mais de noventa mil exemplares, com mais de 2 milhões de reais (SNEL, 2014a).

Tabela 1: Produção e vendas de conteúdo digital – 2013.

	Títulos	Unidades vendidas	Faturamento
LDE	26.054	873.973	12.772.913,17
APPS	4.629	15.173	134.372,63
TOTAL	30.683	889.146	12.907.285,80

Fonte: SNEL– Sindicato Nacional dos Editores de Livros (2014a).

Ainda segundo o levantamento da Fipe, em 2013, apenas 2% dos cinco bilhões de reais faturados com livro no Brasil são de LDEs; em 2014, de cinco bilhões de reais de faturamento, eles só movimentaram cerca de 12 milhões de reais. Na América Latina, os LDEs representam menos que 1% do total das vendas; na Espanha, estão entre 7% e 10%; na Alemanha, 15%; e nos EUA e no Reino Unido, chegam a 30% (CELAYA, 2015). Segundo a Associação Americana de Editores, a venda de LDEs das editoras norte-americanas caiu 7,5% nos três primeiros meses de 2015. Se em 2014 a venda rendeu mais de quatrocentos milhões de dólares de janeiro a março, em 2015, as vendas somaram mais de trezentos milhões de dólares. No primeiro trimestre de 2015, no Brasil, mesmo com o fenômeno dos livros para colorir e um aumento de 3% em volume de exemplares vendidos em livrarias, os números ficaram abaixo da inflação (MORAES, 2015).

A produção editorial latino-americana, medida pelo número de títulos com registro ISBN, foi 4,8% menor no primeiro semestre de 2014 em relação ao mesmo período de 2013, mas a participação do LDE chegou a 20,4% do total (CELAYA, 2015). A Biblioteca Nacional, por exemplo, expediu 16.650 ISBNs para LDEs em 2014, ou seja,

1.052 a mais do que em 2013 – menos do que 1% –, mas o crescimento tem sido gradativo, de 2007 a 2014 (Tabela 2), e a diferença entre o impresso está diminuindo.

Tabela 2: ISBNs expedidos pela Biblioteca Nacional – 2007-2014.

ANO	PAPEL	LDE	OUTROS
2007	44.101	1.156	1.762
2008	50.282	1.507	2.484
2009	56.170	1.833	2.285
2010	57.325	4.524	2.866
2011	65.599	9.209	3.776
2012	69.227	14.280	4.211
2013	63.724	15.598	4.791
2014	64.044	16.650	4.842

Fonte: Agência Brasileira do ISBN. Disponível em: <<http://www.isbn.bn.br/website/site/relatorio/estatistica/relatorioQuantidadeObrasPorSuporte>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

A pesquisa sobre a produção do livro no Brasil é realizada anualmente pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe/USP), sob encomenda do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e da Câmara Brasileira do Livro (CBL), e fornece um panorama completo do mercado editorial no país. Esse resultado foi divulgado em julho de 2014 na sede da CBL, em São Paulo, quando foi revelado que o setor teve um crescimento real de 1,52%. Contudo, desconsideradas as compras feitas pelo governo, a pesquisa detectou o crescimento nominal de 5,9%, equivalente a uma queda de 34,5% no número de exemplares vendidos para o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e um aumento de 23,35% em exemplares para o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). O setor digital do mercado editorial brasileiro será avaliado pela Fipe em 2016, através do Censo do Livro Digital, a partir do qual será possível obter o panorama completo de 2015.

3 A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA INFORMAÇÃO

A sociedade da informação ou sociedade do conhecimento é uma nova forma de organização social baseada no desenvolvimento científico e tecnológico do século XX. O “boom” econômico ocasionado pelas pesquisas científicas avançadas introduziu elementos e necessidades no dia a dia em toda parte do mundo. Hoje vivemos o paradigma da revolução tecnológica da informação, cuja matéria-prima é o conhecimento, seu produto mais valorizado, que “partilha sua força com todos os artefatos que o materializam e que disciplinam o pensamento” (ODDONE, 2007, p. 121). A representação do conhecimento pode ser um capítulo de livro, um artigo, uma imagem, um mapa, um gráfico, um verbete. Esse novo paradigma “privilegia a informação em detrimento do documento em si, o acesso em vez da posse” (MENDONÇA, 2006, p. 227). A informação tornou-se mais importante que o objeto livro, que pode mudar de forma por ser representativo.

Segundo Miranda (2000), um dos principais indicadores do desenvolvimento da sociedade é a penetração das tecnologias de informação na vida diária das pessoas e no funcionamento e transformação dessa sociedade. Os sistemas integrados de tecnologia dão suportes para esse desenvolvimento, de forma que o sujeito passivo se transforma num habitante hiperconectado, levado a interagir com as redes e os instrumentos de comunicação digitais via internet. Mas quando as estruturas informacionais são deficientes, a formação de conteúdos adequados é deficiente para essa sociedade. Seu avanço dependerá do maior ou menor acesso a tecnologias, da disponibilidade de mão de obra qualificada e da demanda por produtos e serviços mais atualizados. O fato de um país em desenvolvimento importar muitos conteúdos indica que ele é dependente e dominado e não terá uma produção científica e tecnológica adequada ao processo de desenvolvimento enquanto essa realidade não for transformada (SUAIDEN; LEITE apud TARAPANOFF, 2006, p. 102).

No sistema de informação, a convergência tecnológica é a integração de diversas tecnologias de comunicação, computação, telecomunicações, captura e difusão de informações, internet e redes de acesso, incluindo as redes móveis. Com a tecnologia digital, torna-se possível o uso de uma linguagem comum: um filme, uma chamada telefônica, uma carta, um artigo de revista, qualquer um deles pode ser transformado em dígitos e distribuído por fios telefônicos, micro-ondas, satélites ou ainda por via de um meio físico de gravação, como uma fita magnética ou um disco (MIRANDA, 2000). Com a

digitalização, o conteúdo torna-se totalmente plástico, e qualquer mensagem, som ou imagem pode ser editada, ampliando os limites de seus produtos e serviços e promovendo inovações.

A convergência tecnológica parece tender a cancelar a validade de fronteiras entre diferentes tipos de produtos intelectuais e serviços informativo-culturais, bem como a suprimir as linhas divisórias entre comunicação privada e de massa, entre meios baseados em som e em vídeo, entre texto e vídeo, entre as imagens baseadas em emulsão e as eletrônicas e, mesmo, a fronteira entre livro e tela. (MIRANDA, 2000, p. 79)

Ao eliminar os limites entre os meios de comunicação, a convergência cria uma “linguagem digital, na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, trabalhada e disseminada” (SILVA; CORREIA; LIMA, 2010, p. 227). O paradigma da convergência, de que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas, vem transformando a cultura de massa em cultura participativa, interativa, conectada. E as habilidades adquiridas nesse processo podem interferir no modo como aprendemos, trabalhamos e nos comportamos social e politicamente (MIRANDA, 2000).

Para Castells, “as atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores” (CASTELLS, 2003, p. 8), revolucionando a nossa forma de pensar e agir. O processo de digitalização promove uma revolução nas cadeias produtivas da economia e cria espaço para novos modelos de negócio e de comunicação. Para o autor, é através da “galáxia da internet” que ingressamos num novo mundo de comunicação, e ser excluído dessas redes significa “sofrer uma das mais danosas formas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura” (p. 8).

De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2014), mais de 120 milhões de brasileiros têm acesso à internet, porém, com uma distribuição desigual. O Nordeste – a região mais pobre do Brasil – é a que tem o menor percentual de pessoas conectadas: 37,8%, seguido da região Norte, com 38,6%. A região Sudeste é a campeã em conexão, com 57,7% de internautas; a região Sul ficou em segundo lugar (54,8%); e o Centro-Oeste, em terceiro (54,3%).² Suaiden e Leite (2006) entendem que o problema da inclusão digital pode ser tratado por meio de políticas públicas que superem os desafios científicos e tecnológicos. As políticas públicas que não democratizem o acesso à

² Ver INSTITUTO PRÓ-LIVRO (2014).

internet e à informação gerada e compartilhada na rede mundial acabam dificultando o livre acesso de uma parcela da sociedade aos bens culturais básicos. Na pesquisa publicada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)³ sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil, em 2013, os autores sugerem que:

[...] políticas públicas que visem o aumento do uso de serviços de e-Gov devam não apenas focar em iniciativas para disponibilizar o acesso à infraestrutura das TICs, mas também explorar ações que visem o desenvolvimento de competências de uso de internet. (ARAÚJO; REINHARD, 2014, p. 45)

Suaiden e Leite (2006) também concordam que, além do acesso à informação, a compreensão dessa necessidade por parte da população é ainda mais importante. Não basta existir a facilidade de acesso, tem de haver um conhecimento prévio de quem precisa da informação para saber por que precisa e o que fazer com ela; caso contrário, ela se torna invisível para o cidadão. Cada leitor compreende a informação de uma forma diferente, porque ele irá construir a informação a partir da sua formação, ou da sua visão de mundo (RANGANATHAN, 2009). E as políticas públicas têm uma responsabilidade social sobre essa competência do cidadão.

Essa é a diferença entre a sociedade da informação e as anteriores: a necessidade de acesso à informação, mesmo que de forma virtual. Segundo Suaiden e Leite (2006), para que a sociedade progrida, as condições de vida melhorem e se avance no desenvolvimento humano, tem de haver uma aliança entre a academia, o governo, a iniciativa privada e a sociedade civil organizada, cujo fator preponderante é a “dimensão social do conhecimento”.

O papel da academia é fomentar a pesquisa, criar fundamentação teórica, desenvolver metodologias adequadas e produzir conhecimentos que contribuam para a solução dos problemas nacionais. O papel do governo é formular políticas públicas, criar infraestrutura para favorecer a inclusão social e a disseminação do conhecimento. O papel da iniciativa privada é o resgate da sua responsabilidade social. O papel do Terceiro Setor é facilitar as ações de todos os atores anteriormente citados. (SUAIDEN; LEITE apud TARAPANOFF, 2006, p. 113)

³ Responsável pela produção anual de dados e informações estratégicas sobre o acesso e uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e, particularmente, da internet na sociedade e na economia. Os dados são gerados e atualizados pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (<http://www.nic.br/index.shtml>), que geram desde 2005 insumos relevantes para políticas públicas e pesquisas acadêmicas.

Os autores veem nessa união de esforços a única forma possível para implementar-se uma política de justiça social, minimizando as desigualdades e ampliando a sociedade da informação. Segundo Miranda (2000), para garantir que a economia brasileira tenha condições de competir no mercado mundial e seja possível diminuir a exclusão digital, caberia ao governo a responsabilidade de criar os elementos estruturais: instalação de uma plataforma de telecomunicações; financiamento e infraestrutura adequada de bibliotecas e laboratórios; e democratização da internet com a criação de pontos de acesso nas escolas.

O Governo enfrenta, no entanto, um desafio maior: o analfabetismo. E se há excluídos do processo de desenvolvimento econômico do país, não se pode considerar que exista realmente uma “sociedade da informação”. Existe sim a produção científica, que é partilhada entre os pares, gerando uma retroalimentação do conhecimento produzido nas instituições e centros de pesquisa. No entanto, a comunidade científica não representa toda a sociedade, e o livro, que é um dos produtos finais de sua produção, também não é totalmente acessível para essa parcela de excluídos digitais.

Mesmo que conceitualmente o LDE seja proposto como um veículo com características democráticas e multiculturais, visando ampliar o acesso à leitura, o suporte eletrônico ainda se encontra distante da realidade econômica e social da maioria dos brasileiros. E, no entanto, teoricamente, é no LDE que o conceito de leitura compartilhada como ato coletivo e social ganha forma, integrando leitores através de fóruns de discussão em redes sociais, através do acesso à internet.

3.1 A importância da comunicação científica

A comunicação científica revela-se essencial para a ciência porque divulga os resultados das pesquisas e promove sua circulação e disseminação, possibilitando a avaliação pelos pares e contribuindo para a construção do conhecimento na área. Sem ela os cientistas não poderiam divulgar o conhecimento gerado nas universidades, que precisa ser compartilhado para que a pesquisa encontre novos caminhos. Ela é indispensável à atividade científica, pois permite somar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas. Enquanto a divulgação científica cumpre o papel de democratizar o acesso ao conhecimento científico, permitindo que pessoas leigas possam entender a ciência por meio de uma linguagem mais acessível, a comunicação científica, por sua vez, está direcionada a um público menor e especializado.

[...] a comunicação científica visa, basicamente, à disseminação de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos, na comunidade científica, os avanços obtidos (resultados de pesquisas, relatos de experiências, etc.) em áreas específicas ou à elaboração de novas teorias ou refinamento das existentes. (BUENO, 2010, p. 5)

A comunicação científica informal, na forma oral, se dá por meio de fóruns, congressos, nos corredores das universidades e nas conversas do dia a dia. As conferências, colóquios e seminários são “formas públicas de troca de informações”, e “conversas, telefonemas, cartas, faxes, visitas in loco a centros de pesquisa e laboratórios” são formas particulares ou privadas (TARGINO, 2000, p. 20). Na forma escrita, a comunicação é feita por mensagens de texto, em chats, e-mails, WhatsApp, todo conteúdo veiculado pela internet e nas redes sociais. Para Castells (2009), as redes “são estruturas abertas capazes de expandir-se de forma ilimitada”; guardam a memória coletiva e ligam as pessoas através de uma mesma linguagem, “desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação” (CASTELLS, 2009, p. 566). Hoje as pessoas se comunicam pela rede de computadores, que contém a memória da humanidade por meio de bibliotecas, museus, livros e toda forma virtual de registro da cultura escrita (LEVY, 2015) – a “inteligência coletiva”, um tipo de inteligência compartilhada decorrente de uma colaboração multicultural. As comunidades virtuais “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 1999, p. 127). Garvey (1979, p. 151) considera a comunicação científica um “sistema de interação social entre os cientistas”, que, com o avanço das tecnologias de informação, se intensificou. Eles trocam informações continuamente, emitindo-as para seus sucessores e/ou adquirindo-as de seus predecessores. Garvey pontua a importância da necessidade de interação do cientista com os seus pares:

[...] ele precisa obter informações sobre o que foi e o que está sendo publicado na área, pois as pesquisas evoluem do conhecimento já registrado por outros e [...] terá a necessidade de expor suas ideias às reações de seus colegas em vários estágios de seu trabalho. (GARVEY, 1979, p. 20)

A crítica e a contribuição dos seus pares permitem que a ciência avance, pois a partir desse conhecimento eles poderão desenvolver suas pesquisas, se manterem atualizados sobre o que está sendo desenvolvido e examinar a confiabilidade dessas informações e dos textos publicados. A opinião de outros pesquisadores auxilia na reflexão do trabalho e em sua necessidade para a área, desde o início até os resultados das pesqui-

sas. O conhecimento produzido nas instituições de pesquisa deve ser compartilhado para que a sociedade encontre novas formas de solucionar problemas (GARVEY, 1979). Nesse processo interativo, as informações circulam gerando um tipo de “publicação”, como relatórios científicos e documentos de eventos acadêmicos, mais conhecida como “literatura cinzenta”⁴ ou “invisível”. Esses registros fogem ao controle convencional, porque não são publicados formalmente como livros e artigos, não possuem ISBN (International Standard Book Number)⁵ e nem são comercializados, como a literatura científica formal; costumam obter informações inéditas, mais detalhadas, e circulam mais rapidamente na comunidade entre outros pesquisadores, gerando um *feedback* mais produtivo.

3.2 A publicação eletrônica da produção científica

A mudança do suporte impresso para o eletrônico não só tornou a comunicação científica mais interativa em espaços acadêmicos colaborativos – *blogs* científicos, colégios invisíveis eletrônicos (ALVES, 2011) –, como também alterou formatos, padrões e protocolos de comunicação de forma definitiva nos vários meios de comunicação escrita. O registro do conhecimento passou a adquirir configurações características para atender à especificidade da produção científica em todas as áreas. Essa mudança provocou também um número maior de publicações científicas, tornando-se impossível o pesquisador informar-se sobre tudo o que acontece na ciência. Com as novas tecnologias, essa produção pode ser disseminada através da internet em bases de dados, repositórios institucionais, portais acadêmicos e outros espaços virtuais para consulta e compartilhamento.

Em consequência desse volume de publicações, houve a necessidade de se criarem padrões mais rígidos para a organização, o controle e o registro dessa produção – a formação e a produção dos docentes é um dos pontos de exigência das políticas das instituições de fomento a pesquisas. A Capes, que é um dispositivo de exame de avaliação científica, passou a exigir e pontuar mais qualidade da formação dos docentes e de sua produção. E o livro, enquanto documento científico e, portanto, produto representante simbólico do saber (BOURDIEU, 1989), é objeto de avaliação em certas áreas do co-

⁴ Esse termo foi utilizado pela primeira vez em 1978, na Inglaterra, pela British Library Lending Division (BLLD) (ver VARELA, BARREIRA e BARBOSA, 2011).

⁵ “Sistema internacional padronizado que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país, a editora, individualizando-os inclusive por edição. É utilizado também para identificar software, cujo sistema numérico é convertido em código de barras, eliminando barreiras linguísticas e facilitando a sua circulação e comercialização” (Cf. <http://www.isbn.br/website/o-que-e-isbn>).

nhecimento. E por essa razão, apesar de a publicação científica ser um nicho de mercado que ocupa pouco espaço nas prateleiras das editoras comerciais, os pesquisadores continuam publicando livros.

Segundo Targino (2000, p. 10), é a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que se inserem. O produtor, através de sua própria posição de docente, por meio do Programa de Pós-graduação, busca autoridade científica através da publicação (MENEZES, 2012). No modelo formal de publicação, o livro ocupa um lugar de destaque entre “os diversos meios de comunicação escrita”, tais como “periódicos, obras de referência em geral, relatórios técnicos, revisões de literatura, bibliografias de bibliografias” (TARGINO, 2000, p. 18).

Os livros possuem papel fundamental na construção dos saberes na cultura científica e, enquanto registro do conhecimento, devem ser disseminados entre os pares para se constituir como prática social e pública (MENEZES, 2012, p. 33). O pesquisador e docente acumula com o decorrer do tempo um capital de reconhecimento e fidelidade institucional outorgado pelos pares (BOURDIEU, 1989, p. 191) e, por meio do livro publicado, cujo alto valor simbólico científico já se encontra constituído na comunidade acadêmica, ele acumula capital científico.

Na Ciência da Informação,

[...] o livro dissemina seu valor simbólico cultural para a legitimação do dito no microcosmo do campo. Logo, o livro, com seu gosto constituído, auxilia os agentes do campo na aquisição de reputação, isto é, na acumulação de capital científico, que legitima a autoridade científica. (MENEZES e ODDONE, 2014, p. 18)

Em função das comunicações eletrônicas, a expansão geográfica das fronteiras da comunicação científica gerou um modelo híbrido de publicação, em que o impresso e o eletrônico se complementam de forma pacífica, afetando também o livro. Além dos formatos já conhecidos de publicações digitais (os periódicos eletrônicos, principalmente), o livro digital e eletrônico (LDE) surge como uma opção para atender à demanda por divulgação da produção científica, que tem crescido a cada dia nas universidades.

A pesquisa de Velasco já em 2008 sinalizava a utilização do LDE entre os pesquisadores. Por meio da aplicação de questionário, 60,7% de um universo de 153 do-

centes brasileiros responderam à autora que não utilizavam o suporte. Com base nesses dados, ela chegou à conclusão de que

[...] as informações impressa e digital devem conviver harmoniosamente como opções diferentes e complementares. Pode-se afirmar [...], com base nos dados coletados e analisados, que esta já não é mais uma hipótese, e sim, uma realidade da Sociedade da Informação. As duas formas de inscrição (impresso e digital) já convivem nos programas de pós-graduação do país, de forma lenta, mas gradativa. (VELASCO, 2008, p. 144)

Darnton (2010) defende a leitura eletrônica de textos curtos e acha que o LDE pode atender à demanda da produção acadêmica de certas áreas que não têm espaço nas editoras comerciais, como a de Ciências Sociais Aplicadas e a de Humanas. A importância do LDE para a comunicação científica, aliada à internet, corresponde à necessidade de se ter acesso a um volume maior de informação de forma mais organizada num único suporte e disponível em qualquer lugar e a qualquer momento. Essa necessidade é uma característica do próprio ambiente acadêmico, que demanda produção, otimização de tempo, pesquisa, grande memória de armazenamento e acessibilidade. Por isso o LDE é totalmente compatível com a atividade científica e, se devidamente explorado, tem potencial para tornar-se, além de um suporte físico de auxílio, uma ferramenta valiosa para os pesquisadores.

3.3 Políticas de livre acesso para a produção acadêmica

A publicação eletrônica – ou os textos produzidos e disponibilizados livremente por vias digitais e eletrônicas em rede – geraram um impacto nas universidades, nas editoras, nas bibliotecas e nas agências governamentais de fomento à pesquisa. Enquanto editores, de um lado, procuram garantir seus direitos autorais, com o argumento de que protegem o autor e a integridade do texto, do outro lado, movimentos de acesso livre reivindicam a disponibilização total das publicações acadêmicas. Baseado nos termos da Declaração de Budapeste (2002) e na Declaração de Berlim sobre o acesso livre ao conhecimento nas Ciências e Humanidades (2003), a iniciativa surgiu em protesto à industrialização das revistas eletrônicas vendidas a preços caros. A Declaração de apoio ao acesso aberto à literatura científica, "Carta de São Paulo", recomenda “que sejam estabelecidas políticas de incentivo para a criação de publicações digitais de acesso

aberto” (MACHADO et al., 2005). O argumento é que hoje as tecnologias quebraram a cadeia que envolve a produção, logística, planejamento e custos de estocagem e distribuição, não necessitando do editor como mediador entre o produtor/autor e o leitor.

Mueller (2006) defende a legitimação e legitimidade das publicações eletrônicas de acesso aberto como elemento essencial para sua plena aceitação pela comunidade científica.

[...] nos processos de avaliação, algumas opiniões às vezes contam mais que outras, algumas opiniões influenciam mais que outras. Todos, no entanto, devem ter sua autoridade legitimada pelos colegas, para que suas decisões sejam aceitas. (MUELLER, 2006, p. 30)

A autora avalia o fortalecimento da avaliação prévia e do amadurecimento das ideias pioneiras de democratização na publicação do conhecimento científico. Reconhece o papel das editoras e das elites de cada área como poderes com maior influência na direção e velocidade do percurso das publicações eletrônicas de acesso livre e sua incorporação ao sistema de comunicação científica como canais legítimos. Para Darnton (2010), existe um crescimento da legitimidade dos textos em telas relacionados ao livro, devido ao crescimento de leitores, tanto nativos digitais quanto os mais velhos, que já se familiarizaram com a nova linguagem de hiperlinks em vez da virada de páginas.

A não disponibilização do livro em acesso aberto é uma decisão de política editorial, pois as editoras possuem os arquivos finais de impressão em PDF de todos os livros. O PDF não é um livro eletrônico, mas é o formato fechado padrão de texto para ser enviado à gráfica e que pode ser lido em qualquer dispositivo digital e eletrônico. Algumas editoras, como recurso de marketing, permitem o acesso livre a algumas páginas do livro no formato PDF para que o leitor possa folhear – muitas vezes essa amostra é apresentada em flip book on-line,⁶ formato que também converte o texto para PDF. A maioria dos livros avaliados pela Capes e registrados na base de dados do ISBN como e-pubs, entre 2010 e 2012, teve uma primeira edição em versão PDF (ver Apêndice 1), talvez pelo fato de não gerar custo extra para a editora.

⁶ O flip book on-line foi criado baseado no conceito do flip book em papel, que é um pequeno livro que ilustra um conjunto de imagens sequenciais, página a página, dando a ilusão de movimento. Sua característica está na “virada de página”, cuja passagem de uma imagem estática (livro) para imagens em movimento (cinema) faz dele uma mídia única e transitória (Disponível em: <<http://www.dw.de/ilus%C3%A3o-do-movimento-na-palma-da-m%C3%A3o/a-1681451>>. Acesso em: 18 jun. 2015).

Nesta pesquisa, durante o levantamento das informações editoriais, foram identificados sites (ver Apêndice 6) e blogs acadêmicos voltados especificamente para a disponibilização de conteúdos digitais e compartilhamento aberto de livros convertidos para o formato PDF, mesmo os digitalizados. Alguns exigiam o cadastro do usuário ou compartilhavam o arquivo via redes sociais, por meio do acesso on-line do usuário, sugerindo a divulgação do site nas redes ou a ideia de adesão ao conceito de livre compartilhamento. Pôde-se observar uma iniciativa entre estudantes e pesquisadores da área, mesmo sem a autorização prévia de editoras ou de autores, em compartilhar obras, por exemplo, caídas em domínio público; de amplo uso na área em questão; de difícil acesso; com preços altos; de títulos com muitas páginas. Esse movimento virtual paralelo à divulgação formal pode contribuir naturalmente com a divulgação da obra em questão e estimular nos usuários o interesse em consumir LDEs. Sites como esses, assim como alguns repositórios institucionais, definitivamente contribuíram para que esta pesquisa pudesse ter acesso aos dados editoriais dos livros não encontrados no sistema de cadastro do ISBN.

3.3.1 Rede SciELO Livros

A Rede SciELO Livros, formada pelas editoras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Edusp), Universidade Federal da Bahia (Edufba) e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), foi o primeiro consórcio brasileiro a enfrentar as dificuldades do mercado editorial eletrônico no Brasil e a inserir as editoras universitárias nacionais no mercado de publicações de LDEs em âmbito internacional. Assim como os consórcios internacionais, a rede utiliza todos os meios e soluções disponíveis para maximizar e ampliar a visibilidade, a acessibilidade, o uso e o impacto das pesquisas científicas produzidas nas universidades. Segundo Abel Paker, coordenador gestor da rede, sua missão é “fortalecer e desenvolver capacidades e infraestruturas para a editoração e publicação de livros acadêmicos de qualidade crescente seguindo o estado da arte internacional” (PAKER, 2012).⁷

Os livros são selecionados segundo controles de qualidade aplicados por um comitê editorial científico, e os textos em formato digital são preparados segundo padrões internacionais que permitem o controle de acesso e de citações. Os livros podem

⁷ PAKER, Abel. Lançamento SciELO Books – os livros bons são eternos. *REA-Recursos Educacionais abertos*, 4 abr. 2012. Entrevista concedida a Carolina Rossini. Disponível em: <<http://www.rea.net.br/site/lancamento-scielo-books-os-livros-bons-sao-eternos/>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

ser lidos em leitores de LDEs, tablets e smartphones que suportam os formatos PDF, e-pub e telas de computador. O objetivo da rede é

[...] contribuir para a disseminação da informação e conhecimento científico publicado em livros acadêmicos e técnicos, assim como fortalecer e desenvolver as capacidades e infraestruturas nacionais em editoração eletrônica, publicação e comercialização on-line de livros eletrônicos entre os países que participam da Rede SciELO.⁸

O Projeto SciELO Livros indexa e publica livros em acesso livre e comerciais, indicados pelas editoras participantes, que decidem sobre a modalidade de acesso. Dentre as editoras que disponibilizam seu conteúdo estão: a Editora Fiocruz, com 177 títulos; Edufba, com 71; Editora Unesp, com 181; Eduepb, com 20; Eduel, com 10; EdUFSCar, com 19; Fap-Unifesp, com 12; Eduem, com 6; e Editora Mackenzie, com 9⁹. Os LDEs SciELO Livros em acesso aberto são operados sob a licença Creative Commons¹⁰ e não possuem DRM (Digital Rights Management) ou Gerenciamento de Direitos Autorais. Quem acessa o conteúdo tem o direito de compartilhar (copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e criar a partir do material), desde que se respeitem os termos da licença.¹¹ O Portal já possui quase seiscentos mil títulos disponíveis, mais de trezentos com acesso livre; quase cinco mil capítulos com acesso livre; e mais de dois mil autores participantes.¹² Os livros são de diversas áreas, mas principalmente das Ciências Sociais Aplicadas, de Humanas e de Saúde.

3.3.2 Repositórios institucionais digitais (RI)

Outra forma democrática de acesso ao conhecimento é através do depósito da produção científica em repositórios digitais institucionais (RI) – ou via verde –, nas universidades, para a disponibilização de consulta à produção intelectual de seus docentes e pesquisadores. Sua função primordial é dar visibilidade e transparência à produção inte-

⁸ Critérios SciELO Livros – Critérios, políticas e procedimentos para a operação das coleções de livros eletrônicos. *SciELO Livros*, fev. 2014. Disponível em: <<http://books.scielo.org/criterios-scielo-livros-criterios-politicas-e-procedimentos-para-a-operacao-das-colecoes-de-livros-eletronicos/>> Acesso em: 12 abril 2015.

⁹ Dados referentes ao acesso em abril de 2015.

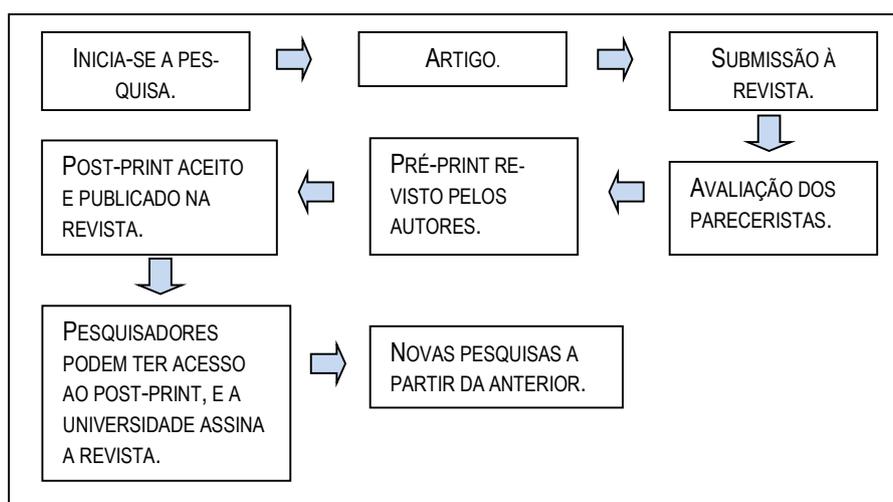
¹⁰ Creative Commons é uma ONG localizada em Mountain View, na Califórnia, para ampliar a quantidade de obras criativas disponíveis, com licenças que permitem a cópia e o compartilhamento com menos restrições que o tradicional “todos direitos reservados” (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Creative_Commons>. Acesso: 27 jun. 2015).

¹¹ Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/>. Acesso em: 12 abr. 2015.

¹² Dados referentes ao acesso em abril de 2015.

lectual de forma ordenada, contribuindo para uma política de disseminação da contribuição da universidade para o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural. Antes dos RIs, o pesquisador tinha acesso à informação científica através de biblioteca ou por intermédio de um portal, como o Portal de Periódicos da Capes. Nesse antigo ciclo da comunicação (Figura 1), o pesquisador publicava os resultados de sua pesquisa numa revista com a avaliação dos pareceristas.

Figura 1: Antigo ciclo da comunicação científica.

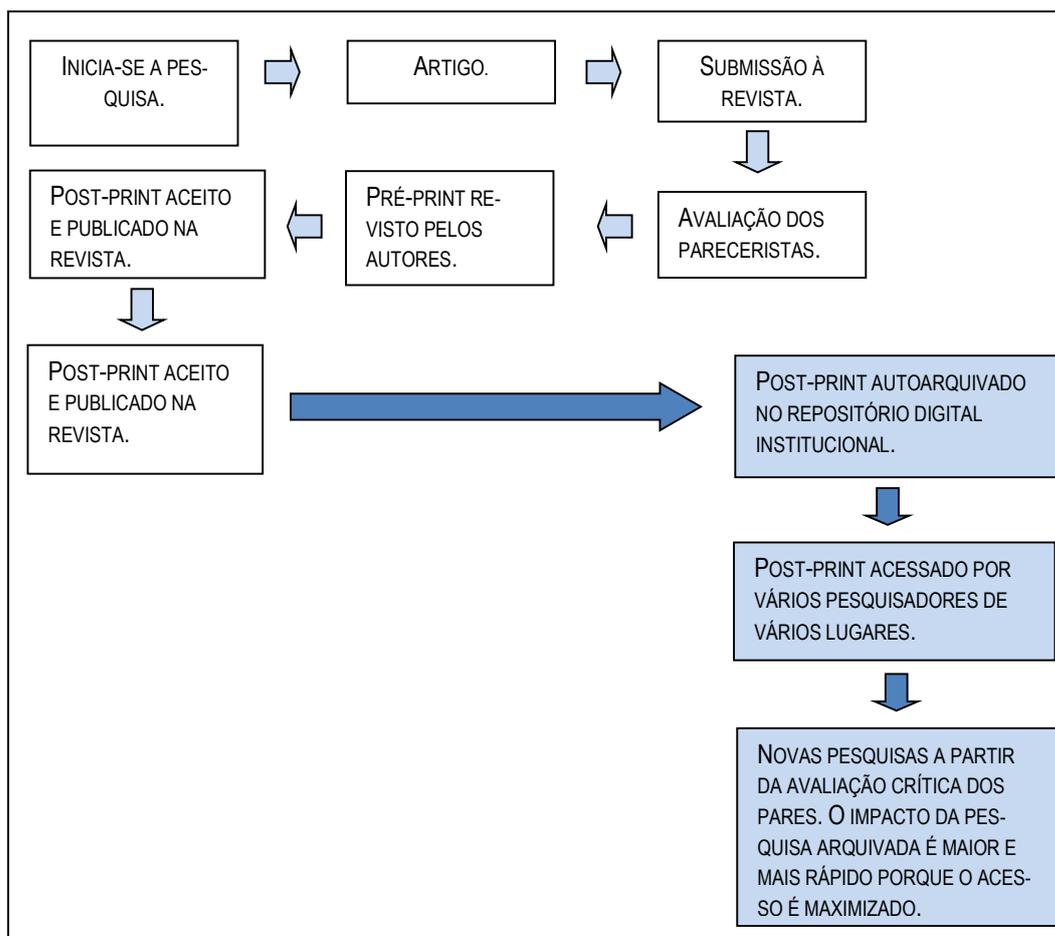


Fonte: Modelo adaptado a partir da apresentação de slide de Elói Rodrigues, da Universidade do Minho.¹³

A revista era distribuída, e as bibliotecas só podiam disponibilizar o conteúdo em suas coleções depois de terem feito a assinatura ou através de um portal de periódicos. Nesse modelo de acesso limitado, o novo ciclo de impacto só aconteceria a partir do acesso às instituições que mantinham a assinatura da revista. Já na proposta do movimento do acesso livre à informação (via verde), o artigo que o pesquisador submeteria aos periódicos para obter reconhecimento e visibilidade tem seu pré-print depositado no repositório digital institucional – a nova fonte de informação –, para que as pessoas possam acessá-lo de graça, de qualquer lugar (Figura 2).

¹³ Disponível em: <<http://kuramoto.blog.br/2011/03/22/diferenca-entre-o-velho-e-o-novo-ciclo-da-comunicacao-cientifica/>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

Figura 2: Novo ciclo da comunicação científica.



Fonte: Modelo adaptado a partir da apresentação de slide de Eloi Rodrigues, da Universidade do Minho.¹⁴

Esta é a diferença entre o antigo e o novo ciclo da comunicação científica: o pesquisador deixa de depender dos periódicos assinados pela biblioteca de sua instituição ou por portais como o de periódicos da Capes. Nesse modelo, o pesquisador, com a devida autorização da editora, publica o seu original como pré-print no RI de sua instituição para que ganhe visibilidade e possa ser avaliado pelos pares. O RI mantém a produção científica organizada e armazenada num só lugar, a universidade ganha visibilidade a nível internacional, e os pesquisadores passam a ser mais citados. Essa dinâmica proporciona a integração de sistemas de coautoria e de parcerias entre instituições, tanto entre os próprios colegas das mesmas universidades como de outras, nacionais e internacionais.

No Brasil, os repositórios digitais mais conhecidos são os da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através do Lume; da Universidade de Brasília (UnB); da Universidade de São Paulo (USP), que é de dissertações e teses; e do Institu-

¹⁴ Idem.

to Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).¹⁵ Segundo o estudo de Rosa et al. (2013, p. 162), no entanto, há poucos livros e capítulos de livros depositados em RI e baixa adesão das editoras universitárias, destacando “a falta de um serviço que apresente as políticas das editoras científicas frente ao acesso aberto”. Para a autora, as editoras universitárias poderiam trabalhar de forma colaborativa com os repositórios nessa tarefa, por abrangerem todas as áreas do conhecimento e publicarem textos produzidos por pesquisadores de diversas instituições e avaliados pelos pares. Para os autores, os RI são ferramentas valiosas que complementam a sua função de disseminar a produção científica. Andrade, no entanto, discorda dos autores ao considerar esse modelo dispersivo e propõe a criação de uma única plataforma subsidiada pelo Governo, a exemplo da Plataforma Lattes, como “solução coletiva” (ANDRADE, 2014, p. 2). A plataforma concentraria os arquivos dos pesquisadores brasileiros, os quais manteriam suas informações atualizadas, e o Governo se encarregaria de concentrar os fluxos dessas informações em um só lugar.

Martins e Carmo, em seu artigo *Criação da cadeia de suprimentos para e-books*,¹⁶ também propõem a criação de uma política governamental de desenvolvimento de coleções eletrônicas e de uma plataforma única de aquisição, gestão e disseminação dos livros digitais e eletrônicos. O objetivo é melhorar a eficiência e a eficácia nos processos de seleção e aquisição dos LDEs e democratizar o seu acesso. E para que isso ocorra, “ações estratégicas que favoreçam a adequação dos modelos de negócios entre os atores do mercado editorial” (MARTINS; CARMO, 2015, p. 287) seriam necessárias para que a sociedade possa efetivamente desfrutar democraticamente da leitura digital. Nesse modelo, as relações de negócios do mercado editorial seriam aprimoradas e adaptadas às políticas de desenvolvimento de coleções da Biblioteconomia, de acordo com as relações de negócios entre as bibliotecas e os fornecedores de materiais bibliográficos.

¹⁵ O IBICT criou o Diadorim (Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras), que é um diretório que faz parte do conjunto de serviços de acesso aberto e cumpre a função de identificar, sistematizar e disponibilizar as informações das políticas estabelecidas pelas editoras dos periódicos brasileiros referentes ao armazenamento dos artigos nos repositórios institucionais. Disponível em: < <http://diadorim.ibict.br/teste.jsp>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

¹⁶ O trabalho ganhou prêmio de Menção Honrosa na I Jornada de Pós-graduação da Unirio em outubro de 2015.

3.4 Bibliotecas universitárias

As universidades surgiram entre os séculos XIII e XV, e logo depois a biblioteca universitária foi criada para que os estudantes pudessem pesquisar.¹⁷ A partir daí a figura do bibliotecário tornou-se imprescindível para a organização e normalização da informação e disseminação do conhecimento, pois tinham como função orientar os alunos no manuseio dos suportes e na pesquisa. A imprensa rompeu com o monopólio da Igreja, dessacralizando os livros e deixando à biblioteca a função socializadora do conhecimento. Com a multiplicação da informação, tornou-se necessário o seu controle, e selecionar, classificar e hierarquizar a produção impressa também passou a fazer parte da atividade editorial (CHARTIER, 1994b).

Com o passar dos anos, o crescimento da literatura científica provocou um impacto nas bibliotecas, exigindo espaço físico de armazenamento disponível para suprir essa demanda, além de alterar o seu papel social e a participação dos bibliotecários. As novas tecnologias solucionaram em parte o problema de espaço, mas exigiram delas uma reestruturação e adaptação ao novo modelo. A biblioteca deixou de ser um espaço físico de armazenamento, cujo conceito de posse deu lugar ao de acesso à informação. A biblioteca digital como representação do conhecimento é definida por Alvarenga como

[...] uma seleção de documentos destinados a determinada comunidade, concebidos ou convertidos para o meio digital, preferencialmente em toda sua integridade, disponibilizados na internet, desmaterializados de suas condições físicas tradicionais e constituídos de funções inteiramente novas, que lhe garantem hipertextualidade e caráter multimidiático. Os novos documentos digitais tornam-se passíveis de acatar inúmeros arranjos e tipos de abordagem no processo de recuperação. (ALVARENGA apud CAMPOS, 2006, p. 28)

A expansão do conhecimento científico provocado pela informação virtual na pós-graduação tem interferido em vários setores da comunicação científica, e as bibliotecas universitárias também tiveram de reestruturar-se trabalhando em parcerias com instituições de fomento. O Portal da Capes¹⁸ disponibiliza conteúdo digital de referência e literatura acadêmica com as mais variadas fontes e áreas de conhecimento. A Capes dá

¹⁷ Disponível em: < <http://portaldobibliotecario.com/2015/04/28/biblioteca-e-bibliotecario-ao-longo-da-historia/>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

treinamento aos bibliotecários das instituições públicas e garante aos seus usuários o acesso aos livros e periódicos assinados para pesquisa.

A biblioteca atual agrega diversas tecnologias e coleções, tanto impressas quanto eletrônicas, cujo acesso pode ser feito pela internet. No entanto, segundo o estudo de Magalhães (2013), os parâmetros da formação dos LDEs para compor as coleções das bibliotecas universitárias públicas brasileiras nem sempre correspondem à realidade. E a autora aponta a necessidade emergente de políticas públicas consistentes para o desenvolvimento dessas coleções e que contemplem os recursos digitais para a sua formação. Costa e Cunha (2014) também afirma que não há políticas de formação de coleção para aquisição de LDEs nas bibliotecas públicas e universitárias. Um levantamento das necessidades dos usuários teria de ser feito antes de se definirem os modelos de negócios, sendo até mais viável e econômico utilizar mais de um modelo, tendo como referência a usabilidade dos títulos.

Em palestra proferida na conferência internacional “O desafio das bibliotecas digitais”, na Fundação Getúlio Vargas, em agosto de 2014, Sarah M. Pritchard, diretora da biblioteca da Universidade Northwestern (USA), também alertou que, antes de compor a coleção de uma biblioteca digital, além do dispositivo digital, deve haver uma reflexão sobre a relevância do conteúdo disponibilizado: se abarca a área, se é um material revisado pelos pares e se tem prestígio e reputação acadêmica. Segundo Sara, a Internet ampliou a cultura escrita e nunca se publicou tanto quanto hoje, mas é a cultura do livro impresso que nos possibilita ter uma leitura crítica da informação veiculada, daí a importância do registro físico como referencial cultural.

Para Graham Walton, diretor da biblioteca da Universidade de Loughborough (Reino Unido), em palestra na mesma conferência, não é só a questão tecnológica que se deve levar em conta ao se planejar uma biblioteca virtual no espaço de uma biblioteca física, mas o valor etnográfico do “espaço” do ensino. Para ele, a biblioteca digital transforma o campus universitário num centro de pesquisa virtual vital para promover a interatividade social entre alunos, professores e pesquisadores. A tecnologia não só conecta pessoas, mas também estimula a pesquisa e a troca multicultural no campus.

As bibliotecas deveriam promover a inclusão social, no entanto, muitas vezes elas são totalmente desassociadas da realidade da comunidade onde estão inseridas, tornando-se até invisíveis, principalmente para os cidadãos que mais precisam dela. E mesmo assim, em relação a outros países da América Latina, “o acesso aos livros via

bibliotecas tem maior peso no Brasil (26%) e no México (20%)” (CER-LALC/UNESCO, 2012, p. 16). Para Suaiden e Leite (apud TARAPANOFF, 2006, p. 105- 106), a falta de orçamento para as atividades de disseminação da informação é uma prova de que as bibliotecas não provocam nenhum impacto social nas organizações propagadoras e multiplicadoras de uma política educacional.

Para José Castilho Marques Neto, secretário executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura/MinC, tanto a técnica quanto a tecnologia não são valores em si, e “Só viabilizar o acesso aos suportes eletrônicos de leitura é insuficiente para a formação de novos leitores”.¹⁹ As soluções de inovação tecnológica apresentadas pelas políticas públicas para escolas, bibliotecas e laboratórios estarão sempre permeadas por determinantes econômicos como nossa cultura oral, o atraso histórico da educação brasileira e o atraso na escrita. Segundo ele, as políticas públicas devem visar a diversidade multicultural brasileira e o pluralismo tecnológico para construir um Brasil mais democrático. É necessário investir em formação continuada e em agentes de leitura, tanto no aparelho do Estado quanto na sociedade, para constituir o vértice que o PNLL defende.

Gama-Ramírez (2006) chama a atenção para outro ponto relevante para a área da Ciência da Informação: a importância da responsabilidade do bibliotecário na escolha do LDE.

[...] os bibliotecários e outros profissionais da informação devem redobrar esforços para conhecer melhor, refletir e avaliar as ferramentas disponíveis no mercado da indústria da informação como forma de aperfeiçoar a administração, o controle e o uso dos chamados livros eletrônicos. (GAMA-RAMÍREZ apud VELASCO, 2008, p. 39)

O bibliotecário deve acompanhar as mudanças do espaço físico da biblioteca ocasionadas pelo novo ambiente digital e sua transformação em área de interatividade. É imprescindível a sua participação na definição dos formatos dos LDEs, nas necessidades de informação dos usuários, nas tendências de impressão sob demanda e nos modelos de acesso adequados como fonte de consulta. Deve conhecer os tipos de conteúdo que irá oferecer aos usuários, os tipos de LDEs, seus fornecedores e os modelos de ne-

¹⁹ Em palestra sobre O acesso à leitura como política pública: tradição e inovação tecnológica, proferida no colóquio internacional “Conteúdos digitais em bibliotecas: inovações de mercado, práticas profissionais de mediação e desafios ligados à inserção no território”, na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, no dia 1º de setembro de 2015.

gócios disponíveis para bibliotecas – atualmente são oferecidos a assinatura, o acesso perpétuo, o empréstimo em curto prazo e a aquisição orientada pelo usuário.

A assinatura é o modelo adequado para quem pretende estar atualizado com as edições mais recentes; a biblioteca adquire apenas o direito de acesso aos livros por um período determinado, e seu custo é anual. Já o acesso perpétuo é indicado para os livros de coleção impressa que são sempre utilizados e raramente publicados. O preço do LDE nesse modelo é mais caro, e o acesso normalmente é feito através de uma plataforma on-line, que pode ser da biblioteca ou alugada. No empréstimo em curto prazo, a biblioteca paga pelo conteúdo visualizado – o capítulo, o livro ou só uma seção –, que varia entre 10 e 15% do valor total do livro. Na aquisição orientada pelo usuário (ou por demanda), os LDEs são selecionados a partir do catálogo on-line da biblioteca, que determina, junto com o vendedor, a quantidade e o tipo de uso da compra. Quando o usuário acessa o livro na plataforma do vendedor, a biblioteca é cobrada pelo título e passa a possuir seu acesso depois de um número predeterminado de visitas (COSTA; CUNHA, 2014).

Se o modelo de acesso por através de download, tanto as bibliotecas públicas quanto as universitárias oferecem LDEs que podem ser emprestados por um período fixo, e depois o acesso é removido pelo DRM (Digital Rights Management). Em bibliotecas universitárias, os capítulos podem ser baixados e guardados permanentemente pelo usuário, como se fosse um periódico. Independentemente de serem acessados on-line ou através de download, a escolha certa dos modelos de acesso – um por vez, vários usuários e número ilimitado de usuários – também é importante. Não importa a escolha feita pelo bibliotecário, tanto o modelo de negócios quanto o modelo de acesso deve ser o mais adequado às necessidades dos usuários. E o bibliotecário deve, nesse momento, ter consciência da importância das bibliotecas e do seu potencial para a comunidade científica.

Se as editoras ocupam o primeiro lugar em termos de sua influência no fluxo de textos científicos através do canal de comunicação de impressos em papel, as bibliotecas ocupam honroso segundo lugar. São elas os mais importantes compradores de publicações científicas, tanto livros quanto periódicos, de modo que suas decisões afetam as editoras, bem como os leitores. (MEADOWS, 1999, p. 131)

As bibliotecas possuem modelos de negócios bem específicos com as editoras, através de acordos, contratos, licitações e até pregões. Muitas vezes as distribuidoras que comercializam o livro é que negociam com a biblioteca e a editora, encarregando-se dos acordos. No Estado americano do Colorado, por exemplo, em 2014, as bibliotecas

firmaram contrato diretamente com as editoras, evitando as distribuidoras e passando a ser donas dos arquivos digitais – essa modalidade economiza tempo e dinheiro. Nos outros países, o limite de downloads tem sido aceito como condição por algumas bibliotecas, que também podem dispor de portais como a *Public Library Online*²⁰ como alternativa para serviço de empréstimo grátis.

Muitas bibliotecas brasileiras, acompanhando o que já vem acontecendo nas bibliotecas dos Estados Unidos e em países da Europa e da Oceania, passaram a adquirir dispositivos eletrônicos e LDEs para que seus usuários possam usar e baixar os livros. Bibliotecas como a da zona Norte de São Paulo, por exemplo, disponibilizam Kindles para os usuários utilizarem dentro da própria biblioteca (IDOETA, 2013). Existe mais de um modelo de empréstimo digital: alguns são através de uma conta do usuário associada à da biblioteca para o livro ser baixado via cabo USB; já outros exibem o acesso de forma sincronizada apenas com alguns cliques. De acordo com estudos de Magalhães (2012), no Brasil, as 54 universidades públicas brasileiras oferecem bases de dados com coleções de LDEs, mas ainda esbarram com o preço praticado pelas editoras que dificultam o empréstimo de obras e tornam o acesso limitado para cada usuário e com questões relacionadas ao direito autoral.

Para Robert Darnton (2010), que também foi fundador do projeto Gutenberg-e²¹ – que promove a digitalização de obras literárias mundiais e as disponibiliza gratuitamente –, bibliotecas e editoras universitárias poderiam trabalhar de forma colaborativa: de um lado, as editoras disponibilizando periódicos e LDE para as bibliotecas; de outro, as bibliotecas digitalizando seus acervos e tornando-os acessíveis ao leitor. Apesar de haver uma parceria natural entre editoras e bibliotecas universitárias, pela própria natureza de suas atividades – “produção e organização do material, [...] desde os primórdios da comunicação científica” (Meadows, 1999, p. 127) –, ainda se resente a falta de uma política de colaboração entre os dois canais de comunicação. Pelo menos as editoras, detentora dos direitos autorais, poderiam contribuir mais com a disponibilidade do livre acesso ao produto final do conhecimento gerado na universidade e gerido por órgãos de fomento à pesquisa.

²⁰ Ver <<http://uk.publiclibraryonline.com/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

²¹ O projeto Gutenberg-e é a mais antiga biblioteca digital, cuja plataforma disponibiliza gratuitamente livros digitalizados (cf. <<http://www.gutenberg-e.org/index.html>>).

3.5 Editoras universitárias

A primeira editora universitária brasileira foi criada em 1955, na Universidade Federal de Pernambuco (1955), e só nos anos 1960 é que surgem outras editoras universitárias ligadas às Instituições de Ensino Superior (IES). Muitas funcionavam como gráficas universitárias e não havia uma política editorial e um perfil de atuação definido (ROSA, 2013b). Entre os anos 1960 a 1970, a “repressão” imposta pela ditadura militar impediu a criação de novas editoras, e as que existiam tiveram dificuldades para se estabelecer (HALLEWELL, 2012, p. 698). Só nos anos 1970 é que elas retomam lentamente e surgem as primeiras editoras federais, tendo sua origem na imprensa oficial. “Foi a imprensa que contribuiu para tornar o livro, potencialmente, um objeto de comunicação de massa e, em decorrência, para modificar, segundo Robert Scarpit, as relações entre o autor e o leitor” (BUFREM, 2001, p. 154).

No início da década de 1980, com a criação do Proed (Programa de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual nas Instituições de Ensino Superior Federais), cujo objetivo inicial era “promover a publicação da produção científica e intelectual das IES” (HALLEWELL, 2012, p. 699), é que elas ganham expansão. Nesse período, foram criadas 26 editoras universitárias, as quais publicavam juntas em torno de 250 títulos por ano. Em 1987 foi criada a Abeu (Associação Brasileira das Editoras Universitárias), cujo trabalho coletivo propiciou capacitação do corpo técnico e parcerias e coedições, garantindo a presença em bienais, feiras de livros nacionais e internacionais e eventos acadêmicos.

Nos anos 1990, as editoras universitárias profissionalizaram-se com a formação de departamentos, a criação de perfis multidisciplinares de coleção para consolidar as linhas editoriais e atender ao público-leitor de graduação e pós-graduação, além de aperfeiçoarem a produção gráfica dos livros. Em 2003, as editoras associadas à Abeu publicaram mais de oitocentos novos títulos; e, em 2004, 49 dessas editoras formaram o maior estande da XVIII Bienal Internacional de Livros de São Paulo (HALLEWELL, 2012, p. 700). Esse crescimento deveu-se à expansão do ensino superior no Brasil e ao aumento de alunos de pós-graduação.

A produção científica, apesar de ser pouco procurada pelas editoras comerciais, é um nicho de mercado para as universitárias, que são responsáveis por 8% dos livros publicados no país. Uma editora universitária encontra, no entanto, muitas dificuldades em sua estrutura, que vão desde administrativa até editorial. Conceitualmente não possuem fins lucrativos, e sua principal fonte de renda são os convênios com as próprias

instituições de ensino para arcar com os custos que envolvem a produção do livro. E como os recursos gerados com a venda de livros geralmente entram num caixa único da universidade, também não possuem autonomia para gerenciar gastos com contratação de pessoal e compra de insumos. Se, por princípio, deveriam atender à demanda da publicação do conhecimento gerado na própria instituição, ao contrário, não conseguem acompanhar o ritmo acelerado da produção intelectual na era digital.

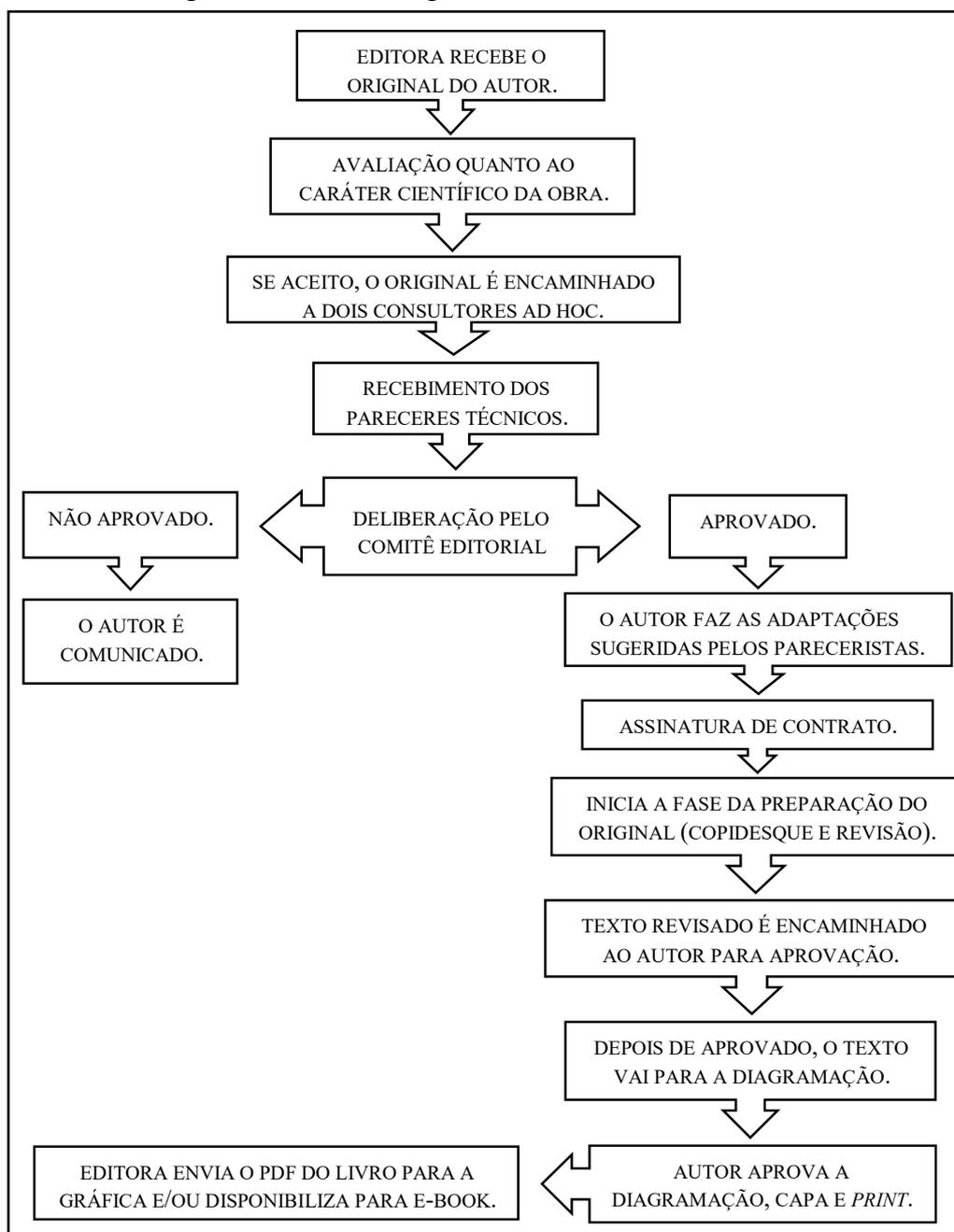
As editoras universitárias também necessitam de ajuda financeira, infraestrutura tecnológica com mão de obra especializada e política editorial para compor suas coleções. Da mesma forma como as bibliotecas universitárias ressentem a falta de políticas públicas para a composição de seus acervos e coleções, as editoras universitárias também carecem de uma política editorial que contemple todas as áreas do conhecimento. A sua postura passiva a torna refém do perfil profissional de cada gestor e dos originais de dissertações e teses de doutorado que recebem dos autores/docentes, que muitas vezes se negam a transformar essa produção textual em livro. E mesmo possuindo um modelo conservador na seleção dos originais e levando mais de um ano para produzir um livro – verdadeiro obstáculo para muitos autores –, as editoras universitárias ainda possuem credibilidade na comunidade acadêmica.

A Figura 3 mostra a rotina que existe no processo de seleção e avaliação do original numa editora universitária, desde o momento em que chega às mãos do editor até o seu envio para a gráfica em formato fechado (digital) de livro. Existe um procedimento padrão que é dado ao original – tanto para um LDE quanto para um livro em papel – e que só muda de acordo com a estrutura de cada editora e a sua forma particular de tratar os seus originais. Geralmente ele é selecionado ou não, de acordo com uma análise prévia pela equipe editorial, e depois é avaliado pelos pares – o comitê editorial. Uma vez aceito para ser publicado e tendo as adaptações ou correções solicitadas pelos consultores ad hoc realizadas pelo autor, tem o mesmo tratamento editorial de todos os livros publicados na editora. Mesmo os formatos eletrônicos, ou seja, os que são produzidos especificamente para serem lidos em leitores digitais, como os e-pubs, passam pelo mesmo processo de avaliação; o que muda é a sua produção gráfica e forma de disponibilização.

O fato de se submeter à avaliação de um conselho editorial *ad hoc* e ser publicado por uma instituição universitária faz com que muitos autores tenham a perseverança de ficarem na fila de espera. Os originais que conseguem ultrapassar essas barreiras e

chegar às prateleiras com um selo acadêmico carregam em si a chancela dos pares e maior credibilidade do leitor.

Figura 3: Fluxo do original numa editora universitária.



Fonte: Modelo elaborado para esta pesquisa.

Dourado (2012), em seu estudo sobre a produção de LDEs em editoras universitárias brasileiras, afirma que a principal inovação do setor editorial são os LDEs, mas nem todas as editoras universitárias dispõem de recursos e ainda estão se reestruturando para atender à demanda de acesso às pesquisas. Algumas adotam um sistema de terceirização através de agências que oferecem serviços digitais para a produção do LDE;

outras trabalham em parceria com editoras que já possuem alguma infraestrutura; e há as que apenas disponibilizam o formato de arquivo de impressão – o PDF. Segundo a autora,

[...] as mudanças ocorridas nas formas de produção de livros acadêmicos, no Brasil e no mundo, pressionaram as editoras universitárias a adotar estratégias de inovação editorial, que incorporam processos e produtos digitais. (DOURADO, 2012, p. 42)

Apesar de algumas já utilizarem a publicação digital como novo modelo de negócios – de 120 editoras universitárias recuperadas em sua pesquisa, 25 publicam LDEs e os disponibilizam com acesso aberto em seus sites –, ainda esbarram com questões sobre direitos autorais. Para Raquel Menezes (2015), presidente da Liga Brasileira de Editores (Libre), o pagamento dos direitos autorais ainda é um dos entraves, porque é difícil controlar a licença de uso, e o autor não pode receber pelo que o leitor leu, pois não tem como sabê-lo.²²

Como cobrar o direito autoral de um conteúdo e não de um suporte, que o leitor leva para casa? [...] Existem problemas burocráticos e jurídicos que impedem que o digital seja uma solução para as editoras nesse momento de crise no país. Ainda não existe migração no universo digital de um título bem vendido de uma editora independente para uma grande, como acontece com o impresso. (MENEZES, 2015)²³

As revistas impressas, no meio acadêmico, têm migrado para o digital, mas o mesmo não tem acontecido com o livro²⁴ – ainda é difícil abrir mão dos velhos padrões e adaptar-se aos novos modelos de publicação para vencerem suas limitações. Muitos autores não concordam nem com a livre disponibilização de conteúdo nem com o barateamento da venda do livro.

Há também certa reserva ao LDE por parte de alguns autores, que só reconhecem no livro impresso a excelência da publicação acadêmica, principalmente na área de Ciências Humanas e Ciências Sociais (ver Meadows, 1999, p. 17). É comum em edito-

²² A empresa Amazon, no entanto, sabe o que os leitores leem no seu leitor digital Kindle e utilizam esse controle como estratégia de marketing e para pagar os direitos autorais sobre apenas o conteúdo que foi lido (AMAZON..., 2015).

²³ Em palestra sobre As editoras independentes e o mercado digital, proferida no colóquio internacional “Conteúdos digitais em bibliotecas: inovações de mercado, práticas profissionais de mediação e desafios ligados à inserção no território”, na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, no dia 1º de setembro de 2015.

²⁴ Idem.

ras universitárias autores preferirem esperar o tempo que julgarem necessário por ajuda financeira de algum órgão de fomento para custear a impressão do seu livro a publicarem um LDE a baixo custo. Outros desistem de esperar e preferem publicar numa editora particular. Mas essa preferência pelo impresso entre os universitários não é exclusividade dos brasileiros; uma pesquisa feita pela Direct Textbook²⁵ revelou que sete em cada dez universitários de instituições norte-americanas preferem livros impressos a LDEs.

As publicações eletrônicas e, principalmente o LDE, despertam insegurança em alguns autores, da mesma forma como a cultura impressa provocou o medo da perda e o do excesso na sociedade dos séculos XV e final dos XVIII (CHARTIER, 2002). Na era digital, a relação do autor com a obra tornou-se delicada em função da fronteira tênue entre autor–editor, porque qualquer um passou a poder editar, produzir e publicar seu próprio livro e comercializá-lo na internet. E isso se torna um desafio para o editor e altera toda a cadeia produtiva do livro: viabiliza a publicação de livros esgotados, economiza espaço físico para armazenamento, amplia consideravelmente a comercialização de livros através da internet e minimiza o problema de distribuição.

Apesar das dificuldades de adaptação, talvez as editoras universitárias se sintam pressionadas a aderir ao LDE não só pela questão econômica e de logística, mas também porque o meio digital é propício para as edições acadêmicas. A publicação eletrônica permite que a produção científica esteja disponível imediatamente após a aprovação dos editores, e só depois é que ela é publicada em versão impressa. E é importante que haja mais modelos de publicação para a produção científica, principalmente em áreas mais dinâmicas e que disputam financiamento para as pesquisas.

²⁵ Ferramenta de comparação de preços de livros. Disponível em: < <http://www.prnewswire.com/news-releases/direct-textbook-72-of-college-students-prefer-print-over-ebooks-300135561.html>>. Acesso em: 17 set. 2015.

4 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar o impacto do livro digital e eletrônico na produção científica brasileira. Para entender a participação do LDE na comunicação científica e descobrir se os pesquisadores estão utilizando o novo veículo, haveria duas formas de investigar: se eles estão publicando LDEs ou se eles o estão citando. Como estratégia metodológica, adotou-se um recorte, utilizando como universo empírico os livros publicados e cadastrados pelos programas de pós-graduação em Comunicação, Ciência da Informação e Museologia/CSA1, para as quais os livros constituem produção significativa e relevante e são sua principal modalidade de veiculação (CAPES, 2009). A área de CSA1 teve início em 1970, quando foi criado o PPG de Comunicação na PUC-SP, o primeiro do campo do conhecimento; o primeiro PPG de Ciência da Informação foi criado em 1976 na UFMG; e o primeiro de Museologia foi na UNIRIO em 2006 (CAPES, 2013b).

A partir da hipótese de que o uso do LDE já se encontra disseminado na produção científica brasileira, este estudo propôs-se primeiramente a mapear e examinar a publicação em LDE desses programas de pós-graduação avaliados pela Capes no triênio 2010-2012, utilizando como instrumento de recuperação dos títulos, coleta e análise dos dados o método documental. Para a organização, tratamento e análise dos títulos, foi utilizado o software Microsoft Excel, o mesmo utilizado para a elaboração da planilha disponibilizada no site da Trienal 2013 da Capes.

Para atender aos objetivos propostos, a investigação mapeou os autores, os programas de pós-graduação, as editoras que publicam LDEs, os canais de venda e a disponibilidade em livre acesso; e identificou as características editoriais das obras, seus formatos e funcionalidades e as temáticas mais contempladas na grande área. A investigação envolveu variáveis teóricas como comunicação científica, classificação Capes, produção editorial brasileira, editoras universitárias, bibliotecas universitárias e tecnologias da informação. O mapeamento serviu como base para entender de que forma o uso das tecnologias de informação têm contribuído para alterar o ciclo da comunicação científica.

4.1 A classificação de livros da Capes

Durante o período de 1970 e 2006, houve um crescimento contínuo de cursos na área de CSA1, devido em parte à quantidade de doutores formados entre 1970 e 2005:

dos 8.098 docentes com título, a Comunicação formou 21% dos doutores e 61% dos mestres; a Ciência da Informação formou quase 3% dos doutores e quase 14% dos mestres; e a Museologia formou menos que 1% dos mestres (CAPES, 2013b). Esse crescimento possibilitou desde então a criação de novos programas no país, cujo desenvolvimento está associado à avaliação e à obtenção de nota pela Capes. Como dispositivo de exame de avaliação científica, a Capes passou a exigir e pontuar mais qualidade da formação dos docentes e de sua produção.

Foi criado O *Roteiro para classificação de livros* para o triênio de 2007-2009, visando uniformizar os critérios de avaliação que aferem a qualidade dos livros produzidos pelos programas de pós-graduação. Os resultados dessa avaliação são expressos em conceitos, numa escala de 1 a 7, atribuídos aos mestrados e doutorados após análise dos indicadores referentes ao período avaliado – no caso desta pesquisa, o período estudado é o de 2010-2012. Essa análise é conduzida às comissões de área de avaliação e, posteriormente, ao Conselho Técnico Científico da Educação Superior (CTC-ES), que discute, acolhe ou rejeita os resultados finais. São esses resultados que fundamentam a deliberação do Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC) sobre quais cursos obterão a renovação de reconhecimento para a continuidade de funcionamento no período subsequente. O site da Trienal 2013 divulga esses resultados para que seus membros possam compartilhar documentos entre os pares. Cada área desenvolve um documento norteador da avaliação, que possui uma estrutura dividida em seis tópicos. O tópico que mais interessa para este estudo é o Classificação de Livros. A Capes elabora sua planilha de classificação de livros com todos os títulos publicados pelos pesquisadores das universidades brasileiras avaliadas pelo Sistema Nacional de Pós-Graduação. A planilha contém todos os cursos e programas de pós-graduação reconhecidos pela Capes em todas as grandes áreas.

Esta pesquisa iniciou o levantamento dos títulos da área de CSA1 no período entre 1º de abril a 18 de junho de 2014, com os programas de pós-graduação de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão da Informação. Após a aprovação no exame de qualificação em setembro de 2014, para dar continuidade aos estudos, foi iniciado o segundo levantamento englobando os PPGs de Museologia e Comunicação, que terminou em junho de 2015.

A primeira etapa da pesquisa envolveu a construção da matriz de coleta de dados, sendo mantidos alguns indicadores presentes na planilha da Capes e acrescentados outros. A planilha original apresentava a classificação dos livros por PPG (Programa de

Pós-graduação); IES (Instituição de Ensino Superior); ISBN (International Standard Book Number); TÍTULO DA OBRA; TIPO de publicação (livro, capítulo, coletânea, verbete); e CLASSIFICAÇÃO. Esta última integra a avaliação da produção científica docente e discente dos programas em cinco níveis: L4 (= 76 a 100 pontos); L-3 (= 51 a 75); L2 (= 26 a 50); L-1 (= 1 a 25); e NC (= Não classificado), de acordo com o documento da área (CAPES, 2013).

Na planilha adaptada para este estudo (ver Apêndice 1), inicialmente, os programas foram desmembrados em arquivos distintos para serem estudados de forma a respeitar suas características individuais, antes de comporem uma única planilha. O PPG em Comunicação, que apresentou um grande número de subprogramas e de títulos recuperados, também foi elaborado separadamente. Dessa forma, para cada PPG foi criado um arquivo com sua respectiva planilha de títulos antes de virarem uma só.

Para que a planilha principal e única estivesse preparada para receber os dados recuperados durante a investigação, foram eliminadas as obras repetidas, as não classificadas de cada área, as estrangeiras e os anais. Os livros de edição portuguesa também foram eliminados, pois como não foram publicados no Brasil, não devem constar no corpus da pesquisa como produção literária brasileira, mesmo que o seu autor seja brasileiro e que a língua seja portuguesa.

A segunda etapa correspondeu à busca pelas informações para o preenchimento da matriz, sinalizando quais títulos eram digitais e eletrônicos. Foram utilizadas diversas fontes para recuperar e conferir os títulos listados na planilha. Para a investigação dos dados editoriais das obras, foi utilizado como base o portal da Agência Brasileira do ISBN e, para acesso completo ou parcial aos títulos e complementar os dados que faltavam, foram utilizadas outras fontes de informação documental em bases e repositórios institucionais, incluindo o Google Books, o Google Scholar e o Scielo Books. Outras fontes consultadas foram sites de livrarias e editoras, além de resenhas publicadas em periódicos científicos da Ciência da Informação.

4.2 Critérios de padronização e procedimentos adotados

O modelo de planilha desejado exigiu que sua formatação atendesse a alguns critérios de padronização para facilitar a análise dos resultados.

Quadro 1: Critérios de padronização adotados.

1- Os indicadores PPG, IES, ISBN e TÍTULO da obra foram mantidos.
2- Foram acrescentados os indicadores ISBN PAPEL, ISBN LDE, TEXTO (PDF, <i>e-Pub</i> , <i>html</i>), LEITOR (<i>e-book/Kindle</i> , Kobo), EDITORA, ANO (da publicação), EDIÇÃO, PÁGINAS, UF (Unidade Federativa da publicação), ACESSO LIVRE (link do site de acesso e OBSERVAÇÕES (qualquer informação ou incoerências dos dados não encontradas).
3- Em TIPO DA PUBLICAÇÃO, o termo Livro integral passou a ser só Integral.
4- Adotou-se para todo o texto da planilha a fonte Arial Narrow, corpo 10, por ser condensada, sem serifa e economizar espaço; e em caixa alta, para tornar a leitura legível.

Fonte: Elaboração própria.

Também foram adotados alguns critérios de padronização para o preenchimento dos dados editoriais da obra durante sua recuperação.

Quadro 2: Padronização para o preenchimento dos dados editoriais.

1. Para o levantamento das informações, o banco de dados do ISBN, mantido pela Biblioteca Nacional, foi utilizado como referência para o preenchimento do número do ISBN, do ano da publicação, do suporte, da editora, da edição e do número de páginas. Quando o livro é digital, o cadastro do ISBN nem sempre informa o formato do texto, qual dispositivo pode lê-lo ou se a obra está disponível na internet. A alternativa para o preenchimento de todos os dados e para completar a matriz de coleta de dados foi buscar informações complementares em outras fontes de informação documental: outras bases de dados, repositórios institucionais, repositórios acadêmicos nacionais e estrangeiros, Google Books, Google Scholar, Scielo Books, Slideshare, website de editoras, livrarias on-line e até blogs acadêmicos. Só assim foi possível sinalizar quais títulos foram publicados em meio digital ou eletrônico ou checar alguma discrepância.
2. Tornou-se mais viável só registrar os dados editoriais do livro de papel caso este estivesse disponível numa versão digital ou eletrônica na internet. Além de tais informações não contribuírem para a pesquisa, a busca não possibilitaria a conclusão da investigação sobre os LDEs em tempo hábil. Sendo assim, só o seu número do ISBN era informado na coluna ISBN papel.
3. Mesmo quando o livro estava cadastrado como suporte papel no cadastro do ISBN, era verificado se ele estava disponibilizado em formato digital na internet. Se positivo, as informações editoriais eram preenchidas, assim como o link de acesso ao livro, caso estivesse livre, na coluna ACESSO ABERTO. Só foi disponibilizado link de livre acesso quando se referia à obra completa; quando o acesso era só de capítulo ou artigo, este não era considerado como obra disponibilizada.

4. A versão impressa dos LDEs também teve seu ISBN informado. No caso de números diferentes de um mesmo título, referindo-se a edições anteriores, foi informado apenas o título mais recente.
5. Na coluna LEITOR, quando havia o formato PDF, eram considerados todos os tipos de leitores, uma vez que este formato pode ser lido em qualquer dispositivo.
6. A expressão <i>e-book</i> da base de dados do ISBN foi substituída por LDE na planilha, para que abrangesse todos os dispositivos (celulares, smartphones, tablets, computadores) e tipos de formatos (PDF, html, e-pub) digitais e eletrônicos.

Fonte: Elaboração própria.

Desde o mapeamento, busca, conferência, revisão até o preenchimento da planilha, algumas barreiras dificultaram a coleta de dados e a sinalização de quais títulos eram digitais e eletrônicos: o modelo da interface do site do cadastro do ISBN; as incoerências encontradas na base de dados do ISBN; a grande quantidade de títulos classificados na planilha da Capes e a imprecisão de alguns de seus dados.

Foi observada ainda uma falta de padronização e organização das informações apresentadas entre a base de dados do ISBN e os sites comerciais para venda de livros, o das editoras e os arquivos digitais disponibilizados.

Quadro 3: Falta de padronização e organização das informações recuperadas.

1. Na base de dados do ISBN, os subtítulos nem sempre eram mencionados, e quando havia duas ou três obras com o mesmo título, ou ainda, títulos semelhantes, o sistema listava todos, sendo necessário checar cada um em outras fontes para verificar qual era a obra investigada.
2. Havia discrepâncias para um mesmo livro, tais como: nome dos títulos; números de ISBN, das páginas e da edição; falta de indicação se o suporte era papel ou LDE, se o texto era e-pub, html ou PDF; falta de discriminação entre a edição digital e de papel; e ainda havia o registro de uma segunda edição cadastrada como primeira. Para que as incoerências não confundissem os dados da pesquisa, foi considerada a informação visualizada na versão digital do livro impresso, assim como em sua ficha de catalogação, encontrada em outras fontes, e desconsiderada a registrada no ISBN, informada pelo editor ou autor da obra.
3. Houve a ocorrência de mais de um número, até quatro às vezes, de ISBN no cadastro para uma mesma edição em papel.

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com as informações encontradas no site da agência,

Quando uma publicação ou produto específico estiver disponível com um sistema operacional e/ou linguagem de comandos diferentes, cada formato em separado receberá um ISBN exclusivo. (ISBN, 2010)

“Formato” aqui significa características físicas do texto, como PDF, Html e Web. Outra informação é que “Sistemas operacionais e dispositivos de leitura não recebem ISBN” (ISBN, 2010). Se o dispositivo de leitura não recebe ISBN, não existe ISBN para o suporte, mas para seu conteúdo digital, assim como versões em PDF terá ISBN diferente de uma versão em html, web ou outro formato digital. Os ISBNs diferentes ocorriam em sua grande maioria nas versões em papel, sugerindo que houve uma versão revisada ou ampliada. Dentre as instruções no site da Agência Internacional de ISBN, estão a recomendação aos editores de que “deem números de ISBN para cada formato de livro eletrônico que estejam separadamente disponíveis” (ISBN, 2010).

Quando a publicação ou produto for atualizado, revisado ou alterado e as mudanças forem suficientemente significativas, será considerada uma nova edição e um novo ISBN será atribuído;

Um ISBN deve ser atribuído a um produto de software seja qual for a sua forma física;

Quando os formatos forem diferentes, cada formato receberá seu próprio ISBN.
(ISBN, 2010)

Houve poucas ocorrências de LDEs com ISBNs diferentes, também sugerindo que a nova edição recebeu revisões. Em contato via e-mail com a agência,²⁶ foi possível confirmar as informações obtidas na página que explicassem os motivos da existência de mais de um ISBN para o mesmo título em papel: edições diferentes requerem outro ISBN; o mesmo ISBN mantém-se só para publicações com pequenas alterações na obra; se houver nova impressão da publicação, sem modificação no conteúdo ou na forma de apresentação (exceto correções de erros de composição ou impressão), não constitui nova edição; em edição atualizada, revista e ampliada, permanece o mesmo número de ISBN e também a mesma edição; cada editora terá seu próprio ISBN, e as edições serão diferentes – havia versões de LDEs com ISBNs diferentes, publicados por editoras diferentes.

Dessa forma, quando o livro impresso não tinha versão digital, era considerada apenas a última edição, informado na coluna ISBN PAPEL – só para constar que houve uma edição em papel –, não tendo suas características editoriais informadas na planilha. Só quando se tratava de volume da obra é que era registrada a edição anterior, caso fosse esta a que constava na planilha de classificação da Capes. Já na versão digital, todas

²⁶ Cinco perguntas foram enviadas ao Fale Conosco em 28 de abril e respondidas por e-mail em 5 de maio de 2015.

as suas características editoriais eram informadas, e o número da edição era sinalizado na coluna EDIÇÃO. Muitas versões digitais em PDF do livro impresso nem sempre constavam no cadastro do ISBN, fugindo ao “controle” do cadastro da versão digital. Houve poucos casos de edição digital com mais de um ISBN diferente constando como 1ª edição; no entanto, o arquivo utilizado como base para a recuperação dos dados editoriais era sempre a última versão disponibilizada. Nem sempre a obra disponibilizada era a última versão; às vezes o PDF da primeira edição impressa era vendido ou disponibilizado, mesmo havendo uma versão mais recente. Só era possível obter todos os dados editoriais da obra caso o arquivo digital estivesse com livre acesso.

Quando não era possível localizar a obra na base do ISBN, buscava-se o auxílio da pesquisa Google para identificar o seu ISBN e assim recuperar os dados no sistema. Mesmo assim, houve casos em que as obras não estavam cadastradas na base do ISBN, por isso as informações obtidas por meio desse procedimento foram registradas na coluna OBSERVAÇÕES, com a informação “Não cadastrado no ISBN”. Nessa coluna também era informado quando não foi possível encontrar informações sobre o arquivo digital, depois de esgotadas todas as possibilidades.

Muitas vezes os dados encontrados no cadastro do ISBN se diferenciavam do que havia sido obtido nas bases alternativas. A explicação decorre do fato de que, no momento de cadastrar a obra no sistema do ISBN, o editor só precisa preencher o formulário com os dados da obra e anexar a folha de rosto, o sumário e a apresentação. Contudo, quando a produção da obra ainda não está concluída, as informações podem ser alteradas. Por exemplo, o título e o subtítulo podem ter uma inversão na ordem e, na versão disponibilizada, o subtítulo ter virado título. E ainda: na base do ISBN, apenas ter a informação do título, sem o subtítulo. Nesses casos, os dados localizados em fontes alternativas acabam caracterizando maior precisão, visto que os livros já foram publicados. Através desse procedimento também foi possível conferir se os livros estavam disponíveis em acesso aberto ou se colocados à venda – esta informação foi sinalizada na coluna ACESSO ABERTO, fornecendo o link de acesso.

Foi difícil encontrar o registro de um LDE principalmente pela imprecisão ou falta de entendimento do conceito. Havia versões diferentes para o tipo de suporte dos livros, como “internet”, “web” – se é possível ler um LDE na internet, pode-se lê-lo em outros dispositivos eletrônicos também. Muitos livros que estavam registrados como *e-books* eram, na verdade, apenas versões digitalizadas do livro impresso; e outros tinham

uma versão digital que não estava registrada. O estudo de Grau, Oddone e Dourado apontam os problemas ocasionados pela imprecisão da terminologia dos LDEs:

Confunde-se conteúdo, formatos, veículos e leitores de LDEs (e-readers). Essa flutuação conceitual prejudica o desenvolvimento de pesquisas e leva a uma insegurança no entendimento e na comparação do resultado de estudos e na compreensão das tendências para a área. (GRAU; ODDONE; DOURADO, 2013, p. 2)

Com base nos estudos das autoras, foi adotado nesta pesquisa o termo LDE, para que todos os meios digitais e eletrônicos de livros recuperados da planilha de Classificação de Livros da Capes fossem englobados e considerados. Porque, nesta pesquisa, um livro informado no cadastro do ISBN como papel e disponibilizado em versão digital não se diferencia de um livro que, apesar de ser informado como “e-book”, foi diagramado para ser publicado em papel e disponibilizado em formato digital. É importante saber se houve o registro digital da obra e as características físicas do seu texto; se foi disponibilizado na internet – independentemente dos motivos que levaram o editor a optar pelo suporte; se seu acesso foi aberto ou restrito; e, principalmente, se está contribuindo para o registro e difusão do conhecimento científico na comunicação formal.

Na planilha de Classificação de Livros, também foram detectadas incoerências entre as informações das obras e os critérios exigidos pela Capes. Uma imprecisão encontrada foi a certeza do que vem a ser uma obra, um livro. O *Roteiro para Classificação de Livros* elaborado pela Capes para orientar o autor sinalizava que, na área de Ciências Sociais Aplicadas 1, a classificação de livros abrange “obras integrais, coletâneas, dicionários ou enciclopédias, anais (textos completos), desde que seu conteúdo traduza a natureza científica da produção” (CAPES, 2009, p. 2).

Os anais de eventos científicos são considerados só para as subáreas da Ciência da Informação e Museologia, desde que seja publicado o texto integral. No entanto, havia títulos informados como livros que eram artigos, teses, monografias, revistas, artigos de revistas, apresentações orais, palestras, seminários – que podem ser produção científica, mas não podem ser considerados livros. Esta informação pôde ser checada nos próprios arquivos que estavam disponibilizados livremente na internet.

De acordo com o *Roteiro para Classificação de Livros* (2009) elaborado pela Capes,

[...] compreende-se por livro um produto impresso ou eletrônico que possua ISBN ou ISSN (para obra seriada), contendo no mínimo cinquenta páginas, publicado por editora pública ou privada, associação científica e/ou cultural, instituição de pesquisa ou órgão oficial. (CAPES, 2009, p. 2)

Esse conceito dá margem a muitas interpretações. Por exemplo, um autor pode inferir que, criando as partes pré-textuais (folha de rosto, sumário, apresentação, introdução) para sua dissertação ou tese, agregando-lhe um ISBN e colocando uma capa, o livro está pronto, mesmo sem que a obra receba um tratamento textual para transformá-la em livro. Mas teses não são livros.

Para se tornar um livro, uma tese precisa ser reorganizada, perder trechos e ganhar outros, ser adaptada às necessidades de um leitor leigo e reescrita do início ao fim. (DARNTON, 2010, p. 92-93)

Portanto, nem toda publicação científica pode ser considerada livro, e mesmo assim foram encontrados títulos com menos de cinquenta páginas e sem ISBN, fugindo dos critérios estabelecidos pela Capes. Não foi o caso em que vários autores publicam um artigo numa mesma coleção e cada um pode cadastrar a obra individualmente e esta apresentar mais de um ISBN. De acordo com as informações disponíveis no site da agência, o cadastro não rejeita esta situação:

[...] artigos de uma publicação em série específica (não a publicação em série na sua totalidade): quando os artigos individuais forem separadamente disponibilizados por um editor, estes estarão qualificados como publicações e receberão um ISBN. (ISBN, 2010)

Houve poucos registros de formas digitalizadas de um livro impresso, ou seja, transformado em imagem e PDF, que foram identificados e tiveram seu número de ISBN informado apenas na coluna ISBN papel. Esses casos tiveram seu link disponibilizado apenas na coluna OBSERVAÇÕES, em vez de ACESSO ABERTO, nem em TEXTO, como os outros PDFs, e não foram, portanto, considerados para o corpus da pesquisa. Porque um livro digitalizado e disponibilizado na internet como imagem, sem a prévia autorização do editor ou do autor, apesar de estar contribuindo para difundir o seu conteúdo, não é um arquivo confiável. É diferente de livros digitalizados que fazem parte de algum projeto, como, por exemplo, o Programa Livro Aberto, que digitaliza docu-

mentos e os disponibiliza na internet por meio da Biblioteca Nacional Digital, para ampliar e democratizar o acesso aos documentos que compõem o Acervo Memória Nacional.²⁷

4.3 Elaboração do questionário digital

Depois de finalizado o preenchimento da planilha com todos os dados editoriais das obras, a pesquisa precisou de mais dados confiáveis que complementassem as informações acerca do uso do LDEs na comunidade científica. Para tanto, decidiu-se elaborar como pré-teste um questionário digital (Apêndice 9) composto de seis perguntas para os editores, com o objetivo de identificar os motivos e razões que os levaram à decisão de publicar um LDE. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados as próprias editoras recuperadas da planilha da Capes e que publicaram LDE em CSA1 entre 2010 e 2012.

Dentre os objetivos propostos com o questionário, buscou-se identificar:

- Se a editora possui uma linha editorial para os LDEs ou se está só experimentando a venda; se foi criado um comitê editorial específico ou se utilizou o mesmo para a seleção dos títulos publicados em papel.

- Que tipos de publicação a editora pretende fazer com esse suporte; e que relacionamento pretende criar com os autores.

- Se precisou investir em mão de obra especializada e compra de equipamentos para a produção dos LDEs; se criou uma equipe só para a sua produção ou se o LDE foi só mais um suporte inserido no catálogo; e se houve mudanças estruturais na editora em função desse tipo de publicação.

- Se o LDE está sendo utilizado para publicações baratas e reedições esgotadas ou se opta pelo suporte como uma estratégia de inovação para sua empresa; se ela é passiva ou ativa, ou seja, se espera haver demanda ou se busca novos temas e autores para publicar nesse suporte.

- Se a editora publicou por algum motivo específico naquela área das Ciências Sociais Aplicadas (1) ou se publica em outras áreas também; se há demanda para essas

²⁷ Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/>>.

áreas avaliadas pela Capes ou se foi a editora que sugeriu o suporte para o autor.

- Se a comercialização do LDE afetou as vendas; se foi uma boa solução para a equipe profissional; se houve uma procura maior por parte dos autores; e se foi uma boa experiência para a editora.

- Que tipo de relacionamento pretende criar com os leitores; se pretende ampliar a sua venda por meio de divulgação; que tipo de mídia escolherá; se haverá investimento; se pretende disponibilizar conteúdo digital de graça para atrair novos leitores para o LDE.

4.4 Característica dos setores editoriais

Durante a seleção das editoras e envio do questionário, foi identificado, de acordo com as informações encontradas nas páginas das instituições responsáveis pelas publicações, que nem sempre elas tinham a publicação como sua atividade principal, possuindo perfis diferenciados. A partir daí foi composto um gráfico com a característica dos setores editoriais – COMERCIAL, INSTITUCIONAL, UNIVERSITÁRIO e INDEPENDENTE – envolvidos com a publicação acadêmica e a produção de cada um (Gráfico 11).

O SETOR COMERCIAL é composto por agências que publicam por demanda, cursos de graduação, gráficas e editoras. O SETOR INSTITUCIONAL é formado por fundações, associações, órgãos governamentais e instituições de fomento que terceirizam sua atividade editorial contratando agências, setores gráficos e outras editoras. As fundações, que são pessoas jurídicas, podem ter liberdade privada ou estatal, desde que não possuam fins lucrativos;²⁸ costumam apoiar publicações científicas de universidades e instituições voltadas para pesquisa e disponibilizá-las gratuitamente em seus sites.

O SETOR UNIVERSITÁRIO é composto por editoras universitárias, programas de pós-graduação, bibliotecas, unidades acadêmicas, departamentos, institutos de pesquisa e até pró-reitorias, que costumam publicar em parcerias com editoras comerciais, mas principalmente com universitárias, que podem ser da própria instituição de ensino ou de outras. As editoras universitárias são unidades administrativas da universidade e geralmente não possuem autonomia financeira; recebem ajuda de fundações e instituições de fomento à pesquisa e à cultura. Podem estar vinculadas a departamentos acadêmicos da universidade, a sistemas de bibliotecas, a fóruns de cultura, a centros universitários, a

²⁸ Ver < <http://www.sebraesp.com.br/index.php/166-produtos-online/legislacao/publicacoes/artigos/6028-associacao-e-fundacao>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

institutos, pró-reitorias e até a programas de pós-graduação. Costumam publicar livros em parcerias com outras editoras, tanto universitárias quanto comerciais, e vendem seus livros a preço menor que o das editoras comerciais. Seus serviços costumam ser utilizados pelos órgãos internos das universidades, e seus autores são professores e pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Os programas de pós-graduação costumam publicar em parcerias com editoras comerciais e através das editoras universitárias. As bibliotecas raramente publicam livros e, quando o fazem, é através de parcerias com editoras universitárias.

O SETOR INDEPENDENTE tem a característica de não estar vinculado a nenhuma editora. Geralmente o autor autopublica o seu livro de forma independente, que pode ser através do serviço de uma agência. É importante que haja a aprovação de um conselho editorial ou algum tipo de avaliação entre os pares na publicação científica, para que o livro ganhe aceitação e confiança do leitor. Pensando nisso, muitos autores buscam ajuda de sites de redes sociais acadêmicas (weblogs, twitter, fotologs) para autopublicar seus LDEs. Existem, inclusive, plataformas com essa função especificamente, em que basta o autor registrar-se e seguir as instruções. Nos serviços oferecidos estão incluídas a obtenção do ISBN e a conversão do arquivo Word para o formato e-pub ou PDF. Segundo Rodrigues (2014), ao se considerar o conceito do livro pelo conteúdo e não pelo suporte, as oportunidades para a publicação se expandem, ampliando as opções para os autores.

Esse trabalho de identificação dos setores foi importante para entender, em primeiro lugar, a característica das editoras que os autores buscaram para publicar sua obra; e, em segundo, o tipo de envolvimento de cada uma delas com a produção do LDE.

4.5 Definição das taxonomias aplicadas aos conteúdos temáticos

A área de CSA1 reúne os campos do conhecimento em comunicação, informação e memória em diferentes habilitações – Jornalismo, Publicidade, Relações públicas, produção em rádio, Televisão e cinema, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia – e afetam as condições de produção, publicização, armazenamento, disponibilidade e acesso de informações (CAPES, 2013b).

Para identificar os temas mais publicados na grande área de CSA1, foi necessário utilizar modelos diferentes de classificação do campo de estudo, por suas próprias

especificidades e cruzamentos interdisciplinares. Para a classificação e filtragem dos temas mais abrangentes dos títulos publicados pelos PPG Ciência da Informação e Museologia, foi utilizado como instrumento a taxonomia proposta por Oddone e Gomes (2003), distribuída em dez categorias temáticas.

Quadro 4: Ementas da taxonomia aplicada aos conteúdos temáticos dos livros digitais e eletrônicos publicados em Ciência da Informação e Museologia.

TAXONOMIA/DESCRIÇÃO
<p>1. ASPECTOS TEÓRICOS E GERAIS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.</p> <p>Trabalhos que abordam a fundamentação epistemológica da disciplina, a origem e a evolução da área, a interdisciplinaridade e a pesquisa científica, entre outros aspectos teóricos; envolve o estudo de conceitos, métodos, leis, modelos e teorias.</p>
<p>2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL E MERCADO DE TRABALHO.</p> <p>Estudos que tratam de questões curriculares, metodológicas, programáticas e de avaliação do ensino, tanto em nível de graduação como de pós-graduação; análises sobre a formação profissional, focalizando aspectos como educação continuada e evasão escolar; trabalhos que analisam as profissões de informação, o profissional da informação (perfil, habilidades, competências e atuação), ética profissional e mercado de trabalho.</p>
<p>3. GERÊNCIA DE SERVIÇOS E UNIDADES DE INFORMAÇÃO.</p> <p>Trabalhos que tratam de planejamento, organização, gerência e avaliação de unidades de informação, incluindo diferentes tipos de bibliotecas e centros de documentação, redes e sistemas de informação e demais serviços e atividades de informação; envolve aspectos relativos à gestão da qualidade, ao marketing e à gerência de recursos informacionais, entre outros.</p>
<p>4. ESTUDOS DE USUÁRIO, DEMANDA E USO DA INFORMAÇÃO E DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO.</p> <p>Estudos que analisam comunidades de usuários; demandas e necessidades de informação; transferência da informação e uso de unidades e serviços de informação</p>
<p>5. COMUNICAÇÃO, DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL.</p> <p>Trabalhos que estudam canais, veículos, ciclos e modelos de comunicação, além de outros aspectos relativos à comunicação da informação entre pesquisadores mediante mídia impressa ou eletrônica; estudos da literatura e do documento; trabalhos que abordam a editoração científica e a divulgação.</p>
<p>6. INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE.</p> <p>Textos que estudam a globalização, os impactos da informação sobre a sociedade; as unidades de informação enquanto espaços de comunicação e informação; a educação e a cultura; a informação e a construção da cidadania; o papel e a influência dos centros populares de documentação e comunicação, entre outros.</p>
<p>7. LEGISLAÇÃO, POLÍTICAS PÚBLICAS DE INFORMAÇÃO E DE CULTURA.</p> <p>Textos sobre política bibliotecária, política de incentivo à leitura, política de informação e sobre política, gestão e planejamento de estruturas e sistemas de informação científica e tecnológica; sobre economia da informação e política cultural, entre outros.</p>

8. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO.

Trabalhos sobre o impacto e o uso das tecnologias de informação nos diferentes setores da sociedade, sobretudo no ensino, na profissão e nas unidades de informação; estudos sobre a implantação de sistemas de inteligência competitiva; sobre recursos para a automação de unidades de informação; estudos sobre as redes eletrônicas de informação e sobre as bibliotecas virtuais, digitais e eletrônicas, entre outros.

9. PROCESSAMENTO, RECUPERAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO.

Estudos que tratam dos serviços técnicos de unidades de informação, entre eles: seleção e aquisição; política e desenvolvimento de coleções; atividades de tratamento e representação, recuperação e disseminação da informação; envolve temas como linguagem documentária, classificação, descrição bibliográfica e análise de assunto, entre outros.

10. ASSUNTOS CORRELATOS E OUTROS.

Textos sobre áreas limítrofes à ciência da informação como informática, linguística, comunicação social, leitura, literatura infanto-juvenil; trabalhos que abordam temas que não têm maiores vínculos com a área, entre eles música popular brasileira, história das mentalidades, sistema ortográfico luso-brasileiro, entre outros.

Fonte: Oddone e Gomes (2003, p. 6-7). Disponível em: < http://www.cinform-antiores.ufba.br/v_anais/artigos/nancioddone.html>. Acesso em: 1º out. 2015.

Para o PPG de Comunicação, foi utilizado como instrumento as dezessete divisões temáticas ou áreas do campo da Comunicação desenvolvidas pelos grupos de trabalho (GTs) do Intercom 2015 (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).

Quadro 5: Ementas da taxonomia aplicada aos conteúdos temáticos dos livros digitais e eletrônicos publicados em Comunicação.

TAXONOMIA/DESCRIÇÃO
<p>1. MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS</p> <p>Interação do mundo lusófono entre si e com outras realidades midiáticas globais.</p>
<p>2. RÁDIO, TELEVISÃO E INTERNET</p> <p>Congrega os diferentes gêneros de produção, tecnologias, memória e perspectivas do rádio, televisão e internet, bem como agrega os diversos aspectos que envolvem a circulação, consumo, experimentação e novos conteúdos para estes meios.</p>
<p>3. JORNALISMO</p> <p>Comporta ramificações originadas nos suportes midiáticos – radiojornalismo, telejornalismo, cinejornalismo, ciberjornalismo – ou determinadas pelos conteúdos que difunde – jornalismo econômico, político, cultural, internacional, regional – além dos segmentos vinculados às audiências – jornalismo feminino, infantil, comunitário.</p>

4. PUBLICIDADE E PROPAGANDA

A Publicidade e a Propaganda e os novos desafios do mercado: teorias da publicidade e da propaganda; tendências; história e memória; o novo consumidor; a ética profissional; a linguagem e o discurso; o processo criativo; o impacto das novas tecnologias; o ensino e a pesquisa; história e tipologias da marca; o valor da marca e do consumidor; o lugar do marketing e do marketing integrado; e a propaganda política.

5. RELAÇÕES PÚBLICAS

As Relações Públicas na contemporaneidade: tendências e perspectivas; história e memória; teorias; as novas tecnologias; o ensino e a pesquisa; as interfaces teórico práticas; terceiro setor; responsabilidade social e sustentabilidade; os públicos; e as relações públicas comunitárias.

6. COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Da comunicação corporativa à organizacional; da comunicação para o desenvolvimento à comunicação da saúde; da comunicação nos movimentos sociais à comunicação sindical.

7. AUDIOVISUAL

Congrega trabalhos na área do audiovisual (Cinema, TV, Vídeo) que contemplem problemáticas contemporâneas em suas especificidades, com ênfase em aspectos da narratividade e da discursividade.

8. REDES SOCIAIS E CULTURA

Fazem parte desse eixo temático: conexões em tempo real e/ou diferido; ambientes de informação estratificados; constituição de grupos sociais afinados por interesse comum; participação colaborativa; economia dos sinais; coletivos de ativismo social; práticas culturais decorrentes da cibercultura e temas correlatos.

9. HISTÓRIA DA MÍDIA

Processos históricos da mídia e de seus campos científicos; história do Jornalismo, da Publicidade e da Propaganda, da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas, do Audiovisual (televisão, cinema e vídeo), da Cibercultura e da Mídia Visual (fotografia, quadrinhos, design, artes gráficas); metodologia de pesquisa; Comunicação e História: relações teóricas e conceituais; teorias da História e relação com o campo comunicacional; e historiografia da mídia.

10. COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E CULTURA

Análise de objetos que tratem o campo da política em suas múltiplas e complexas nuances, estabelecendo articulação entre a comunicação e a cultura na recuperação da dimensão simbólica da política, bem como na abordagem de temas vinculados à política partidária, tais como o marketing político, processos eleitorais.

11. COMUNICAÇÃO EDUCATIVA

Abrange o campo de pesquisa e da prática profissional a partir da interdisciplinaridade entre as mídias e a educação. Ao formar agentes comunicacionais e educacionais, a universidade constrói novos paradigmas para o entendimento teórico e prático, articulados entre o domínio das linguagens e os modelos de produção em diferentes mídias, em composição com o entendimento da educação enquanto processo de construção crítica da sociedade.

<p>12. PENSAMENTO COMUNICACIONAL: TEORIAS, METODOLOGIAS E EPISTEMOLOGIAS</p> <p>Analisa a comunicação a partir das várias correntes teóricas e das perspectivas metodológicas do saber comunicacional. Estuda a definição de objeto, processo, campo teórico, estatuto disciplinar, entre outras, que contribuem para a formação de um amplo panorama de conhecimentos necessários à sua fundamentação.</p>
<p>13. SEMIÓTICA</p> <p>Acolhe e discute o campo da semiótica teórica e aplicada e todas as correntes da semiótica (filosófica, linguística, discursiva e da cultura), tendo em vista enriquecer o confronto de ideias, de métodos e de procedimentos de pesquisa; trabalhos ensaísticos e reflexivos, aplicações a processos concretos de linguagens (verbais, sonoras, audiovisuais).</p>
<p>14. ESTÉTICA, CIDADES E DESIGN</p> <p>Reflexão sobre as configurações dos espaços urbanos globais de sua comunicação por meio de fluxos de imagens, sons, informações. O espaço público da cidade constituído por um design urbano híbrido composto pelas imagens da moda, pelas inserções estéticas nos estabelecimentos comerciais ou patrimoniais, pelos outdoors, painéis eletrônicos, performances, entre outras manifestações das grandes cidades.</p>
<p>15. SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS</p> <p>Congrega pesquisas orientadas aos processos de reconfiguração da comunicação a partir de aparatos digitais fixos e móveis. Epistemologia da comunicação, marcos regulatórios e modelos de propriedade, interfaces, práticas comunicacionais mediadas, reverberações na organização social, linguagens e outros fenômenos implicados na disseminação das redes sociotécnicas.</p>
<p>16. COMUNICAÇÃO E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS</p> <p>Trata das representações identitárias em sua relação com as diferentes mídias, num contexto de mundo globalizado, bem como dos discursos e sistemas de representação: identidade e diferença; identidades, espaço e tempo; identidades e relações de poder; sujeitos e práticas discursivas; e teorias e autores acerca da relação entre comunicação e identidade.</p>
<p>17. FOLKCOMUNICAÇÃO</p> <p>A Folkcomunicação ganhou densidade nacional com a publicação do livro <i>Comunicação e folclore</i> (1971). Os estudos folkcomunicacionais estão se ampliando para todo o espaço lusófono, tendo sido marcante a presença de pesquisadores portugueses nos eventos que reúnem os especialistas da área. Engloba estudos comparativos e a participação de estudiosos africanos, na expectativa de construção de um mapa intercultural desta disciplina no limiar do século XXI.</p>

Fonte: Grupos de trabalho (GTs) da Intercom 2015. Disponível em: < http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1440:ementas-dosgts&catid=186>. Acesso em: 1º out. 2015.

Antes de aplicar as taxonomias nos respectivos PPGs, houve uma prévia identificação dos temas a partir das palavras-chave encontradas nas fichas de catalogação dos LDEs que estavam disponibilizados on-line. Para os livros que não estavam disponibili-

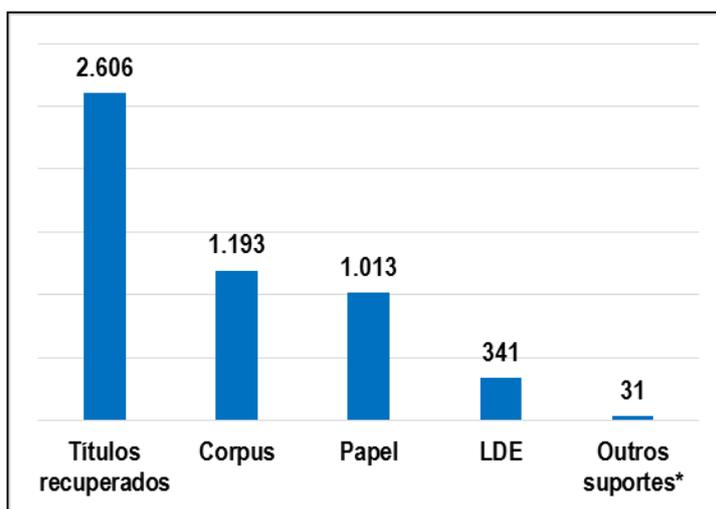
zados, foram feitas buscas de palavras-chaves utilizando como base as linhas de pesquisa das áreas pesquisadas para identificar o campo de estudo. Para os títulos que não apresentavam o tema de forma clara, foi necessário buscar mais dados sobre o livro nos repositórios institucionais e, algumas vezes, nos sites das próprias livrarias, a partir de resumos e sinopses. Essa pré-identificação facilitou a aplicação da taxonomia do tema principal dos títulos na planilha do Excel. Depois foi só ordenar por maior número de ocorrência para se chegar aos temas mais publicados.

5 RESULTADOS

5.1 Dados sem filtro dos títulos recuperados dos Programas de Pós-graduação/CSA-1

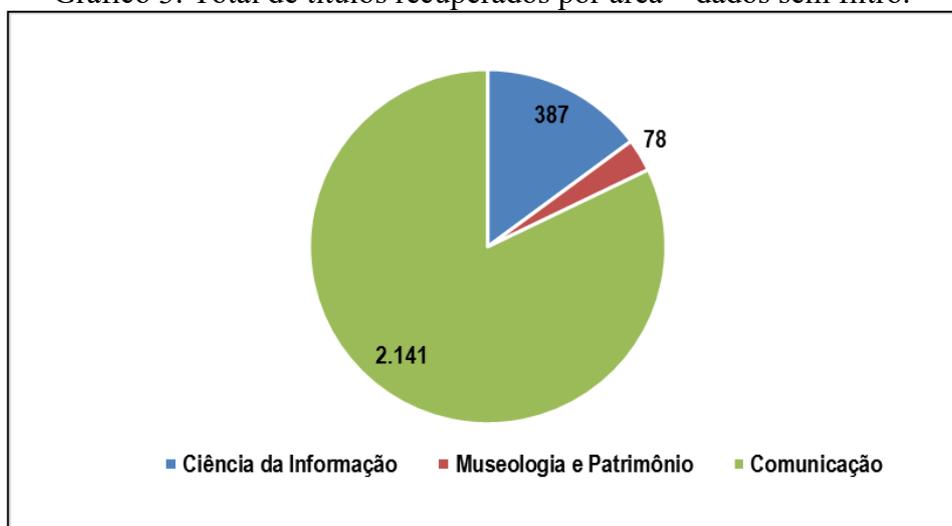
Nesta seção, os livros estão apresentados em números, ou seja, o resultado quantitativo do levantamento feito da produção científica dos PPGs/CSA1. Antes de definir o corpus da pesquisa, o total de títulos recuperados da planilha de Classificação de Livros da Capes, entre suporte papel e digital, para as Ciências Sociais e Aplicadas 1, foi de 2.606 obras (Gráfico 2). Esses dados da primeira coleta foram chamados de dados sem filtros, pois ainda não haviam recebido nenhum tipo de tratamento para compor o corpus da pesquisa.

Gráfico 2: Total de títulos recuperados – dados sem filtro.



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 3: Total de títulos recuperados por área – dados sem filtro.



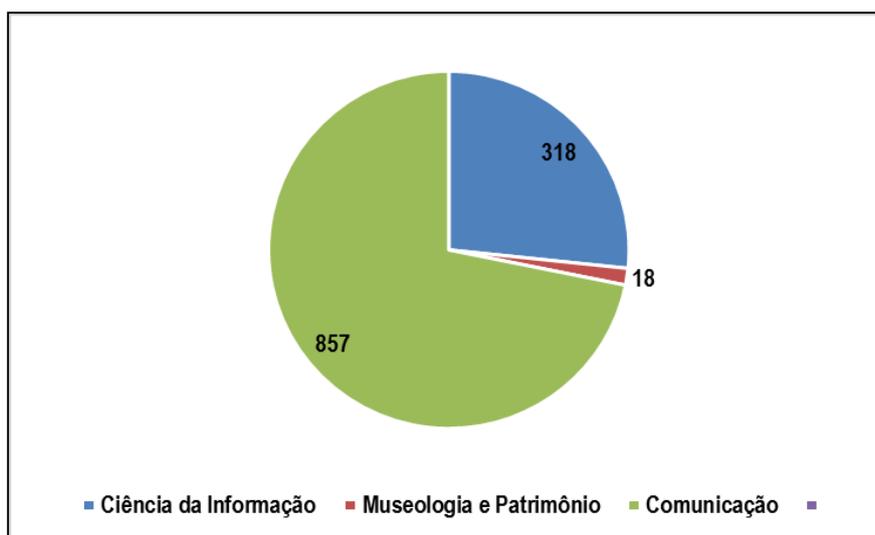
Fonte: Dados da pesquisa.

Só o PPG de Comunicação, sozinho, obteve 2.141 obras recuperadas, distribuídas entre dezessete programas (Comunicação; Comunicação e Práticas de Consumo; Comunicação Social; Comunicação Social – Interações Midiáticas; Comunicação e Semiótica; Ciências da Comunicação; Comunicação e Cultura Contemporânea; Comunicação, Cultura e Amazônia; Comunicação e Culturas midiáticas; Comunicação e Informação; Estudos da Mídia; Jornalismo; Imagem e Som; Multimeios; Comunicação e Cultura; Meios e Processos Audiovisuais; e Comunicação e Linguagens). O PPG Ciência da Informação (Arquivologia, Biblioteconomia e Gestão da Informação) obteve 387 títulos recuperados; e o de Museologia e Patrimônio, um total de 78 títulos.

5.2 Definição do corpus final da pesquisa

Para que a planilha estivesse preparada para dar início à investigação e identificação dos LDEs, foram eliminadas obras estrangeiras, repetidas, anais e com avaliação NC (não classificada) de cada área para compor o corpus final da pesquisa: 1.193 títulos. O PPG Ciência da Informação ficou com 318 títulos; o de Museologia e Patrimônio, com 18 títulos; e o de Comunicação, com 857 títulos para a investigação (Gráfico 4).

Gráfico 4: Total de títulos digitais e eletrônicos recuperados por área.



Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 1.193 títulos recuperados para compor o corpus da pesquisa, 341 eram livros digitais e eletrônicos, praticamente um terço do suporte em papel, sendo que 101

tiveram sua versão primeira impressa. Entre os suportes digitais informados, havia os termos e-book, i-book, web, internet, CD-ROM, DVD, audiolivro, android, desktop-OSX, e-reader, i-pad, tablet, i-phone, PPT²⁹ e Windows PC. Um terço dos LDEs (115) estava à venda, e dois terços (226) estavam disponíveis com acesso aberto – a maioria em formato PDF. Os livros informados como e-books foram considerados, assim como os seus formatos PDFs, e-pub e mobi. A ocorrência maior de aparelhos de leitura envolveu o Windows PC, i-Pad, tablets e Kobo.

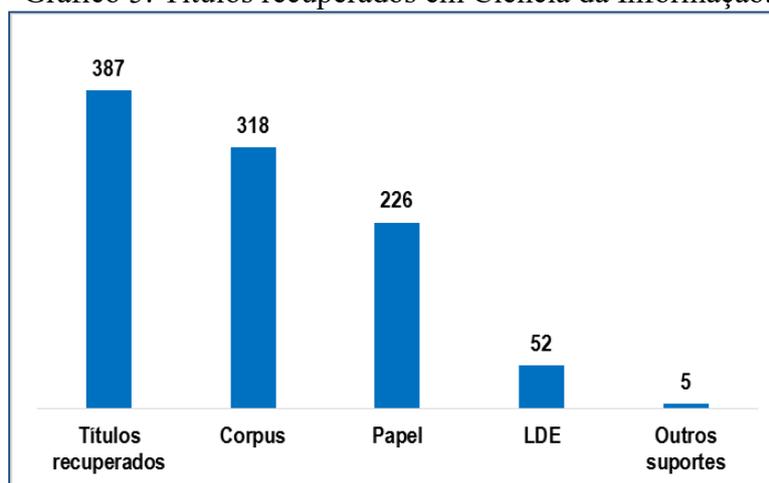
Depois de apurar todas as informações editoriais e selecionar os títulos digitais, pôde-se obter um panorama completo por área, conforme mostrado na Tabela 3 (ver planilha completa no Apêndice 1).

Tabela 3: Panorama dos títulos recuperados em CSA1.

PPG/CSA1	Títulos recuperados	Corpus	Papel	LDE	Outros suportes	FORMATOS			Livre acesso	DRM
						PDF	E-PUB	Outros		
Ciência da Informação	387	318	226	52	5	49	5	-	38	15
Museologia e Patrimônio	78	18	15	5	5	5	-	-	5	-
Comunicação	2.141	857	772	284	26	226	23	5	184	100
TOTAL	2.606	1.193	1.013	341	31	280	28	5	226	115

Fonte: Dados da pesquisa. Obs.: A soma dos livros impressos com os LDEs e outros suportes podem ultrapassar o número do corpus da pesquisa, pois estão sendo consideradas as edições em papel e digital da mesma obra. Alguns livros investigados que compunham o corpus não foram encontrados.

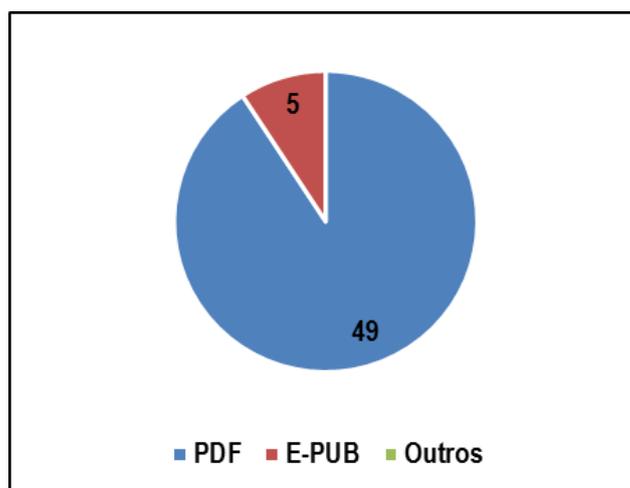
Gráfico 5: Títulos recuperados em Ciência da Informação.



Fonte: Dados da pesquisa.

²⁹ PowerPoint [PPT] é um *software* que combina com outros tipos para a criação de documentos, planilhas e apresentações em *slides*, podendo usar imagens, sons, textos e vídeos. O programa faz parte do pacote Office e já vem instalado no computador (cf. <http://office.microsoft.com/pt-br/novice/o-que-e-o-powerpoint-HA010265950.aspx>).

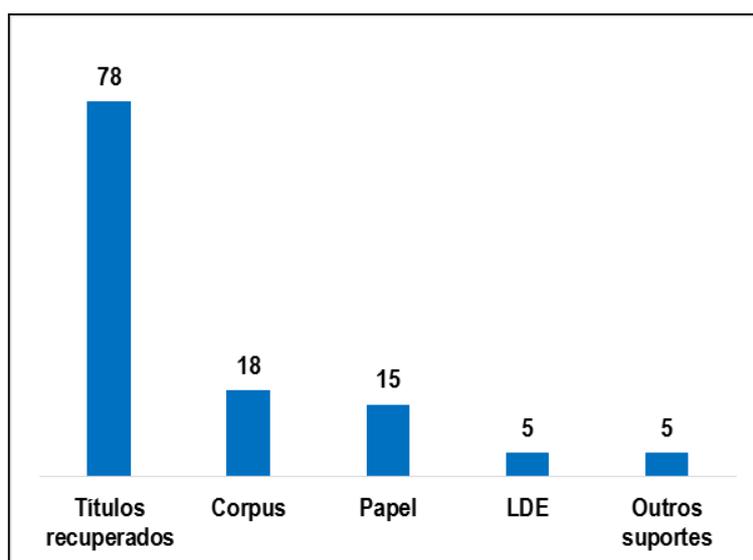
Gráfico 6: Formatos de livros digitais e eletrônicos em Ciência da Informação.



Fonte: Dados da pesquisa.

O PPG Ciência da Informação (Arquivologia, Biblioteconomia e Gestão da Informação) obteve um total de 54 LDEs, sendo 49 PDFs (44 publicados pelos programas de Ciência da Informação e 3 pelo programa de Gestão da Informação); e 5 e-pubs (4 de Ciência da Informação e 1 de Gestão da Informação). Não houve ocorrência de LDEs em Arquivologia e Biblioteconomia. A Museologia obteve apenas 5 LDEs no formato PDF (Gráfico 7).

Gráfico 7: Títulos recuperados em Museologia.

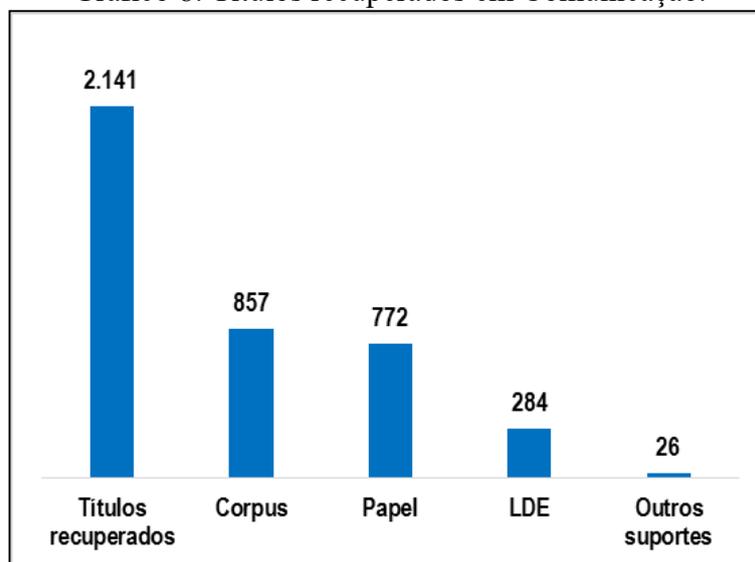


Fonte: Dados da pesquisa.

O PPG Comunicação ficou com 772 suportes de papel e 284 LDEs (Gráfico 8), dos quais 167 tinham ISBN próprio e 85 eram unicamente digitais, sem a versão im-

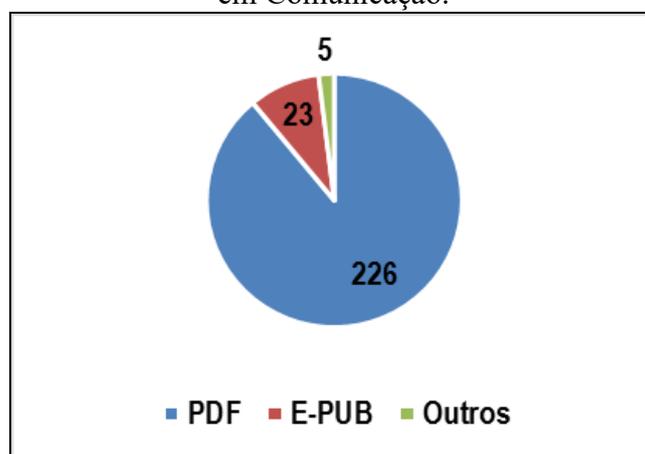
pressa – os 8 títulos digitalizados não fizeram parte da análise. Entre os formatos de texto, havia 226 PDFs, 23 e-pubs e 5 distribuídos entre html, slide, SWV³⁰ e IOS³¹ (Gráfico 9).

Gráfico 8: Títulos recuperados em Comunicação.



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 9: Formatos de livros digitais e eletrônicos em Comunicação.



Fonte: Dados da pesquisa.

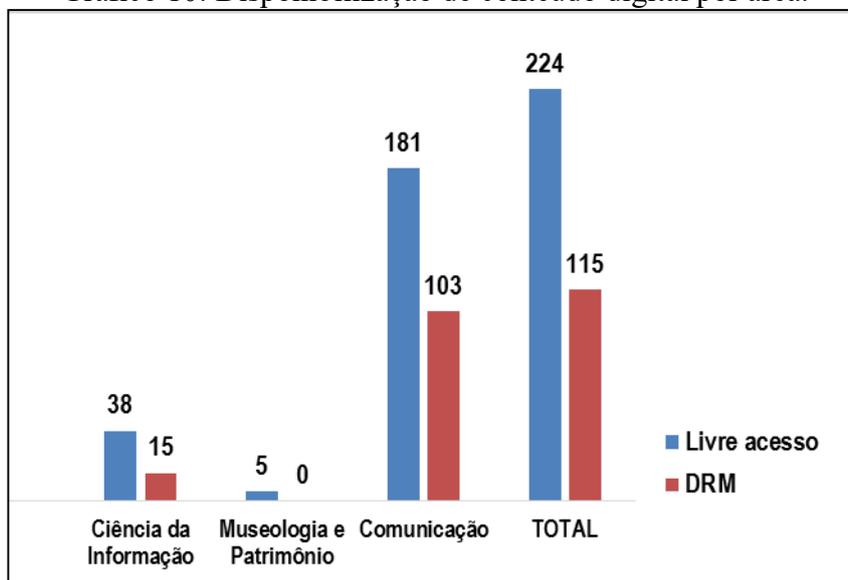
Nos PPGs Ciência da Informação (CI) e Gestão da Informação (GI), das 54 obras publicadas, 15 tiveram seu conteúdo digital disponibilizado via internet, todos em

³⁰ SWF (Shockwave Flash) é um formato de arquivo de aplicações web da Adobe, mas criado pela Macromedia. Por ser relativamente leve, é usado amplamente na web para inserir conteúdo multimídia em sites e utilizado para desenvolver animações e gráficos em outros meios, como filmes em DVD e anúncios de televisão (cf.: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/SWF>>. Acesso: 27 jun. 2015.).

³¹ IOS é um sistema operacional móvel da Apple Inc. desenvolvido para o iPhone, mas também usado em iPod touch, i-Pad e Apple TV, e que não permissão para ser executado em hardware de terceiros.

PDF. Na área de Comunicação, das 284 obras, 103 delas estavam à venda e 181 tiveram livre acesso. Totalizando, na área de CSA1, houve 115 títulos à venda e 224 disponibilizados, quase o dobro dos títulos (Gráfico 10).

Gráfico 10: Disponibilização de conteúdo digital por área.



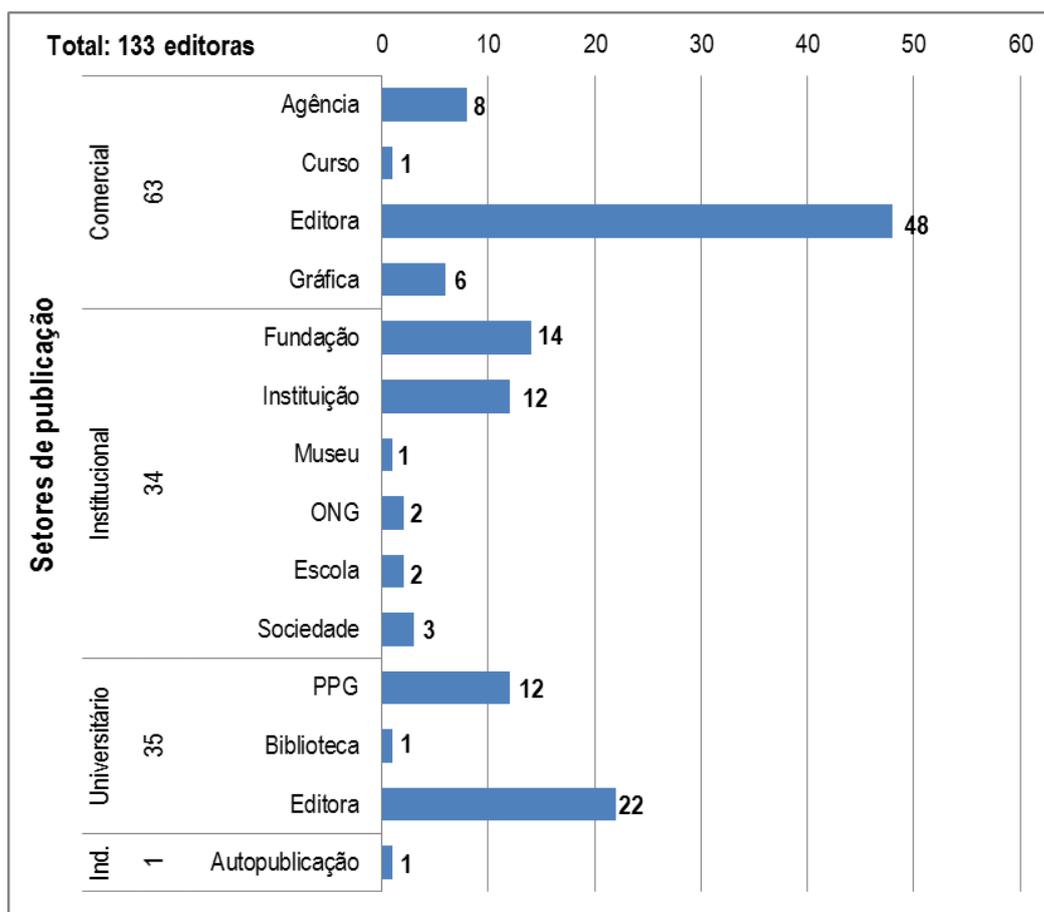
Fonte: Dados da pesquisa.

A versão impressa geralmente estava à venda enquanto a versão digital em PDF estava disponibilizada com acesso livre, gerando um ambiente híbrido como opção para o leitor. Já o formato e-pub raramente estava disponibilizado; era vendido em sua maioria nas páginas das editoras e livrarias comerciais, sugerindo que houve um investimento na produção e na comercialização do produto. Observou-se uma tendência de convivência harmônica entre a versão impressa e a digital.

5.3 Setores envolvidos na produção do LDE

O Gráfico 11 apresenta a produção em números distribuída entre os setores editoriais – comercial, institucional, universitário e independente – das 133 editoras que publicaram os livros científicos em formato digital e eletrônico da grande área de CSA1 avaliados pela Capes na Trienal 2013.

Gráfico 11: Produção dos setores editoriais.



Fonte: Dados da pesquisa.

O SETOR COMERCIAL OBTVEVE foi o que obteve um número maior de instituições: 63. A Saraiva, por exemplo, que possui franquias de livrarias, papelarias, serviços tecnológicos, eletrônicos, vendas no varejo e plataforma de e-commerce como atividades principais, só passou a publicar livros a partir de 2013, mas domina o mercado editorial no Brasil. As editoras como E-papers e Simplíssimo publicam especificamente LDEs sob demanda em várias áreas e oferece serviços editoriais como uma opção, por exemplo, para autores independentes. No caso da Simplíssimo, além de publicar e oferecer serviços editoriais a autores, ela também vende cursos de profissionalização editorial e de produção de LDEs a várias instituições e editoras. Há editoras que, como a Estação das Letras, além de publicar livros também oferece cursos e oficinas voltados para formação de profissionais do mercado editorial. Já as editoras que também possuem parque gráfico aproveitam sua infraestrutura diversificando suas atividades através da prestação de serviços, sem depender economicamente única e exclusivamente da atividade editorial – é o caso da Vozes, que publica obras de evangelização e catequese. As agências,

que foram apenas 8, oferecem serviços de assessoria de comunicação e educação, informática, internet e terceiriza serviços de impressão digital.

O SETOR INSTITUCIONAL é formado por 34 instituições. A Educ (Publicações on-line de Educação) é uma fundação que publica periódicos pela editora da FGV e os disponibiliza na Rede Scielo Livros. Já a editora da FGV publica livros impressos e LDEs, mas os vende em sua livraria física e pelo site. O Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e o Sesc (Serviço Social do Comércio), por exemplo, têm perfil educacional, pois vendem cursos profissionalizantes e utilizam sua editora não só para fins comerciais, mas também didáticos, publicando as apostilas e livros para os alunos dos próprios cursos que oferecem. Já a Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual) é uma entidade sem fins lucrativos e só publica os anais dos congressos que promove.

O SETOR UNIVERSITÁRIO possui 35 instituições. A ocorrência das editoras universitárias (22) foi menos da metade das comerciais (48). Entre as universitárias estão as públicas e as privadas, como é o caso da Umesp (Universidade Metodista de São Paulo), da Unidavi (Universidade do Vale do Itajaí) e da PUC, que não possuem fins lucrativos.

O PPG Proex publica LDEs em diversas áreas através do selo Cultura Acadêmica, em parceria com a Editora Unesp, que por sua vez, em parceria com suas pró-reitorias, disponibiliza quatrocentos LDEs para download gratuito. O Sibi/USP possui uma coleção digital com cerca de 180 mil LDEs, atualizada constantemente e formada por livros assinados pela USP, de acesso gratuito e do Portal da Capes. Apesar de constar no cadastro do ISBN como editora, segundo informações por contato via e-mail e telefone, o Sibi não costuma publicar LDEs.

No SETOR INDEPENDENTE, só houve uma autopublicação, que não estava vinculada a nenhuma editora, sugerindo que houve uma produção independente, cujo autor possivelmente buscou alguma agência, mas não informou.

5.4 Retorno do questionário

Das 133 editoras recuperadas apenas cinco (Apêndice 10) responderam ao questionário on-line e outras cinco responderam por e-mail: o Sibi/USP disse que não preencheria porque não era uma editora e não teria como contribuir com a pesquisa; e a

Edipucrs, o Sesc, a Compós e o GrupoA sugeriram outro e-mail para o envio. O questionário foi enviado aos novos e-mails, mas estes não retornaram ao contato.

De acordo com as respostas, ficou claro que as cinco editoras que responderam ao questionário não possuem uma política editorial para a publicação do LDE. As duas que fugiram do foco da questão justificaram que sempre publicaram e pretendem continuar publicando LDE. O fato de responderem outra coisa demonstra que também não possuem política editorial ainda. Quanto aos critérios adotados, parece que o suporte ainda não se estabeleceu, e três editoras não quiseram expor ou justificá-los.

As estratégias para a publicação do LDE não abrangem algum tipo de investimento na estrutura na instituição: ou o serviço é terceirizado ou apenas há o deslocamento de uma equipe para a sua produção. Desconhecemos as estratégias adotadas pelas duas editoras que não justificaram sua resposta.

As áreas de Humanas, Letras e Artes são as que mais procuram o livro como suporte de disseminação da produção do conhecimento. A transposição para o digital e eletrônico é só uma questão de tempo, adaptação e reconhecimento. As Ciências Exatas já utilizam os meios eletrônicos como suporte de divulgação há mais tempo; é um campo do conhecimento mais aberto às mudanças tecnológicas. Costumam publicar mais periódicos e *papers* em revistas eletrônicas internacionais.

O marketing digital e a captação de novos autores parecem ser os próximos objetivos das cinco editoras com a publicação de LDE. Elas já descobriram que o investimento é baixo e o retorno, rápido – a publicação digital e eletrônica elimina os atravessadores e facilita a venda on-line.

Apesar de só cinco darem retorno, todas as 133 editoras recuperadas possuíam LDEs em sua produção (Apêndice 5),³² tanto dentro quanto fora da área de investigação, sendo que a maioria publicou apenas entre 1 e 4 LDEs. Apenas nove (Quadro 6) apresentaram um número maior de produção de LDEs – entre 7 e 23 –, mas sem apresentarem frequência nas publicações. Dessas nove instituições, apenas seis são editoras: as universitárias Edufba e Edipucrs; e as comerciais Cultura acadêmica, E-papers, Mauad X e Marca de fantasia. A Intercom e a Socine são sociedades sem fins lucrativos; e o Ipea é uma instituição de pesquisa, mas publica periódicos e LDEs.

³² O quadro completo com todas as 133 editoras e seus perfis encontra-se no Apêndice 5.

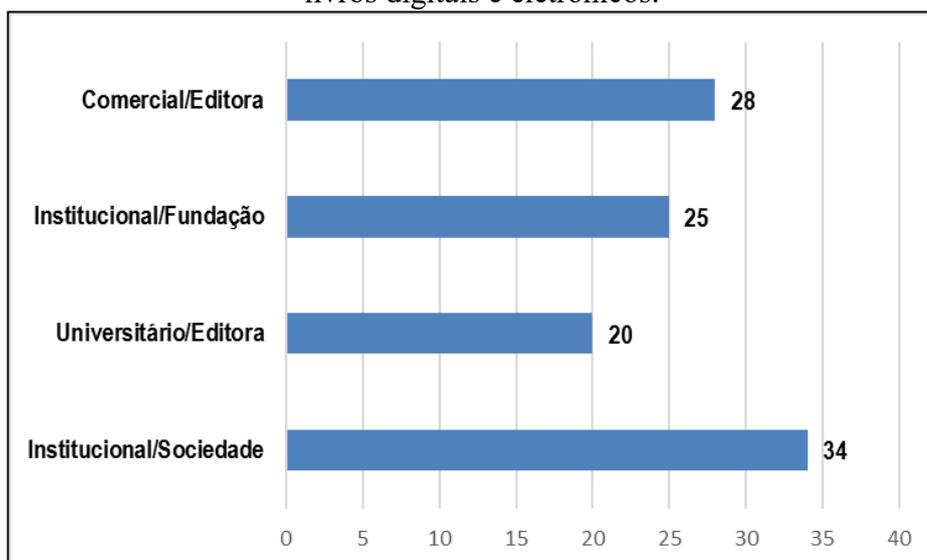
Quadro 6: Editoras que mais publicaram livros digitais e eletrônicos por setor.

SETORES		EDITORORA	TOTAL
1	Institucional/Sociedade	Intercom	23
2	Universitário/Editora	Edufba	17
3	Institucional/Fundação	Cultura acadêmica	14
4	Universitário/Editora	Edipucrs	13
5	Comercial/Editora	E-papers	13
6	Institucional/Fundação	Ipea	11
7	Institucional/Sociedade	Socine	11
8	Comercial/Editora	Mauad X	8
9	Comercial/Editora	Marca de fantasia	7

Fonte: Dados da pesquisa.

Essas nove editoras que mais publicaram LDEs na produção acadêmica correspondiam a apenas quatro setores editoriais (Gráfico 12).

Gráfico 12: Total de setores que mais publicaram livros digitais e eletrônicos.



Fonte: Dados da pesquisa.

5.5 Temas mais abordados por áreas de estudo

Dos 57 LDEs publicados em Ciência da Informação e Museologia, houve igual interesse entre as três temáticas de Gerência de serviços e unidades de informação; Comunicação, divulgação e produção editorial; e Aspectos teóricos e gerais da Ciência da Informação, cuja ocorrência não variou muito – entre 9 e 10 títulos. (O quadro completo encontra-se no Apêndice 7.)

Quadro 7: Temas mais abordados em Ciência da Informação e Museologia.

TAXONOMIA	OCORRÊNCIAS
GERÊNCIA DE SERVIÇOS E UNIDADES DE INFORMAÇÃO.	10
COMUNICAÇÃO, DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL.	10
ASPECTOS TEÓRICOS E GERAIS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.	9
INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE.	6
ASSUNTOS CORRELATOS E OUTROS.	6
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO.	5
PROCESSAMENTO, RECUPERAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO.	5
LEGISLAÇÃO, POLÍTICAS PÚBLICAS DE INFORMAÇÃO E DE CULTURA.	3
FORMAÇÃO PROFISSIONAL E MERCADO DE TRABALHO.	2
ESTUDOS DE USUÁRIO, DEMANDA E USO DA INFORMAÇÃO E DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO.	1
TOTAL	57

Fonte: Dados da pesquisa.

No PPG Comunicação, devido à sua complexidade e abrangência, houve uma ocorrência maior – entre 12 e 43 – em dez categorias de campo de estudo: Comunicação, política e cultura (43); Comunicação e representações identitárias (36); Rádio, televisão e internet (32); Audiovisual (26); Mídia e relações internacionais (25); Sociedade de informação e novas tecnologias (22); Comunicação educativa (19); Jornalismo (17); Pensamento comunicacional: teorias, metodologias e epistemologias (16); e Estética, cidades e design (12). (O quadro completo encontra-se no Apêndice 8.)

Quadro 8: Temas mais abordados em Comunicação.

TAXONOMIA	OCORRÊNCIAS
COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E CULTURA	43
COMUNICAÇÃO E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS	36
RÁDIO, TELEVISÃO E INTERNET	32
AUDIOVISUAL	26
MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	25
SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS	22
COMUNICAÇÃO EDUCATIVA	19
JORNALISMO	17
PENSAMENTO COMUNICACIONAL: TEORIAS, METODOLOGIAS E EPISTEMOLOGIAS	16
ESTÉTICA, CIDADES E DESIGN	12
PUBLICIDADE E PROPAGANDA	9
SEMIÓTICA	8
REDES SOCIAIS E CULTURA	6
HISTÓRIA DA MÍDIA	6
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL	4
RELAÇÕES PÚBLICAS	2
FOLKCOMUNICAÇÃO	1
TOTAL	284

Fonte: Dados da pesquisa.

6 DISCUSSÃO E ANÁLISE

A produção científica em livro das Ciências Sociais Aplicadas 1 avaliada no triênio 2010-2012 pela capes contém uma amostra do que o LDE representa nessa grande área. O processo da classificação de livros ainda é o instrumento de avaliação com credibilidade frente à comunidade de sua área, e são esses resultados que fundamentam a deliberação do Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC) sobre quais cursos obterão a renovação de reconhecimento para a continuidade de funcionamento no período subsequente. Segundo a coordenadora da área de Ciências Sociais Aplicadas 1, Maria Helena Weber (NOVAES, 2014), comparado à Trienal 2010, houve um enorme avanço na área. O sistema de informatização utilizado, criado pela UFRGS, foi ágil, permitindo que todos os programas lançassem as suas obras e que tivessem acesso aos relatórios logo assim que os pontos eram atribuídos. Neste aspecto, o próprio veículo digital contribuiu para que a informação veiculasse de forma mais rápida e eficiente.

Verificou-se que o segmento dos LDEs ainda tem participação mínima no mercado editorial brasileiro, com base nos dados da Fipe, do SNEL e do Instituto de Pesquisa Nielsen, entre o período de 2012 a 2015. Segundo o último levantamento da Câmara Brasileira do Livro (CBL), foram comercializados mais de um milhão de livros virtuais em 2014, cujo faturamento com a venda chegou a R\$ 17 milhões, R\$ 4 milhões a mais que em 2013. No entanto, é pouco, pois o número representa apenas uma média de 33,6% a mais no faturamento no setor digital – 0,3% do faturamento total dos impressos. Em 2014, o livro ficou mais caro e o preço teve um aumento real de 1,7%. No primeiro trimestre de 2015, mesmo com o fenômeno dos livros para colorir e um aumento de 3% em volume de exemplares vendidos em livrarias, os números ficaram abaixo da inflação. Houve também uma diminuição das compras de livros por parte do governo, que somada à queda de 0,81% da venda no mercado normal, o índice sobe para 9,23% (MACIEL, 2015). As livrarias ainda são o principal canal de comercialização, responsável por 50,59% de exemplares vendidos em 2013, com 141,47 milhões de obras literárias, gerando uma participação de 61,40% no faturamento, segundo o levantamento da Fipe (SILVEIRA, 2015). Os leitores digitais mais vendidos no mercado brasileiro são o Kindle, da Amazon; o Kobo, comercializado pela Livraria Cultura; e o Lev, vendido pela Livraria Saraiva. A Fundação Instituto de Pesquisa Econômicas (Fipe), da Universidade de São Paulo, pretende avaliar o setor digital do mercado editorial brasi-

leiro, em 2016, pelo Censo do Livro Digital, a partir do qual será possível obter o panorama completo de 2015.

Pôde-se observar uma tendência à disponibilização de conteúdo digital de alguns títulos – mesmo as editoras comerciais e as que não disponibilizaram o conteúdo do título avaliado pela Capes possuíam downloads grátis em seus sites ou visualização de parte da obra ou capítulo de livros. Algumas o fazem porque têm parcerias com outros órgãos que têm financiamento para a publicação do livro e que muitas vezes querem divulgar o resultado do projeto ou da pesquisa envolvida; outras utilizam esse recurso como forma de divulgação para atrair o leitor para a obra completa. Pôde-se observar também uma iniciativa entre estudantes e pesquisadores da área, mesmo sem a participação das editoras ou dos autores, em compartilhar abertamente conteúdo digital em diversos formatos – em geral eram obras de domínio público; de amplo uso na área em questão; de difícil acesso; com preços altos; de títulos com muitas páginas. Esse movimento virtual e espontâneo pode contribuir naturalmente para a divulgação da obra, estimulando nos leitores o interesse pelo conteúdo digital, e preencher lacunas deixadas pelas políticas das editoras científicas frente ao acesso aberto – há poucos livros e capítulos de livros depositados em RI e baixa adesão das editoras universitárias.

As bibliotecas universitárias, com a introdução das novas tecnologias, adquiriram novas funções e absorveram múltiplas tarefas. Os bibliotecários, por sua vez, enfrentam o desafio de organizar o conteúdo digital veiculado, selecionar as coleções de livros digitais e eletrônicos que recebem e gerenciar os modelos de negócios e de acesso. Para tanto, devem conhecer os tipos de conteúdo que irá oferecer aos usuários, os tipos de LDEs, seus fornecedores e os modelos de negócios disponíveis para bibliotecas. Sua participação tornou-se imprescindível na definição dos formatos dos LDEs, nas necessidades de informação dos usuários, nas tendências de impressão sob demanda e nos modelos de acesso adequados como fonte de consulta. As bibliotecas universitárias negociam modelos bem específicos com as editoras por meio de acordos, contratos, licitações e até pregões, mas independentemente da escolha feita, tanto o modelo de negócios quanto o modelo de acesso devem ser os mais adequados às necessidades dos usuários. Assim como as bibliotecas ressentem a falta de políticas públicas para a seleção e composição de suas coleções, o gerenciamento e disponibilidade de acesso à informação digital, as editoras universitárias necessitam de uma política editorial que contemple todas as áreas do conhecimento. Talvez por isso mesmo, ambos canais de comunicação, apesar de possuírem características semelhantes e haver uma parceria natural,

pela própria natureza das atividades de produção, organização e divulgação da produção científica, ainda encontrem dificuldades para trabalhar de forma colaborativa.

As editoras universitárias não são a única opção de que o autor dispõe para publicar seus originais, mas ainda carregam em si a chancela dos pares e maior credibilidade do leitor. Notou-se que a procura pelas editoras universitárias provém da importância dada pela aprovação de um conselho editorial ou algum tipo de avaliação entre os pares na publicação científica, para que o livro ganhe aceitação e confiança do meio acadêmico. Pôde-se constatar que há também instituições e empresas envolvidas na produção do livro digital e eletrônico, distribuindo-se entre os setores comercial, institucional, universitário e de autopublicação. No entanto, as editoras que mais publicaram livros não tinham um perfil editorial nem apresentaram frequência em publicar, com exceção de apenas seis. O fato de a grande maioria (ver Apêndice 5) não possuir a publicação como sua atividade principal fez com que não se sentisse capaz de responder ao questionário digital, que continha questões bem pontuais e objetivas sobre sua produção editorial. Talvez isso explique o baixíssimo índice de retorno dos questionários. Esse dado dificultou uma análise mais profunda do comportamento das editoras em relação à produção do LDE, mas isso não significa que elas não os produzam; a produção científica é que tem pouca representação no livro digital e eletrônico em relação a outros gêneros nessas editoras.

Observou-se que, nos programas vinculados à área de Ciências Sociais Aplicadas 1, os temas da produção científica estão ligados de forma interdisciplinar, constituindo-se como elemento de sua identidade e pluralidade. Planejamento, organização, gerência e avaliação de unidades de informação como bibliotecas, centros de documentação, redes e sistemas de informação e assuntos relativos à gestão da qualidade, ao marketing e à gerência de recursos informacionais são interesses mais recorrentes na área de Ciência da Informação. Devido a sua grande diversidade, abrangência e complexidade, o PPG Comunicação obteve uma ocorrência e variedade maior de temas e campos de estudo: Comunicação, política e cultura (43); Comunicação e representações identitárias (36); Rádio, televisão e internet (32); Audiovisual (26); Mídia e relações internacionais (25); Sociedade de informação e novas tecnologias (22); Comunicação educativa (19); Jornalismo (17); Pensamento comunicacional: teorias, metodologias e epistemologias (16); e Estética, cidades e design (12). Observou-se uma preocupação com o espaço, a representação e a exploração da imagem no mundo digital, a multiculturalidade, as diferenças sociais e as representações identitárias no mundo virtual.

Os canais, veículos e modelos de comunicação da informação entre pesquisadores, tanto na mídia impressa quanto eletrônica, assim como a educação, a literatura, a produção editorial científica e sua divulgação, são temas em comum em todos os PPGs, tendo como característica diferencial o foco da abordagem. Na Comunicação, o enfoque era dado à mediatização e midiatização; já na Ciência da Informação, a questão principal envolvia a representação da informação e do registro do conhecimento veiculado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possui um tema atual porque aborda as formas e implicações que o novo suporte encontrou nos meios digitais de comunicação científica. Decidiu-se utilizar como base de estudo a produção científica avaliada pelos pares na Trienal 2013, devido à importância da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) como dispositivo de exame de avaliação científica para a comunidade acadêmica e para a economia do país. Pôde-se constatar que a metodologia se mostrou promissora como forma de identificar os novos veículos e seu impacto na comunicação científica e serviu como base para entender de que forma o uso das tecnologias de comunicação tem contribuído para alterar o ciclo da comunicação científica.

A partir do mapeamento dos autores, dos programas de pós-graduação, das editoras que publicaram LDE em CSA1, dos títulos, das características editoriais das obras, seus formatos e funcionalidades, e de sua disponibilidade em canal aberto, foi possível tirar algumas conclusões acerca das implicações que o LDE tem encontrado como veículo na comunicação científica brasileira em CSA1. E apesar de os LDEs não se configurarem como os suportes mais utilizados e, portanto, passíveis de investigação, foi possível obter uma amostragem da produção digital dos docentes e do formato mais utilizado – o PDF em sua maioria.

Os livros científicos avaliados pela Capes têm como característica principal serem provenientes de dissertações de mestrado e teses de doutorado, produtos de pesquisas desenvolvidas nas universidades e em institutos de ensino e educação. Os pesquisadores/autores da área em questão ainda conservam na publicação do livro sua principal forma de divulgação para a pesquisa acadêmica, constituindo-se como principal meio de disseminação do conhecimento, chancelado pelos pares, pelas instituições de ensino e de fomento à pesquisa. O livro publicado é um meio de acumular capital científico devido ao seu alto valor simbólico de autoridade científica já constituído na comunidade acadêmica.

O livro digital e eletrônico ainda se encontra em fase de experimentação entre os pesquisadores como suporte de divulgação de sua produção, apesar de eles se utilizarem de diversos recursos tecnológicos como ferramenta para elaborar suas pesquisas, aulas, apresentações e todo tipo de material didático. A importância do LDE para a comunicação científica, aliada à internet, corresponde à necessidade de se ter acesso a um volume

maior de informação de forma mais organizada num único suporte e disponível em qualquer lugar e a qualquer momento. Essa necessidade é uma característica do próprio ambiente acadêmico, que demanda produção, otimização de tempo, pesquisa, grande memória de armazenamento e acessibilidade. Por isso o LDE é totalmente compatível com a atividade científica e, se devidamente explorado, tem potencial para tornar-se, além de um suporte físico de auxílio, uma ferramenta valiosa para os pesquisadores. E apesar disso, o suporte não tem tido suas funcionalidades devidamente exploradas por grande parte da comunidade científica.

O baixíssimo retorno dos questionários respondidos pelas editoras investigadas dificultou uma análise mais profunda do comportamento das editoras em relação à produção do LDE, mas isso não significa que elas não os produzam; a produção científica é que tem pouca representação no livro digital e eletrônico em relação a outros gêneros nessas editoras. Acredita-se que venha a ser pertinente agregar valor ao conjunto resultante da análise dessa organização dos dados através da realização de entrevistas com os autores da grande área e com membros do comitê avaliador da Capes. O aprofundamento da investigação acerca da utilização do LDE entre os próprios pesquisadores/autores é pertinente, tendo em vista que não foi possível fazê-lo no âmbito desta pesquisa, diante do grande número de obras recuperadas e o tempo gasto para o levantamento de seus dados editoriais.

A partir do levantamento da característica das editoras, ficou evidente que os autores priorizaram o apoio de instituições sem fins lucrativos e setores universitários, como departamentos, fóruns de cultura, centros universitários, institutos, pró-reitorias, programas de pós-graduação e até de bibliotecas. Mesmo sem possuírem um local específico de publicação, esses setores possuem publicações ou prestam algum tipo de apoio para a divulgação de pesquisas científicas. Nem sempre essa divulgação é por meio da publicação de livros; muitas vezes são revistas eletrônicas, periódicos ou mesmo repositórios institucionais.

Observou-se também que a produção científica dos pesquisadores brasileiros da Ciência da Informação em livros no formato digital está crescendo, constatando-se uma tendência em direção à convivência harmoniosa entre a versão impressa e a digital. As duas formas de inscrição de documento – tanto impresso quanto digital – já convivem nos programas de pós-graduação do país, e ainda vão conviver por muito tempo, pois é a cultura do livro impresso que nos possibilita ter uma leitura crítica da informação veiculada, daí a importância do registro físico como referência cultural. Tanto o suporte

impresso quanto o digital deverão ser utilizados concomitantemente por muito tempo, até mesmo porque a tecnologia atual não permite a possibilidade de que um elimine o outro. Os LDEs possivelmente crescerão mais em alguns segmentos do que em outros, pela própria característica da leitura, mas sempre haverá funcionalidades para todas as formas de registro do conhecimento. Ao possibilitar a reprodução do livro impresso, o LDE também contribui para a preservação da memória e perpetuação da cultura impressa.

Com as tecnologias de informação, o livro ganhou novo conceito, reinventando-se e reassumindo a sua condição e importância nos canais de informação científica, como repositórios institucionais e plataformas que disponibilizam livros acadêmico-científicos em parcerias com bibliotecas e editoras universitárias. No entanto, o LDE ainda não encontrou condições adequadas para se desenvolver, assim como demanda, entre outros fatores, a criação de políticas públicas que ampliem e democratizem o acesso ao livro e à internet para estimular a sua produção e utilização. A falta de um ambiente propício para a sua ampla disponibilização, como a criação e a implementação de uma única plataforma de acesso, impede que autores e leitores encontrem o LDE de que necessitam, de qualquer lugar, a qualquer hora, de forma centralizada, organizada e democratizada. A falta de políticas para a formação de coleção nas bibliotecas, que ficam reféns dos modelos de acesso e de negócio baseados em assinaturas de “pacotes”, também é um entrave para assegurar a qualidade do LDE disponibilizado ao usuário.

A pesquisa não entrou no mérito qualitativo da produção; examinou-se o resultado do mapeamento, tipologia e temáticas para uma análise futura. O estudo partiu do pressuposto de que os LDEs investigados já foram submetidos à avaliação dos pares, baseada em critérios estabelecidos pela Capes – um órgão conceituado e reconhecido pela comunidade científica. Não foi possível, portanto, saber se essa produção realmente tem contribuído para a geração de conhecimentos na área, atraindo citações; se tem auxiliado a disseminar o conhecimento para a sociedade; ou se tem ficado apenas entre os muros das universidades. A análise aqui proposta da produção científica brasileira em formato digital dos docentes, avaliada pelos pares, possui caráter documental para a Ciência da Informação por tratar dos livros da grande área de CSA1 e sua forma física como documento, inscrição, registro e representação do conhecimento – daí sua relevância para ampliar o debate sobre o tema nos estudos da área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Letícia. Informação e os sistemas de comunicação científica na Ciência da Informação. *DataGramaZero*, Revista de Informação, v. 12, n. 3, jun. 2011.

AMARAL, Fábio Eduardo. O que é e-Book? *Tecmundo*, 6 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/educacao/1519-o-que-e-e-book-.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

AMAZON vai pagar autores conforme o número de páginas que pessoas leem no Kindle. *Revista Exame*, 22 jun, 2015. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/amazon-vai-pagar-autores-conforme-o-numero-de-paginas-que-pessoas-leem>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

ANDRADE, Viviane Toraci Alonso de. Política de comunicação científica em rede: repositórios institucionais como dispersão. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 1-16, ago./dez. 2014.

ARAÚJO, Marcelo Henrique de; REINHARD, Nicolau. Uma análise dos fatores que influenciam a utilização de serviços de governo eletrônico no Brasil. In: TIC DOMICÍLIOS E EMPRESAS 2013: pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. Disponível em: < <http://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-no-brasil-tic-domicilios-e-empresas-2013/165> >. Acesso em: 24 fev. 2015.

BASTOS, Leonardo; FLECK, Denise. *Indústria editorial de livros no Brasil: análise panorâmica de seu crescimento*. Rio de Janeiro: Coppead/UFRJ, 2012.

BENÍCIO, Christine Dantas. Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica. Monografia (Graduação), 2003. Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/Paraíba.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. De Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989. (Memória e Sociedade). Disponível em: < <file:///C:/Users/vania/Downloads/BOURDIEU,%20P.%20O%20poder%20simb%C3%B3lico.pdf>>. Acesso em: out. 2014.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 15, n. esp., p. 1 - 12, 2010.

BUFREM, Leilah Santiago. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para reformulação na prática*. São Paulo: Edusp; Com-Art; Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

-----; SORRIBAS, Tidra Viana. Práticas de leitura em meio eletrônico. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 11, n.1, p. 298-326, dez. 2009.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutemberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. In: *Estudos Avançados*, v. 16, n. 44, São Paulo, Jan./Apr. 2002. p. 180.

-----. *Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

-----. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 160

CAMPOS, Matheus. Setor editorial brasileiro encolheu 5,16% em 2014, diz pesquisa: mercado de livros faturou pouco mais de R\$ 5,4 bilhões no ano passado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 jun. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/setor-editorial-brasileiro-encolheu-516-em-2014-diz-pesquisa-16341980#ixzz3hIcwNXLU>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Roteiro para Classificação de Livros*. Avaliação dos programas de pós-graduação. Aprovada na 111ª reunião do CTC de 24 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/relatorios-de-avaliacao>. Acesso em: 27 jun. 2014.

-----, *Relatório de avaliação 2010-2012 – Trienal 2013*. Área de avaliação: Ciências Sociais Aplicadas 1. Rio de Janeiro: CAPES, 2013. p. 12-16. Disponível em: <<http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/relatorios-de-avaliacao>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

-----, Documento de área 2013. Avaliação trienal 2013. Rio de Janeiro: CAPES, 2013. Disponível em: <<http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/documento-de-area-e-comissao>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

CARRENHO, Carlo. Qual o preço justo de um e-book? *Tipos Digitais*, 11 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.tiposdigitais.com/2012/12/precojustodeumebook.html>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

-----, *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

-----, A revolução da tecnologia da informação. In: -----, *A sociedade em rede*, v. 1. 6.ed. rev ampl. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CELAYA, Javier. América Latina dará grande salto para livro digital até 2020. *UOL Economia*, 28 abr. 2015. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/efe/2015/>>

04/28/america-latina-dara-grande-salto-para-livro-digital-ate-2020-diz-editor.htm>.

Acesso em: 1 maio 2015.

CERLALC/UNESCO – Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe. Comportamento do leitor e hábitos de leitura: comparativo de resultados em alguns países da América Latina. *II Seminário Nacional da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a cultura. mar. 2012. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/7880-conheca-os-palestrantes-e-suas-exposicoes-no-ii-seminario-nacional-da-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-3182>>. Acesso em: 10 out. 2014.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. de Reginaldo de Moraes. 1. reimpressão. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. (Coleção Prismas)

-----, *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2014.

-----, *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora da UNB, 1994b.

-----, Do códice ao monitor: a trajetória da escrita. *Estudos Avançados*, 8 (21), 1994a.

-----, *Os desafios da escrita* / Roger Chartier; tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CRIPPA, Giulia. Robert Darnton: a história do livro como contribuição aos estudos bibliográficos. In: SEGUNDO, José Eduardo Santarém; SILVA, Márcia Regina da; DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. de Daniel Pellizzari. 1. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAQUINO, Fernando. O que é o formato ePub? *Tecmundo*, 12 fev 2010. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/amazon/3644-o-que-e-o-formato-epub-.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

DECLARAÇÃO de apoio ao acesso aberto à literatura científica – "Carta de São Paulo". In: *Acesso Aberto Brasil - Pela democratização do acesso a publicações científicas*. São Paulo, 2 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.acessoaberto.org/>>. Acesso em: 1 ago. 2014.

DIAS, Guilherme Ataíde; VIEIRA, Américo A. Nogueira; SILVA, Alba L. de Almeida. Em busca de uma definição para o livro eletrônico: o conteúdo informacional e o suporte físico como elementos indissociáveis. XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciên-

cia da Informação – ENANCIB 2013. GT 8: Informação e Tecnologia. Comunicação oral. Santa Catarina: UFSC, 29 out. 2013 a 1 nov. 2013.

DOURADO, S.M. *Identificando a inovação editorial na cadeia produtiva do livro universitário brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/7827>>. Acesso em 28 jul. 2014.

DOURADO, S. M.; ODDONE, N. E. A produção de livros digitais em editoras universitárias brasileiras: mapeando a inovação editorial para comunicação científica em CT&I. In: XII ENANCIB Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2011, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: ANCIB, 2011. Disponível em: <http://200.136.214.89/nit/refbase/arquivos/oliveira/2011/589_Oliveira+Faria2011.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2014.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Unesp, 2008.

FONSECA, Leonardo Bastos da. *Crescimento da indústria editorial de livros do Brasil e seus desafios*. Dissertação (Mestrado em Administração), 2013. Programa de Pós-graduação em Administração, Instituto Coppead de Administração/UFRJ. Disponível em: <<http://www.snel.org.br/crescimento-da-industria-editorial-de-livros-do-brasil-e-seus-desafios/>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

FURTADO, José Afonso. *Do papel ao digital*. Entrevista concedida ao Site E-bookPortugal. Lisboa, 16 de abr. 2010. Entrevista. Disponível em: <<http://ebookportugal.net/2010/04/do-papel-ao-digital-por-jose-afonso-furtado/#axzz2CVgEB1rx>> Acesso em: 30 ago. 2014.

GARVEY, William D. *Communication: the essence of science*. Oxford: Pergamon Press, 1979.

GRAU, Isabel; ODDONE, Nanci; DOURADO, Stella. E-books, livros digitais ou livros eletrônicos? Um estudo terminológico. XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB 2013. GT 7: Produção e Comunicação da Informação em CT&I. Pôster. Santa Catarina: UFSC, 29 out. 2013 a 1 nov. 2013.

HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

IDOETA, Paula Adamo. Empréstimo de livros digitais opõe bibliotecas e editoras. *BBC Brasil*, São Paulo, 25 jan. 2013. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/01/130122_bibliotecas_3_ebooks_pai>. Acesso em: 5 maio 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. 3ª ed. *II Seminário Nacional da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Instituto Pró-livro; Cerlalc/Unesco, 2014. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/relatórios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf>. Acesso em: jun. 2015.

ISBN - Agência Internacional do ISBN. Publicações Eletrônicas. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.isbn.bn.br/website/publicacoes-eletronicas>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

-----, *Inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2007.

-----, *Seminário Educação, Saúde e Sociedade do Futuro*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 27 ago. 2015. Palestra. Disponível em: <<http://seminarioeducacao.fiocruz.br/conference/1/cfvideo>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

MACHADO, Jorge A. S. et al. Declaração de apoio ao acesso aberto à literatura científica: "Carta de São Paulo". São Paulo, 2 dez. 2005. *Acesso Aberto Brasil: pela democratização do acesso a publicações científicas*. Disponível em: <http://www.acessoaberto.org/carta_de_sao_paulo_acesso_aberto.htm>. Acesso em: 1 ago. 2014.

MACIEL, Nahima. Mercado de livros diminui 8,5% no Brasil; especialistas garantem que preço não é motivo. *Correio Braziliense*, 16 jun. 2015. Disponível em: <http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2015/06/16/noticia_arte_e_livros,168730/venda-de-livros-diminui-8-5-preco-nao-e-motivo-dizem-especialistas.shtml>. Acesso em: 10 out. 2015.

MAGALHÃES, Carolina de Souza Santana. *Seleção de coleções de livros digitais nas universidades públicas brasileiras*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), 2013. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia/UFBA.

MARTINS, Robson Dias; CARMO, Annibal José Roris R. S. do. Criação da cadeia de suprimentos para e-books. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 20, n. 2, p. 286-297, maio/ago., 2015.

MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Trad. de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MELLO, Gustavo Afonso Taboas de. O livro digital. E-books: muito mais do que uma nova mídia. In: *Desafios para o setor editorial brasileiro de livros na era digital*. Rio de Janeiro: BNDES, 2012. p. 468-473. (Produção BNDES) Disponível em: <<https://web.bndes.net/bib/jspui/handle/1408/1486>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

MENDONÇA, M. Serviço de referência digital. In: MARCONDES, Carlos H. et al. (Org). *Bibliotecas digitais: saberes e práticas*. 2. ed. Salvador: UFBA; Brasília: IBICT, 2006. p. 225-238. Disponível em: <<http://migre.me/toEkd>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

MENEZES, Vinícios Souza de. Os livros nas teses: implicações político-epistemológicas no saber da ciência da informação. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), 2012. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia/UFBA.

-----; ODDONE, Nanci. Os livros nas teses da Ciência da Informação: um estudo de citação (2007-2009). *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 7, n.1, jan./jun. 2014.

MIRANDA, Antonio. Sociedade da Informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *Programa Sociedade da Informação – SocInfo/MCT*. Brasília, v. 29, n., 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.

MORAES, Bruno; MELO, Eduardo. Venda de ebooks em baixa nos EUA. *Ebook News*, 20 jul. 2015. Disponível em: <http://ebooknews.com.br/venda-de-ebooks-em-baixa/?utm_source=eBookNews&utm_campaign=3faf0af95c-B_20715&utm_medium=email&utm_term=0_516b044354-3faf0af95c-377417901>. Acesso em: 22 jul. 2015.

MUELLER, S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. *Ciência da Informação*, vol. 35, n. 2, Brasília, May/Aug. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/356/374>>. Acesso em: 21 dez. 2013.

NOVAIS, Gisele. Classificação de Livros é utilizada pela segunda vez na Avaliação Trienal da Capes. *Fundação CAPES*, Brasília, Ministério da Educação, 21 maio 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/36-noticias/6578-classificacao-de-livros-e-utilizada-pela-segunda-vez-na-avaliacao-trienal-da-capes>>. Acesso em: jul. 2015.

ODDONE, Nanci. *A ciência e o livro eletrônico: reinventando a comunicação científica*. Rio de Janeiro, 2013. Projeto de pesquisa financiado com Bolsa de Produtividade do CNPq.

------. Revisitando a “epistemologia social”: esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 108-123, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n1/a08v36n1.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

-----; GOMES, Maria Yêda F. S. de F. Uma nova taxonomia para a ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, Belo Horizonte, 2003. *Anais...* Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. CD-Rom.

PAKER, Abel. Lançamento SciELO Books – os livros bons são eternos. *REA-Recursos Educacionais abertos*, 4 abr. 2012. Entrevista concedida a Carolina Rossini. Disponível em: <<http://www.rea.net.br/site/lancamento-scielo-books-os-livros-bons-sao-eternos/>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

PINHEIRO, Carlos. *Dicionário do ebook*. Licença Creative Commons, 2011. Disponível em: <https://lerebooks.files.wordpress.com/2011/12/dicionc3a1rio-do-ebook.pdf>. Acesso em 25 jun. 2014. (Ler Ebooks)

RANGANATHAN, S. R. A Segunda Lei e suas implicações. In: *As cinco leis da Biblioteconomia*. Trad. de Tarcisio Zandonade. Brasília/DF: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

ROSA, Flávia; SHINTAKU, Milton; MEIRELLES, Rodrigo França; BARROS, Susane; e HOFFMANN, Caio Schwarcz. A presença das editoras universitárias nos acervos dos repositórios institucionais. *Incid: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, Ed. esp., p. 152-164, jul./dez. 2013.

ROSA, Sampaio Fábio. *Indicadores de impacto, visibilidade e colaboração para a produção científica da pós-graduação brasileira: um estudo nos programas de excelência na área de Zootecnia*. Dissertação (Mestrado), 2013. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Universidade Estadual Paulista/São Paulo.

SciELO Livros – Scientific Eletronic Library Online. São Paulo: FAPESP; CNPq; BI-REME; Fap; Unifesp, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

SILVA, Alzira Karla Araújo da; CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho; LIMA, Izabel França de. O conhecimento e as tecnologias na sociedade da informação. *Revista Interamericana de Bibliotecologia*, v. 33, n. 1, p. 213-239, jan.-jun. 2010.

SILVEIRA, Malu. Venda de livros digitais no País registra aumento de 33%. *NE10/Novas tecnologias*, 8 out. 2015. Disponível em: <http://noticias.ne10.uol.com.br/10horas/noticia/2015/10/08/venda-de-livros-digitais-no-pais-registra-aumento-de-33_porcento-573567.php>. Acesso em: 10 out. 2015.

SNEL-SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. Produção e vendas do setor editorial brasileiro. Rio de Janeiro: SNEL, 2014a. Disponível em: <http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>. Acesso em: 24 jul. 2015.

SNEL-SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. Setor editorial cresce 7,52% em 2013 e preço médio constante do livro continua a cair. Rio de Janeiro: SNEL,

2014. Disponível em: <http://www.snel.org.br/setor-editorial-cresce-752-em-2013-e-preco-me-dio-constante-do-livro-continua-a-cair/>. Acesso em: 3 set. 2014.

SNEL-SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. Pela primeira vez no ano, varejo apresenta comparativo de vendas negativo. Rio de Janeiro: SNEL, 27 ago. 2015. Disponível em: < <http://www.snel.org.br/category/noticias/page/2/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

SUAIDEN, Emir; LEITE, Cecília. Dimensão social do conhecimento. In: TARAPANOFF, Kira (org.). *Inteligência, informação e conhecimento em corporações*. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001469/146980por.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

TARGINO, M. G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 10, n. 2, 2000, p. 37-85.

VARELA, Aída; BARREIRA, Maria Izabel de Jesus Sousa; e BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. *Rumos da comunicação científica diante do Acesso Aberto à Informação*. XXIV Congresso Brasileiro de biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. Maceió, Alagoas, 7-10 ago. 2011.

VARELLA, João. O calvário dos e-books. Os livros digitais dão sinais de perda de fôlego nos países desenvolvidos e ainda não têm relevância nos negócios das editoras brasileiras. *Isto é Dinheiro*, 7 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/mercado-digital/20150407/calvario-dos-e-books/247797.shtml>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

VELASCO, Juliana Oliveira. *O uso do livro eletrônico na prática científica*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/7948>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

-----; ODDONE, N. *O livro eletrônico na prática científica: estratégia metodológica*. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. VIII ENANCIB 2007, Salvador. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--069.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

VERGER, Jacques. Os livros na Idade Média. In: Homens e Saber na Idade Média. Trad. de Carlota Boto. Bauru/SP: Edusc, 1999. Disponível em: <http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/CICRAD2011/M5%20Aulas/O%20Livro%20na%20Idade%20Media.pdf>. Acesso: 28 abr. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE 1:
Planilha dos livros digitais e eletrônicos de Ciências Sociais e Aplicadas I
classificados pela Capes – triênio 2010-2012.

CLASSIFICAÇÃO DE LIVROS - CAPES						DADOS EDITORIAIS DA OBRA COLETADOS NA PESQUISA										
N.	PPG	IES	TÍTULO DA OBRA	TIPO DA PUBLICAÇÃO (livro, dicionário)	CLAS. (L1, L2, L3)	ISBN PAPEL	ISBN LDE	TEXTO	LEITOR	EDITORA	ANO	ED.	PÁG.	UF	ACESSO LIVRE	OBSERVAÇÕES
1	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UEL	DESAFIOS E PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS PARA A ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98176-45-1	PDF	TODOS	FUNDEPE	2012	1	285	SP	Disponível: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/livro->	
2	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UEL	GESTÃO, MEDIAÇÃO E USO DA INFORMAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-7983-117-1	PDF, EPUB	TODOS	CULTURA ACADÊMICA	2010	1	391	SP	Disponível: <http://books.scielo.org/ld/j4gkh>. Acesso: 18 jun. 2014.	
3	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UEL	PRODUÇÃO INTELECTUAL NO AMBIENTE ACADÊMICO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-7846-072-3	PDF	TODOS	EDUEL	2010	1	125	PR	Disponível: <http://www.uel.br/pos/mestradoinformacao/pages/ebook.php>.	
4	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFBA	MEMÓRIA, ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS: ALGUMAS REFLEXÕES. IN: MEMÓRIA: UM LUGAR DE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-88533-48-6	PDF	TODOS	COMPACTA GRÁFICA E	2010	1	135	SP	À VENDA.	
5	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFBA	COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, TRANSMISSÃO EM INFORMAÇÃO: ESPECIFICIDADES EM CONVERGÊNCIA	INTEGRAL	L1		978-85-60667-96-3	PDF	TODOS	EDUFBA	2012	1	59	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6971/1/Livro%20final.p>	SEM INFORMAÇÃO NO ISBN.
6	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFF	ESTUDOS AVANÇADOS EM ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO. V.1: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98176-45-1	PDF	TODOS	FUNDAÇÃO PEDRO	2011	1	285	BA	Disponível: <http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Estudos-avan%C3%A7ados-2.pdf>.	
7	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFF	TEMAS DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7205-080-7	PDF	TODOS	ECA - USP	2010	1	339	SP	Disponível: <http://www3.eca.usp.br/biblioteca/publicacoes-e-book/temas-de-pesquisa-em-ciencia-da-informacao-no-brasil>.	
8	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFF	CONTADORES DE HISTÓRIAS UM EXERCÍCIO PARA MUITAS VOZES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-65126-00-7	PDF	TODOS	PRIETO PRODUÇÕES	2011	1	240	RJ	Disponível: <http://issuu.com/prieto producoes/docs/00livro_contadoresdehi>	
9	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFMG	JORNALISMO CONTEMPORÂNEO: FIGURAÇÕES, IMPASSES E PERSPECTIVAS. LIVRO COMPÓS 2011	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4		978-85-232-0792-2	PDF	TODOS	EDUFBA/COMPÓS	2011	1	322	BA, DF	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1586/1/Jornalismo%20>	ESTE TÍTULO APARECE REPETIDO COM OUTRO ISBN POR OUTRA EDITORA NO PPG
10	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFMG	EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E CIDADANIA: ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-882-2133-8	PDF	TODOS	PROEX	2011	1	396	RJ	Disponível: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/educacao/docs/livro.pdf>.	
11	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFMG	BIBLIOTECA ESCOLAR: CONHECIMENTOS QUE SUSTENTAM A PRÁTICA	INTEGRAL	L2		978-85-7526-593-2	PDF	TODOS	AUTÊNTICA	2011	1	144	MG, SP	À VENDA.	
12	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFMG	MANUAL DE NORMALIZAÇÃO: PADRONIZAÇÃO DE DOCUMENTOS ACADÊMICOS DO NITEG/UFMG E DO	INTEGRAL	L1		978-85-914076-0-6	PDF	TODOS	UFMG	2011	1	75	MG	Disponível: <http://bibliotecaufmg.files.wordpress.com/2012/08/manual-de-normalizacao3a7c3a3o.pdf>. Acesso: 24 jun. 2014.	
13	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFMG	O CARRO-BIBLIOTECA DA ECI/UFMG 38 ANOS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-62805-05-9	PDF	TODOS	RONA	2012	1	152	MG	Disponível: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CarroBiblioteca_2012.pdf>	
14	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFPB/JP	GESTÃO DA INFORMAÇÃO, INOVAÇÃO E INTELIGÊNCIA COMPETITIVA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98176-45-1	PDF	TODOS	FUNDAÇÃO PEDRO	2011	1	285	BA	À VENDA.	
15	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFPB/JP	ARQUEOLOGIA, ETNOLOGIA E ETNO-HISTÓRIA EM IBEROAMÉRICA: TEXTOS DE ANTRPOLOGIA SOCIO-	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-02-17533-4	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	SARAIVA	2012	1	324	PB	À VENDA.	
16	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFPB/JP	CULTURA, TECNOLOGIA E MEMÓRIA: ESTRATÉGIAS PARA PRESERVAÇÃO A ACESSO À INFORMAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-61228-74-3	PDF	TODOS	UFGD	2010	1	351	DF	Disponível: <file:///C:/Users/vania/Downloads/Arqueologia-%20Etnologia.pdf>. Acesso: 29 jun. 2014.	
17	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFPE	ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: IDENTIDADES, CONTRASTES E	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-228-0882-3	PDF	TODOS	EDUFF	2014	1	300	PE	À VENDA.	
18	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E PODER: MUDANÇA TECNOLÓGICA E INOVAÇÃO SOCIAL.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-228-0882-3	EPUB	TODOS E-READERS	UFF	2012	1	212	RJ	À VENDA.	
19	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	MÚLTIPLAS FACETAS DA COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICAS: TRANSFORMAÇÕES EM	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-228-0881-6	PDF	TODOS	UFF	2012	1	212	RJ	À VENDA.	
20	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	PRESERVAÇÃO DOCUMENTAL UMA MENSAGEM PARA O FUTURO.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7013-095-2	PDF	TODOS	IBICT	2011	1	267	RJ	Disponível: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/7111>. Acesso: 30 jun. 2014.	
21	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	CULTURA, REPRESENTAÇÃO E INFORMAÇÃO DIGITAIS.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-232-0860-8	PDF	TODOS	EDUFBA	2012	1	130	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/5613>. Acesso: 30 jun. 2014.	
22	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	INFORMAÇÃO E DEMOCRACIA: A REFLEXÃO CONTEMPORÂNEA DA ÉTICA E DA POLÍTICA.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-232-0713-7	PDF	TODOS	EDUFBA	2010	1	248	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/7335>. Acesso: 30 jun. 2014.	
23	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	PASSEIOS PELO BOSQUE DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ESTUDOS SOBRE REPRESENTAÇÃO E	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7013-070-9	PDF	TODOS	IBICT	2010	1	171	RJ	Disponível: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/429>. Acesso: 1 jul. 2014.	
24	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	BASES CONCEITUAIS EM PESQUISA, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7013-079-2	PDF	TODOS	IBICT	2010	1	335	DF	Disponível: <http://repositorio.ibict.br/handle/123456789/36>. Acesso: 1 jul. 2014.	
25	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	CONHECIMENTO: CUSTÓDIA E ACESSO.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-60755-27-1	PDF	TODOS	CGEE	2010	1	212	DF	Disponível: <file:///C:/Users/vania/Downloads/bases_conceituais.pdf>. Acesso: 1 jul. 2014.	
26	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	HABERMAS E INTERLOCUÇÕES.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-7314-047-7	PDF	TODOS, AUDIOLIVRO	SIBI-USP	2012	1	96	SP	Disponível: <http://www.sibi.usp.br/30anos/catalogo_expo/catalogo_exposi>	
27	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	PARA ENTENDER AS MÍDIAS SOCIAIS. V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-62487-16-3	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	DWME EDITORIAL	2012	1	316	RJ	À VENDA.	
28	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFRJ	PARA ENTENDER AS MÍDIAS SOCIAIS. V. 2	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-60936-05-2	PDF	TODOS	VNI COMUNICAÇÃO	2011	1	210	RJ	Disponível: <http://paraentenderasmidiasociais.blogspot.com.br/2011/04/d>	

29	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		REVOLUÇÃO 2.0 E A CRISE DO CAPITALISMO GLOBAL.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO			978-85-60936-09-0	PDF	TODOS		2012	1	278	RJ	Disponível: <http://www.4shared.com/web/preview/pdf/V4-i- knC>. Acesso: 2 jul. 2014.	
30	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UF RJ	FOTOGRAFIA: MÚLTIPLOS OLHARES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-76172-85-7	978-85-76173-21-2	PDF	TODOS	GATO SABIDO	2013	1	312	RJ	À VENDA.	
31	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UFSC	ESTUDOS AVANÇADOS EM ARQUIVOLOGIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-60591-59-6		PDF	TODOS	MIDIOGRAF II	2012	1	330	RS	Disponível: <http://www.uel.br/pos/biografia/wp- content/uploads/Fotografa-Multiplos-Ohares.pdf>. Acesso: 4	
32	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNB	APRENDIZADO ORGANIZACIONAL: CONTEXTO E PROPOSTAS. V. 2	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4		978-85-7983-266-6	PDF	TODOS	CULTURA ACADEMICA	2012	1	318	SP	Disponível: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/estudos_avanc	
33	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNB	APRENDIZADO ORGANIZACIONAL: FUNDAMENTOS E ABORDAGENS MULTIDISCIPLINARES. V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-8212-082-8	978-85-8212-081-1	PDF	TODOS	INTERSABERE S	2012	1	200	RS	À VENDA.	A INFORMAÇÃO DE QUE O LIVRO É LDE CONSTA NO CADASTRO DO ISBN, MAS NÃO FOI
34	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNB	LETRAMENTO INFORMACIONAL: PESQUISA, REFLEXÃO E APRENDIZAGEM	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7838-723-5	978-85-8212-079-8	PDF	TODOS	INTERSABERE S	2012	1	200	RS	À VENDA.	A INFORMAÇÃO DE QUE O LIVRO É LDE CONSTA NO CADASTRO DO ISBN, MAS NÃO FOI
35	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNB	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO SÉCULO XXI: [MULTI] RREFERENCIALIDADES	INTEGRAL	L2		978-85-88130-09-8	PDF	TODOS	FIC	2012	1	175	DF	Disponível: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LI VRO_Leitamento_Infrmacional.pdf>. Acesso: 5 jul. 2014.	
36	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNB	MUSEOLOGIA EM AÇÃO: HOMENAGEM À LYGIA MARTINS COSTA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-87191-80-9	PDF	TODOS	FUNAPE	2010	1	280	GO	Disponível: <http://www.fic.ug.br/uploads/74/original_eBookV2.pdf>.	
37	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNB	INTRODUÇÃO AOS MODELOS COMPUTACIONAIS DE RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÃO	INTEGRAL	L1		NÃO	PDF	TODOS	FIC	2010	1	75	DF	Disponível: <http://www.alvarestech.com/illian/Apresentacoes/H omenagemD.Lygia27102010.pdf>. Acesso: 6 jul. 2014.	NÃO POSSUI ISBN.
38	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNESP/ MAR	APLICAÇÃO DOS FRBR NA MODELAGEM DE CATÁLOGOS BIBLIOGRÁFICOS DIGITAL	INTEGRAL	L4	978-85-399-0188-3	978-85-399-0212-5	PDF	TODOS	CIÊNCIA MODERNA	2011	1	184	RJ	À VENDA.	
39	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNESP/ MAR	ELEMENTOS DE LINGÜÍSTICA E SEMIOLOGIA NA ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	INTEGRAL	L2	978-85-7983-210-9		PDF	TODOS	CULTURA ACADEMICA	2011	1	180	SP	Disponível: <http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Aplicacao_	
40	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNESP/ MAR	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: MÍDIAS E CONVERGÊNCIAS DE LINGUAGENS NA WEB	INTEGRAL	L2	978-85-7983-205-5		PDF	TODOS	CULTURA ACADEMICA	2011	1	226	SP	Disponível: <http://blog.crb6.org.br/wp- content/uploads/2012/06/Elementos_de_linguistica_e_semiologi	
41	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNESP/ MAR	CRIAÇÃO, PROTEÇÃO E USO LEGAL DE INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DA WORLD WIDE WEB	INTEGRAL	L1		978-85-7983-330-4	PDF	TODOS	CULTURA ACADEMICA	2012	1	170	SP	Disponível: <http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Ciencia_d	
42	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNESP/ MAR	ÉTICA DA INFORMAÇÃO CONCEITOS, ABORDAGENS, APLICAÇÕES	INTEGRAL	L1		978-85-7983-115-7	PDF	TODOS	CULTURA ACADEMICA	2010	1	144	SP	Disponível: <http://static.scielo.org/scielobooks/tx3q/pdf/araya- 9788579831157.pdf>. Acesso: 6 jul. 2014.	
43	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNESP/ MAR	IMPLANTAÇÃO E GESTÃO DE REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: POLÍTICAS, MEMÓRIA, LIVRE ACESSO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-7539-524-0	PDF	TODOS	IDEIA/UFPA	2010	1	240	PB	Disponível: <http://ru.fyl.unam.mx:8080/bitstream/10391/1328/1/teaching%	
44	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNESP/ MAR	ACESSIBILIDADE E VISIBILIDADE DE REVISTAS CIENTÍFICAS ELETRÔNICAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-232-0655-0	PDF	E-BOOK	EDUFBA	2009	1	365	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/473/3/implantacao_r	
45	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	USP	REVISTAS CIENTÍFICAS: DOS PROCESSOS TRADICIONAIS ÀS PERSPECTIVAS ALTERNATIVAS DE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-396-0035-9		PDF	TODOS	SENAC-SP	2010	1	360	SP	À VENDA.	
46	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	USP	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E LITERATURA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7480-571-9	978-85-7480-617-4	PDF	TODOS	ATELIÉ EDITORIAL	2012	1	220	SP	À VENDA.	
47	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	USP	CISC 20 ANOS: COMUNICAÇÃO, CULTURA E MÍDIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7516-580-5		PDF	TODOS	BLUECOM COMUNICAC	2012	1	547	SP	Disponível: <http://cisc.org.br/portal/biblioteca/CISC_20_anos- Comunicacao_Cultura_e_Midia.pdf>. Acesso: 8 jul. 2015	
48	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	USP	AS NOÇÕES DE DOCUMENTO E INFORMAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-66333-02-2	PDF, EPUB	ANDROID, DESKTOP-	BLUECOM	2012	1	548	SP	Disponível: <http://cisc.org.br/portal/biblioteca/CISC_20_anos- Comunicacao_Cultura_e_Midia.pdf>. E-pub disponível para	
49	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	USP	COMUNICAÇÃO PÚBLICA: INTERLOCUÇÕES, INTERLOCUTORES E PERSPECTIVAS	INTEGRAL	L1		978-85-915724-2-7	PDF	TODOS	JÉSSICA CÂMARA	2013	1	131	SP	À VENDA.	
50	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	USP	CULTURA CONTEMPORÂNEA, IDENTIDADES E SOCIABILIDADES: OLHARES SOBRE CORPO, MÍDIA E	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-7205-109-5	978-85-7205-100-2	PDF	TODOS	ECA - USP	2012	1	409	SP	Disponível: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/frm/mb/pos/quarb.p	
51	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	USP	OS ESTUDOS LEXICAIS EM DIFERENTES PERSPECTIVAS. V. 3	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-7983-095-2	PDF	TODOS	CULTURA ACADEMICA	2010	1	214	SP	Disponível: <http://static.scielo.org/scielobooks/js96/pdf/caastro- 9788579830952.pdf>. Acesso: 9 jul. 2014.	
52	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	USP	COLEÇÕES CIENTÍFICAS LUSO-BRASILEIRAS: PATRIMÔNIO A SER DESCOBERTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-7506-216-6	PDF	TODOS	FFLCH	2013	1	154	SP	Disponível: <http://www.flch.usp.br/doc/neo/livros/EstLExDiPersv0111.pdf	
53	MUSEOLOGIA	UNIRIO	IMAGENS DA CIÊNCIA. O ACERVO DO MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98176-45-1	PDF	TODOS	FUNDEPE	2013	1	310	RJ	Disponível: <http://isko-brasil.org.br/wp- content/uploads/2013/02/Estudos-avan% C3%A7ados-2.pdf>.	
54	MUSEOLOGIA	UNIRIO	ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ANCIPIB):	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-232-0860-8	PDF	TODOS	EDUFBA	2012	1	130	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/5613>. Acesso: 7 jan. 2015.	
55	MUSEOLOGIA	UNIRIO	CONVERGÊNCIAS E TENSÕES NO CAMPO DA FORMAÇÃO E DO TRABALHO DOCENTE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-85994-85-3	PDF	TODOS	ISA	2011	1	778	SP	Disponível: <http://pib.socioambiental.org/pdf/downloads>. Acesso: 7 jan. 2015.	
56	MUSEOLOGIA	USP	NÃO FAÇO FILOSOFIA. SENÃO VIDA. V. 2	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-66346-00-8	PDF	TODOS	FUNDAÇÃO HERMANN	2012	1	244	SC	Disponível: <http://www.museuhering.com.br/pagellip/Museu_Hering- 	
57	MUSEOLOGIA	USP	A REVISTA NO BRASIL DO SÉCULO XIX: A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES, DO LEITOR E DA	INTEGRAL	L1		978-85-7229-057-9	PDF	TODOS	MAC	2012	1	160	SP	Disponível: <http://issuu.com/geacmac/docs/livro_final37e=12570659/847	
58	COMUNICAÇÃO	FCL	JORNALISMO CONTEMPORÂNEO: FIGURAÇÕES, IMPASSES E PERSPECTIVAS	INTEGRAL	L4	978-85-7939-170-5		PDF	TODOS	ALAMEDA EDITORIAL	2012	1	450	SP	Disponível: <http://minhateca.com.br/loufguereiro/Comunica% C3%A7a% C3%A3o/	ESTE TÍTULO APARECE REPETIDO COM OUTRO ISBN POR OUTRA EDITORANO PPG CIÊNCIA DA
59	COMUNICAÇÃO	FCL	MEDIAÇÃO E MEDIATIZAÇÃO: LIVRO COMPÓS 2012	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4	978-85-232-0792-2		PDF	TODOS	EDUFBA	2011	1	322	BR	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1586/1/Jornalismo%20	
60	COMUNICAÇÃO	FCL	A FESTA DA LÍNGUA: VILÉM FLUSSER	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4	978-85-232-0955-1	978-85-232-0993-3	PDF	TODOS	EDUFBA/ COMPOS	2012	1	327	BA / DF	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACA	

61	COMUNICAÇÃO	FCL	COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: CAPITAL SOCIAL, RECONHECIMENTO E DELIBERAÇÃO PÚBLICA	INTEGRAL	L3	978-85-349-3203-5	978-85-349-3442-8	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	PAULUS	2010	1	220	SP	À VENDA.	DIGITALIZAÇÃO disponível: <http://minhateca.com.br/loufqueiredo/Comunica%3a
62	COMUNICAÇÃO	FCL	COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE DO ESPETÁCULO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-323-0988-4	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	SUMMUS EDITORIAL	2011	1	368	SP	À VENDA.	
63	COMUNICAÇÃO	FCL	JORNALISMO DIGITAL: AUDIOVISUAL, CONVERGÊNCIA E COLABORAÇÃO	INTEGRAL	L3	978-85-02-12224-6	978-85-02-12223-9	PDF	TODOS	SARAIVA	2011	1	190	PR	Disponível: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfobgrafocsf>	
64	COMUNICAÇÃO	FCL	COMUNICAÇÃO, JORNALISMO E COMPREENSÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-66333-02-2	PDF	TODOS	BLUECOM	2012	1	547	SP	Disponível: <http://ojs.org.br/portaibiblioteca/CISC_20_anos-Comunicacao_Cultura_e_Midia.pdf>. Acesso: 9 jan. 2015.	
65	COMUNICAÇÃO	FCL	IMAGINÁRIO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7430-959-0	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2010	1	646	RS	À VENDA.	
66	COMUNICAÇÃO	FCL	INTERFACES DA COMUNICAÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO: UM PANORAMA PARA (RE)PENSAR A	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7651-226-4		PDF	TODOS	PLEIADE	2012	1	290	SP	À VENDA.	
67	COMUNICAÇÃO	FCL	COMUNICAÇÃO E CULTURA DO OLIVIR	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7983-193-5		PDF	TODOS	CULTURA ACADÊMICA	2011	1	194	SP	Disponível: <http://casperibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/01/Comunica%C3%A7%C3%A3o-e-educacao.pdf>	
68	COMUNICAÇÃO	FCL	MESTRES DA COMUNICAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-7651-214-1		PDF	TODOS	PLEIADE	2012	1	494	SP	Disponível: <http://casperibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/01/Comunica%C3%A7%C3%A3o-e-educacao.pdf>	
69	COMUNICAÇÃO	FCL	MÍDIA E COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA: RELATOS DE PESQUISAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-62080-06-7	PDF	TODOS	MOMENTO EDITORIAL	2011	1	303	SP	Disponível: <http://casperibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/01/M%3C3%ADdia-e-educacao.pdf>	
70	COMUNICAÇÃO	FCL	PARA ENTENDER AS MÍDIAS SOCIAIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-60591-59-6		PDF	TODOS	MIDIOGRAF II	2012	1	330	SC	Disponível: <http://www.uel.br/pos/fofografia/wp-content/uploads/Fofografia-Multiplos-Olhares.pdf>. Acesso: 13	
71	COMUNICAÇÃO	FCL	A INCLUSÃO ESCOLAR DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-7651-227-1		PDF	TODOS	PLEIADE	2012	1	174	SP	Disponível: <http://casperibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/01/M%3C3%ADdia-e-educacao.pdf>	
72	COMUNICAÇÃO	FCL	COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA: TEMAS E APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-60936-09-0	PDF	TODOS	VNI COMUNICAÇÃO	2012	1	209	SP	Disponível: <http://paraentenderasmidiasociais.blogspot.com.br/2011/04/d	
73	COMUNICAÇÃO	FUFSE	MIDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA: CENÁRIOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-88537-96-5	X	X	INTERCOM	2012	1	333	SP	À VENDA.	
74	COMUNICAÇÃO	FUFSE	PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL 2011/2012.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-85291-99-0		PDF	TODOS	ITAÚ CULTURAL	2010	1	237	SP	Disponível: <http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/001719.pdf>	
75	COMUNICAÇÃO	FUFSE	EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: AMBIENTES VIRTUAIS, TICS E UNIVERSIDADES ABERTAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7811-173-1		PDF	TODOS	IPEA	2013	1	214	DF	Disponível: <http://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/livros/livros>	
76	COMUNICAÇÃO	FUFSE	CINEMA, GLOBALIZAÇÃO E INTERCULTURALIDADE.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-88537-95-8	PDF	TODOS	INTERCOM	2012	1	346	SP	Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/721f6b99>	
77	COMUNICAÇÃO	FUFSE	IMAGENS E SIGNIFICADOS DA MORTE NO OCIDENTE" IN GOLDENBERG, M. (ORG.) CORPO.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-62576-08-9	PDF	TODOS	CRIAÇÃO HUMANA	2010	1	106	SE	Disponível: <http://pt.slideshare.net/parislexas/liceadellanianequilherme>	
78	COMUNICAÇÃO	PUC/RJ	A CIBERCULTURA EM TRANSFORMAÇÃO: PODER, LIBERDADE E SOCIABILIDADE EM TEMPOS DE	INTEGRAL	L2	978-85-7110-988-9		PDF	TODOS	ZAHAR	2007	1	232	RJ	Disponível: <http://minhateca.com.br/glkanaan/TROTOSKY%2c+Leon.+1923.>	
79	COMUNICAÇÃO	PUC/RJ	A PROGRAMAÇÃO DE RÁDIOS PÚBLICAS BRASILEIRAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7650-315-6		PDF	TODOS	E-PAPERS	2011	1	225	RJ	À VENDA.	
80	COMUNICAÇÃO	PUC/RJ	ANÁLISE DE TELEJORNALISMO: DESAFIOS TEÓRICO METODOLÓGICOS	INTEGRAL	L1	978-85-11-00038-2		X	X	BRASILIENSE	2010	1	162	RJ	À VENDA.	
81	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	CINEMA: PRIMEIRO FILME. DESCOBRINDO, FAZENDO, PENSANDO	INTEGRAL	L3		978-85-65390-12-5	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	BUQUI	2012	1	167	RS	À VENDA.	
82	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	COMUNICAÇÃO PÚBLICA, SOCIEDADE E CIDADANIA.	INTEGRAL	L3	978-85-63899-00-2	978-85-63899-06-4	HTML	WEB, ANDROID,	PENSO / ARTMED	2011	1	152	RS	À VENDA.	
83	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO: CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA E INCLUSÃO DIGITAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-232-0854-7		PDF	TODOS	EDUFBA	2011	1	197	BA	Disponível: <file:///C:/Users/vania/Downloads/Comunicacao%20e%20estu>	
84	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	FACES DA CULTURA E DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL. V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7478-376-5	978-85-7478-541-7	PDF	TODOS	MAUJAX	2013	1	288	RS	À VENDA.	
85	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	LOCAST CIVIC MEDIA: INTERNET MÓVEL, CIDADANIA E INFORMAÇÃO HIPERLOCAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-6208-016-0	978-85-6208-006-1	PDF	TODOS	INTERCOM	2012	1	242	SP	Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/2170d7d>	
86	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	MÍDIA SONORA EM 4 DIMENSÕES: 1 OUVINTES E FALANTES, 2 MEMÓRIA POLÍTICA, 3 PROGRAMAS DE	INTEGRAL	L3	978-85-397-0035-6	978-85-7430-945-3	PDF	TODOS	EDPUCRS	2010	1	142	RS	Disponível: <http://www.pucrs.br/edipucrs/linguaserinas.pdf>. Acesso: 23 jan. 2015.	
87	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	O BRASIL (E)EDITADO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-397-0058-5	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2010	1	152	RS	Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/locastviviernedia.pdf>. Acesso: 23 jan. 2015.	
88	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	O RÁDIO BRASILEIRO NA ERA DA CONVERGÊNCIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-397-0115-5	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2011	1	340	RS	Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/midiasonora1.pdf>. Acesso: 23 jan. 2015.	
89	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	QUEM TEM MEDO DE PESQUISA EMPÍRICA? V. 5	COLETÂNEA	L3		978-85-6208-007-8	PDF	TODOS	INTERCOM	2012	1	359	SP	Disponível: <http://issuu.com/portaibjornalismo/docs/e-book_radio_na_era_da_convergencia_01_09_12>	
90	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	SOM + IMAGEM	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-397-0143-8	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2011	1	241	RS	Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0143-8.pdf>. Acesso: 28 jan. 2015.	
91	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	VOZES DA LEGALIDADE: POLÍTICA E IMAGINÁRIO NA ERA DO RÁDIO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-88537-81-1	978-85-88537-88-0	PDF	TODOS	INTERCOM	2011	1	528	SP	Disponível o PDF da versão papel: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/337a619>	
92	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	E O RÁDIO? : NOVOS HORIZONTES MUDIÁTICOS.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-397-0074-5	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2011	1	235	RS	Disponível: <http://www.pucrs.br/edipucrs/eoradio.pdf>. Acesso: 28 jan. 2015.	

93	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	EXTREMOS CONTEMPORÂNEOS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7430-959-0	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2010	1	646	RS	Disponível: <http://www.pucrs.br/edipucrs/eoradio.pdf>. Acesso: 30 jan. 2015.	
94	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	HISTÓRIA REGIONAL DA INFÂNCIA: O DESTINO DOS NEGROS FARRAPOS E OUTRAS INIQUIDADES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-397-0082-0	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2011	1	156	RS	Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/estrategias.pdf>. Acesso: 30 jan. 2015.	
95	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	IMPRESA E SOCIEDADE BRASILEIRA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-397-0129-2	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2011	1	104	RS	Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/euclidesdacunha.pdf>. Acesso:	
96	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	JORNALISMO: HISTÓRIAS, TEORIAS, GÊNEROS E PRÁTICAS	INTEGRAL	L2	978-85-254-2073-2	978-85-254-2192-0	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	L&PM EDITORES	2011	1	344	RS	A VENDA.	
97	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	METODOLOGIAS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO: OLHARES, TRILHAS E PROCESSOS. V. 4	COLETÂNEA	L2	978-85-8208-009-2	978-85-8208-010-8	PDF	TODOS	INTERCOM	2012	1	596	SP	Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/c08B8e3>	
98	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	MÍDIAS SOCIAIS: SABERES E REPRESENTAÇÕES. V. 3	COLETÂNEA	L2		978-85-397-0262-6	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2012	1	641	RS	Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/encontrosalcairs2>	
99	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	RATO DE REDAÇÃO: HOMENAGEM A TARSO DE CASTRO UM JORNALISTA BRASILEIRO. V. 1	COLETÂNEA	L2	978-85-99924-41-9	978-85-7811-083-3	PDF	TODOS	IPEA	2010	1	268	DF	Disponível: <http://www.ipea.gov.br/porta/mages/stories/PDFs/livros/livro_>	
100	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	XI ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL: SOCINE. V. 3	COLETÂNEA	L2	978-85-88537-83-5	978-85-88537-86-6	PDF	TODOS	INTERCOM	2011	1	300	SP	A VENDA.	
101	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	XII ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL: SOCINE. V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-88537-58-3		PDF	TODOS	INTERCOM	2011	1	276	SP	Disponível: <http://ssuu.com/portcom/docs/cole_o_mem_rias_vol_1_pos>	O LIVRO ESTÁ CADASTRADO COM 2 ISBNs COMO 1a ED.
102	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	XII ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL: SOCINE. V. 2	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-63552-00-6		PDF	TODOS	SOCINE	2010	1	714	SP	Disponível: <http://www.socine.org.br/livro/x_estudos_socine_b.pdf>	
103	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	XIII ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL: SOCINE. V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-63552-01-03	PDF	TODOS	SOCINE	2010	1	553	SP	Disponível: <http://socine.org.br/livro/XI_ESTUDOS_SOCINE_b.pdf>	
104	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	XIII ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL: SOCINE. V. 2	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-63552-04-4	PDF	TODOS	SOCINE	2011	1	409	SP	Disponível: <http://socine.org.br/livro/XII_ESTUDOS_SOCINE_V1_b.pdf>	
105	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	CAPACITAÇÃO DOCENTE: UM MOVIMENTO QUE SE FAZ COMPROMISSO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-63552-03-7	PDF	TODOS	SOCINE	2011	1	270	SP	Disponível: <http://socine.org.br/livro/XII_ESTUDOS_SOCINE_V2_b.pdf>	
106	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	DIÁRIO DE UM PROFESSOR	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-63552-08-2	PDF	TODOS	SOCINE	2012	1	358	SP	Disponível: <http://socine.org.br/livro/XIII_ESTUDOS_SOCINE_V1.pdf>	
107	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	ENSINAR COMUNICAÇÃO: DESFIOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE JORNALISMO E PUBLICIDADE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-63552-09-9	PDF	TODOS	SOCINE	2012	1	384	SP	Disponível: <http://socine.org.br/livro/XIII_ESTUDOS_SOCINE_V2.pdf>	
108	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	GUILHERMINO CESAR: MEMÓRIA E HORIZONTE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-7430-944-6	978-85-7430-966-8	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2010	1	205	RS	Disponível: <http://www.pucrs.br/edipucrs/capacitacaodocente.pdf>	
109	COMUNICAÇÃO	PUC/RS	HISTÓRIA DO CINEMA MUNDIAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-88715-84-4		PDF	TODOS	ARMAZÉM DIGITAL	2011	1	304	RS	Disponível: <file:///C:/Users/vania/Downloads/ALVES_-_Tecnologia_pra_que-libre.pdf>. Acesso: 10 fev. 2015.	
110	COMUNICAÇÃO	UAM	CINEMA DE BORDAS 3	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4	978-85-65943-66-6	978-85-449-0030-7	PDF	TODOS	PAPIRUS	2014	1	436	SP	Disponível: <http://secc-se.com.br/cinema/histria+do+cinema+mundial.pdf>. Acesso: 10	
111	COMUNICAÇÃO	UAM	O CINEMA MUSICAL NORTE-AMERICANO: GÊNERO, HISTÓRIA E ESTRATÉGIAS DA INDÚSTRIA DO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-391-0330-0	978-85-7531-495-1	PDF	TODOS	ESCRITURAS	2013	1	176	SP	A VENDA.	
112	COMUNICAÇÃO	UAM	X ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL SOCINE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7855-116-2	978-85-63552-00-6	PDF	TODOS	SOCINE	2010	1	714	SP	Disponível: <http://www.socine.org.br/livro/x_estudos_socine_b.pdf>	
113	COMUNICAÇÃO	UAM	ANTROPOLOGIA, ARTE E SOCIEDADE. V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-6352-037	PDF	TODOS	SOCINE	2011	1	370	SP	Disponível: <http://socine.org.br/livro/XII_ESTUDOS_SOCINE_V2_b.pdf>	
114	COMUNICAÇÃO	UAM	AS MELHORES ENTREVISTAS DO RASCUNHO. V. 2	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-6352-082	PDF	TODOS	SOCINE	2012	1	358	SP	Disponível: <http://socine.org.br/livro/XIII_ESTUDOS_SOCINE_V1.pdf>	
115	COMUNICAÇÃO	UAM	CINEMA MUNDIAL CONTEMPORÂNEO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-6352-099	PDF	TODOS	SOCINE	2012	1	384	SP	Disponível: <http://socine.org.br/livro/XIII_ESTUDOS_SOCINE_V2.pdf>	
116	COMUNICAÇÃO	UAM	FOTOGRAFAS DO BRASIL: AS CHANCHADAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-99518-15-1	PDF	TODOS	ALTAMIRA	2012	1	526	SP	Disponível: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400/2/2310>	
117	COMUNICAÇÃO	UAM	COMUNICAÇÃO INTERNA E CULTURA ORGANIZACIONAL: EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-88715-94-3		PDF	TODOS	ARMAZÉM DIGITAL	2012	1	154	RS	Disponível: <http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/producao_docent>	
118	COMUNICAÇÃO	UAM	COMUNICAÇÃO PÚBLICA: ESTADO, MERCADO, SOCIEDADE E INTERESSE PÚBLICO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-98205-80-9		PDF	TODOS	CASA DAS MUSAS	2012	1	148	DF	Disponível: <http://teoriaselecomunicadacomunicacao.org/wp-content/uploads/100anosMduhan-ebook.pdf>. Acesso: 3 mar.	
119	COMUNICAÇÃO	UCB	POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E DA CULTURA: CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS E INTERVENÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98205-83-0	PDF	TODOS	CASA DAS MUSAS	2012	1	162	DF	Disponível: <http://www.acaocomunicativa.pro.br/Livro/LivroComIntCulOrg>	
120	COMUNICAÇÃO	UCB	TELEVISÃO NA AMÉRICA LATINA - 1950-2010: PIONEIRISMO, OUSADIA E INVENTIVIDADE.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-224-7506-3	978-85-224-6595-8	PDF	TODOS	ATLAS	2012	1	288	SP	A VENDA.	
121	COMUNICAÇÃO	UCB	A COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES EDUCACIONAIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-98205-72-4	978-85-98205-66-43	X	X	INTERCOM	2010	1	316	SP	A VENDA.	DIGITALIZAÇÃO Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos>
122	COMUNICAÇÃO	UCB	MÍDIA E IMAGINÁRIO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-61171-07-0		PDF	TODOS	CMC	2011	1	111	RS	Disponível: <http://maristas.org.br/arq/arquivo/Cotidiano/11/Livro-Ecom->	
123	COMUNICAÇÃO	UCB	PANORAMA DA COMUNICAÇÃO DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL: 2012-2013. V. 2	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-65390-10-1	978-85-65390-11-8	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	BUQUI	2012	1	238	RS	A VENDA.	
124	COMUNICAÇÃO	UCB	PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL 2011-2012:	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7811-173-1	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	IPEA	2013	1	214	DF	Disponível: <http://www.ipea.gov.br/porta/index.php?option=com_content&	

125	COMUNICAÇÃO	UCB	PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7811-085-7		PDF	TODOS	IPEA	2010	1	268	DF	Disponível: <http://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/livros/livros	
126	COMUNICAÇÃO	UCB	CONTEÚDOS EM MULTIMÉDIAS: EXTENSÕES DAS NARRATIVAS DIGITAIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7811-135-9		PDF	TODOS	IPEA	2012	1	291	DF	Disponível: <http://www.labcomu.fra.com/documents/livro_panoramadacom	
127	COMUNICAÇÃO	UCB	NARRATIVAS PUBLICITÁRIAS: COMO A PUBLICIDADE CONSTRÓI NOSSO COTIDIANO NA CULTURA DA MÍDIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7811-138-0		PDF	TODOS	IPEA	2012	1	428	DF	Disponível: <http://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/livros/livros	
128	COMUNICAÇÃO	UCB	OUVIDORIA: MÍDIA ORGANIZACIONAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-98205-78-6		X	X	CASA DAS MUSAS	2011	1	184	DF	À VENDA.	
129	COMUNICAÇÃO	UCB	TECNOLOGIA PARA QUÊ? OS DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS DE COMUNICAÇÃO E SEU IMPACTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-88715-57-8		X	X	ARMAZÉM DIGITAL	2012	1	240	RS	À VENDA.	
130	COMUNICAÇÃO	UCB	TECNOLOGIA PARA QUÊ? OS IMPACTOS DOS DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS NO CAMPO DA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-98205-79-3		X	X	CASA DAS MUSAS	2012	1	76	DF	À VENDA.	
131	COMUNICAÇÃO	UCB	ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO: TEORIA E CRÍTICA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-205-0640-0		PDF	TODOS	SULINA	2012	1	254	RS	Disponível: <http://www.edibrasulina.com.br/img/sumarios/571.pdf>.	
132	COMUNICAÇÃO	UEL	A GESTÃO DE DESIGN COMO ESTRATÉGIA ORGANIZACIONAL	INTEGRAL	L2	978-85-62797-01-9		PDF	TODOS	PLANOGRÁFICA	2010	1	202	PR	Disponível: <http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/C-papel-do-Parana-Norte.pdf>. Acesso: 8 abr.	
133	COMUNICAÇÃO	UEL	NÓS, CIBORGUES: TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE HOMEM-MÁQUINA	INTEGRAL	L2	978-85-60591-59-6		PDF	TODOS		2011	1	330	RS	Disponível: <http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/Fotografia-Multiplos-Ohares.pdf>. Acesso: 13	
134	COMUNICAÇÃO	UEL	CARIÓTIPO DO BREJO ENTRANDO NO AR: O RÁDIO E A TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUIZ-	INTEGRAL	L1	978-85-63368-01-0		PDF	TODOS		2010	1	336	SP	Disponível: <http://abciber.com/publicacoes/livro2/pdf/a_obercultura_em_t	
135	COMUNICAÇÃO	UERJ	FUTEBOL, COMUNICAÇÃO E CULTURA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-6013-734-3		PDF	TODOS	ANADARCO	2012	1	204	SP	Disponível: <https://michaelherschmann.files.wordpress.com/2013/05/comuni	
136	COMUNICAÇÃO	UERJ	JUVENTUDES E GERAÇÕES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-205-0636-3	978-85-63654-46-5	PDF	KINDLE	SIMPLÍSSIMO	2011	1	155	PE	À VENDA.	
137	COMUNICAÇÃO	UERJ	O NOVO RÁDIO: CENÁRIOS DA RADIODIFUSÃO NA ERA DIGITAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-60166-50-3		PDF	TODOS	ESTAÇÃO DAS LETRAS	2011	1	416	SP	Disponível: <https://michaelherschmann.files.wordpress.com/2013/05/nas-	
138	COMUNICAÇÃO	UERJ	CONVERGÊNCIAS POÉTICAS: DE MURILO MENDES AO TWITTER	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7878-072-2		PDF	TODOS	FUNALFA	2012	1	56	MG	Disponível: <http://brevrelabo.com.br/convergenciaspoeticas_relet.pdf>.	
139	COMUNICAÇÃO	UERJ	HORIZONTES DO JORNALISMO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-8208-003-0	978-85-8208-003-0	PDF	TODOS	INTERCOM	2012	1	356	SP	Disponível: <http://www.portcomintercom.org.br/ebooks/arquivos/cf84754	
140	COMUNICAÇÃO	UERJ	JRE ONLINE , VERSÃO EM PORTUGUÊS	INTEGRAL	L2	978-85-7983-145-4		PDF	TODOS	CULTURA ACADÊMICA	2011	1	202	SP	Disponível: <https://comunicaoeseporte.files.wordpress.com/2010/10/fute	
141	COMUNICAÇÃO	UERJ	OLHARES SOBRE A CIBERCULTURA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-2050-355-3	978-85-60522-78-1	PDF	TODOS	UFSC	2012	1	198	RS	Disponível: <http://pt.slideshare.net/RonaldoSilva2/livro-olhares-sobre-a-obercultura>. Acesso: 27 abr. 2015.	
142	COMUNICAÇÃO	UERJ	OLHARES URBANOS: ESTUDOS SOBRE A METRÓPOLE COMUNICACIONAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-323-0710-1	978-85-323-0985-3	EPUB	LEV, SARAIVA READER			1	160	RJ	À VENDA.	
143	COMUNICAÇÃO	UERJ	PROGRAMA CASÉ: O RÁDIO COMEÇOU AQUI	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7478-434-2	978-85-7478-573-8	PDF	TODOS	MAUAD X	2013	1	96	RJ	À VENDA.	
144	COMUNICAÇÃO	UERJ	A PERFORMANCE ENSAIADA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7563-945-0		PDF	TODOS	EXPRESSION GRÁFICA	2011	1	204	CE	À VENDA.	SISTEMA DE PAGAMENTO MENSAL PARA BAIXAR OS CONTEÚDOS DIGITAIS.
145	COMUNICAÇÃO	UERJ	RÁDIO, CIDADANIA E CAMPANHAS ELEITORAIS (1998-2008)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7650-258-6		PDF	TODOS	E-PAPERS	2010	1	212	RJ	À VENDA.	SEM INFORMAÇÃO NO ISBN.
146	COMUNICAÇÃO	UERJ	CULTURA E DESENVOLVIMENTO: PERSPECTIVAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-232-0812-7		PDF	TODOS	EDUFBA	2011	1	287	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22611/1/Cultura%20e%20	
147	COMUNICAÇÃO	UERJ	O CORPO IMPLICADO: LEITURAS SOBRE CORPO E PERFORMANCE NA CONTEMPORANEIDADE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-7563-946-7		PDF	TODOS	EXPRESSION GRÁFICA	2011	1	180	CE	À VENDA.	SISTEMA DE PAGAMENTO MENSAL PARA BAIXAR OS CONTEÚDOS DIGITAIS.
148	COMUNICAÇÃO	UERJ	A TRAIÇÃO DE MANUEL PUIG: MELODRAMA, CINEMA E POLÍTICAS EM UMA LITERATURA À MARGEM	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-228-0557-0	978-85-228-0644-7	X	X	EDUFF	2011	1	X	RJ	À VENDA.	NÃO FOI POSSÍVEL OBTER MAIS INFORMAÇÕES.
149	COMUNICAÇÃO	UERJ	DISCURSOS, POLÍTICAS E AÇÕES: PROCESSOS DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO CAMPO CINEMATOGRAFICO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-7979-031-7		PDF	TODOS	ILUMINURAS	2012	1	228	SP	Disponível: <http://d3n3v1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/04/Discursos-politicas-e-	
150	COMUNICAÇÃO	UFC	PESQUISA EMPÍRICA EM COMUNICAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-349-2633-1		PDF	TODOS	INTERCOM	2011	1	388	SP	Disponível: <http://intercom.org.br/livroprograma2011.pdf>. Acesso: 27 abr. 2015.	
151	COMUNICAÇÃO	UFC	BRASIL-MÉXICO: APROXIMAÇÕES CINEMATOGRAFICAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-228-0654-6	978-85-228-0672-0	X	X	EDUFF	2011	1	X	SP	À VENDA.	NÃO FOI POSSÍVEL OBTER MAIS INFORMAÇÕES.
152	COMUNICAÇÃO	UFC	CORPO, ENVELHECIMENTO E FELICIDADE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-200-1038-9	978-85-200-1157-7	EPUB	LEV, SARAIVA READER,	JOSE OLYMPIO	2012	1	387	SP	À VENDA.	POSSUI PROTEÇÃO DRM.
153	COMUNICAÇÃO	UFF	INTELCTUAIS PARTIDOS: OS COMUNISTAS E AS MÍDIAS NO BRASIL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7650-346-0		PDF	TODOS	E-PAPERS	2012	1	368	RJ	À VENDA.	
154	COMUNICAÇÃO	UFF	MÍDIA, DISCURSO E SENTIDO: REGISTRO E DISCUSSÕES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-232-0856-1	978-85-8019-050-2	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	UNISUL	2012	1	275	RJ	À VENDA.	
155	COMUNICAÇÃO	UFF	O QUADRO NOS QUADRINHOS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7961-174-2		PDF	TODOS	MULTIFOCO	2010	1	292	RJ	Disponível: <http://pt.scribd.com/doc/35116738/Quadro-Nos-Quadrinhos-180510#scribd>. Acesso: 28 abr. 2015.	
156	COMUNICAÇÃO	UFF	A VIDA NO ORKUT. NARRATIVAS E APRENDIZAGEM NAS REDES SOCIAIS	INTEGRAL	L3	978-85-232-0996-4	978-85-232-0681-9	PDF	TODOS	EDUFBA	2010	1	265	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/4999/1/a%20vida%20	

157	COMUNICAÇÃO	UFF	LEITURAS DE ZARATUSTRA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7478-384-0	978-85-7478-544-8	PDF	TODOS	MAUJAD X	2011	1	472	RJ	À VENDA.	
158	COMUNICAÇÃO	UFF	PROFISSÃO REPÓRTER EM DIÁLOGO: CADERNOS DE RESUMOS	INTEGRAL	L3	978-85-7939-125-5	978-85-7205-110-1	PDF	TODOS	ECA/USP	2013	1	54	SP	Disponível: <http://www.usp.br/midiab/simposio/profissao_reporter/caderno>	
159	COMUNICAÇÃO	UFF	COMUNICAÇÃO POLÍTICA E ELEITORAL NO BRASIL: PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES NO DINAMISMO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-63448-25-5	PDF	TODOS	POLITICOM	2012	1	247	SP	Disponível: <http://issuu.com/politicom/docs/ebookpoliticomunifal_1_>	
160	COMUNICAÇÃO	UFF	DRAMATURGIA DO TELEJORNALISMO: A NARRATIVA DA INFORMAÇÃO EM REDE E NAS EMISSORAS DE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7478-437-3	978-85-7478-492-2	PDF	TODOS	MAUJAD X	2013	1	248	RJ	À VENDA.	
161	COMUNICAÇÃO	UFF	ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. V. 1. DICIONÁRIO BRASILEIRO DO CONHECIMENTO	INTEGRAL	L2	978-85-88537-65-1	978-85-88537-66-8	PDF	TODOS	INTERCOM	2010	1	1.242	SP	Disponível: <http://www.cienciasnauvens.com.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Enciclopedia-Intercom-de->	
162	COMUNICAÇÃO	UFF	FIÇÃO TELEVISIVA TRANSMIDIÁTICA NO BRASIL: PLATAFORMAS, CONVERGÊNCIA, COMUNIDADES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-205-0633-2	SLIDE	TODOS	SULINAS	2011	1	382	RS	Disponível: <http://pt.slideshare.net/obitelbrasil/obitel-brasil-2011-29286747>. Acesso: 30 abr. 2015.	
163	COMUNICAÇÃO	UFF	COMUNICAÇÃO DIGITAL: JORNALISMO, NARRATIVAS, ESTÉTICA	INTEGRAL	L1	978-85-7478-339-0	978-85-7478-452-6	PDF	TODOS	MAUJAD X	2013	1	120	RJ	À VENDA.	
164	COMUNICAÇÃO	UFF	IDENTIDADE E TECNOCULTURA: A COMUNICAÇÃO EM QUESTÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-7478-347-5	978-85-7478-509-7	PDF	TODOS	MAUJAD X	2013	1	232	RJ	À VENDA.	
165	COMUNICAÇÃO	UFJF	COMUNICAÇÃO ELEITORAL: CONCEITOS E ESTUDOS SOBRE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010	INTEGRAL	L3		978-85-64957-00-8	PDF	TODOS	INSTITUTO CPMS DE	2011	1	325	RJ	Disponível: <http://issuu.com/lupanke/docs/com_eleit_conceitos_e_estudos_>	
166	COMUNICAÇÃO	UFJF	MÍDIAS SOCIAIS E ELEIÇÕES 2010	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-8045-127-6	PDF	TODOS	BOOKESS	2011	1	158	MG	Disponível: <http://pt.slideshare.net/paperclq/midias-sociais-e-eleicoes-2010>. Acesso: 5 maio 2015.	
167	COMUNICAÇÃO	UFJF	TEORIA-REBELÃO: UM ULTIMATO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-87727-57-2	978-85-87727-58-9	PDF	TODOS	NOVAMENTE	2011	1	154	MG	À VENDA.	
168	COMUNICAÇÃO	UFJF	ÉTICA E IMAGEM	INTEGRAL	L3	978-85-7654-098-4	978-85-7654-275-9	EPUB, PDF	ANDROID, DESKTOP-	COM ARTE	2015	1	200	MG	À VENDA.	
169	COMUNICAÇÃO	UFJF	MÍDIA E CIDADANIA: CONEXÕES EMERGENTES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7983-342-7		PDF	TODOS	CULTURA ACADÊMICA	2012	1	250	SP	Disponível: <http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Midia%20>	
170	COMUNICAÇÃO	UFJF	O NEGRO NOS ESPAÇOS PUBLICITÁRIOS BRASILEIROS: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7205-085-2	978-85-7205-086-9	PDF	TODOS	ECA	2011	1	248	SP	Disponível: <http://www.casasemio.com.br/ckfinder/userfiles/files/negropubl>	
171	COMUNICAÇÃO	UFJF	CULTURA DA CONEXÃO: NOVOS FORMATOS PARA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-8054-002-4	978-85-8054-005-5	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	FINO TRAÇO	2010	1		MG	À VENDA.	
172	COMUNICAÇÃO	UFJF	INTERAÇÃO LEGISLATIVA ON-LINE: CANAIS DIGITAIS DA CLP PARA A SOCIEDADE CIVIL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-232-0747-2		PDF	TODOS	EDUFBA	2011	1	195	BA	Disponível: <http://www.repositorio.ufba.br/0800/ri/bitstream/ri/12064/1/inter>	
173	COMUNICAÇÃO	UFJF	JORNALISMO, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-232-1016-8	PDF	TODOS	EDUFBA	2013	1	224	BA	À VENDA.	
174	COMUNICAÇÃO	UFMG	COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE: TRANSFORMAÇÕES MÍDIÁTICAS NO CONTEMPORÂNEO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-415-0183-5	PDF	TODOS	UFPE	2012	1	164	RE	Disponível: <https://www.ufpe.br/editora/ufpebooks/serie_extensao/outros/>	
175	COMUNICAÇÃO	UFMG	INTERATIVIDADE E PERSPECTIVAS NO TELEJORNALISMO DA TV DIGITAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7999-054-0	X	X	MARCA DE FANTASIA	2012	1	X	MG	À VENDA.	NÃO ENCONTRADO EM OUTROS CANAIS ALÉM DO ISBN.
176	COMUNICAÇÃO	UFMG	EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS: UM RE-PENSAR	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-443-0156-2	978-85-443-0157-9	PDF	TODOS	INTERSABERES	2015	2	200	MG	À VENDA.	
177	COMUNICAÇÃO	UFMG	LULA: DO SINDICALISMO A REELEIÇÃO. UM CASO DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA E DISCURSO.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7891-074-7	978-85-63448-39-2	PDF	TODOS	NOVA CONSCIÊNCIA	2014	2	200	SP	Disponível: <http://issuu.com/lucianapanke/docs/lula2ed_2293ea1695e597>	DISPONÍVEL EM BOOK FLIP, FORMATO QUE CONVERTE PARA PDF.
178	COMUNICAÇÃO	UFMG	FATOS DO PASSADO NA MÍDIA DO PRESENTE: RASTROS HISTÓRICOS E RESTOS MEMORÁVEIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-88537-72-9	PDF	TODOS	INTERCOM	2011	1	616	SP	Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8f069e78>	VENDA PROIBIDA. HOUVE DOIS REGISTROS DE ISBNs DIFERENTES EM VERSÃO DIGITAL.
179	COMUNICAÇÃO	UFMG	O PRISMA POLÍTICO ELEITORAL PELAS MENSAGENS COMUNICACIONAIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-63448-22-4	PDF	TODOS	NOVA CONSCIÊNCIA	2013	1	234	RS	Disponível: <http://issuu.com/politicom/docs/ebook_politicom_mackenzie_1_>	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK, FORMATO QUE CONVERTE PARA PDF.
180	COMUNICAÇÃO	UFMG	ESTRATÉGIAS DE PROPAGANDA POLÍTICA: REFLEXÕES SOBRE AS ELEIÇÕES BRASILEIRAS.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-63448-24-8	PDF	TODOS	NOVA CONSCIÊNCIA	2012	1	195	SP	Disponível: <http://issuu.com/encipecom2/docs/eleicoesbrasileiras>	
181	COMUNICAÇÃO	UFMG	JORNALISMO CONTEMPORÂNEO: FIGURAÇÕES, IMPASSES E PERSPECTIVAS	INTEGRAL	L1	978-85-232-0792-2		PDF	TODOS	UFBA, COMPOS	2011	1	322	BA, DF	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1586/1/Jornalismo%20>	
182	COMUNICAÇÃO	UFPE	O CARÁTER POLÍTICO DOS MUSEUS. (MAST COLLOQUIA)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4	978-85-60069-29-3		PDF	TODOS	MAST	2010	1	138	RJ	Disponível: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1955/1/mast_colloquia_12.p>	
183	COMUNICAÇÃO	UFPE	ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO: DIGITALIZAÇÃO E SOCIEDADE.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7983-465-3	PDF	TODOS	CULTURA ACADÊMICA	2013	4	220	SP	Disponível: <http://culturaacademica.com.br/_img/arquivos/ebook-econ-pol>	SURTIAM 4 EDIÇÕES (2011, 2012, 2013 E 2014) NO ISBN E TODAS CONSTAVAM COMO
184	COMUNICAÇÃO	UFPE	NO CORAÇÃO DO MUNDO: PAISAGENS TRANSCULTURAIS	INTEGRAL	L2	978-85-325-2742-4	978-85-8122-085-7	PDF	TODOS	ROCCO DIGITAL	2012	1	224	RJ	Disponível: <http://pt.scribd.com/doc/180482438/Lopes-Denilson-No-coracao-do-mundo-paisagens->	
185	COMUNICAÇÃO	UFPE	REINVENTANDO A EDUCAÇÃO -- DIVERSIDADE, DESCOLONIZAÇÃO E REDES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-326-4305-6	978-85-326-4444-2	X	X	VOZES	2012	1	X	PE	À VENDA.	
186	COMUNICAÇÃO	UFPE	SER FELIZ HOJE: REFLEXÕES SOBRE O IMPERATIVO DA FELICIDADE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-225-0836-5	978-85-225-1069-6	PDF	TODOS	FGV	2012	1	295	RJ	À VENDA.	
187	COMUNICAÇÃO	UFPE	TRABALHO COM INFORMAÇÃO: VALOR, ACUMULAÇÃO, APROPRIAÇÃO NAS REDES DO CAPITAL.	INTEGRAL	L1	978-85-99052-10-5	978-85-99052-11-2	PDF	TODOS	CFCH/UF RJ	2012	1	238	RJ	Disponível: <http://marcosdantas.com.br/conteudos/wp-content/uploads/2013/03/livro_trabalho_com_informacao_marc>	A VERSÃO DISPONÍVEL É A IMPRESSA. POLÍTICA CREATIVE COMMONS.
188	COMUNICAÇÃO	UFPE	A SEGUNDA CINELÂNDIA CARIOCA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-65679-04-6	978-85-65679-05-3	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	MÓRULA EBOOK	2013	2	X	PE	À VENDA.	

189	COMUNICAÇÃO	UFPR	COMO ANDA A PUBLICIDADE? : PORQUE PESQUISAR FAZ BEM	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-8013-082-9	PDF	TODOS	ABP2	2011	1	1.070	SP	Disponível: <http://www2.eca.usp.br/propesq/downloads/ebook_il_Propes		
190	COMUNICAÇÃO	UFPR	ESTUDO DA CADEIA PRODUTIVA DO AUDIOVISUAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO	INTEGRAL	L3		978-85-7333-562-0	PDF	TODOS	PUC-RIO	2009	1	243	ES	Disponível: <http://issuu.com/insttubgenesis/docs/audiovisual_capixaba-	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.	
191	COMUNICAÇÃO	UFPR	HORIZONTES DO JORNALISMO: FORMAÇÃO SUPERIOR, PERSPECTIVAS TEÓRICAS E NOVAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7650-315-6	PDF	TODOS	E-PAPERS	2011	1	225	RJ	À VENDA.		
192	COMUNICAÇÃO	UFPR	PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL 2011/2012: MEMÓRIA.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7811-137-3	PDF	TODOS	IPEA	2012	1	276	DF	Disponível: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3197/1/livro_pan		
193	COMUNICAÇÃO	UFPR	PENSANDO E FAZENDO JORNALISMO AUDIOVISUAL: A EXPERIÊNCIA DO TJJFRJ	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-7650-345-3	X	X	E-PAPERS	2012	1	122	RJ	À VENDA.		
194	COMUNICAÇÃO	UFPR	QUE CORPO É ESSE? NOVAS PERSPECTIVAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-8575-689-5	978-85-7478-447-2	X	X	MAUAD X	2012	1	X	RJ	À VENDA.	
195	COMUNICAÇÃO	UFRJ	SULAMÉRICA: COMUNIDADE IMAGINADA: EMANCIPAÇÃO E INTEGRAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4		978-85-228-0605-8	978-85-228-0616-4	X	X	EDUFF	2011	1	X	RJ	À VENDA.	
196	COMUNICAÇÃO	UFRJ	CAMINHOS PARA A UNIVERSALIZAÇÃO DA INTERNET BANDA LARGA : EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS E	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4		978-85-63715-01-2	PDF	TODOS	INTERVOZES	2012	1	404	SP	Disponível: <http://www.intervozes.org.br/arquivos/interv008cpunib>		
197	COMUNICAÇÃO	UFRJ	DIREITOS AUTORAIS EM REFORMA	INTEGRAL	L3		978-85-63265-17-3	PDF	TODOS	FGV	2011	1	122	RJ	Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/87		
198	COMUNICAÇÃO	UFRJ	POLÍTICAS CULTURAIS: PESQUISA E FORMAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7979-032-4	PDF	TODOS	CASA DE RUI BARBOSA	2012	1	332	RJ	Disponível: <http://www.santandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/355429.pdf		
199	COMUNICAÇÃO	UFRJ	TELEVISÃO: FORMAS AUDIOVISUAIS DE FICÇÃO E DE DOCUMENTÁRIO. V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-63552-02-0	PDF	TODOS	SOCINE	2011	1	214	SP	Disponível: <http://www.rehime.com.ar/escrits/documents/dexalfa/borg		
200	COMUNICAÇÃO	UFRJ	IDENTIDADES MÍDIÁTICAS: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98031-73-6	PDF	TODOS	E-PAPERS	2009	1	241	RJ	À VENDA.		
201	COMUNICAÇÃO	UFRJ	MUTIÃO DE COMUNICAÇÃO: TEXTOS ACADÊMICOS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-86472-14-5	X	X	ABRAPSO	2010	1	X	RS	À VENDA.	OS SITES INFORMADOS PARA ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL NÃO FUNCIONAM.	
202	COMUNICAÇÃO	UFRJ	ESTUDOS DAS MÍDIAS: TECNOLOGIAS, RECONFIGURAÇÕES E CONVERGÊNCIAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7909-023-3	PDF	TODOS	UNIFRA	2011	1	296	RS	Disponível: <https://apecpp.files.wordpress.com/2011/05/livro-m3adidas-3.pdf>. Acesso: 15 maio 2015.		
203	COMUNICAÇÃO	UFRJ	HISTÓRIA, REGIÕES E FRONTEIRAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98031-77-4	X	X	FACOS	2012	1	X	RS	À VENDA.	NÃO FOI POSSÍVEL ENCONTRAR MAIS INFORMAÇÕES.	
204	COMUNICAÇÃO	UFRJ	PRÁTICAS E DISCURSOS MÍDIÁTICOS: REPRESENTAÇÃO, SOCIEDADE E TECNOLOGIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98031-72-9	PDF	TODOS	FACOS	2012	1	256	RS	Disponível: <http://w3.ufsm.br/poscom/wp-content/uploads/2013/08/E-Book-Práticas-e-Discursos-		
205	COMUNICAÇÃO	UFRJ	TELEVISÃO BRASILEIRA: 60 ANOS DE OUSADIA, ASTÚCIA, REINVENÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-88537-59-0	978-85-88537-60-6	PDF	TODOS	INTERCOM	2010	1	233	SP	Disponível: <http://issuu.com/enjepecom2/docs/livro>. Acesso: 15 maio 2015.	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.
206	COMUNICAÇÃO	UFRJ	CIBERMÍDIAS, EXTENSÕES COMUNICATIVAS, EXPANSÕES HUMANAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		X	X	I-BOOK	BUQUI	2012	1	217	RJ	À VENDA.	SEM INFORMAÇÃO DO ISBN. PARA BAIXAR O ARQUIVO NO COMPUTADOR, REQUER O	
207	COMUNICAÇÃO	UFRJ	METAMORFOSE DA COMUNICAÇÃO DO SÉCULO XXI: PANORAMA VISTO DO CAMPO	INTEGRAL	L3		978-85-88537-74-3	978-85-88537-75-0	X	X	INTERCOM	2011	1	X	RJ	À VENDA.	NÃO FOI POSSÍVEL ENCONTRAR MAIS INFORMAÇÕES.
208	COMUNICAÇÃO	UFRJ	PUBLICIDADE NO PLURAL: ANÁLISES E REFLEXÕES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7814-209-4	PDF	TODOS	UMESP	2011	1	167	SP	Disponível: <https://portal.metodista.br/comunicacao/publicacoes/arquivos/pu		
209	COMUNICAÇÃO	UFRJ	TENSÕES EM REDE: OS LIMITES E POSSIBILIDADES DA CIDADANIA NA INTERNET	INTEGRAL	L3		978-85-7814-245-2	X	X	UMESP	2012	1	152	SP	À VENDA.		
210	COMUNICAÇÃO	UFRJ	BRASIL DEMOCRÁTICO: COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7811-117-5	PDF	TODOS	IPEA	2011	1	210	DF	Disponível: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros		
211	COMUNICAÇÃO	UFRJ	CIBERCOMS: TECNOLOGIAS UBÍQUAS, MÍDIAS PERVERSIVAS	INTEGRAL	L3		978-85-65390-24-8	978-85-65390-25-5	EPUB	ANDROID, DESKTOP-	BUQUI	2012	1	202	RJ	À VENDA.	
212	COMUNICAÇÃO	UFRJ	CIDADANIA E REDES DIGITAIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-63127-02-0	978-85-63127-01-3	PDF	TODOS	CGI	2010	1	249	SP	Disponível: <http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/_files/livro.pdf>	
213	COMUNICAÇÃO	UFBA	DIÁLOGOS ENTRE CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: LEITURAS CONTEMPORÂNEAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-232-0776-2	PDF	TODOS	EDUFBA	2011	1	240	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5946/1/dialogos_entre		
214	COMUNICAÇÃO	UMESP	ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA DA COMUNICAÇÃO. CONCEITOS. V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-88537-66-8	PDF	TODOS	INTERCOM	2010	1	1.241	SP	Disponível: <http://www.almanaquecomunicao.com.br/wp-content/files-site-antigo/outhers/Enciclopedia.pdf>. Acesso: 18	SEM INFORMAÇÃO NO ISBN.	
215	COMUNICAÇÃO	PUC/UFMG	PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL. V. 4	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7811-138-0	PDF	TODOS	IPEA	2012	1	424	DF	Disponível: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros		
216	COMUNICAÇÃO	UMESP	TELEVISÃO DIGITAL: INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7983-101-0	PDF, EPUB	TODOS	CULTURA ACADÊMICA	2010	1	235	SP	Disponível: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/109147>		
217	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	VOZES DE RESISTÊNCIA E COMBATE: O LEGADO CRÍTICO DA COMUNIDADE ACADÊMICA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-88537-58-3	PDF	TODOS	INTERCOM	2010	1	X	SP	Disponível: <http://www.portcomintercom.org.br/ebooks/detalheEbook.php	FALHA AO CARREGAR O LINK DE ACESSO EM: 19 maio 2015.	
218	COMUNICAÇÃO	UMESP	CIDADANIA GLOCAL, IDENTIDADE NORDESTINA: ÉTICA DA COMUNICAÇÃO NA ERA DA INTERNET	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-63984-07-4	978-85-7879-125-4	PDF	TODOS	LATUS	2011	1	108	CG	Disponível: <http://static.scielo.org/scielobooks/5nbzq/pdf/melo-9788578791254.pdf>. Acesso: 19 maio 2015.	A VERSÃO DISPONÍVEL É A IMPRESSA.
219	COMUNICAÇÃO	UNB	OS NOVOS ESCRIBAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-60171-11-8	978-85-60171-15-6	EPUB2	IBOOK	ARQUIPELAGO EDITORIA	2010	1	112	DF	Disponível: <http://www.arquipelageditorial.com.br/os-novos-ovos-escribas/>. Acesso: 19 maio 2015.	
220	COMUNICAÇÃO	UNB	UNIVERSIDADE PARA O SÉCULO XXI. EDUCAÇÃO E GESTÃO AMBIENTAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-65088-00-8	PDF	TODOS	CIDADE GRÁFICA E	2011	1	340	DF	Disponível: <http://www.unb.br/administracao/decanatos/dex/naa/arquivos/		

221	COMUNICAÇÃO	UNB	OLHARES SOBRE NARRATIVAS VISUAIS. (ENSAIOS)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-228-0705-5	978-85-228-0704-8	PDF	TODOS	EDUFF	2012	1	305	RJ	À VENDA.	
222	COMUNICAÇÃO	UNESP	APROPRIAÇÃO SOCIAL DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA AGENDA.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7879-071-4	978-85-7879-187-2	PDF	TODOS	EDUEPB	2014	1	330	PB	Disponível: <http://static.scielo.org/scielobooks/76hp/pdf/hayashi-	O LINK DISPONÍVEL É O DO LIVRO IMPRESSO, MAS AS INFORMAÇÕES SÃO DO DIGITAL.
223	COMUNICAÇÃO	UNESP	HISTÓRIA DA TELEVISÃO NO BRASIL: DO INÍCIO AOS DIAS DE HOJE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7244-484-2	978-85-7244-753-9	PDF	TODOS	CONTEXTO	2012	1	352	SP	À VENDA.	
224	COMUNICAÇÃO	UNESP	OS DIREITOS NA ESFERA PÚBLICA MEDIÁTICA: A IMPRENSA COMO INSTRUMENTO DA CIDADANIA.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-7983-354-0	PDF	TODOS	CULTURA ACADÊMICA	2012	1	110	SP	Disponível: <https://fauu.edu.br/portal/files/biblioteca_virtual/7/osdireitosnae	
225	COMUNICAÇÃO	UNESP	POLÍTICAS E GESTÃO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7983-211-6		PDF	TODOS		2011	1	247	SP	Disponível: <http://www.culturacaademica.com.br/_img/arquivos/Políticas_e	
226	COMUNICAÇÃO	UNESP	ESPORTE EM FOCO. (AÇÃO PARLAMENTAR)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7365-724-1	978-85-7365-725-8	PDF	TODOS	EDIÇÕES CÂMARA	2010	1	138	DF	Disponível: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/3684>. Acesso:	
227	COMUNICAÇÃO	UNESP	UNIVERSIDADE PARA O SÉCULO XXI. EDUCAÇÃO E GESTÃO AMBIENTAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-65088-00-8		PDF	TODOS	CIDADE GRÁFICA E	2011	1	349	DF	Disponível: <http://www.unb.br/administracao/decanatos/dex/naa/arquivos/	
228	COMUNICAÇÃO	UNESP	OPINIÃO PÚBLICA: EMPOWERMENT E INTERFACES. (OPINIÃO PÚBLICA)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-99679-29-6	978-85-99679-30-2	PDF	TODOS	UNESP	2012	1	200	SP	Disponível: <http://www4.faac.unesp.br/publicacoes/opiniaopublica/Opiniao	
229	COMUNICAÇÃO	UNESP	HISTÓRIA DA SAÚDE: OLHARES E VEREDAS	INTEGRAL	L2	978-85-88169-17-3		PDF	TODOS	INSTITUTO DE SAÚDE	2010	1	336	SP	Disponível: <http://www.saude.sp.gov.br/recursos/instituto-de-saude/homepage/outras-publicacoes/miolo-hist_saude.pdf>.	
230	COMUNICAÇÃO	UNESP	CIBER-RELIGIÃO: A CONSTRUÇÃO DE VINCULOS RELIGIOSOS NA CIBERCULTURA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7698-143-5	978-85-65893-07-7	EPUB	DESKTOP, EREADER,	IDEIAS E LETRAS	2012	1	160	SP	À VENDA.	
231	COMUNICAÇÃO	UNESP	PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DOS MEIOS NO BRASIL E ESPANHA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-8208-015-3	PDF	TODOS	INTERCOM	2012	1	788	SP	Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/7ba9e08	
232	COMUNICAÇÃO	UNESP	CELEBRIDADES: A INFLUÊNCIA NOS PADRÕES DE CONSUMO DO BRASIL.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7650-271-5		PDF	TODOS	EPAPERS	2010	1	92	RJ	À VENDA.	
233	COMUNICAÇÃO	UNESP	FILOSOFIA DA MÍDIA: AS IMAGENS PÓS-HISTÓRICAS DO MUNDO.	INTEGRAL	L2		978-85-912224-0-7	X	X	BLUECOM COMUNICAÇÃO	2011	1	53	SP	À VENDA.	SEM MAIS INFORMAÇÕES.
234	COMUNICAÇÃO	UNESP	COMUNICAÇÃO MUDIATIZADA NA E DA AMAZÔNIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-62888-05-2		PDF	TODOS	FADESP	2011	1	312	PA	Disponível: <http://www.ppgcom.ufam.edu.br/attachments/article/418/Comu	
235	COMUNICAÇÃO	UNESP	TEORIAS DA COMUNICAÇÃO NOS ESTUDOS DE RELAÇÕES PÚBLICAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-314-1114-4	978-85-397-0148-3	PDF	TODOS	EDPUCRS	2011	1	102	RS	Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/teoriadacomunicacao.pdf>.	
236	COMUNICAÇÃO	UNESP	CONVERGÊNCIAS E TRANSMIDIAÇÃO DA FICÇÃO TELEVISIVA V. 3 (TELEDRAMATURGIA)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-250-4874-5		PDF	TODOS	SULINA	2013	1	367	RS	Disponível: <http://especial.globouniversidade.edeglobo.globo.com/livros/fi	
237	COMUNICAÇÃO	ESPM	A USP E A INVENÇÃO DA PROPAGANDA 40 ANOS DEPOIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-87963-39-0		PDF	TODOS	FUNDAC	2010	1	474	SP	Disponível: <http://www.youblisher.com/p/244881-A-USP-e-a-invencao-da-propaganda-40-anos-depois/>. Acesso: 20 maio	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.
238	COMUNICAÇÃO	ESPM	NARRATIVAS DO MEDO. O JORNALISMO DE SENSACIONALISMO.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7478-377-2		PDF	TODOS	MAUJAD X	2011	1	106	RJ	À VENDA.	SEM MAIS INFORMAÇÕES.
239	COMUNICAÇÃO	ESPM	TRABALHO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA: HISTÓRIA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL, COMUNICAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-2246-322-0	978-85-224-8077-7	X	X	ATLAS	2013	1	225	RJ	À VENDA.	SEM MAIS INFORMAÇÕES.
240	COMUNICAÇÃO	ESPM	DIVERSIDADE CULTURAL E DESIGUALDADE DE TROCAS. PARTICIPAÇÃO, COMÉRCIO E COMUNICAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7979-018-8		PDF	TODOS	PUC-MINAS	2011	1	162	SP	Disponível: <file:///C:/Users/Bubu/Downloads/livro_diversidade_cultural_e	
241	COMUNICAÇÃO	ESPM	PENSAR E AGIR COM A CULTURA: DESAFIOS DA GESTÃO CULTURAL	INTEGRAL	L2	978-85-65353-00-7		PDF	TODOS	ODC	2011	1	153	MG	Disponível: <http://observatoriodiversidade.org.br/arquivos/pensar_agir.	
242	COMUNICAÇÃO	ESPM	PONTOS DE CULTUR: OLHARES SOBRE O PROGRAMA CULTURA VIVA	INTEGRAL	L2	978-85-7811-104-5		PDF	TODOS	IPEA	2011	1	245	DF	Disponível: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros	
243	COMUNICAÇÃO	ESPM	COMUNICAÇÃO E DESAFIOS METODOLÓGICOS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-62707-37-7	PDF	TODOS	DCP/FAFICHU FMG	2013	1	319	MG	Disponível: <https://ecomig2012.files.wordpress.com/2013/02/lima_et_al_co	
244	COMUNICAÇÃO	PUC/MG	ESTRATÉGIAS SEMIÓTICAS DA PUBLICIDADE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-221-0882-4	978-85-221-1713-0	PDF	TODOS	CENGAGE	2015	1	X	MG	À VENDA.	
245	COMUNICAÇÃO	PUC/MG	LEITURA DE IMAGENS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-06-00447-0	978-85-06-00835-5	PDF	TODOS	MELHORAMENTOS	2012	1	X	MG	À VENDA.	
246	COMUNICAÇÃO	PUC/MG	O CORPO EM CRISE: NOVAS PISTAS E O CURTO-CIRCUITO DAS REPRESENTAÇÕES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-391-0108-5		SWF	WEB	ANABLUME	2010	1	148	SP	Disponível: <http://arbesescenicas.udm.es/archivos_subidos/contextos/131/	SWF (Shockwave Flash)1 é um formato de arquivo de aplicações web, criado pela Macromedia.
247	COMUNICAÇÃO	PUC/MG	POLÍTICAS DA VOZ NO CINEMA EM "MEMÓRIAS DO SUBDESENVOLVIMENTO". V. 1	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-283-0450-3		PDF	TODOS	EDUC, FAPESP	2012	1	326	SP	À VENDA.	
248	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	ESCRITAS DO DESEJO: CRÍTICA LITERÁRIA E PSICANÁLISE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4	978-85-7480-570-2	978-85-7480-618-1	PDF	TODOS	ATELIÉ EDITORIAL	2012	X	X	SP	À VENDA.	
249	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	TEOLOGIA E COMUNICAÇÃO: CORPO, PALAVRA E INTERFACES CIBERNÉTICAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-356-2814-2	978-85-356-3130-2	PDF	TODOS	PAULINAS	2012	1	X	SP	À VENDA.	DISGITALIZAÇÃO disponível da versão impressa: <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz21311
250	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	ARTE E TECNOLOGIA: MODUS OPERANDI UNIVERSAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-89698-34-4		PDF	TODOS	PROGRAMA DE PÓS-	2012	1	248	DF	Disponível: <http://www.medialab.ufg.br/art/wp-content/uploads/2012/10/LivroART.pdf>. Acesso: 25 maio	
251	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	MAPAS E CONTEXTOS: RUMOS DANÇA 2009-2010	INTEGRAL	L3	978-85-7979-010-2		PDF	TODOS	ITAÚ CULTURAL	2010	1	158	SP	Disponível: <http://fssuu.com/itau-cultural/docs/rumosdanca_mapasecontexto	FLIP BOOK, ACESSO MEDIANTE CADASTRO.
252	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E MEIO AMBIENTE: SINERGIA CIENTÍFICA GERANDO DESENVOLVIMENTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-63651-12-9		PDF	TODOS	REGGO	2011	1	400	SP	Disponível: http://www.institutioplaton.org.br/wp-content/uploads/2012/09/educ_book_web.pdf>. Acesso: 25	
253	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	DIALOGOS INTERSEMIÓTICOS II	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-86837-92-0	PDF	TODOS	DIALOGARTS PUBLICAÇÕES	2011	1	507	RJ	Disponível: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/colquio_dialogos_inter	
254	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	GÊNEROS TELEVISIVOS E MODOS DE ENDETERÇAMENTO NO TELEDIÁLOGO	INTEGRAL	L2		978-85-232-0797-7	PDF	TODOS	EDUFBA	2011	1	284	BA	Disponível: <http://www.repositorio.uiba.br:8080/ri/bitstream/ri/1585/1/Gene	

255	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	CADERNO DE VIAGEM. COMUNICAÇÃO, LUGARES E TECNOLOGIAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-62069-33-8		PDF	TODOS	PLUS	2010	X	353	SP	Disponível: <http://andrelemos.info/caderno_de_viagem.pdf. Acesso: 25 maio 2015.	SEM MAIS INFORMAÇÕES.
256	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	DRAMATURGIA, AINDA: RECONFIGURAÇÕES E RASURAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-232-0831-8		PDF	TODOS	X	X	X	X	X	À VENDA.	
257	COMUNICAÇÃO	PUC/SP	INCLUSÃO DIGITAL: POLÊMICA CONTEMPORÂNEA	INTEGRAL	L1	978-85-232-0840-0		PDF	TODOS	EDUFBA	2011	1	188	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/4859/1/repositorio-4859-1.pdf>	
258	COMUNICAÇÃO	UAM	REPRESENTAÇÕES DO CLIMA, CULTURA, CINEMA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4	978-85-232-1015-1		PDF	TODOS	EDUFBA	2012	1	201	BA	Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16803/1/Representaco-16803-1.pdf>	
259	COMUNICAÇÃO	UFAM	MÍDIAS SOCIAIS: PERSPECTIVAS, TENDÊNCIAS E REFLEXÕES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-8045-084-2		PDF	TODOS	PAPERCLIQ	2010	1	149	AM	Disponível: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/ebookmidiasociais.pdf>	CREATIVE COMMONS.
260	COMUNICAÇÃO	UFAM	COMUNICAÇÃO E MARKETING DIGITAIS: CONCEITOS, PRÁTICAS, MÉTRICAS E INOVAÇÕES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-60936-04-5	PDF	TODOS	VNI	2011	1	245	BA	Disponível: <http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/e-books/cmktdigitais2011.pdf>. Acesso: 26 maio 2015.	
261	COMUNICAÇÃO	UFAM	MÍDIA, HUMOR E POLÍTICA. A CHARGE DA TELEVISÃO	INTEGRAL	L2	978-85-7650-275-3		PDF	TODOS	EPAPERS	X	X	X	X	À VENDA.	
262	COMUNICAÇÃO	UFAM	PARA ENTENDER O MONITORAMENTO DE MÍDIAS SOCIAIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-8045-346-1	978-85-8045-347-8	PDF	TODOS	BOOKESS	2012	1	165	AM	Disponível: <http://misterkanu.com.br/wp-content/uploads/2012/11/Para-Entender-o-Monitoramento-de-165-1.pdf>	CREATIVE COMMONS.
263	COMUNICAÇÃO	UFBA	PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4	978-85-62888-02-1		PDF	TODOS	FADESP	2010	1	212	PA	Disponível: <http://www.ppgcom-ufpa.com.br/biblioteca/Pesquisa_em_Comunicacao_na_Amazo-212-1.pdf>	
264	COMUNICAÇÃO	UFBA	TV DIGITAL: INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7983-101-0	PDF	TODOS	CULTURA ACADEMICA	2010	1	301	SP	Disponível: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=books&cad=rca&hl=pt-br&as_scp=9788579831010>	
265	COMUNICAÇÃO	UFBA	DESIGNIOS DE SIGNOS: A RELAÇÃO ENTRE POESIA DE VANGUARDA E PUBLICIDADE IMPRESSA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7999-047-2	PDF	TODOS	MARCA DE FANTASIA	2012	2	305	PB	Disponível: <http://www.insite.pro.br/elivre/designios_signos_pc.pdf>	
266	COMUNICAÇÃO	UFBA	DEZ CAMINHOS PARA A CRIATIVIDADE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-8686-703-3	978-85-86867-03-9	X	X	IDEIA	1998	1	120	BA	À VENDA.	
267	COMUNICAÇÃO	UFBA	CAFUÇU: UMA SÁTIRA DE CARNAVAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7999-021-2	PDF	TODOS	MARCA DE FANTASIA	2011	1	X	BA	À VENDA.	
268	COMUNICAÇÃO	UFBA	DOCUMENTÁRIO E MODOS DE REPRESENTAÇÃO DO REAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7999-060-1	PDF	TODOS	MARCA DE FANTASIA	2012	1	119	PB	Disponível: <http://www.insite.pro.br/elivre/documentario%20bertand%20-119-1.pdf>	
269	COMUNICAÇÃO	UFBA	LUDOSOFIA: A SABEDORIA DOS JOGOS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7999-029-8	PDF	TODOS	MARCA DE FANTASIA	2011	1	144	PB	Disponível: <http://www.insite.pro.br/elivre/ludosofia.pdf>. Acesso: 27 maio 2015.	
270	COMUNICAÇÃO	UFBA	O REBULIÇO APAIXONANTE DOS FANZINES	INTEGRAL	L3	978-85-7999-077-9	978-85-67732-00-8	PDF	TODOS	MARCA DE FANTASIA	2014	4	142	BA	À VENDA.	
271	COMUNICAÇÃO	UFBA	RECONFIGURAÇÃO DAS PRÁTICAS MÍDIÁTICAS NA CIBERCULTURA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7999-040-3	PDF	TODOS	MARCA DE FANTASIA	2012	1	221	PB	Disponível: <http://www.insite.pro.br/elivre%20reconfiguracao.html>	
272	COMUNICAÇÃO	UFBA	COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CIDADANIA: SABERES E VIVÊNCIAS EM TEORIAS E PESQUISA NA AMÉRICA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		X	PDF	TODOS	UFFPB	2011	1	391	PB	Disponível: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=books&cad=rca&hl=pt-br&as_scp=9788579990403>	NÃO ENCONTRADO; APENAS ESSE PDF SEM ISBN.
273	COMUNICAÇÃO	UFBA	DILEMAS E DIÁLOGOS PLATINOS: FRONTEIRAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-61228-70-5		PDF	TODOS	PREC/UFPEL	2010	1	422	MS	Disponível: <http://livros01.livrosgratis.com.br/gd000030.pdf>. Acesso: 28 maio 2015.	NÃO ENCONTRADO NO CADASTRO DO ISBN.
274	COMUNICAÇÃO	UFBA	LEITURA E ESCRITA EM MOVIMENTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7596-186-5	978-85-7596-204-6	PDF	TODOS	PEIROPOLIS	2011	1	X	BA	À VENDA.	
275	COMUNICAÇÃO	UFBA	MAPEAMENTO 2: DO ENSINO DE JORNALISMO DIGITAL NO BRASIL EM 2010	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7979-013-3		PDF	TODOS	ITAÚ CULTURAL	2010	1	195	SP	Disponível: <http://issuu.com/itacultural/docs/mapeamento_jornalismo2010>	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.
276	COMUNICAÇÃO	UFBA	PERCURSOS SEMIÓTICOS: SIGNIFICAÇÃO, CODIFICAÇÃO, SEMIOSE E INTERFACE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-66179-08-8	978-85-66179-27-9	X	X	KASUA	2013	1	242	BA	À VENDA.	
277	COMUNICAÇÃO	UFBA	TESAUROS CONCEITUAIS E ONTOLOGIAS DE FUNDAMENTAÇÃO: ABORDAGEM COMPARATIVA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-8197-010-3		PDF	TODOS	IXTLAN	2012	1	112	SP	Disponível: <https://chasqueweb.ufrgs.br/~jacksonmedeiros/pub.htm>	DIGITALIZAÇÃO DISPONÍVEL: <https://chasqueweb.ufrgs.br/~jacksonmedeiros/pubs/112-1.pdf>
278	COMUNICAÇÃO	UFBA	DAMT: DESIGN, ARTE, MODA E TECNOLOGIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-8050-019-6	PDF	TODOS	ROSARI	2013	1	483	SP	Disponível: <http://sitios.anhemi.br/damt/arquivos/damt-design-tecnologia-e-linguagem-interfaces.pdf>. Acesso: 28 maio 2015.	
279	COMUNICAÇÃO	UFPA	PRÁTICAS AMBIENTAIS E REDES SOCIAIS EM RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS: UM ESTUDO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-8167-046-1	PDF	TODOS	UNIVATES	2013	1	217	RS	Disponível: <https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/20/pdf_20.pdf>. Acesso: 28 maio 2015.	
280	COMUNICAÇÃO	UFPA	COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E INOVAÇÕES MÍDIÁTICAS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7273-768-5		PDF	TODOS	EDUFRN	2011	1	163	RN	Disponível: <http://issuu.com/comidia/docs/ebook_layout_1?e=3983012/34>	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.
281	COMUNICAÇÃO	UFPA	A PALAVRA SOBREPOSTA: IMAGENS CONTEMPORÂNEAS DA SEGUNDA GUERRA EM NATAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-425-0312-8		PDF	TODOS	EDUFRN	2015	2	140	RN	Disponível: <file:///C:/Users/vania/Downloads/A%20palavra%20sobrepost-140-1.pdf>	
282	COMUNICAÇÃO	UFPA	CRÍTICA DESCENTRADA PARA O SENSO COMUM. AMOSTRAGEM DA REFLEXÃO ACERCA DA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1		978-85-425-0414-9	PDF	TODOS	EDUFRN	2015	1	338	RN	Disponível: <http://repositorio.ufn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1901-338-1.pdf>	
283	COMUNICAÇÃO	UFPB/JP	PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS EM COMUNICAÇÃO: DESAFIOS NA PRÁTICA INVESTIGATIVA	INTEGRAL	L2	978-85-7745-226-2		EPUB	DESKTOP, EREADER,	X	2013	1	346	PB	À VENDA.	
284	COMUNICAÇÃO	UFPB/JP	A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA PÚBLICA POTIGUAR	INTEGRAL	L1		978-85-99932-02-5	PDF	TODOS	IDE	2011	1	352	RN	Disponível: <file:///C:/Users/vania/Downloads/241020113605_aleituraliterar-352-1.pdf>	
285	COMUNICAÇÃO	UFRGS	ENSINO DE JORNALISMO EM TEMPOS DE CONVERGÊNCIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7650-263-0		PDF	TODOS	EPAPERS	2010	1	148	RGS	À VENDA.	
286	COMUNICAÇÃO	UFRGS	JORNALISMO REFLEXIVO: VISÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE AUTORES DO SUL BRASILEIRO	INTEGRAL	L3		978-85-88537-54-5	SLIDE	TODOS	INTERCOM	2010	1	401	SP	Disponível: <http://pt.slideshare.net/mixapop/jornalismo-reflexivo>. Acesso: 17 jun. 2015.	

287	COMUNICAÇÃO	UFRGS	OLHARES: MANOEL DE OLIVEIRA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-62864-05-6		PDF	TODOS	EDIÇÕES LCV	2010	1	138	RJ	Disponível: <http://www.academia.edu/2275491/Olhares_Manoel_de_Oliveira>	
288	COMUNICAÇÃO	UFRGS	A IMAGEM-CÂMERA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-449-0032-1	PDF	TODOS	PAPIRUS	2014	1	192	RGS	À VENDA.	
289	COMUNICAÇÃO	UFRGS	PROCESSOS CRIATIVOS EM MULTIMEIOS: TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS NO AUDIOVISUAL E	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-85783-28-0	PDF	TODOS	UNICAMP	2012	1	338	SP	Disponível: <file:///C:/Users/Bubu/Downloads/Processos_criativos_em_Multimeios.pdf>	
290	COMUNICAÇÃO	UFRGS	CIDADANIA E CULTURA DIGITAL: APROPRIAÇÕES POPULARES DA INTERNET	INTEGRAL	L2	978-85-7650-294-4		PDF	TODOS	EPAPERS	2011	1	220	RS	À VENDA.	
291	COMUNICAÇÃO	UFRGS	E O VERBO SE FEZ BIT: A COMUNICAÇÃO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA INTERNET	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-369-0283-8	978-85-369-0286-9	EPUB	DESKTOP, EREADER,	SANTUÁRIO	2012	1	58	RS	Disponível: <http://www.academia.edu/3589324/E_o_Verbo_se_fez_bit_Um_olhar_sobre_a_comunicacao_e_a_experiencia_religiosa_na_internet>	
292	COMUNICAÇÃO	UFRN	LATINO-AMERICANOS EM DIÁSPORA: USOS DE MÍDIAS E CIDADANIA DAS MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS	INTEGRAL	L4	978-85-66035-00-1		PDF	TODOS	EPAPERS	2012	1	168	PB	À VENDA.	
293	COMUNICAÇÃO	UFRN	COMUNICAÇÃO, CONSUMO E IDENTIDADE NO BRASIL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-98396-06-4	X	X	X	2010	1	X	X	À VENDA.	SEM MAIS INFORMAÇÕES.
294	COMUNICAÇÃO	UFRN	INTERFACES JORNALÍSTICAS: AMBIENTES, TECNOLOGIAS E LINGUAGENS	INTEGRAL	L2	978-85-7745-836-6		PDF	TODOS	EDUFPB	2011	1	344	PB	Disponível: <http://pt.calameo.com/read/00098744d97323f55905>	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.
295	COMUNICAÇÃO	UFRN	PARA ENTENDER A TV DIGITAL: TECNOLOGIA, ECONOMIA E SOCIEDADE NO SÉCULO XXI	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-88537-77-4	978-85-88537-78-1	PDF	TODOS	INTERCOM	2011	1	128	SP	Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/1811618>	
296	COMUNICAÇÃO	UFSC	TERRITÓRIOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-64594-00-5		PDF	TODOS	EDUFRN	2011	1	310	RN	Disponível: <https://gpragma.files.wordpress.com/2011/05/territorio-da-folkcomunicao-_2_.pdf>. Acesso: 19 jun. 2015.	
297	COMUNICAÇÃO	UFSC	VOZES DA DEMOCRATIZAÇÃO E CIDADANIA: A POLÊMICA GLOBAL-LOCAL. V. 4 (MEMÓRIAS)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-88537-82-8	978-85-88537-85-9	PDF	TODOS	INTERCOM	2011	1	534	SP	Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/6e75c78>	
298	COMUNICAÇÃO	UFSC	VOZES DA DENSÃO E TRANSIÇÃO: O DEBATE POLÍTICO NA SOCIEDADE. V. 3 (MEMÓRIAS)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-88537-83-5	978-85-88537-86-6	PDF	TODOS	INTERCOM	2011	1	300	SP	À VENDA.	LINK QUEBRADO.
299	COMUNICAÇÃO	UFSC	BRASIL: UMA MARCA EM CONSTRUÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-66192-00-1	PDF	TODOS	COMUNICAÇÃO	2012	1	309	SP	Disponível: <http://issuu.com/lupanke/docs/marca_brasil>. Acesso: 19 jun. 2015.	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.
300	COMUNICAÇÃO	UFSC	MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DEMOCRACIA: ALÉM DO ESTADO E DO MERCADO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7982-058-8		PDF	TODOS	EDELSTEIN DE PESQUISAS	2011	1	259	RJ	Disponível: <http://www.bernardosorj.com.br/pdf/bsorj_Meios_de_comunicacao.pdf>	PUBLICA ATRAVÉS DE SUA BIBLIOTECA.
301	COMUNICAÇÃO	UFSC	REPRESSÃO E RESISTÊNCIA: CENSURA A LIVROS NA DITADURA MILITAR	INTEGRAL	L2	978-85-314-1308-7		PDF	TODOS	EDUSP, FAPESP	2011	1	184	SP	À VENDA	CAPÍTULO DISPONÍVEL: <http://estaticog1.globo.com/2014/03/25/repressao-militar/>
302	COMUNICAÇÃO	UFSC	AGENDA BRASILEIRA: TEMAS DE UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-359-1874-8	978-85-8086-133-4	X	X	COMPANHIA DIGITAL	2012	1	579	SP	À VENDA	NÃO ENCONTRADO.
303	COMUNICAÇÃO	UFSC	COPYRIGHT: PIRATARIA & CULTURA LIVRE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7920-098-4		PDF	TODOS	AZOUQUE EDITORIAL	2012	1	270	RJ	Disponível: <http://monoskop.org/images/b/b7/Tarin_Bruno_Belsario_Adria_20120601.pdf>	
304	COMUNICAÇÃO	UFSC	BORIS KOSSOY: FOTOGRAFIA E HISTÓRIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-7480-060-0		PDF	TODOS	ATELIÊ EDITORIAL	2014	5	184	RJ	À VENDA.	DIGITALIZAÇÃO DA VERSÃO DE 2011 DISPONÍVEL.
305	COMUNICAÇÃO	UFSCAR	OBTEL 2012: TRANSNACIONALIZAÇÃO DA FICÇÃO TELEVISIVA NOS PAÍSES IBERO-AMERICANOS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-205-0663-9		PDF	TODOS	SULINA	2012	1	583	RS	Disponível: <http://especial.globouniversidade.edeglobo.globo.com/livros/obtel-2012/>	NÃO ENCONTRADO NO CADASTRO DO ISBN.
306	COMUNICAÇÃO	UFSCAR	QUALIDADE NA FICÇÃO TELEVISIVA E PARTICIPAÇÃO TRANSMIDIÁTICA DAS AUDIÊNCIAS: ANUÁRIO OBTEL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-250-5072-4		PDF	TODOS	GLOBO	2011	1	593	SP	Disponível: <https://blogdoobitel.files.wordpress.com/2011/04/portuguc3aas-qualidade-na-ficcao-televisiva-e-participacao-transmediatica-das-audien-2011.pdf>	
307	COMUNICAÇÃO	UNICAMP	MUTAÇÃO: A INVENÇÃO DAS CRENÇAS	INTEGRAL	L3	978-85-7995-014-8	978-85-7995-106-0	EPUB	DESKTOP, EREADER,	SESC	2014	1	520	SP	À VENDA	
308	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	COMO USAR AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA	INTEGRAL	L4		978-85-7244-508-5	PDF	TODOS	CONTEXTO	2014	1	173	SP	À VENDA	
309	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	COMUNICAÇÃO E CONSUMO NAS CULTURAS LOCAIS E GLOBAL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L4		978-85-99790-13-7	PDF	TODOS	ESPM	2009	1	748	SP	Disponível: <http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/_ebook_cults_loc.pdf>	
310	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	CURADORIA DIGITAL E O CAMPO DA COMUNICAÇÃO	INTEGRAL	L3		978-85-7205-097-5	PDF	TODOS	ECA	2012	1	79	SP	Disponível: <http://grupo-ecausp.com/novo-ebook-curadoria-digital-e-o-campo-da-comunicacao/>. Acesso: 22 jun. 2015.	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.
311	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	EDUCOMUNICAÇÃO. IMAGENS DO PROFESSOR NA MÍDIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-356-3219-4	978-85-356-3327-6	EPUB	DESKTOP, EREADER,	PAULINAS	2012	1	168	SP	À VENDA	823KB
312	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	GESTÃO DE MARKETING E COMUNICAÇÃO: AVANÇOS E APLICAÇÕES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-02-12152-2	978-85-02-12588-9	X	X	SARAIVA	2011	1	586	SP	À VENDA	
313	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	MUTAÇÕES: A EXPERIÊNCIA DO PENSAMENTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-7995-109-1	PDF	TODOS	SESC	2014	1	520	SP	À VENDA	
314	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	TELEVISÃO DIGITAL NA AMÉRICA LATINA: AVANÇOS E PERSPECTIVAS. V. 2 (GP'S GRUPO PESQUISA)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-8208-002-3		PDF	TODOS	INTERCOM	2012	1	714	SP	À VENDA.	DIGITALIZAÇÃO DISPONÍVEL: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/1811618>
315	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	A ESCOLA ENTRE MÍDIAS. N. 1 (MULTÍPLIO NA ESCOLA)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-60354-05-4		PDF	TODOS	MULTÍPLIO	2011	1	200	RJ	Disponível: <http://www.multiplo.rj.gov.br/ebooks/escola_entre_midias/escola_entre_midias.pdf>	
316	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	DICIONÁRIO TÉCNICO E CRÍTICO DA COMUNICAÇÃO PUBLICITÁRIA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-63163-43-1	978-85-65358-35-4	PDF	TODOS	CIA DOS LIVROS	2012	1	128	SP	À VENDA.	
317	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	ECONOMIA CRIATIVA: UM CONJUNTO DE VISÕES. (RECURSO DIGITAL)	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-60195-18-3	PDF	TODOS	FUNDAÇÃO TELEFÔNICA	2012	1	170	SP	Disponível: <http://eladelaideheinzelin.com.br/wp-content/uploads/2013/05/2012-EconomiaCriativa.pdf>	
318	COMUNICAÇÃO	UNISINOS	GERAÇÕES INTERATIVAS BRASIL: CRIANÇAS E JOVENS DIANTE DAS TELAS.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-60257-03-4	978-85-60257-04-1	PDF	TODOS	ESCOLA DO FUTURO	2012	1	352	SP	Disponível: <http://ccvap.futuro.usp.br/gerinter/2012.pdf>. Acesso: 22 jun. 2015.	CREATIVE COMMONS: NÃO PODE SER COMERCIALIZADA.

319	COMUNICAÇÃO	UNISO	GESTÃO ESTRATÉGICA DE MARKETING: CONCEITOS E TÉCNICAS	INTEGRAL	L4		978-85-224-8313-6	PDF	TODOS	ATLAS	2013	1	549	X	À VENDA	
320	COMUNICAÇÃO	UNISO	INTERFACES COMUNICACIONAIS: DIÁLOGOS TEÓRICOS EM PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-911715-0-7		PDF	TODOS	AUTOPUBLICAÇÃO	2010	1	159	SP	À VENDA	NÃO FOI PUBLICADO POR EDITORA.
321	COMUNICAÇÃO	UNISO	JORNALISMO: A DEMOCRACIA PELO RÁDIO	INTEGRAL	L2		978-85-7205-072-2	HTML	WEB	ECA	2010	1	X	SP	Disponível: <http://www2.eca.usp.br/profmatulj/index.html>. Acesso: 17 abr. 2015.	
322	COMUNICAÇÃO	UNISO	MODA, COMUNICAÇÃO E UNIVERSIDADE.	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-61136-79-6		PDF	TODOS	UDESC	2012	1	364	RS	Disponível: <http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao11/LIVROMOD>	NÃO ENCONTRADO NO CADASTRO DO ISBN.
323	COMUNICAÇÃO	UNISO	O IMPACTO DO MICROCRÉDITO PARA A MULHER LATINO-AMERICANA	INTEGRAL	L2	978-85-85373-97-9		PDF	TODOS	FUNDAÇÃO MEMORIAL	2011	1	146	SP	Disponível: <http://memorial.org.br/livros/olpactoDoMicrocredito/livro_mic>	
324	COMUNICAÇÃO	UNISO	RELAÇÕES PÚBLICAS DIGITAIS: O PENSAMENTO NACIONAL SOBRE O PROCESSO DE RELAÇÕES	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2		978-85-60936-03-8	PDF	TODOS	EDIÇÕES VNI	2010	1	333	BA	Disponível: <http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/e-books/rpdigibais-chamusca-carvalho.pdf>. Acesso: 23 jun.	
325	COMUNICAÇÃO	UNISO	SOCIOLOGIA: QUESTÕES DA ATUALIDADE	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-16-06697-0	978-85-16-07611-5	X	X	MODERNA	2015	1	216	X	À VENDA.	
326	COMUNICAÇÃO	UNISO	TURISMO: PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E CAPACIDADE DE GESTÃO. DESENVOLVIMENTO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L1	978-85-204-3199-3		IOS	IBOOK, KINDLE	MANOLE LTDA	2014	1	628	X	À VENDA.	
327	COMUNICAÇÃO	USP	ALEGORIAS DO SUBDESENVOLVIMENTO: CINEMA NOVO, TROPICALISMO, CINEMA MARGINAL	INTEGRAL	L4	978-85-405-0269-7	978-85-405-0535-3	EPUB	DESKTOP, EREADER,	COSAC NAIFY	2013	2	480	SP	À VENDA.	
328	COMUNICAÇÃO	USP	DESIGN E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: NARRATIVA VISUAL E PROJETO. (PENSANDO O	INTEGRAL	L4	978-85-212-0644-6		PDF	TODOS	BLUCHER	2012	1	136	SP	À VENDA.	
329	COMUNICAÇÃO	USP	HISTÓRIA E DOCUMENTÁRIO	INTEGRAL	L4	978-85-225-0950-8	978-85-225-1137-2	EPUB	E-READER	FGV	2012	1	324	RJ	À VENDA.	PROTEÇÃO DRM
330	COMUNICAÇÃO	USP	MÍDIA SONORA EM 4 DIMENSÕES: HISTÓRIA DA MÍDIA. V. 2	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-397-0115-5	PDF	TODOS	EDIPUCRS	2011	1	340	RS	Disponível: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/midiasonorall.pdf>. Acesso: 23 jun. 2015.	
331	COMUNICAÇÃO	USP	NA TRILHA DO DISCO: RELATOS SOBRE A INDÚSTRIA FONOGRAFICA NO BRASIL	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7650-264-7		PDF	TODOS	EPAPERS	2010	1	184	RJ	À VENDA	
332	COMUNICAÇÃO	USP	A ECO E A TECNOCIÊNCIA NA ARTE DE JOSÉ WAGNER GARCIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-99786-04-8	978-85-99786-05-5	X	X	JATOBÁ	2013	1	160	X	À VENDA.	
333	COMUNICAÇÃO	USP	PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL 2011/2012:	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-7811-136-6		PDF	TODOS	IPEA	2012	1	272	DF	Disponível: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3196/1/livro_pan>	
334	COMUNICAÇÃO	USP	RUTH CARDOSO: OBRA REUNIDA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3		978-85-2505-106-6	EPUB	DESKTOP, EREADER,	GLOBO	2015	1	X	X	À VENDA.	
335	COMUNICAÇÃO	USP	O CINEMA DE PEDRO COSTA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L3	978-85-63837-00-4		PDF	TODOS	X	X	X	X	X	À VENDA.	
336	COMUNICAÇÃO	USP	STRAUB-HUILLET	INTEGRAL	L3	978-85-85688-46-2		PDF	TODOS	CCBB	2012	1	340	SP	Disponível: <http://issuu.com/straub-huillet/docs/straub-huillet_catalago>. Acesso: 24 jun. 2015.	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK.
337	COMUNICAÇÃO	USP	EPISTEMOLOGIA, INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO CIENTÍFICA EM COMUNICAÇÃO	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-89234-31-3		PDF	TODOS	UNIDAVI	2012	1	362	RN	Disponível: <http://www.academia.edu/5069789/Epistemologia_investiga%>	
338	COMUNICAÇÃO	USP	MEMÓRIA, ESPAÇO E MÍDIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	ISSN 21774595		PDF	TODOS	UMESP	2010	1	201	sp	Disponível: <http://issuu.com/encipecom2/docs/memoriaespaco>. Acesso:	DISPONÍVEL EM FLIP BOOK. NÃO FOI CADASTRADO NO ISBN.
339	COMUNICAÇÃO	USP	ALÉM DA CIBERCULTURA: FRAGMENTOS DE UMA FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO EM DEVIR	INTEGRAL	L2		978-85-63654-53-3	X	X	SIMPLÍSSIMO	2011	1	X	X	À VENDA.	NÃO ENCONTRADO.
340	COMUNICAÇÃO	USP	CIRCUNAVEGAÇÃO COMUNICACIONAL: UMA VIAGEM PELAS AMÉRICAS, ÁFRICA, ÁSIA E OCEANIA	COLETÂNEA, DICIONÁRIO	L2	978-85-7968-031-1	978-85-65334-00-6	PDF	TODOS	COMDPI	2012	1	140	RS	Disponível: <http://geografias.net.br/pdf/Circunavegacao_Comunicacional_>	
341	COMUNICAÇÃO	USP	REDES SOCIAIS, CULTURA E PODER	INTEGRAL	L2		978-85-8010-378-6	PDF	TODOS	E-PAPERS	2012	1	246	RJ	À VENDA.	

Fonte: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Classificação de Livros. Avaliação dos programas de pós-graduação. Disponível em: <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/>. Acesso em: 27 jun. 2014.

APÊNDICE 2: A trajetória do livro digital e eletrônico

ANO	EVENTO	
1945	MEMEX	Vannevar Bush, diretor do Escritório de Pesquisas e Desenvolvimento dos Estados Unidos, idealiza um LDE como evolução do livro impresso, nos moldes do códice. Seu conteúdo seria adquirido em microfilme para ser inserido no aparelho e pronto para ser usado.
1968	DYNABOOK	Allan Kay, um cientista norte-americano da Xerox Corporation, desenvolve e descreveu no seu doutorado o conceito do Dynabook, previsto para ser comercializado por volta de 1990. O dispositivo portátil educacional seria uma espécie de computador portátil ou tablet para crianças de todas as idades, com baixo consumo de energia, tamanho e aspecto de um livro impresso e grande capacidade interna de memória.
1971	PROJETO GUTENBERG	Michael Hart funda o Projeto Gutenberg, o mais antigo produtor de LDEs do mundo, na Universidade de Illinois. Ele foi o pioneiro em apostar na digitalização de livros e em sua disponibilização gratuita. A iniciativa ganhou inúmeros colaboradores que digitalizaram obras em domínio público. Atualmente, já são mais de 38 mil livros para download gratuito e em diversos formatos.
1986	DATA DISC	A Sony lança um aparelho maior do que um walkman, com uma tela de cristal líquido e um pequeno teclado. O acesso ao texto e às ilustrações dos livros era feito por meio de um disquete laser. As obras completas de Shakespeare, assim como a Bíblia, puderam ser editadas no DataDisc. Sua forma de busca de texto permitiu especificar a palavra ou palavras em qualquer combinação. Após um tempo muito curto, o DataDisc localizava os trechos exatos do livro ou enciclopédia onde essas palavras podiam ser encontradas.
	LETTERBUG	A Hindsight, uma startup de Enfield CT, desenvolveu o Letterbug, um tablet para o mercado educacional. Protótipos foram mostrados em feiras na Nova Inglaterra em 1987, mas não houve a produção de nenhum modelo.
1993	DIGITAL BOOK	A Zahur Klemath Zapata registra o primeiro programa de LDEs: o Digital Book, v. 1, DBF.
		É publicado o primeiro LDE <i>Do assassinato</i> , de Thomas de Quincey.
1995		A Amazon começa a vender livros na internet.
1996		O Projeto Gutenberg alcança os mil livros digitalizados, cuja meta seria um milhão.
1998	WEBPAD	A Cyrix-NatSemi anuncia e demonstra o tablet touch screen WebPad na COMDEX.
	ROCKET EBOOK E SOFTBOOK	Os leitores de LDE Rocket ebook e Softbook são lançados no mercado.
	PROJETO BEOWULF	O Projeto Beowulf eletrônico foi lançado como um banco de dados de imagens digitais do manuscrito <i>Beowulf</i> , bem como os manuscritos e textos impressos relacionados. Em 1998, o banco de dados incluiu as leituras de fibra ótica de caracteres ocultos e leituras ultravioleta de textos apagados do manuscrito; o total de fac-símiles eletrônicos das transcrições do manuscrito do séc. XVIII; e os agrupamentos das principais seleções das edições e traduções do séc. XIX.
1999	WEBPAD	A Intel anuncia a StrongARM, o tablet touch screen sem fio chamado WebPad, um dispositivo que mais tarde é rebatizado por "Intel Web Tablet".
		Surgem sites na internet vendendo LDEs, como eReader.com e o eReads.com.

2000		Stephen King lança seu romance Riding Bullet em formato digital, mas que só podia ser lido em computadores.
2002		Os editoriais Random House e HarperCollins começam a vender versões eletrônicas dos seus títulos na internet.
		A Microsoft lança o PC Tablet Microsoft, projetado e construído pela HP.
2003		A Fingerworks desenvolve a tecnologia de toque e gestos usados mais tarde no iPhone da Apple.
2005		A Amazon compra a Mobipocket, como estratégia de mercado, visando o LDE.
	NOKIA 770	A Nokia lança o Nokia 770 Internet Tablet.
2006	SONY READER PRS-300	A Sony lança o leitor Sony Reader PRS-300 com a tecnologia da tinta eletrônica (e-ink).
		É feito um acordo entre a Google e a Biblioteca Nacional do Brasil para digitalizar dois milhões de títulos.
2007	KINDLE	A Amazon lança a primeira geração do Kindle em 19 de Novembro.
		A Apple lança o iPod touch, um leitor de MP3 com WiFi. Dois anos depois a Apple transformaria este conceito em um tablet PC.
2008	PRS-505 E PRS-700	A Sony lança o PRS-505 e, o último modelo, o PRS-700, com tela touchscreen, que pode ser utilizada também como um teclado virtual.
		A Adobe e a Sony tornam suas tecnologias de LDEs (Leitor e DRM) compatíveis.
2009	KINDLE DX	A Amazon atualiza o Kindle e libera a leitura de arquivos da Adobe. Os dois modelos disponíveis no mercado brasileiro são o Kindle original e o Kindle DX.
2010	IPAD	A Apple lança o iPad, executando a Apple iOS.
	GALAXY TAB	Samsung lança o Galaxy Tab, executando o Google Android.
	QUADPAD 3G	A Quaduro Systems lança o QuadPad 3G, de 10 polegadas, com 900 gramas e bateria com 8 horas de duração, com base no sistema da Microsoft Windows 3G PC tablet.
	NOOK	A Barnes & Noble lança o Nook em junho.
2011		A Amazon divulga uma nota oficial dizendo que vão passar a vender mais LDEs do que livros impressos a partir de abril.
		A Apple lança o iPad 2.
	KINDLE FIRE	A Amazon lança em 28 de setembro um tablet baseado no Android: o Kindle Fire.
	FNACBOOK TOUCH	A maior cadeia de livrarias da França lança seu próprio eReader e, para coincidir com o lançamento, disponibiliza 80 mil títulos franceses com custo de 20-30% menor do que suas concorrentes de impressos. Assim como a Amazon, a FNAC também lança um aplicativo Android no primeiro semestre de 2011 e um para

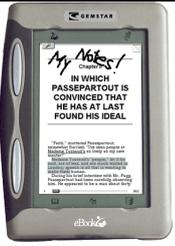
		iPhone em novembro.
2012		A Amazon começa a vender o modelo de entrada da família Kindle no Brasil, com outros dispositivos mais sofisticados e com mais recursos.
		A Apple lança o iPad 3 e, no final do ano, o iPad 4 e o Mini iPad.
	KYOBO	Kyobo, a maior livraria e eBookstore da Coreia do Sul, lança seu novo eReader Kyobo.
2013	KINDLE PA-PERWHITE	A Amazon lança no Brasil o Kindle Paperwhite, o modelo de ponta, com tela touch e iluminação; pode ser lido sob a luz do sol.
	TOLINO	Livrarias alemãs Thalia, Weltbild, Hugendubel e Club Bertelsmann se juntam com a Deutsche Telekom para produzir o Tolino, um eReader próprio.
	ALDIKO	O Aldiko, leitor para dispositivos com SO Android, ganha uma nova versão. Entre as principais novidades estão os menus que exploram melhor os metadados dos ebooks. O Aldiko atinge os 15 milhões de downloads, uma prova da sua popularidade como dispositivo de leitura de ebooks.
		A Apple lança a Air iPad e o iPad Mini 2 em novembro (o primeiro de 64 bits com iPhone 5S smartphones, sendo o primeiro dispositivo móvel de 64 bits no mês anterior).
2014		A Amazon comercializa quatro modelos de Kindle: Kindle Fire HD, Kindle Keyboard 3G, Kindle Paperwhite e Kindle Paperwhite 3G.
	LEV	Livraria Saraiva lança o e-reader Lev, com 190 g, tela de 6 polegadas. No Brasil, são comercializados dois modelos: com tela touch screen e tecnologia e-ink.
	KINDLE VOYAGE.	A Amazon lança o e-reader Kindle Voyage.
	KOB APP	A Kobo lança app para leitura de ebooks no Windows 8. Com versões para desktops e dispositivos móveis, a Kob app oferece as principais funcionalidades de leitura disponíveis no e-reader Kobo, com a possibilidade de sincronizar as marcações em todos os dispositivos utilizados e personalizar o estilo e o tamanho das fontes, e o acesso à Kobo eBookstore.
	SONY DIGITAL PAPER	A Sony lança o Sony Digital Paper, um e-reader de 13,3 polegadas e com tecnologia de tinta eletrônica, que permite anotações com canetas stylus. A sua característica distintiva é, contudo, o bloco de notas, que transforma o e-reader num caderno digital.
	AURA H2O	A canadiana Kobo lança o Aura H2O, o primeiro e-reader de tinta eletrônica à prova de água, com a possibilidade de ficar trinta minutos debaixo de água a um metro de profundidade sem sofrer qualquer dano.
	IPAD AIR 2	A Apple lança o iPad Air 2.
2015	NTX ELECTRONICS YANGZHOU CO	Surge uma parceria entre as empresas eInk, nascida do MIT Media Lab e responsável pela tecnologia usada nos ereaders, e a taiwanesa Netronix. A joint fica sediada na zona econômica e de desenvolvimento tecnológico de Yangzhou, na província chinesa de Jiangsu. O modelo de negócio da eInk baseia-se no desenvolvimento e na venda de tecnologia, sem terceirizar a manufatura e a montagem de seus produtos. As empresas apostam num empreendimento que apresen-

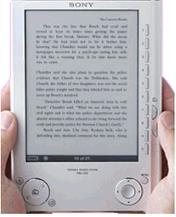
	te uma solução total para ereaders, smartwatches, smartphones e sinalização digital com grande atuação global.
BOOKTRACK	A startup neozelandesa Booktrack consegue mais 5 milhões de dólares de investimento para criar trilhas sonoras para LDEs. A empresa já havia começado há quatro anos com um aplicativo de duas músicas e, em 2015, conta com uma discoteca de 15 mil títulos para seus 2,5 milhões de usuários. As trilhas sonoras têm áudio ambiente e efeitos sonoros que sincronizam automaticamente com o ritmo da leitura, conforme se avança pelas páginas do LDEs. Cerca de cinquenta editoras usam os serviços da empresa, entre elas a HarperCollins e a Random House.
KINDLE VOYAGE	A Amazon lança no Brasil o e-reader top de linha da empresa: o Kindle Voyage. Nos EUA e em outros países, ele foi lançado no final de 2014.
NOVO KINDLE PAPERWHITE 3ª GERAÇÃO	A Amazon anuncia a terceira versão do Kindle Paperwhite, seu leitor digital mais conhecido. Com resolução de 1448×1072 pixels, o que resulta numa definição de 300 pixels por polegada, ele tem a mesma definição do irmão mais caro: o Kindle Voyage. Conta com um acervo de mais de 1 milhão de livros, dos quais mais de 14 mil estão em português.
APP LEV	Saraiva lança o app LEV para leitura de e-books nas plataformas Android e iOS. O app suporta arquivos PDF, EPUB, txt, DjVu, FB2, Comic Book Archive (CBR ou CBZ), entre outros, e conta com o recurso “texto-para-voz” para ouvir trechos de livros. Assim como o e-reader de mesmo nome, lançado em 2014, o app LEV dá acesso à loja de livros digitais da Saraiva, com acervo de 50 mil obras em português e mais de 450 mil títulos em língua estrangeira. O App permite continuar a leitura do ponto exato onde foi interrompida, seja em smartphones e tablets ou no próprio leitor LEV.
KOBO TOUCH 2.0	A Kobo lança uma nova versão de ereader Kobo Touch 2.0 no Canadá em final de agosto.
IPAD PRO	Microsoft e Apple, empresas rivais, lançam juntas o iPad Pro.
NOVO KINDLE	Amazon lança novo modelo do Kindle em setembro.
	A Simplíssimo, uma das primeiras empresas produtoras de ebook do país, passa a publicar semanalmente em seu site (http://www.simplissimo.com.br/) o ranking dos e-books mais vendidos no Brasil.
	Amazon lança tablet de US\$ 50 com tela de 6 polegadas a tempo das vendas de final de ano. Novo dispositivo tem quase metade do preço do Fire, o mais barato da empresa, e terá um alto-falante monaural em vez de estéreo.
OYSTER	Google compra o Oyster, o “Netflix dos livros”, cujo serviço é permitir o acesso ilimitado à sua biblioteca de mais de um milhão de títulos por uma assinatura mensal de US \$ 9,95. O aplicativo Oyster foi lançado há alguns anos para os leitores de livros eletrônicos, utilizando um modelo comercial semelhante ao Netflix. O Oyster também servia como uma livraria de e-books, disponibilizando os livros que não poderiam ser vendidos em sua loja.

Fontes de consulta: <http://www.gutenberg.org/wiki/Main_Page>; <<http://idgnow.com.br/mobilidade/2015/08/31/saraiva-lanca-aplicativo-para-leitura-de-e-books/>>; <<http://br.ccm.net/news/26884-app-da-saraiva-funciona-como-e-reader>>; <https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_tablet_computers>; <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Kindle>>; <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/ex-inimigas-microsoft-apple-apresentam-juntas-ipad-pro-17442611#ixzz3lvtDsvPg>>. Período de acesso: jul. 2014-set. 2015.

APÊNDICE 3: Alguns tipos de leitor digital

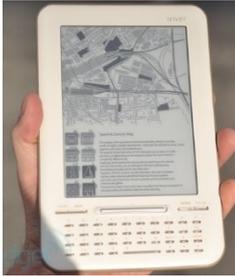
ANO	MODELO	FUNCIONALIDADES
1996	PALM PILOT 	Com sede na Califórnia, a empresa Palm lançou seu primeiro PDA em março de 1996: o Palm Pilot, equipado com um processador que rodava a 16MHz, com 128 Kb ou 512 KB de armazenamento. Seu sistema operacional era o Palm OS, e seu software de leitura era o mesmo do Palm Reader. Foram vendidos 23 milhões entre 1996 e 2002.
1998	ROCKET EBOOK 	O primeiro a ser comercializado nos Estados Unidos em 1998, o leitor da NuvoMedia precisava de um computador conectado à internet para copiar os títulos porque não possuía um modem interno. Os livros ficavam estocados num grande computador da livraria Barnes & Noble. Era possível visualizar o texto na horizontal ou na vertical; anotar e marcar textos; copiar sites e documentos criados no computador, desde que convertidos em HTML. Possuía tela de 14cm, e sua bateria durava em média 20-25 horas; com capacidade para até 4 mil páginas de texto. O projeto Rocket eBook teve a colaboração da empresa Franklin, especializada em dicionários e bíblias digitais, que desenvolveu também o eBook-Man.
	SOFTBOOK READER 	Pouco tempo depois, foi lançado o SoftBook Reader, juntamente com a Rede SoftBook, um serviço de entrega de conteúdo baseado na Internet. Seus investidores foram a Random House e a Simon & Schuster. Era possível ser feito de forma rápida segura o download de uma vasta seleção de livros e periódicos usando o built-in de conexão à internet. O dispositivo, ao contrário de um computador, foi ergonomicamente projetado para a leitura de documentos longos e de livros.
1999	MILLENNIUM EBOOK 	Lançado pela Librius, uma empresa de e-commerce com livraria on-line, que disponibilizava cópias digitais de milhares de livros pela internet, o Millennium eBook funcionava como o Rocket eBook: ligado a um PC para baixar textos. O leitor só tinha sete botões para o controle de todas as operações e uma luz de fundo brilhante para a leitura em áreas de baixa luz e em qualquer língua. Suas baterias eram removíveis para poder operar por até 18 horas, e sua biblioteca comportava mais de 10 mil títulos.
	EVERYBOOK 	Foi concebido para ler arquivos PDF, o padrão mais utilizado ainda hoje para a transmissão de documentos, com duas telas táteis em cores que lembravam páginas duplas de um livro aberto (30 x 20 cm). Tinha capacidade de memória de até 500 mil páginas estocadas em cartões smart cards, propiciando a expansão de sua memória. Tinha um modem integrado para telecarregar diretamente as obras, conectando-se a uma Everybook Store, uma livraria on-line em três dimensões.
2000	GEMSTAR EBOOK	Foi lançado em novembro de 2000 depois de a Gemstar ter com-

		prado em janeiro de 2000 as duas empresas que criaram os primeiros leitores de ebook: a NuvoMedia (autora do Rocket eBook) e a SoftBook Press (autora do SoftBook Reader), Duas versões estavam disponíveis para venda nos EUA: o REB 1100 (sucessor do Rocket eBook), com um ecrã preto e branco; e o REB 1200 (sucessor do SoftBook Reader), com uma tela colorida, ambos produzidos sob a etiqueta RCA, pertencentes a Thomson Multimedia. A Gemstar tentou lançá-los também na Europa, começando com a Alemanha, quando um editor francês de LDEs efetuou a compra a 00h00 em setembro de 2000.
2001	<p>CYBOOK</p> 	Desenvolvido pela Cytale, uma empresa francesa criada por Olivier Pujol, o Cybook (21 x 16 cm, 1 quilo) foi lançado em janeiro. Sua memória de 32 M de SDRAM e 16 M de memória flash podia armazenar 15 mil páginas, ou 30 livros de 500 páginas. A Cytale fechou suas portas em julho de 2002, e o modelo foi rebatizado mais tarde por Cybook 1ª geração. O projeto Cybook foi retomado pela Bookeen, uma empresa criada em 2003 por Michael Dahan e Laurent Picard, dois ex-engenheiros da Cytale. O Cybook 2ª geração estava disponível em junho de 2004, e o Cybook Gen3 3ª geração, em julho de 2007, com uma tela de tecnologia E-Ink.
	<p>HIEBOOK</p> 	Desenvolvido pela empresa Korea, o hieBook Reader possuía tecnologia XML, com plataforma aberta, permitindo ao usuário fazer seus próprios LDEs. O modelo coreano também tinha MP3 e ferramentas de organização pessoal. O livro completo tinha apenas 1.6MB de espaço de armazenamento, e a referência era organizada em ordem alfabética, permitindo que o leitor visse o livro em ordem aleatória, explorando temas de interesse.
2002	<p>@FOLIO</p> 	O projeto Folio foi pensado para ser um dispositivo móvel para leitura de textos, em outubro de 1996, por Pierre Schweitzer, um arquiteto-designer de Estrasburgo, França. A patente internacional foi apresentada em abril de 2001. A startup francesa iCodex foi criada em julho de 2002 para desenvolver e promover o projeto. Sua tecnologia foi inspirada em pastas de arquivo de fax e guias. A encadernação conservava os links hipertextuais, com tela tátil e otimizada para a leitura (contraste, energia, peso). Seus cristais líquidos só consumiam energia quando as páginas eram viradas. A tela era translúcida e aproveitava a luminosidade ambiente e podia ser lida de frente e verso. A interface não possuía botão e contemplava os gestos tradicionais de leitura: virar ou tocar a página.
2006	<p>SONY READER POCKET EDITION PRS-300</p> 	O Pocket Edition PRS-300 foi lançado em 2006 pela Sony. Menor do que um livro de bolso, seu peso total era 219g. Mais compacto do que os e-readers concorrentes, possuía corpo de metal, botões para navegação simples; fino, tela clara, sem brilho, forma compacta; baixo preço; tela e-Ink Crisp; compatível com formato ePub, que o Kindle da Amazon não suportava; tela de 5 polegadas; tamanho da fonte ajustável; vida útil da bateria razoável; e software da Sony eBook Library, ambos para Windows e Mac-.

2007	KINDLE 	<p>Lançado em novembro pela Amazon, o Kindle utilizava a tecnologia e-ink, ou o papel eletrônico, uma tela em preto e branco sem refletir a luz ambiente e garantia uma duração de bateria de até sete dias, com 3G ligado. Era o único modelo disponível sem touchscreen, com apenas cinco botões na base do dispositivo para navegação. Para escrever, usava-se um teclado virtual da tela controlado por botões. O e-ink não suportava transmissão de vídeo, embora o Kindle rodasse arquivos de áudio. Sua principal limitação era a escolha dos formatos de texto AZW: fechado, criptografado, exclusivo da Amazon.</p>
2008	SONY PRS-505 	<p>A Sony lançou seu primeiro modelo popular do PRS 505, o dispositivo de terceira geração. Cerca de um ano mais tarde (2009), a Sony introduziu o PRS-500 nos EUA, mas o modelo PRS-505 é uma melhoria adicional dele. Foi introduzido no Reino Unido em 3 de setembro de 2008. Foi o único dispositivo de leitura ebook e-ink disponível nos EUA, Europa e Ásia. O Sony PRS-505 tinha suporte para DRM-PDFs e ePub. Em 2009, o PRS-505/300/600 era o melhor dispositivo de leitura móvel disponível no mercado e também um dos mais baratos.</p>
	SONY PRS-700 	<p>O último modelo da Sony, o PRS-700, foi lançado em novembro, com tela touchscreen, que podia ser utilizada também como um teclado virtual. Os dez botões laterais foram removidos, e os botões para virar páginas continuaram, mas também era possível fazer isso com o touchpad. Com espessura de 9.7 mm, display de 6 polegadas, resolução de 170 DPI e escala de cinza de oito níveis, possuía memória interna de 512 MB e, para condições de luz baixa, tinha iluminação de LED.</p>
2009	KINDLE 2 	<p>O Kindle 2 foi lançado em 9 de fevereiro e suas vendas começaram no dia 24. Com 2 GB de memória interna, 1.4 GB era utilizável pelo usuário. Diferente do Kindle 1, sua memória já não era mais expansível com cartões SD. Entre suas novas características estava o sintetizador de voz, em que o aparelho lê para o usuário. Já em 7 de outubro do mesmo ano, também foi lançada uma nova versão do Kindle 2, uma versão internacional, onde o Wi-Fi funcionaria em mais de cem países.</p>
	KINDLE DX 	<p>O Kindle DX, o terceiro modelo de e-reader da Amazon, foi lançado em 6 de maio, mas não chegou ao Brasil. Visando estudantes e leitores de jornais, sua tela era uma vez e meia maior do que o Kindle 2, com 9,7 polegadas, resolução de 824 x 1200 pixels e 16 tons de cinza. Possuía memória RAM de 128 MB, memória interna de 4 GB (com 3 GB para o usuário), além do sistema operacional Kindle DX 2.5.8. O diferencial do Kindle DX em relação aos seus antecessores era a compatibilidade com arquivos PDF, mas o modelo não possuía conexão Wi-Fi.</p>
	COOL-ER 	<p>O modelo da Gato Sabido, a primeira livraria digital do Brasil, foi o primeiro leitor nacional a ler arquivos no formato ePub e a aceitar os formatos PDF, FB2, RTF, TXT, HTML, PRC e JPG. Criado e fabricado pela empresa britânica Interead, não possuía teclado físico, com espaço para a tela de seis polegadas e-ink. Com menos de 200gr, sua bateria durava até 8 mil viradas de página e possuía 4 GB de espaço interno, mas não tinha 3G ou Wi-Fi e era compatível com computadores Mac e Windows. Com variedade de cores, suportava livros em várias línguas.</p>

<p>2010</p> <p>IPAD</p> 	<p>O iPad utiliza o mesmo sistema operacional do iPhone. Possui redes sem fio Wi-Fi e Bluetooth, tela touch de 9,7 polegadas, acelerômetro, bússola e chip A4, de 1 GHz. Pesa 680 gramas, tem 0,5 polegadas (1,27 cm) de espessura e bateria para dez horas de vídeo e um mês de standby. Com versões de 16, 32 e 64 GB, o iPad reflete até as luzes mais tímidas e só cansa após duas horas de uso. Possui um aplicativo do próprio Kindle, o FreeBooks, e o iBooks, uma biblioteca virtual e portátil que permite o acesso a web e download de milhares de aplicativos, inclusive jornais e revistas. Para abri-los o iPad utiliza o GoodReader, que transfere documentos para o aparelho diretamente pelo iTunes. Produzido pela Apple Inc., fundada em Cupertino, Califórnia, em abril de 1976, e incorporada por Steve Wozniak, Steve Jobs e Ronald Wayne em 3 de janeiro de 1977. Seus produtos mais conhecidos são: computadores Macintosh, iPod, iPhone, iPad, Apple TV e Apple Watch, que utilizam o sistema operacional Mac OS X, o navegador de mídia iTunes e a suíte de software multimídia e criatividade iLife.</p>
<p>POSITIVO ALFA</p> 	<p>É da empresa Positivo, tem 6 polegadas, tela sensível ao toque e pesa 240g. O aparelho possui 2 GB de espaço interno e aceita livros no formato PDF, ePub e TXT. Acompanha um Dicionário Aurélio já embutido no leitor e permite rastrear trechos no texto. Como todos os concorrentes nacionais do Kindle, o Alfa também não tem 3G ou Wi-Fi.</p>
<p>MIX LEITOR-D</p> 	<p>Lançado em junho de 2010, o Mix Leitor-D foi importado da China, mas seu software foi desenvolvido no Brasil pela Mix Tecnologia. Pesava 300 g, tinha tela com dezesseis níveis de cinza e o aplicativo interno Kertas, para gerenciar sua biblioteca. O leitor já vinha com 200 livros na memória interna de 128 MB, que podia se expandir até 16GB com cartão SD (capacidade para uma média de 1.500 livros). A bateria durava até mais de 8 mil viradas de páginas, e o aparelho lia os formatos PDF, TEXT, Word, ePub, HTML, PRC, CHM e Mobi.</p>
<p>iRIVER STORY</p> 	<p>Da empresa coreana iRiver, tinha um visual parecido com o primeiro Kindle, com teclado QWERTY, 5 linhas e tela de 6 pol. e memória interna de 2 GB expansível para 32 GB via cartão SD. Lia PDF (com e sem DRM), ePub (com e sem DRM), DOC, XLS, PPT, CBZ e TXT. Reproduzia arquivos MP3 durante a leitura e a função de gravador de voz, que podia durar por até 5 horas. Sem acelerômetro nem Wi-Fi ou 3G, um botão era apertado para girá-lo. Possuía agenda integrada e área para escrever memorandos, podendo salvá-los em TXT. Reproduzia arquivos BMP, GIF e JPG. Pesava 284g e contava com bateria para até 9 mil viradas de página.</p>
<p>FNACBOOK TOUCH</p> 	<p>O Fnacbook Touch foi o primeiro a ser lançado exclusivamente para o mercado francês em meados de novembro, desenvolvido em parceria com a Sagem. Possuía um catálogo de 80 mil títulos, francês em sua maioria. Pesava 140g e seu hardware possuía tela touch E-Ink de 6 polegadas (600 x 800), Wi-Fi e 3G. Sua capacidade de armazenamento era de 2 mil obras, podendo ser ampliada para 10 mil, e suportava os formatos epub, PDF, txt, html5, jpeg, Bmp, png e mp3.</p>

	<p>KOBO</p> 	<p>Seguindo a linha do Kindle, o Kobo também é fruto de uma livraria que vende livros online e resolveu lançar um e-reader. A Borders é a empresa canadense por trás do Kobo, mas, ao contrário da Amazon, preferiu criar uma marca exclusiva para dar suporte ao equipamento. Disponibilizava qualquer um dos 12 mil títulos eletrônicos em português na Livraria Cultura. Guardava até mil livros, e sua bateria durava um mês. Possuía tela touchscreen e era fácil de usar, permitindo aumentar o tamanho da letra. Seu revestimento acolchoado na parte de trás do equipamento dá um visual sofisticado e garante a segurança em caso de quedas.</p>
2011	<p>ELGIN ER-7001</p> 	<p>O ER-7001, fabricado pela empresa brasileira Elgin, possuía tela de 7 polegadas (800 x 480) de LCD, com antibrilho, não e-ink, processador Arm 9 de 400 MHz, 64 MB de memória RAM, memória interna de 2GB e memória externa expansível até 32GB (não incluso), capaz de armazenar cerca de 2 mil livros. Sua bateria durava até 8 horas de leitura e 40 na execução de músicas (com tela apagada). Suportava os formatos EPUB, PDF e TXT, além de outros tipos de arquivos de imagem e áudio. Era compatível com Win 2000, XP, Vista, Win7 e MacOS 10x.</p>
	<p>IRIVER COVER STORY</p> 	<p>O Cover Story, fabricado pela iRiver, possuía interação do usuário por meio de tela touch screen e um único botão na lateral para realizar a mudança de páginas; tela de 6 pol. com tecnologia e-ink; 2 GB de armazenamento interno para cerca de 30 livros, expansível até 32 GB; bateria com autonomia de 5 horas; USB 2.0 e peso total de 282g. Suportava os formatos PDF, DOC, PPT, XLS, TXT, MP3, WMA, BMP e ePUB. Acompanhava uma caneta stylus para a realização de anotações por cima dos textos. Media 126 × 162.8 × 9,5 mm e incluía mini porta USB e leitor de memória SD/SDHC com placa de memória de 2 GB. Um de seus diferenciais era seu encaixe para inserção de capas coloridas.</p>
	<p>MIRASOL</p> 	<p>O display da Qualcomm possuía tecnologia revolucionária e só ficou disponível no mercado em 2011. Desenvolvido com o mesmo conceito da borboleta, refletia a luz recebida na frequência certa, permitindo obter qualquer cor que desejar. Seu display utilizava uma variação constante no tamanho das nanoescamas, controlando a coloração de luz refletida pelo painel. Como essa tecnologia utiliza uma fonte externa de luz ambiente, ela não necessitava de iluminação interna para formar a imagem, resultando em maior consumo de energia, até mesmo se comparado com os painéis com tecnologia e-ink.</p>
	<p>KYOBO</p> 	<p>Kyobo, a maior livraria e eBookstore da Coreia do Sul, lançou seu eReader Kyobo com tela Mirasol sensível ao toque, XGA de 5,7 polegadas resolução de 1024 x 768 pixels. Possuía um processador de classe S2 Qualcomm Snapdragon de 1GHz e uma interface touch-screen Wi-Fi e slot para cartão. A luz de frente do seu display era extremamente fraca, e a qualidade da cor não era tão bom quanto o LCD. A tela Mirasol mostrava alguns comportamentos de telas de LCD baratos: o ângulo de visão caía muito rápido, e as mudanças de cores também, conforme aumentasse o ângulo. O Kyobo eReader não era tão bom para a combinação das habilidades de um tablet e um ereader.</p>

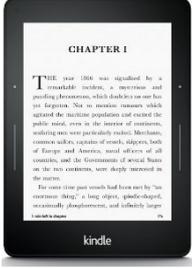
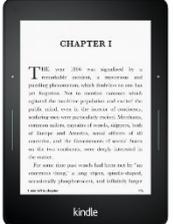
	<p>KOOBE JIN YONG</p> 	<p>A Mirasol lançou outro dispositivo, o Jin Yong Koobe Reader, que era a cara do Kyobo em termos de hardware. Ele utilizava 1.0 GHz do processador Snapdragon S2, da Qualcomm, e tinha formato 5.7 XGA, com resolução de 1024 x 768 pixels. As principais diferenças é a interface, que é uma versão altamente personalizada do Android 2.3. Ele também acompanhava 15 livros do escritor popular chinês Jin Yong. O ereader usava a tecnologia Mirasol, que levou mais de 2 anos de desenvolvimento. Sua desvantagem era ter exclusividade asiática e não ser lançado em nenhum outro continente.</p>
	<p>NOVEL</p> 	<p>O dispositivo da Pandigital, tinha tela full-color com capacidade de 32 bits. Era um leitor polivalente de 7 polegadas com uma tela sensível ao toque LCD, Wi-Fi e um sistema operacional Android. Compartilhava o mesmo hardware interno, como a Cruz Reader e o PocketBook IQ, com a ressalva de que o Qi tinha alguns botões de hardware extra. Todos foram projetados para ser eReaders e dispositivos multimídia, capazes de navegar na web, jogar música, enviar e-mail e exibir vídeos e imagens em seus 800 x 600 telas de resolução. Seu padrão de resolução para exibição, 800x600, era quase um padrão universal entre os eReaders desse tipo. Tanto o Kindle, da Amazon, quanto o Nook, da Barnes & Noble, tinha a mesma resolução, que se encaixava perfeitamente ao tamanho compacto da tela.</p>
	<p>CREMA</p> 	<p>O primeiro e-reader E-Ink da Coreia do Sul. Este dispositivo é semelhante ao leitor Tolino, que é distribuído pela Deutsche Telekom e vários livreiros alemães. O processador de 1 GHz e 512 MB de RAM garantia um bom desempenho. Com 8 GB de memória interna, superava quase todos os leitores que estavam no mercado até à data. Ele também podia ser atualizado por meio de um cartão SD. Possuía tela eInk com 1024 x 758 pixels de resolução e 16 tons de cinza, sensível ao toque e com função de iluminação.</p>
	<p>IRIVER STORY HD</p> 	<p>Quando lançado em 2011, o iRiver Story HD foi chamado de “eReader da Google”, pois tinha uma parceria com a gigante de buscas para fornecimento de livros. Foi o primeiro eReader a trazer tela de tinta eletrônica com resolução mais alta do que a normal: enquanto o Kindle Touch tinha resolução de 600 X 800 pixels, o iRiver HD tinha 1024 X 768, dando ótimo contorno às letras e imagens, em tons de cinza, o que contribuiu para uma relação de contraste ainda melhor do que a E-Ink da Amazon. A tela foi desenvolvida pela LG Display e acompanhava uma CPU Freescale Cortex A8, com 2 GB de armazenamento e um slot para cartão SDHC de leitura.</p>
2013	<p>KOBO ARC 7 HD</p> 	<p>O irmão mais novo do Kobo Arc foi lançado em agosto de 2013 pela Kobo e foi seu terceiro tablet Android de 7 pol. Possuía um alto-falante na parte de trás, enquanto o botão de energia e o slot para cartão microSD ficavam na borda superior, assim como o fone de ouvido. Os botões de volume ficavam na borda direita. Possuía tela de 323 ppi, processador quad-core de 1.7 GHz para explorar a web e uma câmera de 1.3 MP HD no centro. Sua parte traseira era feita de plástico, com textura aderente. Sua frente tinha bordas pretas e aros cercando o painel IPS sob a placa de vidro de proteção. Em 2014, o Kobo Arc 7HD recebeu o prêmio Red Dot: Product Design 2014, junto com o Kobo Aura.</p>

<p>KOBO GLO</p> 	<p>O Kobo Glo foi a primeira tentativa da Kobo em construir luz e toque e, embora tenha sido substituído pelo Kobo Aura HD e o Kobo Aura H2O, ainda se encontrava disponível. Possuía Comfort Light e um ecrã tátil sensível, 2GB de armazenamento e um slot para cartão microSD. Ele se beneficiava de algumas das mesmas características do outro Kobo: capacidade para ler livros e documentos em vários formatos diferentes, incluindo PDF e EPUB.</p>
<p>KOBO AURA HD</p> 	<p>O Aura HD é o leitor premium da Kobo, vendido na Livraria Cultura, no Brasil. Possui tela Pearl E-Ink de alta resolução, iluminação suave e uniforme de fundo e bateria com 2 meses de duração, entrada para mini USB e 4GB de armazenamento, com um slot para cartão microSD. A tela de 6,8 polegadas tem resolução de 1440 X 1080 pixels, com definição de 265 ppi, a maior disponível num leitor de e-books. A exemplo do Kobo Glo e Kindle Paperwhite, a tela de e-ink do Kobo Aura HD possui iluminação para ler livros em ambientes sem luz. Seu processador é de 1 GHz, pesa 240 gramas e tem 4 GB de memória interna para armazenar até 3 mil livros, podendo ser expandida para até 32 GB com um cartão microSD. Suporta arquivos ePUB, PDF e quadrinhos em CBR/CBZ, além de imagens em JPEG, GIF, PNG e TIFF.</p>
<p>KOBO AURA H2O</p> 	<p>Disponível a partir de outubro, o Kobo Aura H2O foi uma das maiores surpresas do Ano Reading. Graças a sua tela preta e papel de parede brilhante, sua legibilidade é excelente, mesmo sem iluminação ativada. Sua luz built-in tem distribuição uniforme. Com uma densidade de pixels de 265 ppi, a escrita não é tão acentuada como os modelos menores Kindle Voyage, Paperwhite 3 e Kobo Glo HD, mas a diferença está na comparação direta. O Aura H2O tem densidade de pixel mais acentuada do que o Tolino Vision 2 e os modelos de 6 polegadas. O modelo foi batizado de H2O porque é à prova d'água.</p>
<p>KOBO TOUCH</p> 	<p>O Kobo Touch é equipado com uma tela sensível ao toque e sem brilho E-Ink Pearl de 6 polegadas e pesa 185 gramas. Possui Wi-Fi integrado, um 1 GB de memória utilizável embutido e um slot para cartão microSD. A bateria dura até um mês com um único carregamento. Tem dicionário e tradutor integrado de inglês, francês, alemão, italiano, espanhol e português. O Kobo Touch vem totalmente carregado com o Merriam-Webster Collegiate Dictionary®; tem tradutor instantâneo; 10 estilos de fontes e 24 tamanhos de fontes, incluindo a nova fonte exclusiva da Kobo. O usuário pode selecionar a própria fonte, ajustar a nitidez e alterar o espaçamento entre linhas, margens e configuração da página.</p>
<p>KOBO TOUCH 2.0</p> 	<p>O novo Kobo Touch 2.0 tem uma tela antirreflexo de 6 pol. de EInk Pearl sensível ao toque, que não permite a leitura no escuro porque não emite luz, 11 estilos de pia batismal e 35 tamanhos. Tem 4 GB de armazenamento on-board (cerca de 3 mil livros), e a bateria pode durar até 4 meses. Como a versão anterior, há capacidade de Wi-Fi com acesso a livraria e- Kobo. O modelo foi lançado para competir com o modelo básico do Kindle.</p>
<p>KOREA</p>	<p>Desenvolvido pela companhia Korea eBook Inc., com base em</p>

	<p>Seul, tem tela de cristal líquido, retroiluminada, monocromática e tátil. Pesa 280gr e pode ter 16 ou 32mb de memória, que pode ser expandida com cartões Smart Cards. O Korea conecta-se a um computador para descarregar os arquivos e pode abrir e-mails. Uma entrada periférica está incluída tanto para os formatos relacionados aos dados quanto para recarregar a bateria NiMH (hidreto de níquel metálico), que tem melhor desempenho e maior vida útil do que baterias similares de cádmio e níquel. O software inclui um sistema operacional para que os textos eletrônicos sejam lidos também no hieBook Reader.</p>
<p>KINDLE FIRE</p> 	<p>O Kindle Fire foi lançado nos Estados Unidos em novembro. É um tablet com tela colorida de 7 polegadas (178 mm), wireless e acesso direto à loja da Amazon. Funciona como um tradicional leitor de livros digitais, mas com opções mais avançadas. Uma de suas melhores características é sua tela ISP de alta qualidade, com 7 polegadas na diagonal e resolução de 1024 x 600 com 169 ppi. As cores são muito brilhantes e nítidas (suporta 16 milhões de cores). E com o display de alta resolução, o texto parece sólido e nítido, sem pixalizar as bordas.</p>
<p>KINDLE FIRE HD</p> 	<p>Tal como o anterior Kindle Fire, o modelo HD roda uma versão do Android que foi personalizada pela Amazon, embora o Fire rode o Android 4.0 em vez do antigo 2.3. É um tablet básico, com opções de tela de 6 e de 7 polegadas em alta definição, com 1280 x 800 pixels e 216 ppi, um processador dual-core de 1.2 GHz, 1 GB de memória RAM e 12.6 GB de memória interna. Se comparado a um dispositivo Android, é levemente superior ao Samsung Galaxy Tab 2 de 7.0. A Amazon removeu o "Bookshelf" a partir da interface do Kindle, substituindo-o pelo "favoritos", cuja lista personalizada pode ser acessada a partir de qualquer aplicativo. Podem-se baixar apps, álbuns, filmes, websites para a pasta de favoritos para acesso rápido.</p>
<p>KINDLE FIRE HD KIDS EDITION</p> 	<p>É a versão dirigida ao público infantil, com capinha emborrachada, para amortecer eventuais choques, e com uma assinatura de um ano do Amazon FreeTime Unlimited, serviço que dá acesso a apps, músicas e filmes para crianças. É alimentado por um processador quad-core e equipado com um ecrã HD, frente e traseira virada para câmeras e áudio Dolby Digital, para entretenimento. Oferece um ano de assinatura da por tempo livre e ilimitado; reúne todos os tipos de conteúdo para crianças com idades entre 3-10 anos, incluindo livros, filmes, programas de TV, aplicativos e jogos. Tem controle dos pais, que permite definir metas educacionais e só dar acesso ao conteúdo apropriado para a idade.</p>
<p>KINDLE FIRE HDX</p> 	<p>É o mais avançado da Amazon, com tela de 8,9 pol. e um teclado opcional. Possui um processador mais rápido e alto-falantes melhores que os de seu antecessor. Foram lançados dois modelos HDX, com telas de 7 e de 8,9 polegadas, superiores ao modelo HD do ano passado, melhorias no software em geral e um corpo mais fino e mais leve e tecnologia de suporte Mayday. Seu corpo de magnésio moldado faz com que passe uma grande sensação de leveza, especialmente em relação à versão de 8,9 pol. pesando cerca de 374 gramas.</p>

	<p>KINDLE PAPERWHITE DE 2ª GERAÇÃO</p> 	<p>Em dezembro de 2013 passou a ser vendido oficialmente no Brasil o Kindle Paperwhite 2ª geração da Amazon, sua versão com conectividade WiFi, ou seja, sem 3G. A tela ficou com iluminação embutida de alta resolução e contraste. O processador teve aumento de frequência de 800 MHz para 1 GHz, 25% mais rápido, deixando a mudança de páginas ainda mais fluida. A pesquisa inteligente, a tecnologia de toque e a navegação também foram aprimoradas. Ganhou um painel com maior contraste, as fontes ficaram mais escuras, o fundo da página ficou mais branco, e a iluminação ficou mais forte e uniforme. No software, a interface está mais integrada com o Wikipédia. Um recurso chamado 'Construtor de Vocabulário' faz as palavras buscadas no dicionário ficarem automaticamente registradas. As notas de rodapé ficaram mais refinadas, podendo ser lidas com um toque, sem sair da página.</p>
	<p>NOOK GLOWLIGHT</p> 	<p>O Nook Glowlight é um leitor da Barnes & Noble e é um concorrente da Paperwhite. A Simple Touch Nook Glowlight surgiu ao mesmo tempo que o Kobo Glo. Tem design mais leve que o do Kindle Paperwhite, melhor sistema de iluminação, texto mais nítido e não tem mais a página piscando. Possui luz de leitura de curso e armazenamento expansível. Sua tela antirreflexo de 6 polegadas, sensível ao toque, é confortável para ler mais de 3 milhões de livros, mas é lenta. Sua bateria tem boa duração, mas não possui slot para cartão microSD. Ele começa com 4GB de memória interna e há um anel de borracha de silicone em torno do quadro para ajudar a proteger o dispositivo em caso de uma queda.</p>
	<p>NOOK</p> 	<p>Lançado no dia 20 de agosto de 2013 pela Samsung e pela rede de livraria Barnes & Noble, o Nook é leve, possui design agradável, com tela de 6 polegadas e tecnologia de papel eletrônico. A tela de leitura não é touch screen, mas há uma área de ícones sensível ao toque na parte inferior, para se escolher as opções do aparelho. Tem acesso à internet, jogos (Sudoku e Xadrez), MP3, o blog da B&N e acesso à biblioteca. Tem versões com wi-fi e celular ou só wi-fi e roda o sistema operacional Android. Possui sistema mais aberto do que o Kindle e acessa a loja de aplicativos Google Play Store para baixar as centenas de milhares de apps disponíveis.</p>
<p>2014</p>	<p>KINDLE PAPERWHITE DE 3ª GERAÇÃO</p> 	<p>Lançado em julho de 2014, com iluminação embutida e upgrade na resolução do display de 6 polegadas, passou a ter a mesma definição do irmão mais caro, o Kindle Voyage. Na terceira geração, a tela de 6 polegadas do Kindle Paperwhite possui resolução de 1448x1072 pixels, o que resulta numa definição de 300 pixels por polegada. Com a iluminação desligada, o contraste é bastante satisfatório e equivalente nos dois modelos. A diferença aparece quando a luz é ligada: no nível máximo, o novo Kindle Paperwhite é mais brilhante. Isso não faz diferença para quem lê durante a noite (no escuro, a recomendação é deixar o brilho no mínimo possível), mas sim para ser lido ao ar livre, com o sol refletindo na tela, já que o branco fica mais branco. Ele só perde para o Kindle Voyage, que tem iluminação mais forte, embora a diferença seja mais suave.</p>

<p>KOBO AURA H2O</p> 	<p>É o primeiro e-reader de tinta eletrônica à prova de água, com a possibilidade de ficar trinta minutos debaixo de água a um metro de profundidade sem sofrer qualquer dano. Possui a tecnologia e-ink de 265 dpi, a maior resolução disponível até então em um leitor digital. Armazena até 3 mil LDEs, com até 2 meses de vida útil da bateria e possui memória expansível com cartão microSD, que aumenta sua capacidade para 30 mil livros. Possui quase 4 milhões de títulos em 68 idiomas. Possui display touchscreen e-ink de 6,8 polegadas; resolução de tela 1430 x 1080 pixels (265 dpi); processador de 1 GHz; tecnologia de iluminação ComfortLight; armazenamento interno de 4 GB (expansível em até 32 GB com cartões micro SD); e certificação IP67 de resistência contra a água.</p>
<p>LEV</p> 	<p>O grupo Saraiva lançou seu primeiro leitor digital, o Lev, que aceita toques simultâneos. Para dar zoom em um texto, basta deslizar o polegar e o indicador em sentidos opostos; para reduzir, faz-se o movimento inverso. Para mudar a orientação da tela, basta um movimento de giro com dois dedos e, para selecionar um texto, colocar um dedo sobre o início e outro sobre o final da seleção. O Lev lê o formato 3 do epub apenas parcialmente e rende-riza o conteúdo sem maiores problemas. Vem com dicionário embarcado, aceita o acréscimo de arquivos de fontes e tem ótimo desempenho.</p>
<p>TOLINO VISION</p> 	<p>Lançado no início de abril de 2014 na Alemanha, foi classificado como um assassino do Kindle por causa de sua aliança com as empresas alemãs Telekom, Hugendubel, Thalia, Bertelsmann e World View. O Tolino Vision apresentou a mais recente inovação em e-paper e e-ink Carta até então. É a mesma tecnologia de tela do Kindle Paperwhite 2. O destaque do modelo é a tela que se nivela com a moldura. O único e-reader que faz isso é o Kobo Aura, que é quase um tablet ou smartphone.</p>
<p>CYBOOK OCEAN</p> 	<p>Lançado em dezembro pela Bookeen, com 7 milímetros de espes-sura, possui tela grande, 8 pol., 1024 x 758 pixels, e-ink Pérola HD display touchscreen capacitivo, próximo ao de um livro de bolso. Seu processador Cortex A8 OMAP3611 TI roda a 800MHz, com 128 MB de RAM. A bateria dura um mês. Um dispositivo de 8 pol. (196 x 150 x 7mm), com 7 milímetros de espessura, e pesa em torno de 300g, com bateria incluída. Sua interface possibilita criar coleções, pesquisar textos, organizar notas, customizar parâmetros do texto e um novo modelo de PDF.</p>
<p>SONY DIGITAL PAPER</p> 	<p>Sua principal característica é o bloco de notas, que transforma o e-reader num caderno digital. Com 13,3 polegadas e com tecnologia de tinta eletrônica, se distingue da concorrência pelo facto de permitir anotações, que podem ser feitas com canetas sylus fornecida pelo fabricante. Com apenas 6,8 mm de espessura, tem ligação Wi-Fi, bateria até três semanas, 4 GB de armazenamento e slot para cartões de memória microSD.</p>

	<p>AMAZON KINDLE 7TH GENERATION</p> 	<p>Lançado em novembro, a sétima geração do Kindle ostenta um display e-ink 167 ppi de 6 polegadas, tal como o seu antecessor. A tela é livre de brilho, tornando-o fácil de ler ao ar livre sob a luz do sol. O display oferece 16 níveis de escala de cinza e grande contraste. Embora a densidade de pixels seja menor em comparação ao Paperwhite, o texto ainda aparece nítido e claro, e a falta de brilho é uma vantagem. Possui 4GB de armazenamento interno para armazenar milhares de livros.</p>
	<p>KINDLE VOYAGE</p> 	<p>Lançado nos EUA em setembro de 2014, só chegou ao Brasil em 2015. O modelo é o mais avançado de todos e o mais fino (0,76 cm de espessura). Mede 16,2 x 11,5 x 0,76 cm e pesa 180 g (sem 3G) ou 188 g (com 3G). Tem tela de 6 pol. sensível ao toque, com 300 pixels por pol. de resolução, a maior taxa de contraste e brilho, e vidro reforçado para evitar arranhões. Seu destaque é a iluminação interna, que se adapta à luz ambiente, seja dia ou noite, para melhor visualização. O aparelho possui 4 GB de armazenamento interno, bateria que dura 6 semanas de uso (se lido meia hora por dia) e conectividade USB 2.0 e WiFi (3G). Suporta os formatos Kindle Format 8 (AZW3), Kindle (AZW), TXT, PDF, MOBI e PRC. As extensões HTML, DOC, DOCX, JPEG, GIF, PNG e BMP são aceitas via conversão.</p>
<p>2015</p>	<p>KINDLE PAPERWHITE</p> 	<p>O Kindle Paperwhite é o mais poderoso da Amazon. O modelo Wi-Fi e 3G é útil para baixar livros. Mede 169 mm x 117 mm x 9,1 mm, com 9mm de espessura e pesa em torno de 219g. Possui 16 níveis de escala de cinza e tecnologia e-paper carta e luz embutida, com resolução de 300 ppi. Possui tela touch Paperwhite de 6" (15,2 cm), resolução de 1.024 x 758 píxeis a 212 ppi, com tecnologia de fontes otimizada e uma de iluminação, que não é LED nem LCD, dispensando o uso de luz externa para a leitura. Não tem reflexo, mesmo sob a luz de sol forte. Funciona em qualquer idioma e tem capacidade para mais de 1.100 livros.</p>
	<p>KINDLE VOYAGE</p> 	<p>O Kindle Voyage, a sétima geração do leitor de ebooks Kindle e um nível acima do atual Kindle Paperwhite, é lançado em novembro de 2015, com corpo ainda mais fino e uma nova maneira de virar páginas. Com apenas 8 mm de espessura, 186g na versão 3G, 16,2 cm de altura e 11,5 cm de largura. A tela ganhou uma definição maior, coberta por vidro, e a ação de virar páginas passou a ser feita por meio de um sensor localizado nas bordas do aparelho. Pelo preço bem mais alto do que o dos outros, ficou claro que o Kindle Voyage foi uma resposta ao e-readers topo de linha.</p>

NOVO KINDLE PAPER-WHITE 3ª GERAÇÃO



Possui tela de alta definição e melhorias no software, leitor de ebooks com iluminação embutida, upgrade na resolução do display de 6 pol., e passou a ter a mesma definição do irmão mais caro, o Kindle Voyage. Possui resolução de 1448×1072 pixels, o que resulta numa definição de 300 pixels por pol. Seu acervo é de mais de 1 milhão de livros, dos quais mais de 14 mil estão em português. Este modelo é idêntico ao Kindle Paperwhite; a diferença é que ele inclui o acesso 3G gratuito e algumas gramas a mais. O acesso 3G gratuito é restrito para navegar apenas na loja Kindle, baixar livros comprados e fazer pesquisas na Wikipedia. Para acessar outros sites, é necessário usar o Wi-Fi, também disponível neste modelo.

Fontes de consulta:

<https://tecnoblog.net/165584/kindle-voyage-rumor-amazon/>;
<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/er-7001.html>;
<http://revolucaoebook.com.br/ereader-iriver-story-hd-e-descontinuado/>;
<http://www.tecmundo.com.br/busca?q=iRiver+Cover+Story>;
<http://manybooks.net/ereaders/pandigital-novel-ereader-review/>;
<http://whatis.techtarget.com/definition/Rocket-eBook>;
<http://www.gutenbergnews.org/>;
<http://idgnow.com.br/mobilidade/2015/08/31/saraiva-lanca-aplicativo-para-leitura-de-e-books/>;
<http://ebooknews.com.br/kobo-touch-2-0-e-lancado-sem-alarde-no-canada/>;
<http://www.tudocelular.com/novos-produtos/noticias/n60145/kobo-lanca-leitor-2-0.html>;
<http://www.mobileread.com/forums/showthread.php?t=219522>;
<http://goodereader.com/blog/electronic-readers/tolino-vision-review>;
<http://the-digital-reader.com/2011/11/21/first-mirasol-e-reader-launches-in-south-korea/>;
<http://www.vidasempapel.com.br/kindle-paperwhite-no-brasil/>;
<http://www.pcadvisor.co.uk/review/ereaders/cybook-ocean-ereader-review-3591531/>;
<http://www.summet.com/blog/2010/06/04/sony-prs-300-review/>.

APÊNDICE 4:
Alguns formatos de arquivos digitais que podem conter
um texto e compor um livro digital e eletrônico.

TIPO	CARACTERÍSTICAS
PDF	<p>O Portable Document File foi criado pela empresa Adobe com o objetivo de facilitar a leitura e compatibilidade entre diferentes sistemas operacionais (Windows95, 98, XP, Vista, 7, Linux, Apple MAC OS X) e em diferentes computadores (PC e Macintosh). É um arquivo que pode ser aberto em algum aplicativo (programa) e ter seus elementos editados, sejam eles textos, layout, diagramação, fontes e suas propriedades (negrito, itálico).</p> <p>O PDF eBooks/Adobe Digital Editions, que já era usado para LDE antes da utilização dos e-Readers, é usado por grande parte dos leitores digitais, mas tem proteção de direitos autorais. O sistema para leitura e organização de LDEs que o utiliza baseia-se em Flash e também lê arquivos ePub. A diferença entre o PDF eBook (Editions) e o comum é a proteção DRM. Para poder ler o livro em até vários desktops, notebooks ou smartphones que suportem o aplicativo, é preciso criar um Adobe ID (identificador).</p> <p>Os visualizadores de PDF são: Adobe Reader; Foxit Reader; Nitro leitor de PDF; PDF-XChange Viewer; Xpdf e muitos outros. A desvantagem é que, se seu conteúdo é gerado em tamanho A4 ou carta, quando reduzido, torna-se ilegível nos dispositivos pequenos.</p>
E-PUB	<p>O Electronic Publication foi criado em 2007 pelo IDPF (International Digital Publishing Forum) e é um formato gratuito e aberto, que suporta proteção DRM (Digital Rights Management), apesar de não usar um padrão único de direitos digitais. Ele converte livros em arquivos digitais, além de o usuário poder aumentar e diminuir a fonte, facilitando a leitura em e-Readers. Voltado para leitores com tecnologia e-ink, é a solução da indústria de hardware para os e-readers, como Kindle, Sony Reader, Nook, Cool-er, Cybook, entre outros. Não permite às telas emitir luz, apenas refletir, imitando a sensação de leitura no papel e possibilitando ao usuário longas horas de leitura sem cansar os olhos. Em contrapartida, as telas são monocromáticas, fracas para navegar na internet e ver fotos. É o formato perfeito para livros com muito texto, mas que não utilizam muitas imagens.</p>
AZW	<p>O AZW é o formato de arquivo criado pela livraria americana Amazon, cujos livros só podem ser lidos no Kindle, mas também podem ser acessados em smartphones que usam o sistema Android ou aparelhos com iOS (iPhones, iPads e iPods touch). A equipe Kindle incentiva todos os programadores KindleGen a atualizar kernel 1 para a versão Linux 2.6 ou superior. O aplicativo KindleGen é uma ferramenta de linha de comando usada para criar LDEs que podem ser comercializados através da plataforma da Amazon Kindle. Esta ferramenta é usada por editores e autores que estão familiarizados com a linguagem HTML e querem converter seus códigos [HTML, XHTML, XML, OPF ou ePub] para o formato do Kindle [AZW]. O KindleGen suporta imagens em tamanhos maiores, bem como as tags de áudio e vídeo para conteúdos embutidos.</p>
ASCII	<p>Desenvolvido a partir de 1960, a American Standard Code for Information Interchange (Código Padrão Americano para o Intercâmbio de Informação) é um código binário que codifica um conjunto de 128 sinais: 95 gráficos (letras do alfabeto latino, sinais de pontuação)</p>

	<p>ação e sinais matemáticos) e 33 de controle. Cada código binário possui 8 bits (1 byte), sendo 7 bits para o propósito de codificação e 1 bit de paridade (detecção de erro). A codificação ASCII é usada para representar textos em computadores, equipamentos de comunicação e dispositivos que trabalham com texto. Os sinais não imprimíveis, ou caracteres de controle, são utilizados em dispositivos de comunicação e afetam o processamento do texto. O código ASCII é muito utilizado para conversão de código binário para letras maiúsculas ou minúsculas do alfabeto.</p>
TXT	<p>É um arquivo texto ou texto puro; é uma espécie de ficheiro informático estruturado como uma sequência de linhas. Arquivos dos Word também são textos, mas este gera um texto com formatação. O TXT é um formato que indica um texto sem formatação, podendo ser aberto ou criado no bloco de notas do Windows, por exemplo. Um arquivo de texto existe dentro do sistema de arquivos de um computador. O fim de um arquivo de texto é conhecido por colocar um ou mais caracteres especiais, conhecidos como um marcador fim-de-arquivo, após a última linha em um arquivo de texto. "Arquivo de texto" refere-se a um tipo de recipiente, enquanto texto plano refere-se a um tipo de conteúdo.</p>
EXE	<p>EXE é um tipo de arquivo usado no Windows para designar um aplicativo ou um programa executável em algum sistema operacional. Ele tanto pode ser o programa responsável pela instalação de um software, como pode ser o aplicativo principal do próprio software. Em tais sistemas, aplicações podem ser iniciadas a partir de um ficheiro com extensão .EXE. Quando se executa um ficheiro com a extensão EXE, o usuário está dando autorização ao sistema para executar todas as instruções contidas nele.</p>
HTML	<p>HyperText Markup Language (Linguagem de Marcação de Hipertexto) é uma linguagem utilizada para produzir páginas na Web, cujos documentos podem ser interpretados por navegadores. A tecnologia é fruto da junção entre os padrões HyTime e SGML. O HyTime é um padrão para a representação estruturada de hipermídia e conteúdo baseado em tempo. Um documento é visto como um conjunto de eventos concorrentes dependentes de tempo (como áudio, vídeo), hiperconectados. O padrão é independente de outros padrões de processamento de texto em geral. O SGML (Standard Generalized Markup Language (Linguagem Padronizada de Marcação Genérica), é um padrão de formatação de textos que não foi desenvolvido para hipertexto, mas tornou-se conveniente para transformar documentos em hiper objetos e descrever as conexões.</p>
HTM	<p>Essa extensão, assim como outras similares são usadas para indicar um arquivo de códigos da linguagem HTML, principal tecnologia para criação de sites.</p>
XML	<p>O eXtensible Markup Language é uma recomendação da W3C para gerar linguagens de marcação para necessidades especiais. É um dos subtipos da SGML (Standard Generalized Markup Language (Linguagem Padronizada de Marcação Genérica), capaz de descrever diversos tipos de dados. Seu propósito principal é a facilidade de compartilhamento de informações através da internet. Entre linguagens baseadas em XML incluem-se XHTML (formato para páginas Web), RDF, SDMX, SMIL, MathML (formato para expressões matemáticas), NCL, XBRL, XSIL e SVG (formato gráfico vetorial). A principal característica do XML, de criar uma infraestrutura única para diversas linguagens, é que linguagens desconhecidas e de pouco uso também podem ser definidas sem maior trabalho e</p>

	sem necessidade de serem submetidas aos comitês de padronização.
XHTML	O eXtensible Hypertext Markup Language é uma reformulação da linguagem de marcação HTML, baseada em XML. Combina as tags de marcação HTML com regras da XML. Este processo de padronização provê a exibição de uma página Web nesse formato por diversos dispositivos (televisão, palm, celular), além de melhorar o acesso ao conteúdo. A principal diferença entre XHTML e HTML é que o primeiro é XML válido, enquanto o segundo possui sintaxe própria, e ambos possuem sentido semântico.
WAP	O Wireless Application Protocol (Protocolo para Aplicações sem Fio) é um padrão internacional para aplicações que utilizam comunicações de dados digitais sem fio (Internet móvel), como, por exemplo, o acesso à Internet a partir de um telefone móvel. O WAP foi desenvolvido para prover serviços equivalentes a um navegador Web com alguns recursos específicos para serviços móveis. Em seus primeiros anos de existência, tem sido muito criticado por suas limitações.
WML	Wireless Markup Language (WML) é uma linguagem baseada em XML que permite exibir partes de textos de páginas web em dispositivos sem fio, como celulares, PDAs. A WML funciona do mesmo modo que a Wireless Application Protocol (WAP) para enviar conteúdo e é similar à HTML, porém não requer dispositivos de entrada, como teclados ou mouse para navegar. A WML trata dos problemas de limitação da largura de banda da rede sem fio – limitada a 9,6 a 19,2 Kbps – e também das limitações das telas pequenas.
DOC	DOC ou .doc (documento) é uma extensão para documentos de processamento de texto, mais comum no Microsoft Word Binary File Format. Historicamente, foi usado para documentação em texto plano (plain text), particularmente de programas ou hardware em uma gama de sistemas operacionais. Nos anos 1980, o Word Perfect usava DOC como extensão de seu formato proprietário. Mais tarde, nos anos 1990, a Microsoft optou por utilizar essa extensão para seu formato proprietário.
RTF	O Rich Text Format (Formato Rico de Texto) é um formato de arquivo de documento de propriedade da Microsoft desde 1987 para intercâmbio de documentos entre diversas plataformas, preferencialmente em Wordpad. A maioria dos processadores de texto é capaz de ler e escrever documentos RTF. O RTF é um formato legível (human-readable) e é o padrão a ser utilizado nos documentos de textos oficiais brasileiros, recomendado pelo <i>Manual de Redação da Presidência da República</i> .
KML	O Keyhole Markup Language é uma linguagem baseada em XML e serve para expressar anotações geográficas e visualização de seus conteúdos, como mapas em 2D e navegadores terrestre em 3D. O KML foi desenvolvido para ser usado com o Google Earth, que era originalmente chamado de Keyhole Earth Viewer, que foi criado pela Keyhole, Inc, e que mais tarde foi adquirida pelo Google em 2004. Arquivos KML são frequentemente distribuídos como pacotes KMZ, que são arquivos KML zipados e usam a extensão a .kmz.
LIT	Este é um formato desenvolvido para o software Microsoft Reader. É nativo para os dispositivos PocketPC e Windows Mobile e também pode ser encontrado em PCs e no eReader Hanlin. No entanto, os conteúdos em formato LIT foram interrompidos a partir de

	<p>novembro de 2011, enquanto que o download do software Microsoft Reader foi encerrado no final de agosto de 2012. Contudo, os usuários ainda podem usar o Microsoft Reader em seus aparelhos, mas não podem adicionar novos conteúdos.</p>
SWF	<p>O Shockwave Flash é um formato de arquivo de aplicações web, criado pela Macromedia, atualmente adquirida pela Adobe. Sua característica é suportar conteúdo multimídia, além de ser relativamente leve e, por esse motivo, é usado extensivamente na Web para inserir conteúdo multimídia em sites. O formato também é utilizado para desenvolver animações e gráficos em outros meios, como filmes em DVD e anúncios de televisão.</p>
TK3	<p>O RPG Toolkit ou TK3 é um motor de jogo de código aberto para a criação de RPGs eletrônicos, com sua própria linguagem de script (RPG Code), que possibilita a criação de funções únicas para o jogo, como o desenvolvimento de sistemas de batalha. Ele serve tanto para a criação de RPGs quanto para qualquer jogo em 2D, bastando personalizar com o RPG Code. O RPG Toolkit compete diretamente com versões ilegais do RPG Maker. Em 2002, a antiga versão do Toolkit recebeu melhorias e correções de defeitos, e Christopher B. Matthews, seu criador, começou a programar a versão 3 do Toolkit, o TK3, que também pode editar e executar jogos criados na versão 2.</p>

Fonte de consulta:

<http://www.ebooksbrasil.org/informe/faq.html>;

<http://www.en.wikipedia.org/>;

<http://www.pt.wikipedia.org/>;

<http://www.ebookportugal.net/>;

<http://www.ebook-review.co.uk/>;

<http://www.myrocketbook.com/>;

<http://www.pcpo.co.uk/reviews/ebook-readers/>;

<http://www.pocket-lint.com/>;

<http://www.the-ebook-reader.com/>;

<http://revolucaoebook.com.br/>.

Período de acesso: ago. 2014-jul. 2015.

APÊNDICE 5:
Editoras que publicaram livros digitais e eletrônicos em CSA1 no triênio 2013.

	EDITORA	SETOR	PERFIL	AL	ATIVIDADE
1	ALÍNEA	COM	EDITORA	N	Publicou 2 LDEs em CI.
2	ATELIÊ EDITORIAL	COM	EDITORA	N	Publicou 13 livros em bibliofilia, restauração, biblioteconomia e memória e patrimônio (papel).
3	AUTÊNTICA	COM	EDITORA	N	Publicou 12 livros em biblioteconomia e 11 em CI (papel).
4	ARTMED	COM	EDITORA	N	Possui mais de 400 LDEs.
5	BLUECOM COMUNICAÇÃO	COM	AGÊNCIA	S	Agência de propaganda e publicidade.
6	COMDPI	COM	EDITORA	S	Publica em parceria com núcleos de pesquisa em Comunicação e Ciência da Informação.
7	COMPACTA GRÁFICA E EDITORA	COM	GRÁFICA	N	Oferece serviços de impressão.
8	COMPANHIA DIGITAL	COM	EDITORA	N	NÃO ENCONTRADO
9	COMPÓS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação)	UNIV	PPG	S	Publica livros impressos e LDEs em Comunicação.
10	CONTEXTO	COM	EDITORA	N	Publica livros em várias áreas.
11	COSAC NAIFY	COM	EDITORA	N	Publica livros impressos e LDEs em várias áreas.
12	CRIAÇÃO HUMANA	COM	EDITORA	S	Publica livros de psicologia clínica e humana.
13	CULTURA ACADÊMICA	UNIV	EDITORA	S	Fundação da Editora da Unesp. Publicou 12 LDEs em CI.
14	DCP/FAFICH/UFMG	UNIV	PPG	S	Departamento acadêmico da UFMG.
15	DIALOGARTS PUBLICAÇÕES	UNIV	PPG	S	Publicação periódica da Uerj em literatura e artes.
16	DWWE EDITORIAL	COM	EDITORA	N	Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana. Publicou 12 LDEs em psicanálise.
17	ECA/USP	UNIV	EDITORA	S	Publicou 31 LDEs, sendo 1 em CI.
18	EDIÇÕES CÂMARA	INST	INSTITUIÇÃO	S	Publica livros impressos e LDEs na área em Direito.
19	EDIÇÕES LCV	UNIV	PPG	S	Laboratório de publicações da Uerj.
20	EDIÇÕES VNI	COM	AGÊNCIA	S	Assessoria de comunicação. Terceiriza serviços de impressão digital.
21	EDIPUCRS (Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)	UNIV	EDITORA	S	Editora universitária.
22	EDUC (Publicações on-line de Educação)	INST	FUNDAÇÃO	N	Fundação Getúlio Vargas. Publica periódicos pela editora da FGV e disponibiliza na rede Sielo.
23	EDUEL (Editora da Universidade Estadual de Londrina)	UNIV	EDITORA	S	Publicou LDEs em várias áreas. Foi recuperado 1 em CI e 1 em arquivologia. Disponibiliza LDE na rede Sielo.
24	EDUEPB (Editora da Universidade Estadual da Paraíba)	UNIV	EDITORA	S	Editora universitária.
25	EDUFBA (Editora da Universidade Federal da Bahia)	UNIV	EDITORA	S	Publicou 15 livros em Biblioteconomia e 21 em CI (papel).
26	EDUFF (Editora da Universidade Federal Fluminense)	UNIV	EDITORA	N	Editora universitária. Publicou 4 e-pubs em CI em outros em CSA1.
27	EDUFRN (Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)	UNIV	EDITORA	S	Editora universitária.
28	EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo)	UNIV	EDITORA	N	Editora universitária.
29	E-PAPERS	COM	EDITORA	N	Publica LDEs sob demanda em várias áreas. Possui serviços para autores.
30	ESCOLA DO FUTURO	INST	ESCOLA	S	Escola de Ensino Médio.
31	ESCRITURAS	COM	EDITORA	N	Publica livros impressos e digitais em várias áreas.

32	ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing)	INST	ESCOLA	S	Publicou apenas 7 livros desde 2009.
33	ESTAÇÃO DAS LETRAS	COM	CURSO	S	Oferece cursos e oficinas voltados para formação de profissionais do mercado editorial.
34	EXPRESSÃO GRÁFICA	COM	GRÁFICA	N	Editora e gráfica. Realiza serviços gráficos em geral.
35	FACOS	UNIV	EDITORA	S	Editora universitária do Departamento de Ciências da Comunicação da Univers. de Sta Maria
36	FADESP (Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa/UFGA)	INST	FUNDAÇÃO	S	Apoia publicações científicas da UFGA.
37	FAPESP (Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de SP)	INST	FUNDAÇÃO	N	Apoia publicações institucionais voltadas para pesquisa.
38	FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP)	UNIV	PPG	S	Publicou vários livros na área de CH.
39	FGV (Fundação Getúlio Vargas)	INST	FUNDAÇÃO	N	Publica livros impressos e LDEs através de sua editora.
40	FIC/UNB (Faculdade de Ciência da Informação/UNB)	UNIV	PPG	S	Publica através de parcerias com outras editoras, inclusive universitárias.
41	FINO TRAÇO	COM	EDITORA	N	Publica em várias áreas do conhecimento.
42	FUNALFA (Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage)	INST	FUNDAÇÃO	S	Apoia projetos culturais e administra órgãos culturais da prefeitura de Juiz de Fora.
43	FUNAPE (Fundação de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Goiás)	INST	FUNDAÇÃO	S	Publica através de parceria com a editora UFG. Só foi encontrado 1 LDE.
44	FUNDAC (Fundação Cultural de Minas Gerais)	INST	FUNDAÇÃO	S	Publica trabalhos científicos, acadêmicos e culturais de professores e alunos.
45	FUNDAÇÃO HERMANN HERING - Museu Hering	INST	FUNDAÇÃO	S	Possui algumas publicações do museu.
46	FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA	INST	FUNDAÇÃO	S	Possui publicações sobre a América Latina.
47	FUNDAÇÃO PEDRO CALMON / Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (FPC/ Secult).	INST	FUNDAÇÃO	S	Publica livros em memória cultural pela Diretoria do Livro e da Leitura (DLL) e atua na produção e gestão de acervos documentais e bibliográficos.
48	FUNDAÇÃO TELEFÔNICA	INST	FUNDAÇÃO	S	Plataforma de autopublicação digital (várias editoras)
49	FUNDEPE (Fundação para o Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão)	INST	FUNDAÇÃO	S	Publica livros pela editora da UFMG, que possui publicações em CSA1.
50	GATO SABIDO	COM	EDITORA	N	A primeira no Brasil a publicar LDEs.
51	GLOBO	COM	EDITORA	N	Possui vários tipos de publicações
52	IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia)	UNIV	PPG	S	Publica em suporte digital e eletrônico revistas, teses, repositórios, biblioteca virtual, entre outros, na área de CI
53	IDE (Imprensa de Disseminação do Evangelho)	COM	AGÊNCIA	S	Publica livros de evangelização.
54	IDEIA/UFPB	COM	EDITORA	S	Publica livros na área de educação.
55	IDEIAS E LETRAS	COM	EDITORA	N	Publica na área de Ciências Humanas.
56	ILUMINURAS	COM	EDITORA	S	Publica em diversas áreas.
57	INSTITUTO CPMS DE COMUNICAÇÃO	INST	INSTITUIÇÃO	S	Publicações em comunicação e marketing e consultoria.
58	INSTITUTO DE SAÚDE/SP	INST	INSTITUIÇÃO	S	Publicações institucionais
59	INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)	INST	SOCIEDADE	S	Publica livros e revistas especializados em Comunicação
60	INTERSABERES	COM	EDITORA	N	Publica livros na área de filosofia e educação, entre outras.
61	INTERVOZES (Coletivo Brasil de Comunicação Social)	COM	AGÊNCIA	S	Agência de comunicação e notícias. Apoia publicações.
62	IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)	INST	INSTITUIÇÃO	S	Possui periódicos eletrônicos e apoia publicações de livros.
63	ISA (Instituto Socioambiental)	INST	INSTITUIÇÃO	S	ONG que apoia projetos culturais e ambientais.
64	ITAÚ CULTURAL	INST	INSTITUIÇÃO	S	Apoia projetos culturais e publicações

65	IXTLAN	COM	EDITORA	S	Publica livros sob demanda
66	JATOBÁ	COM	EDITORA	N	Selo da Plano B Editorial, publica livros didáticos voltados para o meio ambiente.
67	JÉSSICA CÂMARA SIQUEIRA	IND	AUTOPUBLICAÇÃO	N	AUTOPUBLICAÇÃO. Possui 4 publicações na área de CI.
68	JOSE OLYMPIO	COM	EDITORA	N	Editores faz parte do grupo Record.
69	KASUA	COM	EDITORA	N	Oferece serviços de publicação digital para autopublicação.
70	L&PM EDITORES	COM	EDITORA	N	Publica em várias áreas.
71	LATUS	UNIV	EDITORA	S	Selo da editora da Universidade Estadual da Paraíba
72	MAC	COM	EDITORA	S	Publica revistas e jornais
73	MANOLE LTDA	COM	EDITORA	N	Publica livros em várias áreas.
74	CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil)	INST	INSTITUIÇÃO	S	Publicou pela editora Maracá (Educação e Tecnologias)
75	MARCA DE FANTASIA	COM	EDITORA	S	Publica livros em Comunicação e outras áreas das Ciências Humanas pelo selo <i>Periscópio</i> .
76	MAST (Museu de Astronomia)	INST	MUSEU	S	Possui 5 selos de publicações eletrônicas disponibilizadas.
77	MAUAD X	COM	EDITORA	N	Publica livros em Ciências Sociais.
78	MELHORAMENTOS	COM	EDITORA	N	Publica livros em várias áreas.
79	MIDIOGRAF II	COM	GRÁFICA	S	Presta serviços gráficos
80	MODERNA	COM	EDITORA	N	Publica livros na área de educação.
81	MOMENTO EDITORIAL	COM	EDITORA	S	A editora possui um portal de telecomunicações, internet e TICs.
82	MÓRULA EBOOK	COM	EDITORA	N	Publica livros de ficção, não ficção, ensaios e poesias.
83	MULTIFOCO	COM	EDITORA	S	Publica livros de qq área sob demanda.
84	MULTIRIO (Empresa Municipal de Mídias)	INST	INSTITUIÇÃO	S	Possui plataforma digital e está ligada à Secret. Munic. de Educ. da Pref. do RJ
85	NOVA CONSCIÊNCIA	INST	INSTITUIÇÃO	S	Publica livros espiritualistas de autoajuda através da gráfica EME.
86	NOVAMENTE	INST	INSTITUIÇÃO	N	Possui publicações do colégio freudiano Novamente.
87	ODC (OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL)	INST	ONG	S	ONG que apoia projetos educacionais em diversidade cultural.
88	PAPERCLIQ (Comunicação e Estratégia Digital)	COM	AGÊNCIA	S	Agência de Comunicação Digital com foco em mídia.
89	PAPIRUS	COM	EDITORA	N	Publica livros em várias áreas.
90	PARÁGRAFO COMUNICAÇÃO	COM	AGÊNCIA	S	Atua no ramo de relações públicas e comunicações
91	PAULINAS	COM	EDITORA	N	Editores ligada à instituição religiosa católica publica temas de espiritualidade
92	PAULUS	COM	EDITORA	N	Publica temas de espiritualidade
93	PEIROPOLIS	COM	EDITORA	N	Publica livros em comunicação e educação.
94	PENSO	COM	EDITORA	N	Possui mais de 248 LDEs em várias áreas do conhecimento.
95	PLANOGRÁFICA	COM	GRÁFICA	S	Oferece serviços gráficos e de publicação.
96	PLEIADE	COM	EDITORA	S	Publica livros acadêmicos sob demanda.
97	PLUS	INST	ONG	S	ONG sem fins lucrativos que publica e distribui LDEs
98	POLITICOM (Sociedade Brasileira dos Profissionais e Pesquisadores de Comunicação e Marketing)	INST	SOCIEDADE	S	Ligada à UMEP, publica anais dos congressos de comunicação política e eleitoral no Brasil.
99	PREC/UFPEL	UNIV	EDITORA	S	Editores e gráfica universitária da Univ. Federal de Pelotas.
100	PRIETO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA	COM	AGÊNCIA	S	Produtora cultural de eventos e contação de histórias.
101	PROEX	UNIV	PPG	S	Publica LDEs em diversas áreas no selo Cultura Acadêmica, em parceria com a Unesp. A Editora Unesp, em parceria com suas pró-reitorias, disponibiliza 400 LDEs para download gratuito.
102	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE/UNB	UNIV	PPG	S	PPGB da UNB
103	PUC-MINAS (Pontifícia Católica de Minas Gerais)	UNIV	EDITORA	S	Publica a produção científica da Puc-Minas.

104	PUC-RIO (Pontifícia Católica do Rio de Janeiro)	UNIV	EDITORA	S	Publica a produção científica da Puc-Rio.
105	REGGO	COM	GRÁFICA	S	Gráfica e editora.
106	ROCCO DIGITAL	COM	EDITORA	S	Selo da Editora Rocco. Publica autores nacionais e estrangeiros.
107	RONA	COM	GRÁFICA	S	Presta serviços gráficos.
108	ROSARI	COM	EDITORA	S	Publica livros sobre engenharia e design.
109	SANTUÁRIO	COM	EDITORA	S	Publica temas religiosos, de aspecto teológico, pastoral e litúrgico
110	SARAIVA	COM	EDITORA	N	Já publicou 1.189 LDEs em diversas áreas.
111	SENAC-SP (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial)	INST	INSTITUIÇÃO	N	Instituição de ensino que possui editora e publica livros em diversas áreas.
112	SESC (Serviço Social do Comércio)	INST	INSTITUIÇÃO	N	Instituição mantida por empresários do comércio de bens. Apoiar projetos sociais e culturais.
113	SIBI-USP (Sistema Integrado de Bibliotecas)	UNIV	BIBLIOTECA	S	Sistema de bibliotecas digitais da USP, possui cerca de 184 mil livros eletrônicos (e-books), atualizada constantemente.
114	SIMPLÍSSIMO	COM	EDITORA	N	Possui mais de 3.500 LDEs, trabalha com mais de 50 editoras, centenas de autores, e distribui para livrarias on-line.
115	SOCINE (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual)	INST	SOCIEDADE	S	Publica os anais dos congressos que promove. Entidade sem fins lucrativos.
116	SULINA	COM	EDITORA	N	Selo da Editora Meridional, publica livros técnicos e acadêmicos.
117	SUMMUS EDITORIAL	COM	EDITORA	N	Publica teses e trabalhos acadêmicos em várias áreas.
118	UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina)	UNIV	EDITORA	S	Editora Universitária da UDESC
119	EDUFBA (Editora da Universidade Federal da Bahia)	UNIV	EDITORA	S	Publica a produção científica da Universidade.
120	UFGD (Universidade Federal de Grande Dourados)	UNIV	PPG	S	Instituição de ensino que publica através de sua editora universitária.
121	UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)	UNIV	PPG	S	Instituição de ensino que publica através de sua editora universitária. Possui livros em diversas áreas e em CSA1.
122	UFPB (Universidade Federal da Paraíba)	UNIV	PPG	S	Instituição de ensino que publica através de sua editora universitária. Possui 71 títulos em várias áreas do conhecimento.
123	UFPE (Universidade Federal de Pernambuco)	UNIV	EDITORA	S	Instituição de ensino que publica através de sua editora universitária.
124	UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)	UNIV	EDITORA	S	Possui mais de 1,2 mil títulos publicados.
125	UMESP (Universidade Metodista de São Paulo)	UNIV	EDITORA	N	Publica nas áreas de comunicação, humanidades, negócios e saúde.
126	UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas)	UNIV	EDITORA	S	Publica a produção científica da Universidade. Publicou mais de 1.100 livros e disponibiliza cerca de 500 títulos.
127	UNIDAVI (Universidade do Vale do Itajaí)	UNIV	EDITORA	S	Publica a produção acadêmica da instituição de ensino, que não possui fins lucrativos.
128	UNIFRA (Centro Universitário Franciscano)	INST	INSTITUIÇÃO	S	Publica a produção científica da Universidade.
129	UNISUL (Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina)	INST	FUNDAÇÃO	N	Publica a produção científica da Universidade.
130	UNIVATES	UNIV	EDITORA	S	Publica a produção científica da Universidade.
131	VNI COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E DIGITAL	COM	AGÊNCIA	S	Agência que oferece serviços de informática/Internet, comunicação e educação.
132	VOZES	COM	EDITORA	N	Editora e parque gráfico, publica obras de evangelização e catequese. Possui mais de 2 mil títulos.
133	ZAHAR	COM	EDITORA	S	Publica livros de ciências humanas e sociais. Possui mais de 1.200 títulos.

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE 6:
Cinquenta sites que disponibilizam livros digitais e eletrônicos.

	SITES	ENDEREÇO/PERFIL
1	BIBLIOTECA DIGITAL CAMÕES	http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html Coleção de obras integrais em Literatura, História, Arquitetura, Música, Arte, Língua. Leitura gratuita, sem necessidade de cadastro, em PDF e outros formatos para dispositivos móveis.
2	BIBLIOTECA DE LIVROS DIGITAIS	http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/index.php Pequena biblioteca de títulos infantis do Plano Nacional de Leitura. Não permite o download, mas apenas a leitura no ecrã do dispositivo.
3	BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL	http://purl.pt LDEs de domínio público digitalizados pela Biblioteca Nacional de Portugal.
4	DOMÍNIO PÚBLICO	http://www.dominiopublico.gov.br Milhares de LDEs em domínio público, em PDF, do Ministério da Educação do Brasil.
5	EUROPEANA – BIBLIOTECA DIGITAL EUROPEIA	http://www.europeana.eu/portal/ LDEs de diversas instituições europeias, entre as quais a Biblioteca Nacional de Portugal.
6	VIRTUAL BOOKS	http://www.virtualbooks.com.br Portal brasileiro com centenas de LDEs em português.
7	GOOGLE BOOKS	http://books.google.com/books Consulta de LDEs on-line em formato PDF que não estejam protegidos por direitos de autor ou autorizado pela editora. Se for de domínio público, pode ser feito download.
8	PROJETO GUTENBERG	http://www.gutenberg.org/browse/languages/pt Centenas de LDEs de autores portugueses em domínio público.
9	2020OK.COM	http://2020ok.com/0.htm Milhares de LDEs organizados por assunto.
10	ADOBE FREE EBOOKS	http://www.adobe.com/epaper/ebooks/freebooks.html Pequena coleção de LDEs da Adobe para seu e-reader.
11	ASKSAM EBOOKS	http://www.asksam.com/ebooks Coleção de LDEs gratuitos, desde literatura clássica a textos jurídicos.
12	BOOKBOON	http://bookboon.com LDEs em formato PDF. Não é necessário cadastro.

13	BOOKGOLDMINE	http://www.bookgoldmine.com Vasta coleção de LDEs e outros documentos.
14	BOOKYARDS	http://www.bookyards.com Possui mais de 17 mil LDEs e acesso a milhares de bibliotecas on-line.
15	CHILDREN'S BOOKS ONLINE	http://www.childrensbooksonline.org/super-index.htm Coleção com mais de 600 LDEs ilustrados on-line.
16	DAILYLIT	http://www.dailylit.com Disponibiliza LDEs diariamente por e-mail ou por RSS.
17	DIESEL EBOOKS	http://www.diesel-ebooks.com/qbooks/Free-eBooks/results/1.html LDEs gratuitos, também para dispositivos móveis.
18	EBOOKJUNKIE	http://ebookjunkie.com Milhares de LDEs organizados por temas; possui um blog e um fórum.
19	EBOOKS-SPACE	http://www.ebooks-space.com LDEs técnicos em PDF – Computer IT, Programming Language, Software Development, Tutorial, Database Design.
20	E-BOOKS DIRECTORY	http://www.e-booksdirectory.com Diretório de LDEs.
21	E-LIBRARY	http://e-library.net/free-ebook.htm Centenas de LDEs gratuitos.
22	FREEBOOKSPOT	http://www.freebookspot.me Cerca de 5 mil LDEs em 96 categorias.
23	FREE-EBOOKS	http://www.free-ebooks.net Milhares de LDEs e revistas. Os usuários podem enviar o seus próprios LDEs.
24	FREE EBOOK DOWNLOAD LINKS	http://free-ebook-download-links.blogspot.com Fornece links para o download de LDEs gratuitos em diferentes formatos.
25	FREECOMPUTER-BOOKS	http://freecomputerbooks.com Milhares de LDEs técnicos – Computer, Programming, Mathematics, Technical Books, Lecture Notes e Tutorials.
26	FREETECHBOOKS	http://www.freetechbooks.com Milhares de LDEs técnicos gratuitos,
27	GETFREEEBOOKS	http://www.getfreeebooks.com LDEs gratuitos em diferentes formatos.

28	GLOBUSZ	http://www.globusz.com LDEs gratuitos – pesquisa por autor ou por título.
29	INTERNATIONAL CHILDRENS DIGITAL LIBRARY	http://en.childrenslibrary.org/ Coleção de LDEs para crianças.
30	INTERNET ARCHIVE	http://www.archive.org/details/texts Mais de 2 milhões de LDEs e textos para download.
31	ISSUU	http://issuu.com Compartilhamento de publicações. É possível o download em diferentes formatos.
32	KNOWFREE	http://knowfree.net Portal onde os usuários podem compartilhar seus LDEs e outros documentos didáticos.
33	MANYBOOKS	http://manybooks.net/ Mais de 29 mil LDEs gratuitos.
34	MEMOWARE	http://www.memoware.com Coleção de milhares de documentos (bases de dados, literatura, mapas) formatados para dispositivos móveis.
35	ONLINECOMPUTERBOOKS	http://www.onlinecomputerbooks.com LDEs técnicos sobre tecnologias.
36	ONLINEFREEEBOOKS	http://www.onlinefreeebooks.net LDEs em PDF gratuitos nas categorias: Automotive, Business Ebooks, Engineering, Gadget, Hardware, Health & Medical, Hobbies, Programming & Technology, Sport e Martial Art.
37	PDFBOOKS	http://pdfbooks.co.za Cerca de 5 mil LDEs de domínio público.
38	PLANET EBOOK	http://www.planetebook.com Literatura clássica gratuita.
39	PLANETPDF	http://www.planetpdf.com/free_pdf_ebooks.asp?CurrentPage=1 Coleção de romances clássicos em formato pdf.
40	PROJECT GUTENBERG	http://www.gutenberg.org/browse/scores/top Cerca de 33 mil LDEs gratuitos para ler no PC, iPad, Kindle, Sony Reader, iPhone, Android e outros dispositivos portáteis.
41	QUESTIA ONLINE LIBRARY	http://www.questia.com/publicdomainindex Acesso a cerca de 5 mil LDEs em domínio público.

42	READ EASILY	http://www.readeasily.com Livraria on-line com centenas de títulos para download.
43	SCRIBD	http://www.scribd.com Sítio de partilha de documentos Word, Excel, PowerPoint, PDF e outros. Pode ser feito o download do documento ou integrá-lo na página ou blog.
44	SNIPFILES	http://www.snipfiles.com LDEs e software de utilização gratuita.
45	THE BRITISH LIBRARY	http://www.bl.uk/onlinegallery/tp/tpbooks.html LDEs para ler on-line da Biblioteca Nacional britânica.
46	THE FREE LIBRARY	http://www.thefreelibrary.com/literature.aspx Milhares de LDEs organizados por título ou por autor.
47	THE ONLINE BOOKS PAGE	http://digital.library.upenn.edu/books Fornece acesso a cerca de um milhão de LDEs gratuitos.
48	UFINDBOOK	http://www.ufindbook.com Cerca de 200 mil LDEs em formato PDF, CHM e HTML.
49	WIKIBOOKS	http://en.wikibooks.org/wiki/Main_Page Biblioteca de LDEs em forma de wiki.
50	WITGUIDES	http://www.witguides.com LDEs gratuitos de diferentes temas.

Fonte: Ler ebooks: a leitura em ecrã. Disponível em: < <https://lerebooks.wordpress.com/sitios-com-ebooks/>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

APÊNDICE 7:
Taxonomia aplicada aos conteúdos temáticos dos livros digitais e eletrônicos de Ciência da Informação e Museologia publicados no triênio 2010-2012.

TAXONOMIA	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO	TOTAL
<p>1. ASPECTOS TEÓRICOS E GERAIS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</p> <p>Trabalhos que abordam a fundamentação epistemológica da disciplina, a origem e a evolução da área, a interdisciplinaridade e a pesquisa científica, entre outros aspectos teóricos; envolve o estudo de conceitos, métodos, leis, modelos e teorias.</p>	7	2	9
<p>2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL E MERCADO DE TRABALHO</p> <p>Estudos que tratam de questões curriculares, metodológicas, programáticas e de avaliação do ensino, tanto em nível de graduação como de pós-graduação; análises sobre a formação profissional, focalizando aspectos como educação continuada e evasão escolar; trabalhos que analisam as profissões de informação, o profissional da informação (perfil, habilidades, competências e atuação), ética profissional e mercado de trabalho.</p>	2	-	2
<p>3. GERÊNCIA DE SERVIÇOS E UNIDADES DE INFORMAÇÃO</p> <p>Trabalhos que tratam de planejamento, organização, gerência e avaliação de unidades de informação, incluindo diferentes tipos de bibliotecas e centros de documentação, redes e sistemas de informação e demais serviços e atividades de informação; envolve aspectos relativos à gestão da qualidade, ao marketing e à gerência de recursos informacionais, entre outros.</p>	9	1	10
<p>4. ESTUDOS DE USUÁRIO, DEMANDA E USO DA INFORMAÇÃO E DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO</p> <p>Estudos que analisam comunidades de usuários; demandas e necessidades de informação; transferência da informação e uso de unidades e serviços de informação</p>	1	-	1
<p>5. COMUNICAÇÃO, DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL</p> <p>Trabalhos que estudam canais, veículos, ciclos e modelos de comunicação, além de outros aspectos relativos à comunicação da informação entre pesquisadores mediante mídia impressa ou eletrônica; estudos da literatura e do documento; trabalhos que abordam a editoração científica e a divulgação.</p>	9	1	10
<p>6. INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE</p> <p>Textos que estudam a globalização, os impactos da informação sobre a sociedade; as unidades de informação enquanto espaços de comunicação e informação; a educação e a cultura; a informação e a construção da cidadania; o papel e a influência dos</p>	6	-	6

centros populares de documentação e comunicação, entre outros.			
7. LEGISLAÇÃO, POLÍTICAS PÚBLICAS DE INFORMAÇÃO E DE CULTURA Textos sobre política bibliotecária, política de incentivo à leitura, política de informação e sobre política, gestão e planejamento de estruturas e sistemas de informação científica e tecnológica; sobre economia da informação e política cultural, entre outros.	3	-	3
8. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO Trabalhos sobre o impacto e o uso das tecnologias de informação nos diferentes setores da sociedade, sobretudo no ensino, na profissão e nas unidades de informação; estudos sobre a implantação de sistemas de inteligência competitiva; sobre recursos para a automação de unidades de informação; estudos sobre as redes eletrônicas de informação e sobre as bibliotecas virtuais, digitais e eletrônicas, entre outros.	5	-	5
9. PROCESSAMENTO, RECUPERAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO Estudos que tratam dos serviços técnicos de unidades de informação, entre eles: seleção e aquisição; política e desenvolvimento de coleções; atividades de tratamento e representação, recuperação e disseminação da informação; envolve temas como linguagem documentária, classificação, descrição bibliográfica e análise de assunto, entre outros.	5	-	5
10. ASSUNTOS CORRELATOS E OUTROS Textos sobre áreas limítrofes à ciência da informação como informática, linguística, comunicação social, leitura, literatura infanto-juvenil; trabalhos que abordam temas que não têm maiores vínculos com a área, entre eles música popular brasileira, história das mentalidades, sistema ortográfico luso-brasileiro, entre outros.	5	1	6
TOTAL	52	5	57

Fonte: Dados da pesquisa. Baseado na proposta de taxonomia de Oddone e Gomes (2003, p. 6-7).

APÊNDICE 8:
Taxonomia aplicada aos conteúdos temáticos dos livros digitais e eletrônicos de
Comunicação publicados no triênio 2010-2012.

TAXONOMIA	TOTAL
<p>1. MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS</p> <p>Interação do mundo lusófono entre si e com outras realidades midiáticas globais.</p>	25
<p>2. RÁDIO, TELEVISÃO E INTERNET</p> <p>Congrega os diferentes gêneros de produção, tecnologias, memória e perspectivas do rádio, televisão e internet, bem como agrega os diversos aspectos que envolvem a circulação, consumo, experimentação e novos conteúdos para estes meios.</p>	32
<p>3. JORNALISMO</p> <p>Comporta ramificações originadas nos suportes midiáticos – radiojornalismo, telejornalismo, cinejornalismo, ciberjornalismo – ou determinadas pelos conteúdos que difunde – jornalismo econômico, político, cultural, internacional, regional – além dos segmentos vinculados às audiências – jornalismo feminino, infantil, comunitário.</p>	17
<p>4. PUBLICIDADE E PROPAGANDA</p> <p>A Publicidade e a Propaganda e os novos desafios do mercado: teorias da publicidade e da propaganda; tendências; história e memória; o novo consumidor; a ética profissional; a linguagem e o discurso; o processo criativo; o impacto das novas tecnologias; o ensino e a pesquisa; história e tipologias da marca; o valor da marca e do consumidor; o lugar do marketing e do marketing integrado; e a propaganda política.</p>	9
<p>5. RELAÇÕES PÚBLICAS</p> <p>As Relações Públicas na contemporaneidade: tendências e perspectivas; história e memória; teorias; as novas tecnologias; o ensino e a pesquisa; as interfaces teórico práticas; terceiro setor; responsabilidade social e sustentabilidade; os públicos; e as relações públicas comunitárias.</p>	2
<p>6. COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL</p> <p>Da comunicação corporativa à organizacional; da comunicação para o desenvolvimento à comunicação da saúde; da comunicação nos movimentos sociais à comunicação sindical.</p>	4
<p>7. AUDIOVISUAL</p> <p>Congrega trabalhos na área do audiovisual (Cinema, TV, Vídeo) que contemplem problemáticas contemporâneas em suas especificidades, com ênfase em aspectos da narratividade e da discursividade.</p>	26

<p>8. REDES SOCIAIS E CULTURA</p> <p>Fazem parte desse eixo temático: conexões em tempo real e/ou diferido; ambientes de informação estratificados; constituição de grupos sociais afinados por interesse comum; participação colaborativa; economia dos sinais; coletivos de ativismo social; práticas culturais decorrentes da cibercultura e temas correlatos.</p>	6
<p>9. HISTÓRIA DA MÍDIA</p> <p>Processos históricos da mídia e de seus campos científicos; história do Jornalismo, da Publicidade e da Propaganda, da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas, do Audiovisual (televisão, cinema e vídeo), da Cibercultura e da Mídia Visual (fotografia, quadros, design, artes gráficas); metodologia de pesquisa; Comunicação e História: relações teóricas e conceituais; teorias da História e relação com o campo comunicacional; e historiografia da mídia.</p>	6
<p>10. COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E CULTURA</p> <p>Análise de objetos que tratem o campo da política em suas múltiplas e complexas nuances, estabelecendo articulação entre a comunicação e a cultura na recuperação da dimensão simbólica da política, bem como na abordagem de temas vinculados à política partidária, tais como o marketing político e os processos eleitorais.</p>	43
<p>11. COMUNICAÇÃO EDUCATIVA</p> <p>Abrange o campo de pesquisa e da prática profissional a partir da interdisciplinaridade entre as mídias e a educação. Ao formar agentes comunicacionais e educacionais, a universidade constrói novos paradigmas para o entendimento teórico e prático, articulados entre o domínio das linguagens e os modelos de produção em diferentes mídias, em composição com o entendimento da educação enquanto processo de construção crítica da sociedade.</p>	19
<p>12. PENSAMENTO COMUNICACIONAL: TEORIAS, METODOLOGIAS E EPISTEMOLOGIAS</p> <p>Analisa a comunicação a partir das várias correntes teóricas e das perspectivas metodológicas do saber comunicacional. Estuda a definição de objeto, processo, campo teórico, estatuto disciplinar, entre outras, que contribuem para a formação de um amplo panorama de conhecimentos necessários à sua fundamentação.</p>	16
<p>13. SEMIÓTICA</p> <p>Acolhe e discute o campo da semiótica teórica e aplicada e todas as correntes da semiótica (filosófica, linguística, discursiva e da cultura), tendo em vista enriquecer o confronto de ideias, de métodos e de procedimentos de pesquisa; trabalhos ensaísticos e reflexivos, aplicações a processos concretos de linguagens (verbais, sonoras, audiovisuais).</p>	8
<p>14. ESTÉTICA, CIDADES E DESIGN</p> <p>Reflexão sobre as configurações dos espaços urbanos globais de sua comunicação por meio de fluxos de imagens, sons, informações. O espaço público da cidade constituído por um design urbano híbrido composto pelas imagens da moda, pelas inserções estéticas nos estabelecimentos comerciais ou patrimoniais, pelos outdoors, painéis eletrônicos, performances, entre</p>	12

outras manifestações das grandes cidades.	
<p>15. SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS</p> <p>Congrega pesquisas orientadas aos processos de reconfiguração da comunicação a partir de aparatos digitais fixos e móveis. Epistemologia da comunicação, marcos regulatórios e modelos de propriedade, interfaces, práticas comunicacionais mediadas, reverberações na organização social, linguagens e outros fenômenos implicados na disseminação das redes sociotécnicas.</p>	22
<p>16. COMUNICAÇÃO E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS</p> <p>Trata das representações identitárias em sua relação com as diferentes mídias, num contexto de mundo globalizado, bem como dos discursos e sistemas de representação: identidade e diferença; identidades, espaço e tempo; identidades e relações de poder; sujeitos e práticas discursivas; e teorias e autores acerca da relação entre comunicação e identidade.</p>	36
<p>17. FOLKCOMUNICAÇÃO</p> <p>A Folkcomunicação ganhou densidade nacional com a publicação do livro <i>Comunicação e folclore</i> (1971). Os estudos folkcomunicacionais estão se ampliando para todo o espaço lusófono, tendo sido marcante a presença de pesquisadores portugueses nos eventos que reúnem os especialistas da área. Engloba estudos comparativos e a participação de estudiosos africanos, na expectativa de construção de um mapa intercultural desta disciplina no limiar do século XXI.</p>	1
TOTAL	284

Fonte: Dados da pesquisa. Baseado nos dezessete temas do campo da Comunicação desenvolvida pelos grupos de trabalho da Intercom 2015.

APÊNDICE 9:
Questionário digital enviado às editoras.

LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Este questionário faz parte da pesquisa "Livros digitais e eletrônicos na comunicação científica", que vem sendo realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

O questionário está sendo enviado às instituições (editoras, agências, fundações, universidades, bibliotecas e programas de pós-graduação) que publicaram livros digitais e eletrônicos de autoria de professores doutores das subáreas de Comunicação, Ciência da Informação e Museologia entre 2010 e 2012.

A relação das instituições publicadoras foi obtida com auxílio da planilha "Classificação de Livros", produzida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para a avaliação dos programas de pós-graduação das Ciências Sociais Aplicadas I (Comunicação, Ciência da Informação e Museologia) no triênio 2010-2012, disponível em <<http://bit.ly/1MK2dGA>>.

Pedimos gentilmente que responda às seis perguntas abaixo. As respostas serão utilizadas anonimamente para complementar a investigação acerca da utilização do suporte digital na produção científica brasileira.

Agradecemos antecipadamente sua colaboração, que em muito contribuirá para concluirmos essa pesquisa sobre a produção editorial científica brasileira nas áreas de Comunicação, Ciência da Informação e Museologia.

Caso tenha interesse em saber mais sobre essa pesquisa ou deseje obter informações adicionais, por favor faça contato através do e-mail garciadefreitas@gmail.com ou do celular (21) 99529-2905.

Vânia Garcia de Freitas

Mestranda do Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO

Nanci Oddone

Prof. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO

1. QUAL A POLÍTICA EDITORIAL ADOTADA POR SUA INSTITUIÇÃO PARA A PUBLICAÇÃO DE LIVROS NO FORMATO DIGITAL?

- A instituição mantém um comitê editorial que seleciona as obras
- A instituição ainda está testando este novo formato
- A instituição publica neste formato apenas quando há demanda
- A instituição não possui política editorial específica para o formato digital

Quero justificar minha resposta:

2. QUAIS OS CRITÉRIOS ADOTADOS POR SUA INSTITUIÇÃO PARA SELECIONAR OBRAS A SEREM PUBLICADAS NO FORMATO DIGITAL?

- O formato digital constitui uma estratégia de inovação editorial para todas as obras publicadas
- O formato digital é uma opção oferecida a todos os autores que se interessam por esse

formato

- O formato digital constitui uma alternativa para publicações baratas e edições esgotadas
- A instituição não possui critérios predefinidos para publicar no formato digital
- Outro

Quero justificar minha resposta:

3. QUE ESTRATÉGIA SUA INSTITUIÇÃO ADOTA PARA A PRODUÇÃO DE LIVROS NO FORMATO DIGITAL?

- A instituição terceiriza a produção de obras no formato digital
- A instituição mantém uma equipe interna especializada na produção de obras no formato digital
- A instituição realizou mudanças estruturais visando produzir obras em formato digital
- A instituição mantém parceria com outras empresas para a produção de obras no formato digital
- Outro

Quero justificar minha resposta:

4. EM QUAIS ÁREAS DO CONHECIMENTO O FORMATO DIGITAL É MAIS PROCURADO?

- Ciências Exatas e da Terra
- Engenharias
- Ciências Biológicas
- Ciências da Saúde
- Ciências Sociais Aplicadas
- Ciências Humanas
- Linguística, Letras e Artes
- Multidisciplinar
- Outro

5) EM QUE SETORES A PUBLICAÇÃO NO FORMATO DIGITAL FOI MAIS FAVORÁVEL À SUA INSTITUIÇÃO?

- Distribuição e vendas
- Produção
- Relacionamento com autor
- Marketing
- Outro

5. DE QUE FORMA PRETENDE ATRAIR NOVOS LEITORES PARA O LIVRO DIGITAL?

- A instituição está investindo/pretende investir em marketing digital
- A instituição está investindo/pretende investir na captação de novos autores e temas
- A instituição está investindo/pretende investir na disponibilização gratuita de conteúdo em formato digital
- A instituição está investindo/pretende investir na prática de preços diferenciados
- Outro

Fonte: Elaboração da autora e da orientadora.

APÊNDICE 10:

Respostas do questionário enviado às editoras.

1) QUAL A POLÍTICA EDITORIAL ADOTADA POR SUA INSTITUIÇÃO PARA A PUBLICAÇÃO DE LIVROS NO FORMATO DIGITAL?	
A instituição mantém um comitê editorial que seleciona as obras.	0
A instituição ainda está testando este novo formato.	1
A instituição pública neste formato apenas quando há demanda.	0
A instituição não possui política editorial específica para o formato digital.	2
QUERO JUSTIFICAR MINHA RESPOSTA:	
Publicamos livros no formato digital desde a criação da empresa, em 1999. Praticamente todos os livros publicados oferecem as opções impressa e digital.	
Atualmente todos os livros de texto lançados pela Peirópolis já saem em formato epub. Quanto aos livros já lançados, disponibilizamos e-book em PDF, mas estamos revendo esse formato e investindo em e-pubs de livros já publicados também.	

2) QUAIS OS CRITÉRIOS ADOTADOS POR SUA INSTITUIÇÃO PARA SELECIONAR OBRAS A SEREM PUBLICADAS NO FORMATO DIGITAL?	
O formato digital constitui uma estratégia de inovação editorial para todas as obras publicadas.	1
O formato digital é uma opção oferecida a todos os autores que se interessam por esse formato.	1
O formato digital constitui uma alternativa para publicações baratas e edições esgotadas.	0
A instituição não possui critérios predefinidos para publicar no formato digital.	0
Outros.	3
QUERO JUSTIFICAR MINHA RESPOSTA	0

3) QUE ESTRATÉGIA SUA INSTITUIÇÃO ADOTA PARA A PRODUÇÃO DE LIVROS NO FORMATO DIGITAL?	
A instituição terceiriza a produção de obras no formato digital.	2
A instituição mantém uma equipe interna especializada na produção de obras no formato digital.	1

A instituição realizou mudanças estruturais visando produzir obras em formato digital.	0
A instituição mantém parceria com outras empresas para a produção de obras no formato digital.	0
Outros.	2
QUERO JUSTIFICAR MINHA RESPOSTA	0

4) EM QUAIS ÁREAS DO CONHECIMENTO O FORMATO DIGITAL É MAIS PROCURADO?	
Ciências Exatas e da Terra.	1
Engenharias.	0
Ciências Biológicas.	0
Ciências da Saúde.	0
Ciências Sociais Aplicadas.	0
Ciências Humanas.	1
Linguística, Letras e Artes.	2
Multidisciplinar.	0
Outros.	1

5) EM QUE SETORES A PUBLICAÇÃO NO FORMATO DIGITAL FOI MAIS FAVORÁVEL À SUA INSTITUIÇÃO?	
Distribuição e vendas.	2
Produção.	1
Relacionamento com autores.	0
Marketing.	2
Outros.	0

6) DE QUE FORMA SUA INSTITUIÇÃO PRETENDE ATRAIR NOVOS LEITORES PARA AS OBRAS EM FORMATO DIGITAL?
--

A instituição está investindo/pretende investir em marketing digital.	2
A instituição está investindo/pretende investir na captação de novos autores e temas.	1
A instituição está investindo/pretende investir na disponibilização gratuita de conteúdo em formato digital.	0
A instituição está investindo/pretende investir na prática de preços diferenciados.	0
Outros.	2

Fonte: Dados da pesquisa.